

Vencedor do Prêmio Internacional de Ficção Árabe

AZZAZEL

A JORNADA DE UM MONGE
ATORMENTADO POR DÚVIDAS
E TENTAÇÕES.

YOUSSEF ZIEDAN





YOUSSEF ZIEDAN

AZAZEL

Tradução de
Safa A-C Jubran

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2015

Z63a

Ziedan, Youssef, 1958—

Azazel [recurso eletrônico] / Youssef Ziedan ; tradução Safa A-C Jubran. - 1. ed.
- Rio de Janeiro : Record, 2015.

recurso digital

Tradução de: Azazeel

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-10344-4 (recurso eletrônico)

1. Romance egípcio. 2. Livros eletrônicos. I. Jubran, Safa A-C. II. Título.

15-19598

CDD: 892.73

CDU: 821.411.21'6(620)-3

Título original: Azazeel

Copyright © Youssef Ziedan, 2009

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10344-4

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor: mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Para Áya

*Eis, minha filha, meu sinal miraculoso
que não foi feito para todo mundo.*

*Cada ser humano tem o próprio demônio,
até mesmo eu, mas Deus me ajudou
contra ele, e ele se submeteu...*

(palavras do profeta Maomé,
como citado por Al-Bukhari)

Introdução

Este livro, o qual recomendei que fosse publicado apenas após minha morte, contém uma tradução fiel, tanto quanto foi possível, de um conjunto de pergaminhos descobertos há dez anos em sítios arqueológicos no noroeste da cidade síria de Aleppo. Tais ruínas se estendem ao longo de 3 quilômetros junto à velha estrada que ligava as duas cidades antigas de Aleppo e Antioquia, cidades cuja história começou antes da história conhecida. É uma estrada pavimentada, considerada a última etapa da famosa rota da seda, que antigamente começava nos extremos da Ásia e chegava ao fim no litoral do Mediterrâneo. Esses pergaminhos sem igual chegaram até nós em bom estado, com todas as inscrições siríacas (aramaicas) antigas, embora tenham sido escritas na primeira metade do quinto século da nossa era, ou, mais precisamente, há 1555 anos.

O finado venerável padre William Kazari, que havia inspecionado pessoalmente as descobertas arqueológicas naquele local, onde também veio a falecer de forma trágica e inesperada (em meados do mês de maio de 1997), achava que o segredo da boa condição desses pergaminhos estava na qualidade do couro no qual as palavras foram escritas com tinta preta da melhor qualidade disponível naquele tempo; e também por terem sido preservados naquele baú de madeira, bem fechado, em que o monge Hipa, de origem egípcia, havia depositado seus registros de uma maravilhosa carreira, um

histórico involuntário de fatos de sua vida perturbada e as reviravoltas do período turbulento em que viveu.

O padre Kazari julgou que o baú de madeira decorado com ornamentos de bronze nunca havia sido aberto durante os séculos prévios. Isso indica, que Deus o perdoe, que ele não examinou cuidadosamente o conteúdo do baú, ou talvez que tenha ficado com receio de abrir os rolos, temendo que se desmanchassem entre seus dedos antes de tratá-los quimicamente; pois não havia percebido, que, às margens dos pergaminhos, estavam glosas e comentários em língua árabe numa fina caligrafia *naskhi*, aproximadamente do fim do quinto século da era da Hégira. Ao que parece, teriam sido escritos por um monge árabe, seguidor da Igreja de Edessa, que teria adotado a doutrina nestoriana, cujos membros até hoje são conhecidos como nestorianos. Tal monge não quis que seu nome fosse revelado. (Nas margens da minha tradução, acrescentei algumas notas e comentários que julguei significativos e omiti outros pela extrema gravidade de seu conteúdo. A última coisa que esse monge desconhecido escreveu no verso do último rolo foi: “*Tornarei a enterrar este tesouro, pois a hora de sua revelação ainda não chegou.*”)

Passei sete anos vertendo este texto da língua siríaca para o árabe, mas me arrependi de ter começado a traduzir esta história do monge Hipa e tive receio de publicá-la em minha vida, principalmente porque minha idade já me punha na terra da fraqueza e meus anos se esgotavam. A história toda consiste em trinta pergaminhos escritos na frente e no verso numa caligrafia grossa, de acordo com a antiga tradição da escrita siríaca que os especialistas chamam de “linha evangélica”, pois os evangelhos antigos eram registrados nessa caligrafia. Esforcei-me para buscar o máximo de informações a respeito de seu autor, o monge egípcio Hipa — qualquer coisa além do que ele havia contado sobre si em sua narrativa —, mas não encontrei nenhuma notícia dele nas antigas referências históricas. Nas fontes modernas tampouco há qualquer menção a

ele, como se nunca houvesse existido, ou que houvesse existido apenas nesta autobiografia que temos agora em nossas mãos. Certifiquei-me, contudo, depois de demoradas pesquisas, da existência de todas as personagens religiosas e da veracidade de todos os fatos históricos apresentados em seu maravilhoso manuscrito, registrado numa bela e elegante caligrafia, sem exagerar nos floreios comuns da antiga escrita siríaca de linha evangélica, um estilo naturalmente ornamental.

A nitidez da caligrafia ao longo da maior parte do texto possibilitou-me a leitura fácil e sua consequente tradução para o árabe, sem que tivesse de me preocupar com um original defeituoso ou adulterado, como geralmente acontece com os escritos que nos chegam dessa época remota. Não posso deixar de agradecer aqui ao honorável mestre, o abade do mosteiro siríaco em Chipre, as importantes observações que emitiu a respeito da minha tradução e as correções relacionadas a alguns termos eclesiásticos antigos com os quais eu não estava familiarizado.

Não estou certo de que minha tradução esteja à altura da linguagem do texto siríaco quanto à pompa e ao brilho. Além de a língua siríaca já ser excepcional em sua época por sua vasta literatura e pela sofisticação de seu estilo, as construções do monge Hipa e suas expressões podem ser consideradas um primor da retórica e da eloquência. Passei longas noites admirando suas delicadas e incisivas expressões e a sucessão de figuras de linguagem criativas por todo o texto, confirmando sua poeticidade, sensibilidade e o domínio dos segredos da língua em que escreveu.

Cuidei para que os capítulos desta narrativa correspondessem à sequência dos pergaminhos, os quais naturalmente variam de tamanho. Dei a eles títulos para facilitar a leitura deste texto, publicado pela primeira vez. Pelo mesmo motivo, substituí, na minha tradução, os nomes antigos dos topônimos mencionados pelo monge por seus nomes atuais. Quando ele se refere a

Panópolis, no coração do Alto Egito, traduzi o nome grego para aquele pelo qual esta região é conhecida agora: *Akhmim*. A cidade síria de Germanícia passou a ter o nome moderno de *Marach*, e o deserto de Scetes tornou-se *Wadi El Natrun*, como é conhecido atualmente; e assim para todos os nomes das cidades e localidades que aparecem no original, exceto aquelas cujos nomes antigos são tão marcantes que o uso do nome atual acabaria por prejudicar sua identificação. É o caso de Niceia, localizada hoje na Turquia — embora tenha passado a ser chamada de Iznik, preferi deixar o nome antigo, pela importância que teve principalmente na história dos sínodos (concílios eclesiásticos) —, pois nesta cidade se deu o primeiro concílio ecumênico mundial dos chefes da Igreja em 325 d.C., no qual o bispo egípcio Ário foi condenado à excomunhão, à expulsão e ao exílio, por ter sido considerado herético e infiel à ortodoxia (a fé correta). No caso das localidades que não têm destaque nenhum, relatei ambos os nomes, o antigo e o novo, juntos, para evitar confusões.

Quanto aos meses e anos do calendário copta mencionados pelo autor, substituí-os por seus equivalentes no calendário conhecido da nossa era. Em algumas passagens, acrescentei breves, porém necessárias, observações e notas, além de registrar certas glosas em árabe encontradas nas margens do original. Adicionei ainda, no apêndice, algumas imagens relacionadas a determinados fatos.

Alexandria, 4 de abril de 2004

O PRIMEIRO PERGAMINHO

O Início

Piedade, meu Deus, piedade e perdão, Pai, que estás no Céu. Tem piedade de mim e me perdoa, pois, como sabes, sou fraco. Misericordioso Deus, minhas mãos estremecem em respeito e reverência; meu coração e meu espírito vacilam perante as vicissitudes e inquietações desta era. Apenas Tu, meu misericordioso Deus, glorificado és. Sabes que adquiri estes pergaminhos há dois anos, na costa do mar Morto, para que, em minha solidão, eu registrasse neles meus poemas e confidências a Ti, para que Teu nome seja louvado entre os povos da Terra como o é no Céu. Minha intenção era de anotar neles minhas súplicas, que me aproximam de Ti e, quem dera!, poderiam se transformar, após minha morte, em preces recitadas por Teus monges e devotos que habitam as celas em toda parte e todo tempo. E, no entanto, eis que, chegada a hora do registro, estive prestes a escrever o que nunca havia pensado em fazê-lo, e que talvez me arrastasse rumo à desgraça e ao flagelo. Ó meu Deus, estás me ouvindo? Sou Teu fiel servo, o perplexo: Hipa, o monge, Hipa, o médico e Hipa, o forasteiro, tal como o povo me chama nas terras do meu desterro! Apenas Tu conheces meu verdadeiro nome, o Senhor e mais aqueles da minha terra natal, que testemunharam meu nascimento. Quem me dera nem ter nascido, quem me dera ter morrido logo na infância sem pecados, assim teria garantido Teu perdão e Tua compaixão.

Tem piedade de mim, ó Piedoso, estou com medo do que estou prestes a fazer, mas é preciso; o Senhor nas alturas sabe como estou cercado pela

insistência daquele que é meu e Teu inimigo, o maldito Azazel, que não cessa de me ordenar que registre tudo pelo que passei em minha vida. Mas que valor tem minha vida para registrar seus acontecimentos? Piedoso Deus, salva-me das insinuações dele e do meu próprio capricho. Aguardo, meu Deus, sinais Teus que ainda não chegaram. Teu perdão tarda, mas ainda não perdi a fé. Se desejares, ó dono do esplendor e da glória divina, manda-me um sinal Teu e eu atenderei e obedecerei; mas se me deixares sozinho, perder-me-ei, pois minha alma já está atormentada, sendo disputada pelas tentações do maldito Azazel e pela exacerbação dos meus sentimentos depois da partida de Martha, que ajudou a derrubar meu governo interior.

Esta noite, rogarei a Ti, meu Senhor, orarei e dormirei. Por uma sabedoria oculta, o Senhor me criaste sonhador. Manda a mim no sonho um sinal de Tua generosidade transbordante, já que não fui agraciado por tal boa-nova durante o despertar. Caso me ordenes, através de um sinal, a parar de escrever, eu paro. Se me deixares por minha conta, porém, seguirei escrevendo. Sou, meu Deus, apenas uma pena ao vento arrematada por dedos frágeis, desejosos de mergulhá-la num tinteiro para poder escrever tudo que me aconteceu; tudo que ocorreu e ocorre com o mais notório dos pecadores, Azazel, e também comigo, teu servo obediente, e com Martha. Piedade, Piedade, Piedade!



Em nome de Deus Supremo,* começo a registrar o que se passou e ainda se passa em minha vida, descrevendo o que ocorre ao meu redor e os terrores que abrasam minhas entranhas. Este registro, que não tenho ideia de como e quando terminará, começa na noite do 27º dia do mês Tot (setembro) no ano de 147 dos Mártires, equivalente ao ano 431 do nascimento de Jesus Cristo — ano sinistro, que data a deposição e o afastamento do louvado bispo Nestório,

quando os pilares da fé se abalaram. Talvez narre as tentações e os tormentos que se passaram entre mim e a bela Martha, e o que fez o maldito trapaceiro Azazel; e talvez conte alguma coisa sobre o que ocorrera com o chefe deste mosteiro onde vivo e onde não encontrei paz de espírito. No decorrer da história, narrarei episódios dos quais participei desde que saí da minha terra natal, localizada nas proximidades da cidade de Assuã, no sul do Egito, por onde corre o rio Nilo. Os moradores da minha aldeia acreditavam que o rio nascia por entre os dedos dos deuses, e que a água descia dos céus. Eu também acreditava nessa fantasia quando era pequeno, até que aprendi tudo que aprendi em Nag-Hammadi e Akhmim, e depois em Alexandria. Soube então que o Nilo era um rio como qualquer outro, e que todas as outras coisas, tal como tudo em outras partes, distinguem-se apenas pelo que atribuímos a elas em ilusões, fantasias e crenças.

Por onde devo começar? Os inícios estão embaralhados e aglomerados na minha mente. Talvez, como dizia meu antigo mestre Surianos, a ideia de início seja nada mais que pura ilusão na qual acreditamos. O início e o fim só existem numa linha reta, e linhas retas só existem em nossas ilusões, ou nos pergaminhos em que anotamos nossas ilusões. Mas, na vida e no universo, tudo é circular, retorna ao ponto de partida e se mistura com o que a ele foi ligado. Na verdade, não existe início nem fim, o que existe são linhas que não se interrompem. No universo, nenhuma ligação se rompe e nenhuma interferência se corrompe; a ramificação não cessa, nem o ato de preencher, nem o de esvaziar. Cada coisa está em ligação permanente, seus círculos vão se alargando para se misturarem a outra coisa, e de ambos sai um novo círculo, que por sua vez se mistura a outros. Assim, a vida se enche quando seu círculo se completa e se esvazia quando terminamos na morte, para que voltemos ao que causou o início. Ai da minha confusão! O que é isso que estou escrevendo? Todos os círculos giram na minha cabeça e só param nos instantes do sono,

quando os sonhos começam seu próprio giro. Nos sonhos, assim como no despertar, as lembranças lotam meu coração e me espremem. As lembranças são redemoinhos de círculos ininterruptos, emaranhados. Se a elas me rendo e as narro com minha pena, por onde devo começar?

Começarei do presente, deste exato momento, sentado nesta minha cela cuja área não passa de 4 metros quadrados; existem túmulos egípcios muito maiores que ela. Suas paredes são de pedras trazidas de pedreiras vizinhas, como é o hábito de construção do povo daqui. As pedras já foram brancas, hoje perderam a cor.

Minha cela tem uma porta frágil de madeira, que não fecha bem; abre para um longo corredor onde ficam as celas dos outros monges. Não há nada em minha volta além de uma tábua, na qual durmo, coberta por três camadas de lã e um pano que formam o colchão e a coberta; mas me acostumei a dormir sentado, como fazem os monges egípcios.

No canto esquerdo oposto à porta, há uma pequena mesa de pés curtos, sobre a qual ficam o tinteiro e a antiga lamparina, de pavio triste e luz trêmula. Sob a mesa, os rolos brancos sem nenhuma escrita e outros desbotados, cuja escrita foi lavada. Ao lado da mesinha, há um saco de pão seco e uma vasilha d'água, uma garrafa de azeite e livros dobrados. Acima deles, pendurei na parede a imagem da Virgem gravada na madeira, pois olhar para o rosto da Virgem Mãe me conforta.

No canto do cômodo, ao lado da porta, há um baú de madeira ornamentado com gravações de cobre, que um homem rico da cidade de Tiro me dera de presente cheio de tâmaras. Eu o havia curado de uma diarreia crônica e não aceitei pagamento, seguindo a tradição do virtuoso sábio Hipócrates, que ensinou a medicina à humanidade por ter tido coragem de escrevê-la nos livros. Teria sido Azazel quem o seduziu a fazê-lo?

Caso consiga dar cabo ao que começo esta noite, vou guardar o que escrevi nesse baú junto aos evangelhos proibidos e outros livros banidos; enterrá-lo-ei sob o piso de mármore frouxo na entrada do mosteiro e cobrirei o piso com terra. Assim, terei deixado algo de mim antes de minha partida final, após a quarentena de retiro que se inicia hoje, quando também começo a escrever o que nunca antes contei a ninguém.

Minha cela fica no andar superior do mosteiro e é um dentre 24 cômodos semelhantes ocupados pelos monges. Dessas celas, algumas estão trancadas, outras são usadas para armazenar mantimentos e uma delas é um recinto para oração. No primeiro piso dessa construção estão a cozinha, a sala das refeições e a ampla sala de visitas. Vivem no mosteiro 22 monges e mais vinte aspirantes a monges que servem ao lugar enquanto não completam sua formação. A ampla igreja do mosteiro tem um padre temporário; ele não é monge, e sim o padre da pequena capela localizada entre as casas espalhadas ao pé da colina do mosteiro. Ele serve na igreja do mosteiro desde que o antigo padre monástico faleceu há alguns anos, à espera da ordenação de um monge como padre; tal evento ocorrerá na Igreja de Antioquia, à qual este mosteiro pertence. Os padres comuns têm esposas em cujos colos dormem, mas nós, monges, dormimos sozinhos e, na maioria das noites, sentados — ou nem mesmo dormimos, absortos na reza e nas longas louvações.

O abade do mosteiro ocupa um quarto separado das celas. As vigas do aposento são colunas romanas antigas, originalmente edificadas no amplo pátio em frente à grande igreja do mosteiro; quando unidas às paredes finas, as colunas tornaram-se os quatro cantos desse amplo quarto. Ao lado desse cômodo fica a pequena capela onde geralmente rezamos. A grande igreja tem duas portas: uma ao lado do mosteiro e a outra voltada para a colina atrás da muralha. Parecem ser duas igrejas, uma para os monges no dia a dia e outra para os fiéis que vêm aos domingos e nos dias santos para assistir à missa e

ouvir o sermão. Aqueles que por desventura chegam atrasados não encontram lugar e acabam espremidos do lado de fora da muralha destruída, perto do portão exterior.

Minha cela é o pequeno círculo de meu mundo tangível, rodeado por um círculo maior que é este mosteiro, pelo qual me apaixonei desde a primeira vez que o visitei há anos e no qual permaneci desde então; onde desfrutei durante longo tempo da tranquilidade que buscava antes da minha chegada aqui, até acontecer o que aconteceu e o que narrarei.

Cheguei ao mosteiro vindo de Jerusalém. *Salém, Hirosalém, Urachalém, Urochalém, Iliyaa, al-Quds*, Casa do Senhor! Essa cidade santa rodeada pela seca já teve muitos nomes. Nela morei por vários anos antes de me mudar para cá, cumprindo a vontade de Deus e atendendo ao sinal e ao conselho de Nestório, embora ele, que Deus o ajude, tivesse me convidado primeiro para ir com ele a Antioquia e lá morar até o fim dos meus dias. Mas ele teve uma visão e mudou de ideia, aconselhando-me a vir para cá. Escreveu de próprio punho uma carta de recomendação ao abade, e o destino escreveu para mim os eventos dos quais fui testemunha e também padeci. Ainda guardo debaixo do meu duro travesseiro a carta de recomendação que Nestório havia enviado comigo. O abade a devolveu quando a solicitei, um ano após minha chegada de Jerusalém. Jerusalém! Quão distante me parece agora! Os dias que passei por lá parecem ter sido um sonho, que reluziu no céu da minha pálida vida e logo se apagou.

Por que tudo se apagou? A luz da fé que iluminava o meu coração, as velas da tranquilidade que tanto acalentaram minha solidão, a segurança que sentia entre as paredes desta cela aconchegante, até mesmo o sol, tudo hoje me parece embaçado, sombrio.

Afastar-se-ia este peso de minha alma? Chegariam notícias reconfortantes depois daquelas que ouvimos vindo da cidade de Éfeso, onde os padres e os

bispos cercaram o abençoado bispo Nestório e se esforçaram até derrubá-lo? O tempo me derrubou e a preocupação me derrotou. O que acontecerá ao bispo afastado Nestório, que conheci quando ele era ainda padre? Encontramo-nos em Jerusalém quando ele lá esteve como peregrino acompanhando a comitiva antioquina, quatro anos antes de ser ordenado bispo de Antioquia. Nosso encontro foi numa época que me parece agora tão distante, passados tantos anos que cuidaram de empurrar os lugares e as cidades para longe de mim e que não param de se distanciar.

... Será que de fato estivemos em Jerusalém?

Nota:

* Neste ponto do manuscrito, há uma irregularidade perceptível no desenho das palavras.

O SEGUNDO PERGAMINHO

A casa do Senhor

Lembro-me bem de quando entrei em Jerusalém, no meio da manhã, pela parte destruída de suas altas muralhas; do lado onde antigamente se erguia o grande portão chamado Porta de Sião. Ali pousei o cajado de minha jornada, após longas andanças entre os vilarejos da Judeia (Palestina) e da Samaria.

Entrei em Jerusalém quando beirava os 30 anos, meu espírito e meu corpo já cansados de tantas viagens que tiveram de fazer, tanto na terra como nos céus, e atormentados pelo intenso migrar do olhar entre as páginas dos livros. Entrei com passos vacilantes, tentando me amparar no ar e no calor do mês de Abib (julho) e, diante do portão de sua igreja, desmaiei. Fui carregado por alguns peregrinos para dentro, onde fui tratado pelo padre da basílica do Santo Sepulcro. Ele riu quando soube que eu era médico e monge. Após despertar-me do desmaio, brincou comigo, dizendo: “Julguei que fosse monge pelo capuz que tem na cabeça, mas pelo desmaio não diria ser médico!” Então perguntou meu nome. “Hipa”, respondi.

— Veio como peregrino ou pretende ficar entre nós, abençoado monge?

— A princípio, como peregrino; depois, que seja feita a vontade de Deus.

Passei dias peregrinando por Jerusalém após três anos de andança pelos lugares santos, seguindo o conselho de São Caritão, o Monge, que se dedicava incessantemente à adoração, isolado numa caverna sombria, nas vizinhanças do mar Morto. Ele me disse, ao despedir-se de mim: “Não entre em Jerusalém logo que chegar às terras da Palestina; não entre antes de sentir que seu coração está pronto e seu espírito, preparado para a peregrinação. Peregrinar é nada

mais que uma jornada de preparo, e a viagem é a expressão do que se tem de santo guardado no íntimo do espírito.”

Eu tinha andado por todos os locais onde os discípulos de Jesus Cristo teriam vivido e dos quais os apóstolos partiram. Passei meses seguindo as pegadas de Jesus como descritas nos evangelhos e em outros livros, começando pela aldeia de Caná, próxima de Nazaré, onde Jesus operou seu primeiro milagre, transformando a água em vinho para os convidados de um casamento, como consta nos evangelhos. Em Nazaré, não encontrei nenhum vestígio dele, nem mesmo uma construção que pudesse informar de seu tempo. Fiquei perplexo; depois segui para todos os vilarejos mencionados na Torá, nos evangelhos e nos livros sagrados canônicos e também nos não canônicos, que ultimamente passamos a chamar de apócrifos. Durante minhas andanças tive muitas dúvidas e sofri horrores em meus sonhos, até que os três anos de desorientação chegassem ao fim e até aquela noite em que, num sonho cândido, vi Jesus Cristo enchendo os céus de luz. Disse-me em aramaico: “Ó perdido e confuso, se procuras por mim, põe de lado teu espírito, deixa os mortais e vem até mim em Jerusalém, para que viva.” Na visão, Jesus falava comigo da sua cruz; não havia mais ninguém ao nosso redor no deserto.

Na alvorada do dia seguinte a esse anúncio, segui diretamente para Jerusalém. Meu coração celebrou o dia todo, suplicando ao Senhor para que me purificasse dos resquícios de tanto me afundar nos mares da hesitação, que inundasse meu espírito com a tranquilidade e que abençoasse meu coração com a verdadeira fé e a luz da certeza.

Não parei no caminho para Jerusalém, onde pretendia viver para sempre, a não ser por duas horas nas redondezas de Sídón, quando tive a visão. Tentei dormir debaixo de uma árvore, mas repetidas visões não me permitiram: o Salvador sofrendo na cruz da redenção, o pranto da Virgem, Mãe Santa; os

gritos de João Batista naquele deserto e tudo o que me aconteceu quando estive em Alexandria. Não pude dormir naquela noite.

Entrei em Jerusalém no calor do dia, vindo da estrada de Samaria. Fui tomado pelo sentimento de alienação que sempre me arrebatava nas grandes cidades. Estava muito quente e o alvoroço era grande. No caminho para a basílica do Santo Sepulcro, passei por muitas vendas e moradias; havia monges e mercadores, pessoas de todo tipo: árabes, siríacos, gregos, persas e gente de outros povos, cujos idiomas não reconheci quando os ouvi falar entre si. Tinha me esquecido do tumulto das grandes cidades durante minhas andanças entre os vilarejos da Palestina. Por isso me afastei da multidão em direção às muralhas da basílica, cujo portão estava aberto. Com muito esforço cheguei, mas logo fui derrotado pela fome, pelo cansaço e por minha entrega à reza; meu alforje pesava com os livros e papiros. Foi assim que desmaiei e fui socorrido pelo padre da basílica.

Passei dias peregrinando na companhia dos monges, que foram bastante cordiais comigo, mas faziam muitas perguntas: onde estive, quais dificuldades enfrentei, que homens santos conheci, quantos túmulos de mártires visitei. Insistiam em indagar a respeito de Alexandria, e eu respondia como possível, conforme a pergunta e a situação, com o que bastasse para aquietar a ansiedade dos monges e a curiosidade dos padres.

Nos primeiros dias em Jerusalém, pensava muito no mistério da peregrinação. Perguntava a mim mesmo: o que me fez sair de minha terra natal e me trouxe até este sítio santo? Não teria sido possível tocar a essência da santidade no meu espírito afastando-me para algum deserto próximo da minha terra natal? Se um lugar é capaz de desvelar o que há no nosso íntimo, e a viagem traz à tona o que há em nosso interior, não seria possível que a humildade, a purificação, a manutenção de oração, o louvor ao Senhor e a vida monástica bastassem para expressar o que há dentro de nós de bênção divina e

de virtude oculta? Onde estaria então a santidade dos lugares? Seria um mistério que emana de nós, cobrindo os lugares quando a eles chegamos após uma longa viagem de anseio e angústia? Teria a reverência que senti, no momento em que vi as muralhas da basílica do Santo Sepulcro, sido um reflexo do que senti diante da grandeza daquela construção? Ou foi o reflexo do significado do evento da Ressurreição em si? Teria Cristo realmente voltado dos mortos? E como poderia ter morrido pelas mãos dos homens, sendo ele Deus? O homem é capaz de matar um deus, torturá-lo e suspendê-lo com pregos na cruz?

— Deseja viver entre nós na basílica ou prefere ficar na cidade para tratar os enfermos filhos do Senhor e aqueles que vêm para peregrinar? — perguntou-me o bom padre dias após minha chegada, e eu deixei que ele escolhesse. Não há escolhas, e sim a vontade divina que se infiltra nas coisas e nas palavras e nos alcança de uma forma oculta. Quando eu disse isso, ele sorriu.

Depois fez-se a vontade de Deus através das palavras do padre:

— Pode morar na cela construída pelo monge de Edessa perto do pátio da basílica. Refiro-me àquele cômodo que fica à direita de quem sai pelo portão grande. Ocupe-a; assim ficará conosco e, ao mesmo tempo, próximo ao povo. A cela está fechada desde que seu ocupante descansou* há dois anos, que Deus o tenha. Era um santo. Pedirei ao servente do pátio para limpá-la para você, assim poderá ocupá-la a partir de amanhã.

Naquele momento percebi que estavam receosos em relação a mim, que ainda não se sentiam seguros a respeito deste monge egípcio que apareceu sem carta de recomendação e sem revelar o motivo de sua chegada. Se pretendesse morar dentro da basílica, não teriam me aceito a não ser após anos de observação. Se tivesse escolhido morar na cidade, o barulho da multidão acabaria por me matar. O local sugerido era adequado, pois ficava no meio do

caminho entre a cidade e a basílica, nem cá, nem lá, exatamente como eu: no muro.

Passei a primeira noite na “cela do monge edessano”, como a chamavam. Estava feliz por ficar num lugar onde o Senhor foi louvado com sinceridade durante vinte anos, sem interrupção. Vi nisso um bom prenúncio e refúgio para minha alma indecisa. Ali bem próxima de mim estava a basílica do Santo Sepulcro, para a qual fui chamado, e de minha única janela podia avistar as caravanas de fiéis e catecúmenos que chegavam para a peregrinação e a visitação durante todo o ano.

Os monges e padres que serviam na basílica do Santo Sepulcro eram bondosos e simples. A maioria se aproximou de mim quando soube que eu praticava a medicina e a arte da cura. Não se interessaram pelo fato de eu ser poeta. Os serventes da basílica, os diáconos e os jovens padres vinham amigavelmente até mim em busca de tratamento; no caso dos padres mais antigos e dos monges mais velhos, era eu quem ia até eles dentro da basílica, quando solicitado.

A maioria dos achaques que acometia as pessoas em Jerusalém era causada pelo clima árido e pela alimentação pouco variada. Geralmente, os alimentos de base do povo limitavam-se a azeite de oliva, pão integral feito de farinha escura não peneirada, queijo de cabra e algumas frutas escassas. A vida do povo em Jerusalém é dura: o clima é ameno na maioria dos dias de verão, mas é excessivamente frio durante a noite e no inverno.

Após alguns meses rodeado por tantos fiéis, minha alma se apaziguou e minhas dúvidas se acalmaram. Foi quando comecei a compor, em siríaco, os hinos para a basílica, inspirado pelo espírito divino, que dignificava o lugar e o deixava repleto de sobriedade. Eis aqui um trecho de um longo hino que compus naquele período:

*Suruiu aqui a luz do Céu afastando a penumbra da Terra, confortando a aflição das
almas.*

*Daqui brilhou o sol nos corações com o esplendor do Salvador, raiando compaixão
sobre a cruz da redenção.*

O que é a cruz? É a haste da santidade, cortada pela viga da compaixão.

*Abramos nossos braços para o horizonte da compaixão e ergamo-nos diante da
santidade.*

Tornemo-nos, assim, uma cruz carregando sua própria cruz

Seguindo a Jesus.

Os dias em Jerusalém transcorreram calmos, aconchegantes e monótonos até o fim do inverno do ano 140 dos Mártires, equivalente ao ano 424 do nascimento de Cristo. A cidade então começou a se preparar para as celebrações da Gloriosa Ressurreição e da Semana Santa. Caravanas de mercadores árabes chegavam e levantavam acampamento na praça em frente à basílica. Mercadorias coloridas lotavam as prateleiras das vendas até então vazias. As pessoas estavam alegres, mas meu coração tremia enquanto a Semana Santa se aproximava. Meus sonhos continuavam a se repetir antes da alvorada, anunciando que algo horrível iria acontecer, e eu tentava afastar de mim tais pensamentos. Um pouco antes das celebrações, o número dos doentes que me procuravam aumentou. Muitos sofriam das doenças das viagens, especialmente os idosos; eu os tratava com umectantes e com remédios que os médicos chamam de “revigoradores do coração”, alterando suas dietas apenas quando necessário para recuperar a energia.

Entre as caravanas que passavam por mim em seu caminho à visita da basílica, uma, das cidades de Antioquia e Mopsuéstia, era especialmente sublime. Eram dezenas de pastores, monges e diáconos caminhando dignamente em seus solenes hábitos eclesíasticos e sendo guiados pelo carregador da cruz, a qual era elegantemente ornamentada com folha de ouro. Sete passos atrás, vinha o sábio intérprete Teodoro, bispo de Mopsuéstia.** O

grupo era seguido por uma multidão de fiéis e catecúmenos, repetindo numa só voz: *Hosana, filho de Davi, Hosana nas alturas, louvado seja vindo em nome do Senhor.*

Eu os observava maravilhado da janela da minha cela: via o séquito entrando pelo grande portão da basílica como se fosse um coro de anjos descidos dos céus à Terra. Passavam de vinte sacerdotes e de cem diáconos; a multidão que os seguia era grande demais para contar. O bispo Teodoro parecia cansado, mas feliz. Desejei ter podido furar a multidão, chegado até ele rapidamente, beijado sua mão e recebido um beijo dele na minha cabeça, como fez aquele homem de traços curdos e roupas típicas damascenas. Tive a mesma vontade, mas não a mesma iniciativa. Os céus sabiam o que havia dentro de mim e, com seus meios ocultos, dois dias depois, o Senhor providenciou um encontro inesperado com o bispo. No dia seguinte, um sacerdote antioquino e dois diáconos vieram até mim e me pediram para acompanhá-los até onde o bispo estava hospedado, no leste da cidade, para averiguar como andava a saúde dele. Perguntei, admirado, como era possível que não tivessem um médico na comitiva. O sacerdote disse que o médico da igreja deles os acompanhava e acrescentou, num tom gentil e calmo:

— Mas o padre Nestório deseja se tranquilizar com relação à saúde do honorável bispo Teodoro.

Foi a primeira vez que ouvi o nome de Nestório e o primeiro dia em que o encontrei. Acompanhei-os após colocar em minha algibeira ervas revigorantes, remédios fortificantes e sementes para males digestivos. Tranquei a porta da minha cela e caminhamos juntos, com o sacerdote antioquino seguindo à frente. Caminhamos por quase meia hora, o suficiente para fazer com que gotas de suor rolassem por nossos rostos sob o sol do meio-dia. Eu vestia o hábito dos monges de Jerusalém que o bondoso padre tinha me presenteado havia um mês, como sinal de minha aceitação entre eles. Na porta, fomos

recebidos por um padre de Mopsuéstia, que nos deu água fresca para beber; agradecemos isso ao Senhor. Quando entrei nos aposentos do bispo, senti de repente que estava prestes a experimentar algo grandioso. No fim de um longo corredor, por uma porta à direita, ouvi uma voz calma e tranquila:

— Abençoado médico e respeitado padre! Sua excelência reverendíssima, o bispo Teodoro, está conversando com alguns visitantes. Desejam entrar agora ou preferem esperar até eles saírem? — perguntou-me com delicadeza o mesmo padre de antes. Pedi-lhe então licença para entrar e escutar, se fosse possível. Ele assentiu lentamente com a cabeça e, com muito cuidado, abriu a porta para mim. O quarto era amplo e sombreado, coberto por ramos de palmeira, e de ambiente agradável. No centro havia uma alcatifa, espargida com água perfumada com a essência de manjerição, e dos seus quatro lados havia bancos ocupados todos por homens bondosos, monges, sacerdotes e diáconos; quase quarenta pessoas, cujas feições denunciavam ser, pelo menos a maioria, do norte. Tinham a tez branca, sem mácula; suas barbas brilhavam em tons de branco e louro, a ponto de eu sentir vergonha da minha morenidade, da cor doentia de minha pele e da barba desganhada que não condiziam com um médico habilidoso. Naquela época não me preocupava em arrumar a barba, como passei a fazer posteriormente.

Sentei-me no lugar mais próximo da porta, no meio da fileira. O bispo Teodoro, que estava sentado numa antiga poltrona, não notou a minha entrada calma. Acomodei-me longe, porém de frente para onde ele estava sentado. Suas palavras me cativaram: prestei total atenção a suas sutilezas, as quais relembrei muitas vezes. Suas expressões serenas penetraram-me o coração e o espírito. Lembro-me até hoje de grande parte de suas palavras, que anotei ao voltar para minha cela. Traduzo aqui o que ele disse em grego:

— Meus caros, desta terra santa, onde nos encontramos para iniciar a peregrinação, iniciou-se a nova era do homem. Jesus Cristo é a separação entre

dois tempos e é ele quem inaugura a segunda era da humanidade. A primeira era começou com Adão, e a segunda, com Jesus Cristo. Cada uma tem sua natureza e seu domínio sabidos por nosso Deus clemente desde os tempos imemoriáveis. O Pai Celestial criou Adão à sua imagem, para que fosse eterno, mas Adão foi ludibriado pelo sussurro de Satanás e assim desobedeceu ao santo Deus, e comeu do fruto proibido com a esperança de se tornar deus. O maldito Azazel o iludiu. Adão pecou e foi castigado com a expulsão do paraíso, pela autoridade santa do Deus Pai.

“Contudo, o Senhor misericordioso amava o homem, a quem originalmente havia criado sem pecado, e não desejou deixá-lo marcado pelo pecado original até o fim dos tempos; tomado pela compaixão, o Senhor enviou seu único filho, Jesus Cristo, numa imagem humana perfeita para redimir o homem e salvar o mundo do pecado de Adão. Assim iniciava, com seu sacrifício, a nova era da humanidade. Enviou depois Seus discípulos, que nos guiaram e nos presentearam com os evangelhos. O que significa a palavra ‘evangelho’? Boa-Nova, como disse João Crisóstomo; porque o evangelho anuncia o perdão do castigo e a remissão dos pecados. É absolvição, santificação e um legado divino que humilha Azazel e nos abençoa com abundante esperança.”

A voz do bispo Teodoro ecoava pelo recinto. A reverência envolvia a todos, que, como eu, pregavam seus olhares no bispo. Naquele momento, desejei profundamente ter iniciado meus estudos teológicos por suas mãos, ter bebido na fonte de suas delicadas figuras de linguagem, que penetravam o coração e a mente, salvando a alma da inquietação e da incerteza. Meu pensamento foi longe por um instante, mas logo voltei a prestar atenção no que dizia o bispo de Mopsuéstia, boníssima cidade no centro da Anatólia. Sua voz foi ficando mais doce, retumbando pelos cantos da abençoada reunião.

— Atentem-se, meus caros, para os sermões de Jesus Cristo, e alegrem-se com seu conteúdo de felicidade, que São Mateus preservou para nós em seu evangelho. Em todo tempo e lugar nos diz: “Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a Terra; bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados.” Tivemos alguma boa notícia com esta, ou algum sinal de semelhante beatitude antes do Cristo? Saibam que Cristo veio por nossa causa, por isso temos que viver por causa Dele. Sua encarnação, Seu sofrimento, Sua morte e Sua ressurreição são a vitória contra Satanás e a expiação dos pecados do primeiro homem, enganado e pecador. Nossa fé em Cristo é nossa saída da era do pecado para o horizonte da salvação que a vontade divina nos proporcionou. Portanto, meus caros, sejam cristãos, e chamem sua gente para a fé, para que sejam eles e vocês os verdadeiros filhos de Deus na nova era da humanidade. Atravessem a ponte estendida sobre as dores de Cristo, para que se tornem completos como é completo seu Pai Divino. A prova de sua travessia é o batismo. O batismo é um nascimento; uma entrada na bênção e uma unificação com Cristo. O batismo é salvação e renascimento, por isso conheçam em seus corações o segredo do batismo.

Quando o bispo pronunciou a palavra “batismo”, um leve tremor tomou conta do meu corpo. Ninguém percebeu, exceto um sacerdote de rosto risonho, beirando os 40 anos, sentado à direita do bispo. Soube então que tinha sido ele o responsável por terem me chamado. Era um padre antioquino famoso, original da cidade de Germaniceia (*Marach*), cujo nome eclesial era Nestório; era o mais fiel dos discípulos de Teodoro e o maior admirador de suas interpretações dos evangelhos.

Após o crepúsculo, o bispo de Mopsuéstia demonstrou cansaço. Seu tom baixou, e sua voz diminuiu enquanto concluía sua fala aos presentes, cujas feições pareciam tomadas pelo regozijo espiritual, como se suas palavras os tivessem elevado às alturas. A última coisa que lhes disse foi:

— Não passávamos de mortais, condenados ao desaparecimento pelo pecado de Adão e por sua desobediência ao Criador. Satanás ficou eterno. Mas quando o Senhor apareceu através de Cristo, ganhamos, pela bênção divina, uma chance para a salvação da extinção e da morte, pelo arrependimento; chegando ao horizonte da salvação pela porta do batismo.

Um velho sacerdote de aparência árabe se mexeu, como se quisesse dizer algo. Quando o bispo Teodoro olhou para ele, encorajando-o, o sacerdote levantou uma questão delicada:

— Por que herdamos de Adão o pecado por ele ter desobedecido a Deus? Qual foi nossa culpa, nós, seus filhos, que não cometemos o pecado?

O bispo lhe respondeu, sorrindo:

— Cometemos muitos outros pecados, não menos graves do que a desobediência ao comer do fruto proibido. Fazemos isso mesmo sendo filhos de Jesus, não porque herdamos o pecado de Adão, mas porque herdamos dele a tendência e a predisposição para o pecado. Meu bom padre, esse é um longo assunto de que talvez possamos tratar numa próxima reunião.

Nestório se levantou, anunciando o término da aula; todos então se prepararam para sair. Bloquearam minha visão do bispo Teodoro quando se aproximaram para beijar-lhe a mão. Fiquei de pé e vi Nestório inclinar-se para segurar a mão do bispo, conduzindo-o por entre os presentes até seu quarto. Quando passou por mim, olhou em minha direção com afeto sincero, como se me conhecesse de longa data; seu olhar me perturbou.

Chamaram-me depois de ter aguardado no amplo recinto, na companhia de outros monges e sacerdotes, por uma hora, durante a qual me ofereceram um prato coberto por um lenço damasceno bordado; nele havia frutas apetitosas, daquelas que davam nas árvores do norte. O bispo Teodoro não sofria de nenhum mal específico, mas seus 74 anos, somados às dificuldades da viagem, pesavam sobre ele. Eu havia notado isso dois dias antes, quando passou diante

de mim com sua presença majestosa liderando a comitiva. Não quis me apressar e lhe contar o que achava da sua condição; restringi-me a me aproximar, demonstrando cuidado e reverência. Peguei-lhe a mão com delicadeza e a beijei, depois comecei a tomar seu pulso, que era um tanto fraco. Peguei em minha sacola algumas ervas para revigorar a pulsação e ativar o fluxo sanguíneo. Pedi que fossem fervidas em fogo brando, depois deixadas para esfriar um pouco, para que ele pudesse ingerir o líquido ainda morno. Nestório gesticulou para um dos sacerdotes parados à porta, e este correu para atender ao pedido. Ficamos calados por um instante, durante o qual o bispo Teodoro olhava em minha direção, enquanto eu olhava para meus pés. Quando o servente entrou trazendo o copo, Nestório sorveu um pequeno gole antes de passá-lo para o bispo.

— O que achou do gosto, amado Nestório?

— Bom, reverendo; é doce e perfumado, e, com a vontade de Deus, trará a cura.

O bispo regozijou-se e sinais de tranquilidade apareceram em seu rosto; recostou-se, bebeu e disse:

— Abençoado seja, Nestório, e abençoado seja este padre médico; qual é seu nome?

— Hipa, reverendo.

— Estranho! Quando adotou esse nome não egípcio, sendo você egípcio?

— Após minha saída de Alexandria, padre.

— E por onde esteve antes de lá chegar?

Com extrema delicadeza, Nestório interrompeu a conversa, pedindo que o bispo repousasse um pouco. Este, com um doce sorriso, gracejou com ele afavelmente, dizendo:

— Deixe desses sentimentos paternais, Nestório. Meu pai já morreu há muito tempo e eu estou a caminho de encontrá-lo. Deixe-me conversar com

este bom monge. Sinto-me bem olhando para ele. O inocente espanto que tem nos olhos me lembra o assombro que via nos olhos de meu irmão espiritual, João Crisóstomo, quando éramos jovens.

Nestório balançou a cabeça, rendendo-se, e se preparou para deixar a reunião, dizendo, numa voz afetuosa e baixa:

— Como queira, reverendo. Hipa, eu o vejo na grande sala após terminarem a sua conversa.

— Não, Nestório, fique conosco. E você, Hipa, diga-me: onde nasceu? E quando foi a Alexandria?

Com um sinal de sua mão, Nestório pediu aos três sacerdotes e aos serventes que estavam à porta para que se retirassem. Nossa conversa foi interrompida apenas quando, mais tarde, entrou o servente da hospedaria trazendo o jantar, que foi posto sobre uma mesinha antiga de madeira do lado direito da cama do bispo. Teodoro ajeitou-se no assento e nos convidou para comer com ele, gracejando com Nestório em siríaco:

— Talvez essas bocadas sejam para mim a última ceia.

— Que Deus misericordioso prolongue sua vida, padre. O senhor será sempre caro a nós.

Comi com eles, tímido. A comida estava apetitosa e, quando elogiei o sabor, Nestório disse, gracejando: É uma comida abençoada, cozida com os salmos no fogo brando da louvação! Sorrimos para sua metáfora, mas o bispo voltou a me olhar, encorajando-me a retomar o que estava contando. Antes, eu dissera que havia nascido numa aldeia ao sul de Assuã, que tinha estudado em Nag-Hammadi e em Akhmim. É claro que não contei a ele as desgraças que vivi nos confins do deserto de Elefantina, nem os horrores que presenciei em Alexandria, nem da minha fuga de lá no dia do grande pavor.

O bispo estava interessado, escutando-me com atenção cordial; sorria, e por isso não quis lhe privar daquele sorriso narrando minhas desgraças e

mencionando os enteveros da vida. Perguntou-me, enquanto mastigava um pequeno pedaço de pão que Nestório havia lhe passado, depois de tê-lo embebido no azeite de oliva e no tomilho silvestre:

— Meu filho, você chegou a estudar lógica?

— Sim, reverendo, estudei lógica em Akhmim pelas mãos de um homem não cristão, natural de Assuã. Conhecia bem as filosofias antigas e era versado em...

— Isso é lógico, meu filho, pois foi por aqueles lados que surgiu o mais importante filósofo. Sabe de quem estou falando, Hipa?

Hesitei um pouco e respondi, disfarçando, como exigia o decoro na presença de um bispo:

— Não, reverendo, não sei.

— Diga a ele, Nestório.

— O reverendo se refere a Plotino.

— Sim, padre Nestório, sim.

Nestório sorriu, olhando-me de soslaio e deixando claro que tinha notado que eu não havia respondido por respeito ao bispo. Voltei os olhos para meus pés, envergonhado. O bispo Teodoro não percebeu nada, pois olhava para o teto. Parecia conversar consigo mesmo ou com seu companheiro João Crisóstomo, dizendo:

— Penso muito em Plotino e no Egito. Creio que muito da religião veio de lá, não daqui. A vida monástica, o amor ao martírio, o sinal da cruz, a palavra “evangelho”... até mesmo a Santíssima Trindade foi uma ideia que se apresentou clara com Plotino, quando disse em sua Enéada...

Não sei o que me deu, mas de repente e sem pensar, disse, interrompendo as reflexões do bispo:

— Não, padre, a trindade de Plotino é filosófica: para ele é composta do Uno, do Intelecto Primeiro e da Alma Completa. A trindade na nossa religião é

celestial e divina: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Quanta diferença há entre ambas!

— Calma, monge, não convém interromper o bispo dessa maneira.

A crítica de Nestório paralisou-me, impedindo-me de seguir com meus rompantes tolos. Naquele momento senti tamanha vergonha que não foi atenuada nem pela bondade do bispo Teodoro, que olhou em minha direção com um enorme carinho e com o mesmo sorriso, embora um tanto pálido e cansado.

O bispo pôs a mão direita em meu ombro esquerdo, abençoou-me enquanto fazia o sinal da cruz em minha testa, depois se ajeitou, voltando a seu travesseiro. Assim, só me restou ir embora, após me desculpar, encabulado, desejando que a terra se abrisse e me engolissem para me livrar de minha vergonha.

— Não faz mal, Hipa. A juventude é uma tocha inflamada. Em sua idade, éramos inflamados como você. Amado Nestório, acompanhe o bom monge até a saída e seja bom com ele, pois gostei do rapaz.

— Não se preocupe, padre. Vou acompanhá-lo até sua cela na porta da basílica do Santo Sepulcro, pois estou indo até lá para fazer as orações da noite e assistir à missa.

— Que Deus o abençoe, Nestório.

Quando saímos da pousada, dois sacerdotes e um homem magro beirando os 40 anos, que se não me engano servia no bispado de Antioquia, caminharam atrás de nós, bem próximos. Todos andavam calados. Nestório rezava baixinho e eu permanecia envergonhado, mudo. No meio do caminho, ele me perguntou:

— Hipa, você leu o livro de Plotino chamado Enéada?

Respondi-lhe com cautela:

— Sim, padre, estudei-o por meses em Nag-Hammadi, e tenho dele uma cópia de mais de 100 anos.

— Bom, gostaria de vê-la.

Sua resposta me tranquilizou. Deixei de lado um pouco da cautela e desejei que a conversa entre nós continuasse, portanto, disse que o livro estava em minha cela e acrescentei com hesitação:

— Tenho também outro livro que talvez goste de ler. É um livro de Ário, cujo nome é *Thalia*.

— *Thalia!* Essa é uma ode que lemos há muito tempo em Antioquia e eu achava que nossa cópia era a única que havia escapado do fogo. De qualquer forma, deixe-me ver sua cópia. É completa?

— Sim, padre, e é escrita em copta num papiro.

— Em copta? Que incrível! Quantas línguas você lê, Hipá?

— Quatro, padre: grego, hebraico, copta e aramaico. Gosto mais do aramaico, porque é a língua que Jesus Cristo falava.

— Não a chamamos mais de aramaico, agora dizemos siríaco, para que sua abençoada época cristã seja distinguida da primeira, pagã e judaica.

— Concordo, padre, concordo totalmente com sua opinião. A língua não fala; as pessoas são quem a falam e quando as pessoas mudam, ela muda. As palavras de Jesus Cristo, assim como fizeram com o povo, transformaram a língua, tornando-a sacra.

— Verdade, Hipá. Verdade, meu filho.

Suas palavras dirigidas a mim foram agradáveis, o que me animou a abandonar gradativamente o receio. Desejei que nossa conversa se estendesse até o fim da noite. Nossos passos calmos haviam nos levado das ruelas às ruas mais largas, e quando o pátio apareceu na nossa frente, a basílica, com suas abóbadas altas, parecia um sonho envolto pela escuridão salpicada de estrelas

da serena noite primaveril. Quando já se podia avistar minha cela ao longe, Nestório disse, após longo silêncio:

— Que Deus o proteja, Hipa. Como falamos das palavras de Jesus Cristo, você tem uma cópia do evangelho de Tomé?

— Sim, padre, tenho; e também uma cópia antiga dos evangelhos dos egípcios, o evangelho de Judas e o livro dos mistérios... gosto de colecionar livros.

O honorável Nestório sorriu, comentando que eu colecionava livros proibidos. Disse a ele então que todos os livros estavam na Igreja e em todo lugar. Seu sorriso se alargou, e foi quando aproveitei e o convidei à minha cela, após efetuarmos nossas orações na basílica do Santo Sepulcro. Ele aprovou a ideia e eu fiquei feliz que aceitasse. Não sabia que aquela reunião, que se prolongaria até quase o amanhecer, iria mudar a minha vida — tampouco que eu me mudaria de Jerusalém para o norte, onde me encontro hoje neste mosteiro solitário, distante da minha terra natal, e que não para de se distanciar.



Voltamos da basílica até minha cela, ambos aguardando por um encontro repleto de afabilidade. Naquela noite, senti uma segurança envolvente na companhia de Nestório. Abri a porta da cela, acendi a lamparina fraca pendurada no canto direito e dei boas-vindas a meu importante hóspede. Quando abri a única janela, entrou uma singela brisa fresca vinda do céu claro; o ambiente ficou cheio de afeto. Nestório olhou demoradamente para a imagem da Virgem pendurada sobre minha cama, mas nada disse. Depois de alguns minutos, seu olhar percorreu o cômodo e ele comentou:

— Sua cela é limpa e arrumada, Hipa. Reflete sua personalidade. Onde estão os livros de que me falou?

— Debaixo da cama na qual está sentado, padre.

— Chame-me pelo meu nome, Hipa; todos somos irmãos. Todos somos ovelhas frágeis no aprisco do Senhor.

— Não, padre, o senhor é mais como um pastor, que Deus o proteja com o eterno zelo.

Nestório riu com doçura luminosa enquanto levantava para que eu pudesse dobrar o colchão damasceno tecido com pelo de camelo — o mesmo que ainda está estendido sobre minha cama, aliás, o único que tive desde aquela época. Conforme ia levantando as tábuas, apareciam os livros e os papiros, e, quando levantei a última tábua, meu tesouro escondido foi todo revelado. Nestório olhou pela janela, chamou seus três acompanhantes e, quando se aproximaram, ordenou que voltassem à pousada.

— Hipa, parece que vou pernoitar aqui.

— Isso me alegra, honorável pai; dormirei naquele banco.

— Não creio que algum de nós dormirá hoje!

Todo o tempo, Nestório revirava meu tesouro com cuidado. Eu ficava atento à sua feição aberta e luminosa, ao mesmo tempo que preparava um chá aromático de hortelã-silvestre e um prato de tâmaras e figos secos. Em sua presença havia reverência e boa-fé. Seus olhos apaixonados e inteligentes eram cor de mel com nuances de verde; o rosto, branco, levemente rosado, e a barba arrumada puxava um pouco para o louro, mesclado com alguns cabelos brancos, aumentando sua beleza. Havia em seu rosto uma pureza divina inexistente em muitos monges, fossem velhos ou jovens.

Ofereci-lhe o copo de hortelã e aumentei a luz da lamparina; depois me sentei no banco de frente para a cama, olhando seu sorriso. Achei que era um

modelo celestial de como deveria ser um religioso. Atentei para ele quando disse, balançando a cabeça, maravilhado:

— Os discursos de Cícero! Que esperto você é, seu monge egípcio! Você aprecia a eloquência como nós! E este volume grande, o que é? A Cidade de Deus?

— Sim, meu honorável padre, é o livro do bispo Agostinho. Esses dois volumes são a primeira e a segunda partes, ele ainda não concluiu a obra.

— Eu sei, Hipa, eu sei, mas estou estranhando o fato de isto ter chegado às suas mãos.

— Padre, os peregrinos chegam trazendo novidades e antiguidades. Às vezes me dão livros de presentes, e outras vezes eu os compro deles. Mas este livro não é novidade, pois a primeira parte dele é datada do ano de 413 do nascimento do Cristo, nosso Salvador; já se passaram dez anos.

Perguntou-me se eu sabia o significado da data da autoria do livro. Disse que não, por decoro, e pedi-lhe que me contasse. Virou-se então em minha direção, seu sorriso mais intenso e divinamente belo. Contou-me fatos que eu conhecia, mas que jamais os havia relacionado. Disse em resumo:

— Agostinho é homem abençoado. Não houve em nenhum bispado africano alguém igual a ele, nem jamais morou na cidade de Hipona alguém com sua virtude e elevada vontade. Ingressou tardiamente no serviço ao Senhor, após ter passado a maior parte de sua vida como soldado; participou de muitas guerras. No ano 410 do nascimento do Cristo, houve a guerra em que Roma estrondosamente caiu nas mãos dos godos, mas estes não a destruíram, como era esperado. Roma, como sabe, era a capital do mundo e a cidade do universo. Quando caiu o mundo, os céus se elevaram! E em troca da queda da cidade do homem, a glória passa a ser da Cidade de Deus. O bispo Agostinho, depois de refletir durante os três anos que seguiram à queda temporária de Roma, quis declarar a queda definitiva. Assim, no título do seu livro, ele

anuncia que a Cidade de Deus não cairá nunca, como aconteceu com a cidade do homem, necessariamente passageira. Ele quis também inocentar o cristianismo das acusações feitas pelos ignorantes, de ter sido responsável pela queda apocalíptica de Roma.

Perguntou-me depois a respeito do restante do meu tesouro escondido. Retirei então o saco no qual guardava os textos egípcios. Começou a me perguntar sobre os títulos dos livros e dos rolos de papiros e eu respondia, ou dizia antes que me perguntasse. Em seguida olhou demoradamente para a tradução copta do poema narrativo da Viagem Santa, composto pelo bispo Teófilo, o alexandrino; o semblante de Nestório ficou triste e foi tomado por uma distração repentina, sem que eu soubesse o motivo. Disse-lhe, então, para retirá-lo dessa distração:

— O poema da Viagem Santa é um livro famoso no Egito. Não chegou a ver o original em grego, padre?

— Sim, conheço-o. Mas estou pensando, Hipa, na audácia desse bispo. Como pode falar sobre a Nossa Senhora, a Virgem Maria, e como atribuiu a ela adjetivos e ditos infundados, baseando-se em sua alegação de que a havia visto em seus sonhos... eh, deixemos disso. E este pergaminho em copta, o que é? Que imagens delicadas são estas desenhadas nele?

Agradei a Deus ter desviado o assunto do bispo Teófilo e de seu livro, pois eu ficava — e ainda fico — perturbado toda vez que ouvia alguém mencionar os bispos coptas. Respondi rapidamente à última pergunta de Nestório:

— Não é nada, padre; é o Livro do Sair à Luz do Dia*** que narra do dia do juízo final, e como devem os mortos testemunhar sobre si mesmos diante dos deuses, conforme a crença do Egito Antigo. Essas imagens tratam dos antigos deuses, muito antigos.

— Belíssimas imagens. E quem é o homem que segura a roda do oleiro?

— É chamado Khnum, padre. O deus Khnum, que os antigos acreditavam que criava os seres humanos da argila e depois Amon soprava neles a vida. São crenças antigas, padre, crenças antigas.

— Khnum! É um nome estranho, faz você lembrar de algo, Hipa?

— Sim, faz-me lembrar de muitas coisas... mas como soube disso, louvado padre?

— Soube pela aflição de seu coração; e mais, por ver seus olhos marejarem.



Abrir meu coração nunca foi do meu feitio, tampouco confiar em alguém, mas naquela noite me vi contando a Nestório sobre o tempo do deus Khnum, que regulava as águas do Nilo, ao sul de Elefantina, ilha situada ao sul do Egito, perto de Assuá. Conteí-lhe sobre a reverência antiga e a santidade espalhada pelo templo e por suas muralhas há séculos. Falei do meu pai, que levava peixe todo dia para os tristes sacerdotes que se trancaram no templo durante anos e, cercados, lamentavam o desaparecimento de sua religião, após a difusão da crença em Cristo. Meu pai me levava com ele no barco toda vez que ia visitar os sacerdotes, levando-lhes metade do peixe que sua rede pegava durante dois dias. Íamos às escondidas para o templo, na alvorada.

Não consegui segurar minhas lágrimas quando contei a Nestório do meu pavor naquela madrugada terrível: tinha 9 anos quando fomos interceptados por um grupo de cristãos na ancoragem sul, próxima ao portão do templo. Estavam atocaiados atrás das rochas bem antes de nossa chegada; depois vieram em nossa direção como fantasmas fugidos das profundezas do inferno. Antes de nos recuperarmos do pavor causado por sua aparência, já nos tinham alcançado. Puxaram meu pai de seu barco e arrastaram-no sobre as pedras para depois esfaqueá-lo com as lâminas enferrujadas que escondiam em suas roupas

esfarrapadas. Protegi-me encolhendo-me no canto do barco, mas meu pai não teve proteção nenhuma, gritava sob suas facadas, pedindo a ajuda do deus em que acreditava. Os sacerdotes de Khnum ficaram assustados com os gritos que rasgavam o silêncio; transtornados, enfileiraram-se sobre a muralha do templo para olhar o que acontecia a seus pés. Levantavam os braços, suplicando e pedindo socorro a seus deuses! Não sabiam que estes deuses já haviam morrido fazia muito tempo, e que suas súplicas assustadas não foram ouvidas por ninguém, e que ninguém salvaria meu pai das mãos daqueles assassinos, e que ninguém perceberia o suplício que eu viria a sentir após aquela madrugada.

— Pobre de você! Aqueles ignorantes chegaram a lhe fazer mal?

— Quem dera tivessem me matado, teria descansado para sempre. Não, padre, não me machucaram. Lançaram-me olhares de lobos já saciados. Pegaram a cesta dos peixes e a atiraram contra o portão trancado do templo. O sangue do meu pai, sua carne e os peixes que havia pescado se misturaram à terra, que não mais foi santa. Depois, tomados pelo prazer da vitória e da vingança, começaram a gritar, levantaram as mãos sujas do sangue do meu pai e partiram levando suas facas enferrujadas e manchadas de sangue, levantando-as para os sacerdotes assustados sobre a muralha. Partiram regozijando-se, cantando o conhecido hino: *Glória a Jesus Cristo. Morte aos inimigos do Senhor... Glória a Jesus Cristo. Morte aos inimigos do Senhor... Glória a Jesus...*

Chorei. Nestório se levantou e me abraçou com seu manto; encolhi-me como fiz na primeira vez, quando ele se sentou ao meu lado, afagou minha cabeça e fez o sinal da cruz várias vezes na minha testa. Repetia “Acalme-se, meu filho” e seguiu:

— Nossa vida, meu filho, é repleta de dor e de pecados; aqueles ignorantes quiseram se livrar do legado da opressão com opressão, do legado da perseguição com perseguição, e você foi a vítima. Sei que sua dor é enorme, eu

a sinto; que Deus piedoso nos envolva com sua compaixão. Levante, meu filho, vamos rezar a prece da compaixão.

— De que adianta rezar, padre? Quem morreu já foi e não volta mais!

— Adianta, meu filho, adianta.

A voz de Nestório estava embargada. Quando afastei minha cabeça de seu peito, vi as lágrimas molhando sua barba e seus olhos ficando vermelhos e tristes. A dor tomava conta de seu rosto, e sua testa refletia profundo pesar.

— Causei-lhe comoção, padre?

— Não, meu filho, não se preocupe, levante, rezemos.

Com humildade, rezamos diante da Virgem. Nossa devoção prolongou-se até que a luz tingiu o negrume do céu com um azul-escuro. Sentados sem nada dizer, após a reza, ouvimos o cacarejar dos galos e o cantar dos pássaros que dormiam nas velhas árvores no pátio da basílica. Nestório quebrou o silêncio, convidando-me para sair com ele e andarmos em volta da muralha da igreja, para recebermos, conforme suas palavras, “um pouco da bênção do Senhor nesta abençoada alvorada”.



Entre o surgimento dos primeiros raios de luz e a chegada da manhã, demos duas voltas no amplo vão que rodeava as muralhas da basílica; depois, andamos até o outro lado onde as casas se apertavam e se misturavam, como se para se sentir seguras. A luz da manhã incomoda quem passa a noite em claro, um incômodo que eu conhecia, pelo qual tanto sofri e ainda sofro na maioria dos dias. Com o ruído dos nossos passos calmos, Nestório contou-me algumas de suas recordações da infância na cidade de Marash e de sua juventude em Antioquia, outras relacionadas a ele e a seu mestre Teodoro de Mopsuéstia, além de muitas coisas pelas quais já havia passado. Naquele dia em Jerusalém,

quando inadvertidamente nos conhecemos, Nestório estava com 41 anos. Não direi agora o que me ele me contou sobre si naquele dia, pois não é correto nem apropriado registrar nada disso. Sei que ele só me contou aquelas coisas para me confortar, confidenciando-me informações que não são da minha alçada e que nunca revelarei.

Após o término da segunda volta ao redor da muralha, ao pegarmos o caminho em direção às casas, vimos ao longe pessoas começando sua rotina diária e avistamos três diáconos antioquinos à nossa espera diante da porta fechada de minha cela. Olhavam ao redor, preocupados. Quando os alcançamos, Nestório despediu-se de mim e partiu na companhia deles para onde estavam hospedados, depois de me dizer, já com o sorriso recuperado, embora abatido pelo peso de nossa longa noite:

— Junte-se a nós hoje no almoço; se não puder, encontramo-nos no pátio da basílica após a hora nona. — Nesse horário da noite celebrava-se a última missa da manhã.

Exausto, voltei à minha cela. A sonolência tomou conta de mim já à porta do cômodo, e logo que entrei me joguei na cama. Dormi um bom sono, sem sonhos. Fui acordado perto do meio-dia pelo barulho dos visitantes aglomerando-se à porta da basílica. Levantei-me com o corpo pesado e a alma cansada, e com passos bambos caminhei até o jarro d'água; sedento, bebi um gole e lavei o rosto com um pouco da água que verti sobre a palma da mão. Quando abri a janela, a luz invadiu o quarto, enchendo repentinamente meu espírito de ânimo. Estava arrumando meu tesouro escondido sob a cama quando escutei um leve bater à porta e um chamado ao qual estava acostumado naqueles dias: “Padre? Monge médico?”

Era um árabe com trajes de mercador; relatou que havia sofrido de catarata no olho esquerdo fazia anos, mas que agora estava perdendo a visão do olho direito. E devido ao líquido que não estava acumulado num lugar só e não

podia ser drenado com um tubo fino, dei-lhe um medicamento em pó para aplicar como emplastro e pedi que retornasse dali a dois meses. Dois meses! Teria ele voltado dois meses depois e não me achado lá?

Naquele dia, o árabe me perguntou sobre o custo e respondi como de costume: “Deus é quem me recompensa; se desejar, pode doar algo para a igreja.” Partiu depois de me agradecer, tentando beijar minha mão. Quando fechei a porta, retornei a meu mundo interior, que transbordava a tristeza de um cativo e a súbita luminosidade que tomou conta de mim sem aviso. Terminei de arrumar meus livros e pergaminhos, devolvendo-os para debaixo da cama, arrumei o pouco que havia de pertences na minha cela e saí antes do cair da tarde para o pátio da basílica.

Não estava quente; mesmo assim, procurei um canto sombreado no local de sempre, do lado direito do pátio depois do grande portão. Apoiei a cabeça no tronco de uma árvore frondosa, minha preferida. Sentime cansado como um viajante após longa viagem. Fechei os olhos e tive a ilusão de que eu e o tronco da árvore tornamo-nos um só. Senti minha alma se esvair por entre as costelas e se infiltrar no tronco da árvore, desaparecendo em suas raízes profundas e depois se perdendo em seus galhos altos. Meu ser balançava-se com suas folhas e caía aos poucos com elas. Lembrei-me então do que havia lido em Akhmim em algumas passagens de Pitágoras, nas quais ele dizia ter se recordado, num lampejo momentâneo, de muitas de suas vidas anteriores. Numa delas, sua alma era uma árvore! Naquele momento desejei para sempre ser uma árvore como aquela: ramosa e copada, infrutífera para que não fosse atacada com pedras, mas apreciada por todos por sua sombra. Esta terra é árida e seca; se eu me transformasse nesta árvore, seria afetuoso com todos que procurassem minha sombra, e a entregaria a eles sem esperar recompensa. Seria guarida para os fatigados, e não tentação para os que buscam frutos. Naquele dia, senti a angústia de quem era estranho em sua terra e em si mesmo e roguei a Deus

silenciosamente: *“Meu piedoso Deus, leva-me agora até o Senhor, liberta-me do meu corpo mortal. Guarda minha alma nesta árvore querida, para que eu me torne mais puro; assim poderei toda tarde cobrir os visitantes ao sítio santo, os peregrinos que buscam a purificação dos pecados em Tua luz. No inverno, esperarei o cair da chuva de Teu amor pelo universo e respirarei toda manhã as gotas de orvalho que o frio da noite trará, e assim nada há de me desviar do louvor a Tua glória celestial. As árvores vivem mais do que os homens e amam mais a Deus; se eu fosse esta árvore, estenderia minha sombra sobre os pobres...”*

— Está dormindo, Hipa?

Voltei a mim e fiquei feliz em ver o padre Nestório sentado perto de mim. Balancei a cabeça para mostrar que não estava dormindo; ele perguntou-me então com ternura, em siríaco — não em grego, sua língua costumeira —, querendo gracejar comigo:

— Em que mar de ideias estava imerso, meu bom egípcio?

— Padre, às vezes alguns pensamentos me carregam de um lado para outro. Estava desejando ser esta árvore cuja sombra buscamos.

— De onde, meu filho, lhe vêm essas ideias?

— Do meu mais profundo interior e do meu longínquo passado. Pitágoras dizia...

— Pitágoras! Isso é da velha cultura pagã, Hipa!

Fiquei conturbado com minha constante impetuosidade em sua presença. Ele me acalmou com um gesto carinhoso, tocando com seus dedos abençoados a ponta de meu capuz decorado com cruzeiros, e começou a recitar baixinho alguns salmos. Depois fechou os olhos enquanto fazia o sinal da cruz sobre minha cabeça. Minha alma se confortou quando ele me disse, sussurrando como se falasse com os anjos dos céus: *Hipa, seja abençoado pela luz do Senhor.*

— Padre, o senhor acha que tudo no paganismo é mau?

— Deus não cria o mal, não o pratica nem o aceita. Deus é todo bondade e amor, mas o espírito das pessoas se perdeu nos tempos antigos, quando acreditavam que a razão era suficiente para conhecer a verdade, sem nenhuma salvação que pudesse lhes vir do céu.

— Perdoe-me, honorável padre, mas Pitágoras era uma boa alma, embora tenha vivido em tempos pagãos.

— É possível, pois mesmo o tempo anterior à chegada da mensagem de Cristo era também o tempo de Deus. O sol de Deus brilha sobre os bons e os maus; quem sabe? Talvez Deus, com sua vontade penetrante, quisesse preparar a humanidade para a chegada da mensagem da salvação com algumas reflexões que abrissem o caminho para Cristo. Quanto mais se aproximava seu tempo, os sinais de sua vinda ficavam maiores e mais frequentes, até que houve o sinal maior, João Batista, a voz que bradava no deserto.

Admirei sua fala e achei sua resposta aceitável para uma questão que tanto me atormentou. Refiro-me ao segredo da ligação de Jesus Cristo com seu primo materno João Batista. E como teria sido possível para João Batista, um homem, batizar Cristo, Deus, ou filho de Deus, ou o enviado de Deus, ou a imagem de Deus, conforme as diferentes opiniões? Perguntei a Nestório:

— O senhor acredita que Jesus é Deus, ou o enviado de Deus?

— Jesus é nascido de humanos, Hipa, e deuses não nascem de humanos. Como poderíamos dizer que Nossa Senhora, a Virgem, pariu um deus, e ajoelhar perante uma criança de 1 mês, simplesmente porque os magos ajoelharam para ele? Cristo é um milagre divino, um humano através do qual Deus se mostrou para nós e nele se fixou, para que fosse a boa-nova da salvação e o sinal do novo testamento da humanidade, como explicou ontem para nós o bispo Teodoro, em sua reunião, quando nos vimos pela primeira vez. Falando nisso, por que seu espírito se perturbou quando o bispo mencionou o mistério do batismo?

— O senhor, padre, é bom observador.

— Isso não é resposta.

Nestório disse essa última frase brincando, como se tentasse quebrar a cerimônia entre nós e me encorajasse a falar. Depois disso, não me senti constrangido de lhe confessar um de meus mais graves segredos, e fiquei admirado que não o tenha espantado. Disse-lhe em suma que tinha dúvidas sobre meu batismo, pois minha mãe me garantira que eu havia sido batizado quando ainda era lactente, mas meu pai negava. Não me lembro de ter entrado numa igreja na minha primeira infância, por isso me vejo inclinado a acreditar mais no meu pai. Naquele dia, não quis contar a Nestório que batizei a mim mesmo após sair de Alexandria. Disse-lhe algo assim: “Padre, parece-me que não fui batizado quando era pequeno.” Achei que minha frase o surpreenderia, mas fui eu quem se surpreendeu por suas palavras calmas:

— Não é culpa sua. Sem dúvida foi ou ainda será, com a vontade de Deus. Mas como tornou-se monge se não tem certeza de seu batismo?

— Frequentei regularmente por anos a grande Igreja de Akhmim. Meu mestre, o padre de Akhmim, considerou-me adequado à vida monástica e ordenou-me monge quando implorei a ele. Não tinha dito a ele minha dúvida a respeito do meu batismo, porque eu já havia esquecido os fatos da minha infância, ou fiz que esqueci até chegar de fato a esquecê-la.

— Não faz mal, Hipá. Muitos outros foram batizados tardiamente, alguns até se tornaram bispos! Ambrósio, bispo de Milão e Nectário, bispo de Constantinopla, só foram batizados no dia em que foram ordenados bispos. Até mesmo Constantino, o imperador, foi batizado apenas em seu leito da morte; ele, que era chamado de Querido de Deus, Protetor da Fé e Defensor de Jesus!

Notei que os atributos cristãos dados ao imperador Constantino foram mencionados com uma mescla de tom irônico e pesaroso. Queria saber mais

do que Nestório me contou; portanto disse, vangloriando-me do que sabia, mas com a intenção de saber mais, que o dito imperador tinha oferecido honrados serviços ao cristianismo que perduram até hoje, pois em sua época os cristãos eram minoria — não passavam de um décimo dos habitantes do império — e hoje são maioria do leste ao oeste, apenas cem anos após o concílio ecumênico presidido pelo imperador. E acrescentei:

— Refiro-me, padre, ao Concílio de Niceia, no qual Ário foi renegado por ter dito que Cristo é um homem e não deus e que Deus é uno, sem sócios em sua divindade.

— Você é mesmo matreiro, Hipa. O que está querendo saber de mim, ó médico esperto, ó monge que questiona o próprio batismo?

Pelo tom gracioso, percebi que não ficou incomodado com minhas palavras e que estava disposto a me contar o segredo da questão, que nossos religiosos não gostam de abordar. Estava ansioso para saber sua opinião a respeito do controverso Ário, a quem a Igreja de Alexandria odeia mais do que ao próprio Satanás. A princípio, Nestório tentou me distrair, perguntando-me se estava contente com a vida em Jerusalém, mas supliquei a ele que me desse uma resposta definitiva sobre a verdade de Ário e de suas ideias. Implorei:

— Conte-me a verdade da maneira como a vê, honorável padre, pois sua visão é sagaz, seu coração é puro e sua razão é prudente, e é também temente a Deus. Meu interesse em compreender essa questão é tão grande que me mantém acordado à noite.

— Então vamos caminhar até onde estamos hospedados, pois quero ver como está o bispo Teodoro. No caminho conto a você sobre Ário e sua heresia.

Não pegamos o caminho direto para o alojamento; saímos do portão da basílica e caminhamos à direita, beirando sua alta muralha, depois, no fim desta, atravessamos o terreno amplo antes de chegar ao aglomerado de casas, a leste dos muros da cidade. Esse caminho era mais calmo e agradável, longe da

multidão. Andávamos a passos monótonos e parávamos vez por outra, quando Nestório estava empenhado em esclarecer algum ponto delicado. Assim, acabamos chegando ao nosso destino com uma hora ou mais de atraso, tempo durante o qual ele me disse o que hesito agora em escrever, especialmente nesses dias negros e tenebrosos.



O sono é uma dádiva divina: sem ele, o mundo seria varrido pela insanidade. Tudo que há no universo dorme, acorda para depois dormir; exceto nossos pecados e nossas recordações, que nunca dormem nem sossegam. Hoje acordei de um sono repleto de sonhos intensos, como se fossem realidade. Ou seria minha realidade que tombou e empalideceu, a ponto de se transformar em sonhos? Comecei a sentir a respiração da morte se aproximando de mim, quase a me tocar. Será que morrerei durante o sono, ou na igreja, enquanto rezo? Acho que meu medo do fim, e não a insistência de Azazel, é o que me faz escrever. Ou talvez seja meu desejo de que minha voz vá além daquilo que será findo com minha morte. No mês passado morreu o monge mais velho deste mosteiro, e aqui foi enterrado. Morreu na igreja de sua comunidade, durante a missa. Morreu na soleira de Deus, purificado de todas as suas culpas. Como eu morrerei, e onde?



Escrever desperta no coração tempestades que guardamos e memórias que escondemos, e atíça os horrores da realidade. Em distantes e espaçados períodos da minha vida, minha fé me fez companhia e preencheu minha existência com devoção. Hoje estou cercado de nuvens por todos os lados:

dentro de mim sopram tempestades capazes de me arrancar do universo inteiro. Como será o fim de Nestório, depois de tudo o que aconteceu com ele? Para onde irei depois que concluir este registro? Será que verei novamente Martha, que se foi? Pensei que com sua partida viria meu descanso, mas depois conheci a angústia da ansiedade e a devastação da saudade. Quem dera tê-la impedido de ir a Aleppo! Quem dera tê-la poupado do perigo do cantar noturno no meio de mercadores bêbados e árabes vis, e me poupado do sofrimento de agora. Seus olhos chorosos não saem da minha cabeça desde que partiu, e minha preocupação por ela não cessa.

— Você é o culpado, Hipa, você! Ela suplicou para que a salvasse daquilo, e salvasse a si mesmo, mas você se acovardou!

— Azazel!

— Sim, Hipa, o Azazel que vem de dentro de você!

Pronto! A tríade do meu tormento já está completa: minha angústia pela situação de Nestório, minha curiosidade pelo destino de Martha e as aparições repentinas de Azazel. Até quando vou suportar isso? Quando esse triplo peso será removido? Meus Deus, socorra-me, pois...

— Hipa, pare de besteira e termine o que está escrevendo.

— O que estou escrevendo?

— O que lhe contou Nestório perto da muralha leste de Jerusalém. Não tenha medo, escrever não vai piorar as coisas; não acho que alguém vá ler o que escreve antes de se passarem muitos anos. Escreva hoje para que você possa ser você mesmo. Quem sabe, pobre homem, talvez depois dos quarenta dias de reclusão você receba notícias de que a derrota de Nestório transformou-se em vitória! Talvez encontre novamente Martha em seu lindo vestido damasceno, talvez a leve com você no dia de sua partida esperada, para ficarem felizes o resto de seus dias; e assim seu coração aflito descansaria.

Os argumentos de Azazel eram fortes. Geralmente ele ganha de mim, ou talvez seja eu quem o encoraje contra mim — conforme ele alega —, chamando-o por causa da minha eterna hesitação e crônico desassossego. De qualquer modo, não há motivo para preocupação, pois a manhã já está chegando e não há perigo no que vou escrever agora. Este pergaminho já está quase cheio, só resta este pequeno espaço em branco, no qual registrarei o resumo do que ouvi de Nestório. Vou escrevê-lo com minhas palavras, em siríaco; assim será atribuído a mim, sem poder ser usado como argumento contra ele.

O honorável Nestório me disse naquele dia em Jerusalém, em seu grego eloquente, o que traduzo agora: *“A verdade, Hipa, é que a questão toda não passa de dissimulação. Satanás foi o principal maquinador de tudo o que ocorreu há cem anos, no Concílio de Niceia. Refiro-me ao demônio do poder temporal, que embriaga as pessoas. Elas então questionam a autoridade de Deus, digladiam-se, depois desanimam e se espalham como o vento. São subjugadas por suas paixões, agem de forma tola e violam o espírito da religião para buscar as vaidades desta vida efêmera. O que aconteceu em Niceia, Hipa, foi falsidade sobre falsidade. O imperador Constantino tinha pressa em declarar seu mando sobre o povo da cruz, e não teve paciência para convocar o concílio ecumênico apenas quando já tivesse terminado de edificar Constantinopla. Por isso reuniu o concílio em Niceia, uma cidadela próxima, que era, pela má escolha, chamada de cidade dos cegos!*

Um ano antes, o imperador havia estado ocupado numa única coisa — o estabelecimento de seu poder através da guerra contra seus antigos companheiros militares. Quando terminou suas guerras, obtendo vitória sobre todos, quis obter o poder religioso sobre os subjugados; por isso chamou todos os chefes das igrejas para o concílio ecumênico e presidiu as reuniões, interferindo no diálogo teológico. Depois impôs as resoluções aos bispos e sacerdotes, embora, salvo eu esteja enganado, jamais tivesse lido um único livro de teologia cristã! Nem sequer conhecia a língua grega

pela qual se dava o diálogo teológico entre os bispos em Niceia, e muito menos tinha interesse na divergência teológica que havia entre o padre Ário e o bispo de Alexandria de então, Alexandre. Isso ficou claro na missiva do imperador enviada a eles, na qual descrevia a discórdia que havia se instalado entre ambos, a respeito da natureza de Cristo, como uma questão trivial, vulgar, tola e vil! Constantino disse a eles que guardassem suas opiniões para si e que não ocupassem as pessoas com isso. A missiva é famosa e há cópias dela nas dioceses.

Depois, o imperador ficou do lado do bispo de Alexandria, para garantir o trigo do Egito e a colheita anual de uvas, e excomungou Ário, proibindo seus ensinamentos e condenando-o por heresia, para agradar a maioria da comunidade e assim tornar-se o grande defensor do cristianismo. Na verdade, o imperador Constantino desperdiçou a sabedoria de Ário, como hoje é desperdiçada às mãos dos ignorantes que se dizem seus seguidores, adotando-o como o introdutor da heresia e da rejeição à religião. Os arianistas que lotam o país hoje ao nosso redor cometem o mesmo erro cometido pelo imperador Constantino contra Ário cem anos antes, quando sancionou seu assassinato à luz do dia.

— Da mesma forma, padre, que o imperador mandou queimar os evangelhos que circulavam entre as pessoas, exceto os quatro famosos... mas o que o senhor quis dizer com “sabedoria de Ário”?

Estávamos parados sob a sombra de uma árvore copada, no final da muralha da basílica, num espaço calmo que dava para os muros da cidade. Nossa conversa havia removido todas as barreiras entre nós. Nestório parou por um segundo, meditando, depois me olhou como se fosse jogar uma pedra pesada sobre mim; mais tarde ficaria espantado por minha falta de reação com o que havia me dito. Não vou esquecer suas feições enquanto me dizia gentilmente:

— Eu sei, Hipa, o que significa ter estudado teologia em Alexandria. Sei tudo que lhe ensinaram por lá e de tudo que lhe informaram sobre Ário e suas

opiniões consideradas heréticas; mas vejo a questão por outro ângulo, o ângulo de Antioquia, se quiser chamar assim. Vejo que Ário era um homem repleto de amor, honestidade e força espiritual. Os fatos de sua vida, sua abnegação e seu ascetismo confirmam isso. Quanto a seus ditos, vejo-os como uma tentativa de afastar nossa religião das crenças dos antigos egípcios em seus deuses. Seus ancestrais, Hipa, também acreditavam numa tríade divina, cujos vértices eram Ísis, seu filho Hórus e seu marido Osíris, de quem concebeu sem cópula. Estamos revivendo essa religião antiga? Não, nem é certo dizer que Deus é o terceiro de três. Deus, Hipa, não tem igual em Sua divindade. Ário queria que a religião fosse de Deus apenas, mas cantou em sua época uma melodia incomum, reconhecendo o mistério da manifestação divina em Cristo, mas não admitindo a divindade de Jesus; reconhecendo Jesus como filho de Maria, um presente aos homens, mas recusando qualquer divindade que não a do Deus único.

— Mas, padre, nisso ele não se desviou das crenças egípcias antigas, que pregavam a unicidade de Deus e sua superioridade a tudo que é santo. Seja como for, Ário desviou do consenso de sua época, dizendo o que disse, e ardeu no fogo dos céus!

— Ardeu no fogo de Alexandria, Hipa. Quando o imperador o chamou de seu longo exílio nas terras dos godos para fazer as pazes, forçosamente, entre ele e o bispo de Alexandria, a fim de garantir e acalmar a situação e agradar a magnífica cidade, Ário foi assassinado com veneno.

— Morreu envenenado?! — gritei, depois me refiz e olhei ao meu redor. Ninguém passava perto de nós, a não ser duas mulheres vestidas de preto, cobrindo a cabeça com o véu usado pelas mulheres judias. Ambas olharam em minha direção quando gritei; uma delas franziu o cenho, a outra sorriu. Nestório não se zangou com minha reação repentina e alardeadora e me respondeu com calma e respeito:

— Isso é o que acho o mais provável, pois no dia anterior a seu encontro esperado com o imperador e com o bispo de Alexandria, Ário, caminhando à tarde com um grupo, foi acometido por uma cólica repentina e desviou do caminho para atender às necessidades da natureza. Saiu dele uma grande quantidade de sangue e pedaços de carne de seu estômago e intestinos. Teve uma morte indigna, desabando sobre seus restos. Isso foi num sábado do ano 336 de Cristo, à tardinha.

— O que aconteceu depois, padre?

— Nada. O bispo de Alexandria se alegrou e retirou-se para orar. O imperador Constantino ficou tranquilo com a morte de Ário, que foi abandonado por seus seguidores e amigos e condenado por todos os bispos, que renegaram suas opiniões numa declaração apresentada ao imperador.

— O homem simplesmente desapareceu.

— E suas opiniões quase desapareceram com ele, especialmente após a reunião feita pelos bispos cinco anos após a morte de Ário, em Antioquia, no Concílio da Inauguração.**** Redigiram uma declaração dizendo clara e grosseiramente que nunca foram seguidores de Ário, pois como poderiam eles, bispos, seguir um padre? Assim, Alexandria teve vitória. Por falar em Alexandria, Hipa, você estava lá quando mataram a filósofa Hipátia?

Sua pergunta bateu em mim como um líquido abrasador, dissipando as brisas gentis do crepúsculo que começavam a chegar; sua questão inesperada me lançou de volta a um passado que eu pensava ter esquecido. Fui tomado pelo silêncio e me recordei de repente do trágico incidente que me fez sair de Alexandria para peregrinar na terra do Senhor. Tentei me controlar naquela hora, mas não pude conter as duas lágrimas que correram contra minha vontade quando meu espírito foi arrebatado pela memória de Hipátia e seus gritos de socorro. Nestório percebeu meu desconforto e demonstrou uma piedade divina. Quando me puxou com delicadeza para junto dele e apertou

carinhosamente meu ombro esquerdo com a mão direita, tive vontade de chorar, mas fui impedido pela timidez.

— Acalme-se, Hipa, seu espírito está extenuado. Já falamos muito hoje e sua companhia foi agradável. Estamos próximos da nossa hospedaria; volte para sua boa e abençoada cela e descanse esta noite. Amanhã bem cedo vou esperá-lo na frente da basílica. Rezaremos, depois desjejuaremos juntos e você poderá me contar, se quiser, o que ocorreu em Alexandria naquele dia. Vejo-o amanhã, com a vontade do Senhor.

Naquele dia, tive certeza de que Nestório era de fato um sacerdote abençoado e um monge merecedor de reverência. Vi nele o pai que foi arrancado de mim, meu saudoso pai, embora os dois não se parecessem fisicamente, nem tampouco a idade de Nestório lhe permitisse ser um pai para mim, a não ser no sentido ecumênico. Naquele distante dia e por causa da minha confusão, esqueci-me de dizer a ele que gostaria de ver o bispo Teodoro, certificar-me de sua saúde e pedir-lhe a bênção. Murmurei apenas, ao retirar-me da desconcertante situação:

— Estarei lá de manhã na hora da terceira missa. Vou esperar pelo senhor, padre, e contarei tudo, se me honrar com uma visita à minha humilde cela novamente. Contarei tudo o que aconteceu, pois estava lá e testemunhei o ocorrido de um lugar bastante próximo.

Voltei apressado para abraçar minha solidão. No caminho, pedi a Deus que não tivesse nenhum doente à minha porta; fui atendido. Fechei a porta, não acendi a lamparina e, no escuro, rezei ajoelhado no chão humildemente, esperando que meu espírito se acalmasse. Mas, a insônia me arrebatou naquela noite, como acontece toda vez que me recordo de Alexandria. Minha cama virou um colchão de pregos. E conforme a noite bestial se adiantava, minhas lágrimas jorravam e se misturavam à minha súplica: *“Meu Deus, socorre-me com Tua oculta e gentil compaixão; meu sofrimento é infindável e insuportável. Salva-*

me com Tua generosidade, Pai que estás no céu, santificado seja Teu nome, da agonia das lembranças que queimam meu coração. Dá-me, padre, um novo nascimento, em que possa viver sem lembranças; ou tem piedade de mim e me leva até o Senhor, afasta-me desta existência.”

Rezei muito naquela noite, na esperança de que a compaixão descesse do céu para meu coração, mas o Senhor não atendeu às minhas preces e fui engolfado pelas recordações alexandrinas.

Nota:

* *Tanayyah·a*: palavra siríaca, ainda usada nas igrejas, com o sentido de “morreu” ou “faleceu”; em siríaco significava “descansou”.

** Neste ponto, numa caligrafia fina, à margem do rolo, foi escrito em árabe: *Um dos milagres que aconteceu comigo foi que, dois dias antes, eu tinha visto num sonho o bispo Teodoro, o Intérprete, abençoando esta minha vinda a Jerusalém e pedindo a mim que nela passasse o resto dos meus dias! O bispo é um dos digníssimos sacerdotes de nossa Igreja; ainda lemos em nossos mosteiros suas interpretações dos evangelhos sagrados e dos trabalhos dos apóstolos, registrados originalmente em língua grega e que, segundo nos consta, não foram traduzidos para a língua dos árabes (...) entre os quais hoje vivemos e cuja língua falamos (...)*

*** Título original do que se conhece hoje por *O Livro dos Mortos*.

**** Trata-se do concílio que aconteceu em Antioquia em 341, na ocasião da inauguração da Igreja Dourada Oitavada.

O TERCEIRO PERGAMINHO

A capital do sal e da crueldade

Lembro-me de que durante minha juventude, que já se foi e não voltará, saí de Akhmim rumo a Alexandria acompanhado de grandes expectativas. Era exatamente meio-dia, e na igreja os padres se preparavam para a missa da hora sexta, que era celebrada justamente naquele horário. Fui, sem abrigo, em direção à margem leste do Nilo, onde atracavam as embarcações e os veleiros. Não era muito longe, mas o cais estava vazio, e o sol, causticante. À tarde, o sol de Abib (julho) não conhecia o que era comiseração. Os antigos, em seus tempos de glória, acreditavam que o sol era o brilho do poder de Ra, o maior de seus deuses — deuses que desapareceram e cuja memória morreu junto com quem os rememorava.

No cais, abriguei-me na sombra de uma árvore solitária, magra como eu, que remexia as folhas de seus galhos estendidos sobre a margem estreita do canal. O canal recebia as águas do Nilo quando este transbordava nos dias de verão. Retirei de meu alforje o pequeno ícone do qual não me separei: a imagem da Virgem Maria Imaculada. Descansei meus olhos sobre seu rosto de feições serenas. Quem me dera o Senhor tivesse me dado uma mãe pura como a Virgem! Estava quase cochilando quando senti a aproximação de um jovem em seus 20 anos, seguido por um macaco; ambos pulavam em seu andar, como se um único espírito fosse dividido pelos dois. O jovem olhou para mim, sorrindo antes de iniciar o que tinha vindo fazer, isto é, trepar na tamareira alta

mais próxima que pesava com os frutos secos não colhidos durante os meses do inverno, quando uma parte caía e outra ficava no pé.

— Essas tâmaras são doces e têm aroma agradável — disse o jovem, como se me conhecesse bem; ou talvez quisesse me informar do que pretendia fazer, como se me pedisse licença para subir na palmeira que nem minha era; ou quem sabe desejasse minha bênção, por pensar bem de mim ou de meu traje de monge. Apontou para o alto, levantando o braço, e o macaco foi na frente. Ambos subiram sem grande esforço, como se andassem no chão. O macaco alcançou o topo antes e começou a pular alegremente entre os galhos e os cachos secos. O jovem observou seu macaco por instantes com cautela, certificando-se de que no topo da palmeira não havia cobras nem escorpiões; seguiu então subindo até o alto. Começou a chacoalhar os galhos e, após uma chuva de tâmaras, desceram mais rápido do que subiram. O jovem catou uns punhados de tâmaras não bichadas, reunindo-os no colo de sua túnica desbotada. Aproximou-se e jogou algumas no meu colo sem dizer palavra. O sorriso do jovem era estranho! Não esperou para ouvir de mim uma palavra de agradecimento ou de bênção. Deu-me as tâmaras, colocou o macaco sobre os ombros e desapareceu entre as plantações. Naquele dia pensei que Deus havia me enviado esse jovem como um bom prenúncio. Ou teria sido um dos anjos dos céus que enchem a Terra, andando entre as pessoas sem serem reconhecidos? Não me perguntei à época como poderia um anjo ser acompanhado por um macaco.

À tarde, atracou um barco com destino a uma grande cidade chamada Licópolis (Assiut), cujas casas se espalhavam às margens do Nilo. Ficava a dois dias de caminhada em direção ao norte, partindo de Akhmim. Os passageiros estavam com pressa e me perguntaram se queria ir com eles. Vi na pergunta um sinal de Deus chamando-me para visitar o local santo em Assiut — refiro-me ao santuário que fica no monte chamado Qusqam, onde a Nossa Senhora,

a Virgem, ficou com seu bebê, Jesus Cristo, quando veio ao Egito fugindo da opressão dos romanos. Os donos do barco desatracaram rapidamente, pois o vento estava adequado ao desejo da vela; cheguei a Assiut na tarde do dia seguinte.

A cidade era enorme. A maioria dos habitantes era cristã, alguns eram pagãos, mas no geral todos eram boa gente; suas casas são amplas e contíguas. Naquele dia, achei que aquela fosse a maior cidade do mundo! Não conhecia Alexandria ainda, nem Jerusalém nem Antioquia. De Assiut, parti para o oeste, onde ficava a montanha desabitada que um dia acolheu a santa família. Não encontrei por lá muita coisa, mas não me arrependi de ter visitado o local.

Escalei a vertente da montanha. Encontrei uma modesta igreja, rodeada por algumas construções frágeis; desconfiei que não remontassem à época da Senhora Virgem. Alguns monges habitavam aquele lugar ermo, onde não senti tanta espiritualidade quanto imaginava e esperava encontrar. Senti-me desolado e, após passar dois dias por lá, voltei a Assiut com um grupo de peregrinos. Eram em torno de dez. No meio do caminho, aproximou-se de mim um homem bem-vestido que, apesar do calor, trajava uma capa preta de lã fina e delicada, cujos contornos eram bordados com fios de seda preta. Estranhei sua aparência e seu olhar ardiloso. Não usava cruz no pescoço. Quando nossos olhos se encontraram, sorriu; parecia mais matreiro ainda, os olhos brilhando com esperteza. Senti-me intimidado por ele e diminuí o passo. Ele também diminuiu o dele até ficar bem próximo de mim e se preparou para dizer algo. Não resisti e olhei para ele: seu rosto estava cheio de manchas brancas de vitiligo, destacadas em sua morenice. Em grego, que raramente era usado naquelas terras, disse-me, sem rodeios: *Como veio a Virgem até aqui, fugindo com seu bebê, anos após a morte do governador que alegam ter matado as crianças judias? E por que voltou para aquela terra seca e pálida, após ter passado pelo vale verde do Egito?* Disse isso com vagar e cinismo, depois se separou do grupo que

voltava para Assiut; tomou uma picada na direção nordeste e adentrou as plantações entre os arvoredos dispersos até sumir da minha vista. Por que estou contando todos esses detalhes?

Depois de ter passado algumas semanas perplexo entre os mosteiros e igrejas de Assiut, deixei a cidade no sentido de Alexandria, numa embarcação cujos donos eram mercadores pobres oriundos de Ein-Chams (Heliópolis). Boa gente, não fosse um porém: tomavam vinho forte e, quando embriagados, cantavam canções alegres e barulhentas. Quando peguei a embarcação, eu estava trajando o hábito dos monges egípcios, que hoje se tornou obrigatório para todos os monges. Por respeito à minha indumentária, após terem aceitado me levar com eles, não queriam me cobrar. Um deles era claramente cristão e disse: “Basta-nos, padre, que abençoe nossa embarcação!” Foi a primeira vez que fui chamado de “padre”.

Durante os dias da viagem, tudo que comiam era queijo, cebola e peixe salgado, que nunca comi, seguindo o conselho do tio que me criou após a morte de meu pai. Fiz promessa de jejuar durante a viagem fluvial. Minha alimentação naqueles oito dias de viagem consistiu em tâmaras secas, água e o tempero das minhas orações. Quando chegamos ao ponto mais longe que pretendiam navegar ao norte do Nilo, o dono da embarcação me perguntou sobre meu destino. Quando lhe disse, ele me aconselhou: “Não entre em Alexandria vestido de monge, o senhor não sabe quem vai encontrar primeiro nesta terra turbulenta!” Deu-me uma de suas vestimentas.

Em um lampejo de clareza, percebi que ele tinha razão e que o Pai do céu quis me entregar uma mensagem pela boca daquele homem. Com o coração repleto de amor e gratidão, desejei-lhe boa sorte e as bênçãos, depois tomei meu caminho para o noroeste entre os campos verdes que se perdiam de vista. Fiquei assustado com as planícies e com o alcance da paisagem. Não havia no delta do Nilo montanhas que interrompessem a vista, apenas planícies,

plantações contínuas e bons homens indo ao campo com suas mulheres. Perto de uma cidade chamada Timinhor (Damanhur), encontrei um grupo de camponeses indo em direção a Alexandria montados em mulas. Acompanhei-os em meus trajes do sul do vale, mais largos nas mangas e na abertura do peito. Eu havia dobrado cuidadosamente o hábito e o capuz que caracterizavam os monges e os guardado no fundo do meu alforje, sob os livros; entre eles coloquei minha antiga cruz de madeira.

O grupo era formado por dez homens, sete mulas, três ovelhas e duas mulheres, uma dela anciã. Seu guia, um homem eloquente, não parava de falar maldosamente; seus gestos tinham um quê da obscenidade dos pagãos. Perguntou-me cochichando qual era o motivo de minha ida a Alexandria; riu quando disse a ele que buscava conhecimento.

— Em Alexandria há coisas melhores que o conhecimento!

Não pedi explicações, mas ele mesmo assim, me explicou. Falou baixinho, tão perto do meu ouvido que consegui sentir seu bafo de cebola:

— Alexandria é a cidade das prostitutas e do ouro! Pretende morar lá, sulista?

— Que seja feita a vontade do Senhor.

— Qual senhor, primo? Em Alexandria há muitos deuses! O importante é que tenha algum parente por lá, do contrário sofrerá muito.

— Será como Deus, cuja glória está nas alturas, desejar.

— Ah, você é cristão. Então você é dono de metade da cidade. Parabéns a vocês, filhos do deus torturado e crucificado! — Ele riu. — Vocês têm metade do mundo e nada sobrou para mim, o camponês eloquente, depois que meus deuses envelheceram; mundo estranho!

O calor da tarde se intensificou. Havíamos caminhado por horas; durante esse tempo, o pomposo e repugnante guia não parava de tagarelar. Abordei um homem, em cujas feições vi bondade; ele me respondeu, na variedade de copta

falada na região do Delta, que só faltavam duas horas de caminhada para que chegássemos. Enquanto avançávamos, a cor verde começava a rarear e as plantações tornavam-se descontínuas, separadas por pedras e areia. A cor amarela que passava a nos rodear me incomodou. O amarelo é a cor da morte, da seca e dos templos dos deuses desaparecidos. Nunca antes tinha visto tal cor desbotada se estendendo sobre a terra até o horizonte. Minha irritação aumentou com a gritaria do guia, o camponês eloquente, que nos apressava para a chegada:

— Se alcançarmos as portas após o pôr do sol, a culpa será só de vocês!

Tentei em vão acalmá-lo com delicadeza; disse-lhe que a anciã que acompanhava o grupo estava doente e que a viagem para ela era mais penosa do que para nós, mas ele não se convenceu. Já não se via quase terra plantada, e esta desapareceu completamente quando a cor marrom reinou, a cor do outono e do pecado. Quando o sol se preparava para se pôr, avistamos ao longe um bloco verde; de início pensei que era a cidade de Alexandria e verbalizei o que achava. O guia pomposo riu de mim. Gritou, ridicularizando-me:

— Verde? Alexandria?! Imaginem! Nenhuma cor é dominante na cidade de todas as cores!

Depois de uma hora de caminhada, percebi que o bloco verde que tinha avistado eram os pântanos e bosques que faziam fronteira com a cidade ao sul, onde ficavam os lagos rasos e o canal que vinha da afluentes canópica do Nilo. Percebi também que precisaríamos dar uma longa volta para entrar na cidade pelo lado oeste, por um portão chamado Porta da Lua. O amarelo voltou a se espalhar pela terra, que por causa do poente ganhou um leve avermelhado. Após uma hora de caminhada, Alexandria apareceu ao longe como num sonho. O camponês eloquente gritou com desdém, enquanto cutucava com os calcanhares a barriga de sua mula para apressá-la:

— Vou alcançar as portas antes do pôr do sol; esta noite vou dormir dentro da cidade!

O padre da igreja em Akhmim havia me contado que Alexandria, desde sua edificação e até muito tempo depois, não permitia que pessoas como nós, os egípcios, dormissem dentro da cidade. Depois as coisas mudaram, e com a difusão de nossa religião, as portas da cidade passaram a ficar abertas para todos. Ainda me lembro do padre e de como balançou a cabeça enquanto me dizia, em copta do Alto Egito, que um dia não será permitido aos pagãos nem aos judeus pernoitar em Alexandria, nem em todas as grandes cidades. Um dia todos ficarão fora das muralhas, deixando as cidades para o povo do Senhor.

Eu sabia, há dezenas de anos, que fora das muralhas de Alexandria havia gente humilde que habitava casebres, mas, ao chegar lá, fiquei surpreso com a quantidade de barracas que toda noite acolhiam os descendentes dos enfeitados, e com a profusão de casebres que os camponeses egípcios tinham construído a oeste da muralha da cidade. Quando chegamos até eles, o grupo se desfez sem que ninguém dissesse nada a ninguém. Vi-me perdido no meio de centenas de pobres ovelhas do Senhor, amontoadas ao redor de caldeirões em que borbulhava o jantar. Entre as casas, as crianças gritavam quando viam seus pais exaustos voltando após um dia de trabalho duro. Na multidão perambulavam guardas resmungando e monges de longas barbas desarrumadas; não sorriam para ninguém.

O dono da grande barraca armada sobre colunas de tijolos baratos gritou comigo, exigindo pagamento para que ali me alojasse; rapidamente paguei o que ele havia pedido. Alojarse nas muralhas de Alexandria é custoso para os forasteiros! Em nosso país ninguém cobra pela hospedagem. Se tivesse ficado com a roupa de monge, poderia ter pernoitado na igreja limpa pela qual tinha passado havia pouco, de onde saiu uma voz chamando em grego, mas àquela hora não pensei em trocar de roupa. Isso teria levantado suspeitas e quem sabe

me acarretado problemas. Pensei comigo mesmo: pois bem, vou entrar na cidade em minha aparência original — um homem pobre do sul do vale, cujo pai pescou no Nilo mantendo-se longe de crocodilos e hipopótamos. Sou um desses que lotam o lugar ao meu redor, e só terei segurança se me infiltrar entre as ovelhas do Senhor e nelas me refugiar.

Acomodei-me, cansado, no canto da ampla barraca. Apalpei minhas coisas, certificando-me de que não havia perdido a carta do sacerdote de Akhmim ordenando-me monge, enviada para seu amigo Yoannes, o Líbio; este último reside na grande igreja chamada Igreja do Grão de Trigo ou de Marcos, batizada com o nome do apóstolo Marcos, o Evangelista, que pregou na cidade e foi morto por seus governadores. Quando meus dedos sentiram a carta, fiquei um pouco mais calmo.

Tinha decidido passar alguns dias andando pela cidade antes de ir à igreja, para ver tudo o que eu queria ver, e só depois me entregar a eles para ver tudo o que eles queriam que eu visse. Eu achava que ia aprender muito em Alexandria, como muitos me asseguraram, e me tranquilizei. Procurei entre minhas coisas e retirei um punhado de tâmaras secas. Mastiguei devagar, consciente de que é a graça do Senhor que nos dá a sensação de saciedade após a fome.

Um homem que estava próximo, de aparência maltrapilha e olhar bondoso, sorriu para mim. Ofereci-lhe algumas tâmaras e ele aceitou; depois enfiou a mão em sua sacola, retirou alguns pedaços de queijo e me ofereceu. Recusei com um pedido de desculpas, sem mencionar que estava jejuando. Perguntou-me de onde eu era e eu disse sem pensar: de Nag-Hammadi. Alegrou-se e disse:

— Sou originário de Ansina (Samalut). Nasci lá, mas vivo aqui há muitos anos.

O homem rastejou até mais perto e começou a me contar sobre sua cidade, que ficava no coração do Alto Egito, a leste do Nilo. Disse que cresceu num vilarejo próximo a uma montanha a que chamavam de Montanha da Ave, por

causa das aves que chegavam todo ano àquele lugar, cobrindo o céu, e depois de repente migravam após o sacrifício de uma delas, que enfiava a cabeça numa fenda na encosta da montanha. A cabeça era então agarrada por algo desconhecido, que só a largava após secar seu corpo inteiro e caírem todas as suas penas. Esse era o sinal para que o restante das aves mergulhasse até o Nilo e migrasse durante a noite; voltariam no ano seguinte, na mesma data, e tudo se repetia.

O homem sussurrou que na cidade dele havia muitos monstros, referindo-se às estátuas antigas, entre as quais tinha uma, esquisita, de um homem copulando com uma mulher. E que no alto da montanha havia uma igreja onde viviam alguns monges, chamada Igreja da Palma, porque Jesus Cristo, durante a viagem da Santa Família ao Egito, teria deixado a marca de sua mão sobre uma rocha, que amoleceu diante dele, para que fosse um milagre e uma lição para os que vinham em seguida. O homem acrescentou:

— Deixou também por lá seu cajado, que usava para pastorear suas ovelhas!

Falei ao homem de quem não me lembro mais o nome:

— Mas Jesus Cristo só esteve no Egito quando era recém-nascido.

— Que é isso, primo! Jesus Cristo viveu a vida inteira no Egito, e lá morreu!

Percebi então que o homem nada sabia, ou talvez soubesse de algo que eu desconhecesse, ou que cada um de nós acreditava naquilo que imaginava saber. Não tive vontade de continuar a conversa com ele. Desculpei-me dizendo que queria dormir, cobri a cabeça com um pedaço de pano velho dado pelo dono da barraca e tentei dormir sentado, como era meu costume nas longas noites tenebrosas. A maioria das minhas noites é longa e tenebrosa.

Antes de pegar no sono, fiquei pensando na Montanha da Ave e na igreja no topo da montanha, e que devia ter passado por aquela cidade para ver o que trazia de estranhezas. No caminho, muitas coisas nos escapam. O Egito é cheio de maravilhas e milagres, porque é cheio de crédulos. Não consegui dormir

naquela noite, relembrando as cenas que vi durante a viagem e durante toda a minha vida: o jovem e o macaco que subiram na palmeira diante de mim como se voassem sobre as tâmaras; a minúscula igreja às margens do Nilo em Assiut, onde passei uma noite, levado para lá por um diácono originário de uma cidade chamada Qus; a viagem fluvial na embarcação dos mercadores pobres e sua incessante algazarra; o olhar marejado do diácono de Qus despedindo-se de mim, após três noites passadas no cômodo junto à pequena igreja na qual ele servia; o olhar assustado de minha mãe, quando lhe disse que eu sabia ter sido ela quem havia entregado meu pai a seus parentes ignorantes, gente da cruz. Fugi dela; não conseguiu me alcançar e nunca mais voltei a vê-la. Meu choro copioso quando soube que se casou com um dos tais parentes que mataram meu pai; a imagem da nossa casa, de onde fugi e que foi abandonada por minha mãe depois de minha fuga e do segundo casamento; o dia que me joguei nos braços do meu tio paterno, que veio me procurar e em quem vi a figura do salvador; minha entrada na escola de Nag-Hammadi quando completei 11 anos; a mulher do meu tio, de origem núbia, e o cheiro de sua deliciosa comida ao anoitecer.

Estava quase me entregando ao sono quando percebi que entrou na barraca um pregador enorme, de voz grossa. Não esperou chegar ao centro para começar a gritar seu sermão:

— Eu os abençoo, filhos de Deus, em nome de Jesus Cristo, Senhor Salvador. Eu lhes dou a graça divina, ovelhas do Senhor, estejam próximos de Jesus Cristo, como ele é próximo de vocês. O Senhor ama vocês, portanto o amem, orem a ele antes de dormir e quando acordarem, assim dormirão nos braços de Sua misericórdia. O amor é o espírito de Deus, então amem seus irmãos, os próximos e seus filhos, e amem também seus inimigos...

Um camponês que estava perto de mim, de olhar descarado, sussurrou baixinho aos que o rodeavam, com o desdém típico das ovelhas desgarradas:

— E por acaso o senhor dele, Cirilo, ama seus irmãos judeus?

Os que ouviram riram discretamente. Um deles acrescentou:

— Claro, Cirilo os ama a ponto de matá-los e jogá-los para fora das muralhas da cidade.

O pastor de voz grossa não olhou na direção deles. Talvez nem tivesse ouvido o comentário, ou talvez ouvisse apenas o que ele mesmo tinha decorado e repetia toda noite para as pessoas. Terminou seu sermão estridente que havia me arrancado das minhas memórias mais profundas, dizendo:

— Filhos de Deus, a porta do Senhor está aberta para todos. Venham na manhã de domingo e recebam a bênção. Aceitem para que sejam aceitos pelo Senhor, e fiquem entre os apóstolos, os santos e os mártires.

Depois de derramar em nós seu discurso, saiu contente como se nos tivesse feito o Sermão da Montanha. O soldado gordo e calado que havia entrado em seu encalço o acompanhou na saída. Risos discretos e murmúrios se espalharam pela barraca; em seguida, as pessoas se engajaram em conversas triviais, passando uns para outros fatias de pão duro, queijo e peixe salgado. O ambiente da barraca cheirava a cebola. Deitei no meu canto perto da entrada da barraca, onde o fedor era menor, e entreguei-me ao dilúvio dos sonhos.

Naquela noite tive muitas visões, e nenhuma me trouxe alívio. Revirei-me durante o sono até ser acordado na alvorada pelo alarido dos que dormiam ao meu lado. Refiro-me a seus roncos e também ao barulho que vinha de fora da barraca: o choro de um recém-nascido, os gritos do vendedor de leite coalhado e o canto dos passarinhos. Desejei pegar no sono de novo, pois me aguardava um longo dia, cujo começo e fim me eram desconhecidos. Diante de mim, havia um mundo incrível, vedado a mim pelo portão da enorme cidade. Não consegui voltar a dormir; contentei-me em fechar os olhos até que a luz cobrisse a Terra e o sol de Deus brilhasse sobre os bons e os maus, como está escrito.

Saí da barraca à procura de um pouco de água para lavar o rosto, mas não a encontrei. As pessoas estavam ocupadas em iniciar mais um dia de trabalho árduo. Nas primeiras horas, como de costume, foram em direção ao portão da cidade. Surpreendi-me ao descobrir que o portão não tinha ficado fechado durante a noite. Na verdade, nunca era fechado: a parte inferior de cada uma das portas estava imersa na areia endurecida e corroída pela ferrugem, o que indicava que não eram movidas havia anos. Por que então aquelas pessoas dormiam fora das muralhas?

A corrente dos pobres me levou até o portão. Caminhavam com passos pesados, sem pressa. Entre eles caminhei, entreguei-me à corrente do rio humilde, submisso à vontade do Senhor. Os rostos eram pálidos; as roupas eram velhas, mas limpas; tinham uma euforia oculta, não denunciada pela aparência. Naquele instante, tive a certeza de que todos eles, cristãos e pagãos, eram filhos do Senhor.

Os guardas no portão observavam cuidadosamente os que entravam. Não impediram ninguém, embora seu estado de alerta insinuasse que estavam prestes a fazê-lo. A muralha da cidade era alta; nunca vi uma muralha daquela altura. Sobre ela outros guardas estavam posicionados e olhavam com preguiça para nós. O portão permitia a entrada de muita gente de uma vez. No portão havia uma porta menor, que era grande o bastante para uma só pessoa. A ferrugem nas bordas sugeria que não era aberta fazia anos. Não me lembro de ter visto um único sorriso no dia em que cruzei a Porta da Lua.

Alexandria era enorme, magnificamente espaçosa. Suas ruas engoliram facilmente o rio daqueles que entravam. Pareciam formigas vazando pela fenda de uma grande rocha. As vias eram pavimentadas com pequenas pedras cinzentas, e a maioria tinha calçadas. Naquele dia entendi o que significava “calçada”, palavra que era usada pelo sacerdote de Damieta, meu mestre em Nag-Hammadi. As ruas eram limpas, como uma noiva que se banhava toda

noite para amanhecer disposta. Os operários as lavavam toda noite, mas dormiam fora de suas muralhas. Àquela hora da manhã, não avistei muitos habitantes da cidade. Na minha terra, dizia-se que os alexandrinos eram diferentes de nós: gostavam de dormir tarde e acordar tarde.

A grandiosidade das casas e das igrejas de Alexandria não me surpreendeu, pois havia visto no Egito templos antigos que superavam aquelas construções. O que me impressionou foram a ordem e o esplendor, que estavam em todo lugar: nas ruas, nas paredes, nas fachadas das casas, nas janelas, nos pequenos jardins das entradas, nas varandas emolduradas por roseiras e plantas ornamentais. Toda a cidade era cuidadosamente construída e luxuosa, mas a beleza onipresente não me fez sentir que Alexandria era a magnífica Cidade de Deus, como a chamavam. Pareceu-me mais que era a cidade do homem.

— Ei, sulista! Este é o caminho para o estádio, você está indo para lá ou para o bairro dos egípcios?

— Não, senhor, estou indo para o mar.

— O mar está em toda parte! Volte de onde veio, depois siga à esquerda; cruze a Via Canópica e siga em frente para o norte, deixando a Igreja da Bucália à sua esquerda, e caminhe até encontrar o mar. Na verdade, o mar o encontrará!

Agradei ao guarda da casa a orientação voluntária e a segui. Por que não me deixou errar como eu desejava e como o Senhor quis? Assim eu veria o inesperado. Contam que na Igreja da Bucália, por ele mencionada e que eu cheguei a ver meses depois, estão guardados os restos mortais do apóstolo Marcos. Naquele dia, atravessei uma ponte de pedras pequenas, sobre um canal de água doce que corre do sul da cidade em direção ao norte, até desaguar no mar. Não segui o canal; preferi ir rumo ao leste pela Via Canópica, que cortava a cidade em duas partes: uma ao norte, onde moravam os ricos, e outra ao sul,

habitada pelos pobres. Os pobres de Alexandria eram mais ricos dos que os ricos da minha terra natal.

Quando o sol se posicionou no centro do céu, a vida pulsou nas ruas laterais. Havia mais gente do que eu pensava. Passei por um grupo de clérigos indo para o norte, rodeados por operários carregando pás, que repetiam: *Em nome de Jesus, o Deus verdadeiro, derrubaremos as casas dos ídolos e construiremos uma nova casa para o Senhor*. As três frases rimavam na versão grega, cujo ritmo se distinguia do seu equivalente siríaco, mas os alexandrinos não falam siríaco.

Apressei o passo, distanciando-me deles, até que apareceu a grande igreja à esquerda. Não peguei o mesmo caminho, mas tomei a direção leste na Via Canópica, que cortava a cidade inteira desde a Porta da Lua, pela qual entrei, até a Porta do Sol, localizada no leste da cidade. Atrás dela se espalhavam as casas judias pelas quais passaria ao deixar Alexandria, três anos após minha chegada e meu confinamento.

A Via Canópica era um mundo por si só. Toda pavimentada, ladeada por casas luxuosas, dela se ramificavam outras ruas nas extremidades sul e norte. Naquele dia, tudo que via ao redor era maravilhoso, exceto por uma estátua triste no meio da avenida. Semanas depois fiquei sabendo que era a estátua de um deus chamado Serápis, que o bispo anterior de Alexandria, Teófilo, havia recuperado do grande templo dos Serápicos após tê-lo destruído sobre os pagãos que nele se refugiaram. O bispo colocou a desolada estátua no meio da avenida para intimidar os pagãos ao lembrá-los do destino de seu idolatrado, eternizando assim a própria vitória e humilhando os deuses deles para sempre. A destruição do grande templo tinha ocorrido no ano em que nasci, isto é, em 117 dos Mártires, equivalente a 391 do nascimento de Cristo. Por 13 anos, a estátua foi a melhor testemunha da desgraça e extinção do paganismo! Fiquei emocionado ao vê-la; estava coberta pelo excremento das aves marítimas e

rodeada de lixo. Parecia patética com seus pés enfiados no pavimento da avenida, sem pedestal para apoiá-la.

Não olhei muito para a estátua, para não chamar a atenção dos cristãos e dos pagãos que passavam. Eu não devia ser notado por ninguém, nem por estes, nem por aqueles, nem mesmo pelos judeus que eram detestados na cidade por ambas as partes! Eram detestados pelos pagãos por sua cobiça e odiados pelos cristãos por terem traído o Salvador e o entregado aos romanos para que fosse crucificado. Crucificado... teria de fato sido crucificado?

Em uma praça no meio da via, meus pensamentos e a monotonia dos meus passos foram interrompidos pelo chamamento de um homem montado numa mula, gritando com voz estridente em grego:

— O governador Orestes chama todos os mestres e aprendizes para assistirem à palestra da Mestra de Todos os Tempos, na manhã de domingo, no grande anfiteatro.

Fiquei surpreso quando ouvi “Mestra de Todos os Tempos”; teriam os tempos uma mestre... mulher? Desconfiei inicialmente de minha compreensão da frase, apesar de as formas masculina e feminina não se confundirem em grego, distinguindo-se claramente. Depois desconfiei da sanidade do homem, embora parecesse sério. A seriedade, segundo o que fomos ensinados em Akhmim, era o oposto da insanidade.

Minhas dúvidas me levaram a abandonar a cautela, e por isso o segui. Perguntei a seu pequeno acompanhante; o menino olhou para mim surpreso e não me respondeu. O chamador havia detido a mula, apertando a barriga do animal com as pernas; enfiou a mão no alforje e dali retirou uma garrafa de gargalo longo, de cerâmica branca, da qual bebeu um gole. Aproveitei a oportunidade para perguntar:

— Senhor, onde vai ser a palestra?

— O que interessam a você as palestras, camponês? Ou estaria interessado nos doces que o governador distribui por lá?

— Não como doces, senhor. Quero saber apenas quem é a Mestra dos Tempos.

— Um camponês que não come doce, fala grego culto e desconhece Hipátia! Isto, por Serápis, é algo estranho!

O chamador foi embora, desdenhando de mim, e seguiu repetindo seu chamamento: *O governador Orestes convida mestres e aprendizes...* Desapareceu numa rua lateral e me deixou embasbacado, pensando na mulher que poderia ser a Mestra de Todos os Tempos.

Despertei para meu destino, o mar, do qual me distraí uma hora antes quando desviei o caminho. Segui então em direção ao leste, na Via Canópica, até que cheguei a uma grande rua ao norte. Eu havia passado direto pelo local descrito pelo voluntário, o guarda da casa. Apressei o passo esperando encontrar o meu destino, ou pelo menos tentar de novo. Quanto mais caminhava ao norte, mais sentia a proximidade do mar: pouco a pouco a terra foi se transformando em areia e as casas começaram a se distanciar umas das outras; suas paredes pareciam gastas, pálidas. Soube mais tarde que era o efeito do ar marítimo vindo de lugar próximo.

O cheiro do mar era forte e, quando o som das ondas alcançou meus ouvidos, tive uma sensação estranha. Tão logo o mar apareceu por entre as casas, apertei o passo, chegando à extensão de areia que ficava nos fundos das casas. Uma casa grande como um palácio, de cercas elegantes, era uma das últimas. Um guarda de idade avançada estava sentado em frente a ela, com um carneiro magro a seus pés. Passei sem olhar para ele; ele também não me notou, apenas o carneiro olhou.

Quando vi o mar cercando o promontório de areia que o atravessava, adiantei-me até me aproximar de um ponto rochoso no centro do

promontório. Depois segui pela picada arenosa desenhada entre as rochas... As rochas de Alexandria são pontiagudas e duras, em nada comparadas às pedras lisas e ovais que o Nilo carrega desde os céus e que vêm descansar em suas margens, na minha terra natal! Naquele dia o mar me pareceu infinito, apesar de tê-lo visto pequeno e delimitado nos desenhos dos livros de geografia. Afastei-me dos rochedos até que senti a areia se estender sob meus pés e o mar me cercar por três lados; larguei meu alforje, cujo peso parecia aumentar conforme o tempo que eu o carregava, perto do local onde a espuma das ondas se desfazia e, com muito cuidado, aproximei-me até que a água do mar tocou meus pés. A vastidão me espantou e quase desmaiei, aterrorizado pela imensidão das águas. Abri os braços como se quisesse voar e enchi meu peito com o ar que vinha carregado pelas ondas. A sensação das águas tocando meus calcanhares e a delicadeza com que as ondas quebravam em minhas pernas me encheram de alegria.

O mar. As gigantescas águas onde a existência começou. Para além desse mar havia terras e, atrás delas, um mar maior que circundava o mundo. Lembrando agora aquele momento vivido há vinte anos, posso sentir as gotículas tocando meu rosto e o deslumbre que me fez estacionar naquela praia feito uma estátua antiga.

O cheiro do mar e suas águas salgadas eram estranhos para mim. Naquele momento senti vontade de flutuar ali, como fazia nas águas do Nilo quando pequeno. Eu sabia pelos livros que naquele mar não havia crocodilos nem hipopótamos, e que nas suas praias tampouco viviam os lagartões,* mas estava receoso do que aquele enorme mar podia me reservar de perigos.

Olhei para todos os lados e não avistei ninguém. Agachei, enchi as mãos em concha e lavei o rosto com aquela água salgada. Meu receio diminuiu; avancei vacilante, e a água chegou até os joelhos. Senti algo nunca antes experimentado: não havia barro nem viscosidade no fundo do mar. A areia era

contínua e, sobre ela, as ondas se sucediam. As ondas me chacoalharam e despertaram em mim sentidos esquecidos. Fechei os olhos e me entreguei ao balanço das ondas, gentil e provocante. Uma quase me derrubou; ri em voz alta como não fazia havia anos e como não voltaria a fazer durante muito tempo. Voltei correndo para a praia, amarrei meu alforje numa rocha que despontava da areia, larguei sobre ele minha túnica triste e corri em direção às águas. Meu Deus! Meu coração batia feliz.

Boiar nas águas do mar era fácil. A água me carregava, não havia correnteza que me puxasse como o Nilo fazia comigo na infância. A água do Nilo é doce e barrenta; o mar é salgado e pode-se ver seu fundo arenoso. De pé, com as águas chegando ao peito e tocando meus ombros, ainda conseguia ver meus pés, a areia e o cascalho que dormia no fundo. Quando se entra no Nilo, o barro do fundo se levanta e turva as águas, e nas águas turvas podem se esconder os crocodilos. No mar, não; nele não havia perigos que ameaçassem os que flutuam, nem que dissipassem a alegria de sua volta provisória à água original, de onde começou o mundo.

Como a superfície da água me fazia boiar sem grande esforço da minha parte, minha vista se perdeu no céu e no horizonte estendido ao meu redor. A oeste avistei muitos barcos, distantes; a leste havia gaivotas voando ao longo da praia. Eram muitas e seu voo era lindo. Seriam elas as aves que vinham todo ano para a montanha da qual o homem me contou?

Senti-me cheio de júbilo na superfície daquelas águas. Sobre a superfície borbulhante, uma pulsação de calor interior afastava a frieza do meu coração e sossegava o tremor em minhas extremidades, e, quando o mar me carregou, senti-me como um feto saindo de um útero enorme. Tive sensações estranhas e fui tomado pelo desejo de me tocar e me acariciar; senti o formigamento do desejo. Eu, que nunca havia conhecido uma mulher nem pretendia conhecer, pensei naquele momento de prazer e passou pela minha cabeça que o mar era

uma mulher alegre, que agradava aos homens flutuantes sem que um pecado pudesse lhes ser atribuído ou pelo qual pudessem ser responsabilizados. O mar é uma misericórdia de Deus para os desfavorecidos. Glória a Ti, misericordiosíssimo!

Deixei-me suspenso na água pura, de costas e com os braços abertos. Fazia isso no Nilo quando era criança; depois passei a fazer isso na minha cela... e ficava sereno! Deitava no chão, abria os braços e passeava nos céus da minha imaginação. Contudo, aquela primeira vez no Mar de Alexandria foi diferente. A água do mar me suportava mais do que o Nilo, eu era mais leve e os raios do sol brilhavam nos pontos em que meu corpo flutuante encontrava a superfície das ondas. A luz refletia sobre meu corpo nu, traçando desenhos sobre minha pele morena e dando a ela um raro esplendor. Foi a primeira vez que considerei meu corpo bonito e minha morenidade agradável. O mar mostra o que o rio não consegue das maravilhas da obra divina no universo e nos nossos corpos.

Sobre as águas, lembrei-me despreocupado de quando me deitava na colina onde ficava a casa em que nasci e as pombas pousavam perto de mim. Quando o sol começou a se preparar para se pôr, senti fome e a praia me pareceu distante. Avistei perto dos meus pertencentes alguém acenando com os braços; fiquei preocupado e receoso. Comecei a bater os braços e as pernas para voltar o mais rápido possível até minhas roupas. Após instantes que me pareceram séculos, percebi que não estava me aproximando da praia; aumentei meu debater contra a água, mas não chegava mais perto do meu destino. Senti-me fatigado de repente e meu braço esquerdo se retesou; boiei para descansar um pouco, mas me apavorei quando percebi que a água me puxava para o mar aberto. Voltei a nadar, cansado, mas a água me puxava com mais força do que dispunham meus braços assustados... compreendi então que o mar era traiçoeiro.

A pessoa que estava na praia parou de acenar, e as ondas que ficaram entre nós me impediam de enxergá-la. Estava exausto e o mar não tinha dó. Quando tive certeza de que estava me afogando, gritei involuntariamente; depois guardei meus gritos para preservar alguma energia para tentar voltar. A dor tomou conta do meu braço esquerdo, mas continuei a nadar. Gritei dentro de mim: *Jesus Cristo, esteja comigo agora e devotarei ao Senhor toda a minha vida*. Debati-me muito, pensei amargamente na situação em que me havia colocado. Depois de muito bater os braços, lutando contra a água que me puxava para trás, percebi que estava conseguindo me aproximar da praia. Apesar de minha respiração ofegante, eu estava satisfeito em sobreviver. Quando cheguei ao ponto próximo da praia onde as ondas se quebravam, meus pés tocaram o chão e agradei a Deus, com o coração comovido.

Fui cambaleando até meus pertences e, quando notei que não havia ninguém além de mim na praia, pensei por um segundo que quem havia acenado para mim alertando-me do perigo de afogamento não era um humano, mas um anjo enviado por Deus lá dos céus para me salvar da incursão em minhas tentações. Disse a mim mesmo que o Pai que está nos céus tem piedade de nós, que seus mistérios são infinitos e que nunca mais chegaria perto do mar.

Um riso delicado chegou-me de trás dos rochedos. Levantei de onde havia deitado no chão e olhei assustado na direção de onde vinha a voz; vi uma mulher branca com um vestido alexandrino que deixava o colo e os braços descobertos. A mulher cambaleou para a frente, como se também tivesse acabado de se salvar do afogamento num mar caprichoso.

— Você é um nadador hábil, e sortudo também.

— Quem é a senhora?

— Senhora! — Ela riu. — Sou Otávia, empregada do cavalheiro siciliano, o mercador de seda.

Olhei para ela com olhos embaçados, como se estivesse num sonho, ou como se tivesse morrido e ressuscitado em outra época. Mirei ao redor; as gaivotas ainda voavam e as casas distantes continuavam no mesmo lugar. Uma brisa fria me envolveu e me despertou. O que teria trazido para cá esta empregada que não se parecia nada com as outras empregadas? Não consegui pensar numa resposta; perguntei a ela hesitantemente e ela respondeu, sem vacilo:

— Poseidon, o deus do mar, me mandou. Sou uma de suas sereias. — Ela riu novamente.

— Por favor, não brinque comigo.

— Não fique zangado, sulista. Vou lhe contar tudo.

Disse que se chamava Otávia e que costumava ir àquele lugar nos dias em que seu senhor viajava a trabalho, levando os demais empregados. Só restavam na casa ela e o guarda que se sentava à porta. Disse que preferia ir até lá para contar seus problemas ao mar, porque o mar guarda os segredos. Contou-me, enquanto olhava para as ondas, que aquela praia não era frequentada, por causa das rochas e pelo perigo oferecido por redemoinhos próximos da praia.

— Ah, então agora sei o que aconteceu comigo. Mas como soube que sou sulista?

— Pelo seu sotaque. Sei também que está com fome, pelo tempo que ficou no mar. Venha comer algo.

Naquele momento eu não soube o que lhe dizer. Estava morto de fome e de vergonha. Ela fez a gentileza de ignorar meu acanhamento, falando comigo num misto de decisão e meiguice que nunca havia ouvido antes.

— Pegue suas coisas e venha comigo.

Caminhou até uma abertura grande entre os rochedos, enquanto eu permaneci boquiaberto no meu lugar, observando seu andar sensual. Tinha seus 40 anos, 30, talvez. Seu corpo tendia um pouco a rechonchudo e parecia

bastante macio, e ela ondulava em seu andar como a fumaça de um incenso. Pergunto-me se ela intencionava me seduzir naquele dia, ou se aquela era a natureza das mulheres alexandrinas.

Agora vou parar de escrever. As memórias congestionam-se dentro de mim; minha cabeça e mão pesam. Vou me contentar com o que escrevi e retomar a escrita na alvorada, caso acorde. Em todo caso, este pergaminho já está cheio; amanhã começarei um novo, sobre o qual me entregarei a outro redemoinho incessante de recordações.

Nota:

* Um tipo de réptil grande que antigamente vivia nas margens do Nilo, raro hoje em dia.

O QUARTO PERGAMINHO

As tentações de Otávia (1)

Sempre gostei das coisas que só acontecem dentro de mim. Acho reconfortante tecer fatos na minha imaginação, vivendo seus detalhes por um tempo e dando-lhes um fim quando eu quiser. Era este meu jeito de me resguardar do pecado e permanecer seguro. Mas o que ocorreu na praia rochosa no leste de Alexandria foi diferente. Era real e me deixou insone por longo tempo.

O ar já estava frio quando saí do mar após sobreviver às traiçoeiras correntezas. Estava sozinho com a mulher chamada Otávia. A situação estava fora do meu controle. Ela organizou tudo porque, como viria a me contar três dias depois, estava esperando que se realizasse uma profecia feita para ela por uma velha sacerdotisa do templo destruído. Contarei a história do que aconteceu entre nós.

Quando Otávia me deixou perto das minhas roupas e caminhou sinuosamente em direção à abertura na rocha, fiquei paralisado, com os olhos pregados nela. Antes que seu traseiro alto e bem-formado desaparecesse atrás das pedras, ela me lançou um olhar que mexeu com minha cabeça e apontou com a mão esquerda para meu baixo-ventre, dizendo sorridente:

— Vai ficar parado assim para sempre? Vista sua túnica para cobrir seu estado e me siga, depressa. Vamos...

Fiquei constrangido quando notei que meu demônio estava ereto por baixo do calção encharcado de água salgada. Voltei-me rapidamente para meus

pertences, catei a túnica e joguei-a por cima de mim. Recolhi meu alforje e andei para a pequena caverna próxima onde ela havia desaparecido de minha vista espantada. Quis me desculpar por tudo, agradecer e pedir licença e ir para longe, arrastando minha desilusão e indecência atrás de mim como um rabo.

Parei diante dela, encabulado, na entrada da pequena caverna rochosa em cujo centro ela estava sentada. Retirava objetos de um pequeno cesto, daqueles que os camponeses costumam fazer para seus senhores com tiras de folha de palmeira. De onde eu estava e do jeito como ela estava sentada, podia ver a firmeza de seus seios. Até então eu havia visto os seios das mulheres que amamentavam seus filhos, mas o que vi naquele dia era diferente. Deus tinha criado os seios das mulheres para amamentar, então por que razão teria criado estes dois?

Otávia estava ocupada: estendeu no chão um lençol grande e prendeu os quatro cantos com conchas recolhidas por ela da caverna. Depois começou a arrumar sobre o lençol as comidas: ovos cozidos, pão de trigo branco, queijo branco, outro queijo ainda mais branco, água ou vinho numa garrafa de cerâmica branca. Tudo sobre o grande lençol branco era branco. Seu vestido diáfano também era branco, seus amplos seios, brancos, sua pele inteira, branca; até meu espanto era branco.

— Sente-se aqui.

Sentei-me, submisso e enfeitiçado. Entreguei-me a ela e ela induziu em mim um delicioso torpor. Fez comigo o que ninguém tinha feito antes, nem mesmo quando eu era criança, nem viria a fazer depois. Ela começou a me dar comida na boca e sorria para mim até que eu engolisse cada pedaço, logo me dava mais um. No início relutei, mas depois gostei e comi pela mão dela, contente feito um bebê no seio.

Comi tanto que pensei que nunca mais sentiria fome. Quando fechei a boca para recusar a última bocada, ela insistiu até que a abri de novo. Estendeu a

mão direita com delicadeza até a garrafa, e a esquerda, com amabilidade cativante, pousou em meu ombro esquerdo e fez com que eu me inclinasse gentilmente para seu peito.

Fiquei atônito e gritei, assustado:

— O que está fazendo?

— Vou lhe servir um vinho alexandrino, do meu jeito.

O seu jeito era apoiar minha face direita sobre seu seio esquerdo até grudar o rosto delicadamente no seu peito cheio. Resisti um pouco, mas depois me rendi. Perto dela não senti o perigo do pecado, mas sim que me afogava nela, esquecendo todo o resto. Quando seu braço esquerdo envolveu meu ombro, senti que ela havia me envolvido para sempre e que minha existência tinha se esvaído até desaparecer em seu colo quente. Com a mão direita, aproximou o gargalo da garrafa de minha boca, vertendo na minha alma goles de seu vinho divino. Nunca tinha experimentado um vinho igual e, desde aqueles dias na companhia de Otávia, nunca mais tomei vinho algum. Quando me senti saciado, fechei os olhos e senti o torpor se infiltrando em meu espírito e me enlevando ao sétimo céu. Só abri os olhos quando ela disse:

— Tome mais, meu amado, o vinho faz bem.

— “Amado”? O que está dizendo?

— Não pergunte, nem discuta com as sereias do mar. Feche os olhos para que me sinta mais.

O sol se preparava para o crepúsculo. Nada se escutava ao nosso redor além do barulho das ondas. Fechei os olhos a contragosto; não pude resistir a sua avassaladora presença alexandrina. Pareceu-me que tinha razão, pois, quando fechei os olhos sobre seu peito, eu a senti mais, e quando ela passou a mão carinhosa sobre meu pescoço, entrei em transe. Ela começou a acariciar minhas omoplatas e a correr os dedos em meu peito magro e seco. Senti sua mão esquerda apertando minha carne e sua respiração perfumada e seus suspiros

roçavam meu rosto. Sua mão direita abriu caminho para dentro da minha ceroula, molhada de água salgada e do sêmen que me havia escapado. Sua mão mergulhava, explorando meu território, e eu me rendi por completo desde os dedos dos pés até as partes de meu corpo envolvidas em seu abraço. Quando ela tocou com sua palma da mão meu joelho direito e me apertou com força contra si, perdi-me totalmente. Eu era Adão prestes a sair do Jardim do Éden, prestes a entrar no Paraíso para comer de novo da árvore. Movido por esse desejo proibido, repleto de atração mágica, quase a tomei ali mesmo.

— Devagar, querido. Seu corpo está molhado com a água do mar. Seu corpo, meu amor, é seco como as árvores do outono. Ah, como eu gosto da secura desta árvore!

Naquele momento, eu não era mais eu. Senti que o firmamento havia parado de girar e que o distante Nilo não corria mais, que a Terra ficou desabitada e que os anjos sumiram dos céus. Ejaculei inadvertidamente, e ela riu. Quis abraçá-la, mas ela não permitiu, tirando facilmente minha mão de seu ombro e a levando até sua boca, beijando meus dedos. Ela se demorou no beijo, e quando senti sua língua tocando meus dedos, quase desfaleci.

— O sol se pôs, meu amor; vai fazer frio. Venha comigo para casa, fica perto e não há ninguém lá além do bom guarda.

Sentei com o corpo ereto. Num movimento enérgico, ela catou tudo o que havia distribuído no chão e guardou dentro de seu cesto: o lençol branco, a garrafa de vinho vazia, as pulseiras de prata que ela havia retirado enquanto me dava comida na boca. Quando ela se levantou como um carvalho frondoso, e eu, como uma palmeira seca, disseme num sussurro — desnecessário, uma vez que estávamos a sós — para segui-la de perto até que ela conseguisse distrair o guarda da porta.

Caminhei a pouca distância dela. Vi quando disse algo ao guarda idoso, que prontamente sumiu atrás das casas silenciosas, seguido pelo carneiro magro que

me olhava como um cão. Aproximei-me da casa grande e ela estava à porta me esperando, sorrindo. O quarto do guarda ficava junto aos muros externos; atrás desse muro havia um grande jardim, no centro de onde se encontrava uma construção de dois andares erguida sobre colunas fortes. Ela fechou cuidadosamente atrás de nós o portão do elegante jardim, cheio de flores e arbustos coloridos, cujas cores ganhavam mais esplendor com o poente. Olhei em volta e me perguntei: seria o Paraíso mais belo que este lugar?

Eu me sentia num sonho maravilhoso, do qual não queria acordar. Otávia abriu a porta da casa com uma chave de cobre que retirou de seu cesto e me pediu para entrar. Ó reino dos céus!

— Que luxo é este? — perguntei-lhe, sussurrando. Ela sorriu e puxou meu braço até seu peito. Segurou-me a mão numa das suas e na outra carregou um lampião aceso que não soltava fumaça. No caminho do salão até o andar de cima, vi a beleza espalhada em todo lugar. A cada passo de Otávia, meus olhos encontravam um nicho de mármore ornamentado, uma estátua maravilhosa de um dos falsos deuses pagãos, ou cobertas de seda fina habilmente bordadas. A escada que ligava os dois andares era toda de mármore branco; cada um dos degraus entalhado em desenhos variados, com ornamentos em mármore colorido incrustados na base branca. Cada degrau tinha um motivo diferente dos demais. Quanto dinheiro, tempo, esforço, arte e técnica foram empregados para fazer esta escada! Nem mesmo os maravilhosos templos em toda a extensão do vale do Nilo, construídos pelos longevos* antepassados, demonstravam tamanha precisão e perícia. Pensei naquele momento: “Será que nossa religião dará às futuras gerações belezas semelhantes a estas, deixadas pelos tempos pagãos?” Essa dúvida ainda paira em minha cabeça, mesmo após todos esses anos, e continua sem resposta. Ai de você, Otávia, de suas tentações e de seu tempo que já se foi!

Acendeu outro lampião, cuja luz, somada ao que ela carregava, iluminou a ponta da escada. Olhei para trás e notei, no piso do salão abaixo de nós, uma imagem desenhada em ladrilhos de mosaico. Naquela noite não consegui decifrá-lo, mas na manhã seguinte pude constatar que era a imagem de um cão. Estranhei o fato, mas Otávia me explicou a história por trás daquilo:

— Esse cão triste desenhado com lascas de mármore dentro do grande círculo, onde aparece também um jarro de leite derramado, era o cão do senhor siciliano; ele quis immortalizar seu fiel companheiro, que estava morrendo de uma doença. Então, contratou talentosos artistas para que retratassem o animal no átrio do térreo diante da escada, de forma que pudesse vê-lo todos os dias ao descer do andar superior.

No andar superior ficava o quarto de dormir. Quando o vi, perguntei a Otávia: “Se este é o quarto de um mercador, como seriam então os quartos dos reis?” Ela respondeu dizendo que seu mestre era de uma riqueza obscena e que, se eu quisesse, podia dormir na cama dele; recusei, evidentemente.

Naquele momento, minha cabeça estava ocupada com esse mercador siciliano. Mais tarde, soube que não era exatamente siciliano, e sim que seu pai havia vindo da Sicília para Alexandria quando pequeno, junto com a família. De início me pareceu um demente, mesmo sendo um homem rico, amante das artes e fiel a seu cão morto! Era estranho aquele homem; a esposa, que havia morrido anos antes do cão, tinha sido immortalizada apenas por uma pequena estátua em seu enorme aposento, mas o cão de olhar triste era perpetuado com aquele formidável mosaico! No dia seguinte, Otávia me disse que o dono da casa chorou por meses toda vez que passava sobre o cão desenhado no chão. Chorou por meses por um cão! Fiquei admirado com a estranheza daquele novo mundo e me lembrei da minha terra natal, onde os cães eram miseráveis como as pessoas.

Passei três noites seguidas na companhia de Otávia no terraço da mansão, durante as quais não fomos notados por ninguém além de nós. Não decidi nada. Desde a primeira noite, foi ela quem me levou do andar superior até onde ficavam seus aposentos no terraço acima daquele andar; guiou-me para lá com passos firmes. Após subirmos a magnífica escada, seguimos por uma menor que dava em seu aposento amplo e agradável, construído com zelo no topo da mansão. O terraço em torno do cômodo era coberto de azulejos de mármore e cercado por um muro bem-feito, com colunas baixas na forma de belas mulheres nuas, carregando entre elas uma longa mesa de mármore, onde se esculpiram várias frutas. Dos vãos igualmente espaçados entre as estátuas nuas, via-se o mar e o céu flutuando sobre ele. Quis me aproximar mais do muro para ver aquela magnífica paisagem mais de perto, mas Otávia me alertou que eu poderia ser visto pelo guarda da casa, que não sabia da minha presença.

Quando entramos no quarto dela, Otávia acendeu um lampião metálico que propagou sua iluminação por todo o aposento, e, com um beijo súbito, acendeu também as chamas dentro de mim. Até então eu conhecia a palavra “beijo” sem saber do que se tratava. Otávia me abraçou e disse, num tom suave, que sentia em mim o cheiro do mar que ela adorava. Depois pediu que eu esperasse e caminhou balançando os quadris até o muro. Chamou o guarda e lhe disse algo que não entendi; então voltou tranquila, sorrindo para mim, e me guiou até o lavatório próximo ao seu quarto. Era um cômodo pequeno: no centro havia uma tina de mármore parecida com os sarcófagos de granito cinza que abundavam nas grutas da minha terra natal, exceto que aquela tina era de mármore branco, tinha pés curtos e exibia em seu exterior imagens esculpidas de lutadores.

Rindo, Otávia me empurrou em direção à tina. Aproximei-me timidamente. Ela levantou minha túnica e eu não a impedi, depois me fez

sentar nu no centro da tina e começou a verter água doce no meu corpo trêmulo. Entreguei-me a ela, encantado por tudo que me rodeava. Ela derramou na tina um óleo aromático de um frasco que havia apanhado numa prateleira próxima; pegou água com as mãos em concha e começou a esfregar meu cabelo. Em seguida deixou-me, para que eu terminasse de me banhar sozinho. Quando terminei, levantei-me da tina de mármore com cautela para não escorregar, porém sem medo da minha queda no abismo que se aproximava. Vesti a túnica larga e curta que Otávia tinha me entregado quando entrei.

Quando saí, encontrei-a num vestido diferente daquele branco que havia usado antes. Este me parecia ainda mais branco e mais ousado sob o luar. Na porta do banheiro, Otávia se aproximou de mim e me abraçou por um longo tempo, com um amor puro e sem a mácula do desejo. Suspirou, e meu peito tocou o calor de seu colo. Depois me largou para estender no chão do terraço um tapete que não era oriental, tampouco ocidental; não era parecido com nada que eu tivesse visto antes. Era mais decorado que outras tapeçarias, maior, de toque mais suave e coloração mais bonita. Suas pontas mosqueadas foram os limites de nosso mundo ao longo daquela noite, até sermos removidos dela pelos raios do sol da manhã.

Otávia havia trazido de seu quarto tudo que pudéssemos precisar: uma jarra d'água, uma travessa de prata com frutas, duas almofadas e uma coberta colorida de lã macia. Envolveu-me com seu perfume quando se sentou próxima a mim, cochichando que era importante baixarmos a voz para que não fôssemos ouvidos pelo bom guarda da casa, que fica alerta com seu carneiro do lado de fora da muralha. Deitou-se confortavelmente, sorrindo para a lua distante. Eu estava prestes a abandonar minha costumeira hesitação e esticar minha mão para tocar seus seios, mas ela me pediu que fosse paciente, oferecendo-me a travessa de frutas. Estas não me eram familiares, e eu jamais

havia saboreado algo tão doce. Ela me perguntou sobre as frutas da minha terra e riu discretamente quando lhe respondi “limão, *dum* e tâmaras”.

Aproximei-me dela sem tocá-la. Ela se deitou novamente de costas e me fez deitar ao lado dela. As estrelas eram parecidas com as da minha terra e o céu também, mas a Terra era diferente, e eu também.

Otávia começou a acariciar meus dedos e, quando olhei para ela, vi uma lágrima escorrer; não tinha chegado a sua orelha ainda. Enxuguei-lhe a lágrima com minha mão esquerda e perguntei:

— Por que está chorando?

Respondeu secamente que era uma longa história, depois afastou dos olhos o que restava de lágrimas e virou o corpo para mim, apoiando a cabeça na mão esquerda e pousando o braço direito sobre meu peito. Disse que queria ficar olhando para mim demoradamente, porque havia me esperado por muito tempo. Não entendi o que ela quis dizer e, quando pedi esclarecimento, ela respondeu:

— Amanhã de manhã lhe contarei tudo, mas agora me deixe contemplá-lo como um sonho sob a luz do luar.

— Não estou entendendo nada. O que quer de mim?

— Não é importante entender agora, o importante é sentir! Diga-me, meu amor, quantos anos você tem?

— Vinte e três ou 24 anos.

— Pensei que tivéssemos a mesma idade. Então sou cinco anos mais velha que você, mas você é mais alto e mais belo do que eu. Chegue mais perto.

Com a palma da mão direita que repousava em meu peito virou meu rosto, aproximou-se e me deu um beijo sedoso. Satisfazia seu desejo, mas não o meu, pois minha excitação já se encontrava em chamas, e suas tentações provocantes haviam acendido aquele fogo dentro de mim; mas preferi me acalmar, pois

senti um quê de inquietação se infiltrando em meu âmago. Perguntou-me se eu a achava bonita; respondi impetuosamente que era a mais bela das mulheres.

— Conheceu muitas mulheres?

— Não, você é a primeira mulher que me toca. Quero dizer que você é a mulher mais bela que já vi na vida, acredite.

— Nunca vou acreditar em você, nunca. Vamos, conte-me das mulheres de sua distante terra do sul.

— São secas como eu, e tristes. Você é muito diferente. Você é mais bonita e mais delicada. Você é uma exceção entre as mulheres.

— Ah, como você é eloquente...

Suas palavras me animaram, então sentei-me mais ereto para poder olhá-la de frente. Contei-lhe, orgulhoso, que sabia de cor os poemas de Homero e Píndaro e que havia lido todos os trabalhos de Ésquilo e Sófocles.

— Você é instruído! Veio a Alexandria em busca de emprego?

— Não, vim para terminar o estudo da medicina.

A palavra “medicina” teve sobre ela um impacto mágico. Ergueu as sobrancelhas; seu rosto iluminou-se num sorriso que mostrou seus dentes branquíssimos. O luar lhe conferiu ainda mais brancura e brilho. Virou o rosto, ou melhor, o corpo todo, para mim, e me fez deitar novamente, lançando-se sobre mim cheia de paixão. Até então eu havia pensado que, quando um homem estava a sós com uma mulher, ele a montava, mas naquela ocasião foi ela quem montou em mim. Não posso escrever o que aconteceu entre nós em nossa primeira noite. Foi repleta dos desejos proibidos que fizeram Adão cair do Paraíso. Será que Deus expulsou Adão porque este O desobedeceu? Ou porque, quando Adão conheceu a feminilidade de Eva, teve ciência de sua própria masculinidade e de que era diferente de Deus, apesar de ter sido criado à Sua imagem?

De manhã, fomos incomodados pelo sol, que nos obrigou a entrar no aposento. Lá, fiquei sabendo por ela que era viúva de um homem pobre que tinha trabalhado com ela naquela casa luxuosa. Impediu-me de chamar a casa onde ela morava de palácio; disse, gentil e triste:

— Você não viu os palácios que havia no Bruchion.

Referia-se ao Bairro Real de Alexandria. Fiquei imaginando e fantasiando sobre os palácios que não vi e que nunca verei. Naquele momento estava sentado na cama dela, e ela estava novamente em cima de mim. Perguntou de novo sobre minha idade e quando eu disse 23, comentou rapidamente que embora fosse cinco anos mais velha, não era a diferença de idade o que importava entre nós. Afirmou que as mulheres que amavam homens mais novos fizeram deles os mais felizes do mundo, e que faria de mim o mais feliz dentre os felizes.

Com a intenção de contrariá-la totalmente, disse a ela que Cleópatra, quando amou Marco Antônio, não fez dele um homem feliz; ao contrário, tornou-o um suicida que largou a família e os amigos, divorciando-se de sua esposa, mãe de seus filhos. E acrescentei, olhando bem no fundo de seus olhos surpresos:

— O nome da esposa era Otávia, igual ao seu, e ela era a irmã do governador de Roma, Otávio, seu velho amigo. Marco Antônio se rebelou contra ele, e os dois se tornaram inimigos após terem vivido como irmãos.

Interrompeu-me com as faces ruborizadas de raiva:

— Pare com essas histórias antigas e acredite no que estou dizendo, farei de você o homem mais feliz do mundo.

— Como? Ou melhor, por quê?

— Você pergunta muito. Vou deixá-lo um pouco agora. Fique aqui. Quando eu voltar, conto tudo.

Deixou-me imerso em confusão, pensando que as coisas haviam tomado um rumo estranho. Um dia antes, a maré quase tinha me arrastado para o traiçoeiro alto-mar, e agora essa mulher encantadora me leva não sei para onde. Peguei no sono; ao despertar, percebi que ela havia voltado trazendo comida. Identifiquei o que era pelo cheiro, e disse:

— Não como peixe, Otávia.

— Tudo bem, comeremos outra coisa. Vou dar o peixe para o guarda e trago queijo e uvas para nós.

Não respondi, nem ela esperava resposta. Saiu e logo regressou com o semblante sério, algo que não vi no dia anterior; mas, como da primeira vez, foi me alimentando com a mão. Eu não estava com fome, e ela só comeu um pouco. Tirou os pratos que estavam entre nós e sentou-se com amabilidade perto de mim, sorrindo diante de meu espanto e expectativa. Então, começou a contar histórias.

Ainda me lembro do seu jeito de sentar e de seus gestos enquanto falava. Aliás, ainda me lembro de suas palavras exatas:

— Após a morte do meu marido, quis me entregar para os deuses e servir num dos templos que ainda restavam na cidade. O mestre siciliano não concordou; ele gosta de mim como se eu fosse sua filha, e foi quem me ensinou a ler quando eu tinha 10 anos.

— E por que a proibiu de servir no templo?

— Disseme que atualmente os deuses não precisam de quem os sirva, mas de quem chore por eles. E acrescentou: “Fique de luto por algum tempo, minha filha. O luto é uma condição humana. Com o tempo, sua tristeza irá se dissipar, como todas as condições humanas, e eventualmente encontrará outro marido.”

Entendi que o tal siciliano não acreditava numa religião particular, mas que todas as religiões e deuses eram bons, contanto que elevem o ser humano.

Otília pôs a cabeça em meu ombro e sussurrou que seu senhor sempre afirmava que Deus aparece para o homem em cada lugar e em cada tempo de forma diferente, e que aquela era a natureza da divindade.

— Uma opinião estranha.

— Vamos parar de falar dele agora. Deixe-me continuar.

Seu rosto estava completamente sério, mas ela continuava bela. Apoiou as costas na parede junto à cama e narrou como os dias se passaram pesados quando se tornou viúva, principalmente porque o siciliano, que enchia a casa com sua presença, partiu em sua viagem comercial anual, que duraria meses, poucos dias após a morte de seu marido. O siciliano fazia duas viagens anuais: uma breve, de um mês, a Antioquia; e a outra, por três ou quatro meses, durante os quais seus navios passavam pelas cinco cidades líbias da Pentápole ocidental, depois navegavam para o norte, onde ancoravam por uma semana em Constantinopla, e depois para Pérgamo, Chipre e Sicília antes de voltar para Alexandria. Ele tinha 60 anos e era dono de três navios. Não tinha família nem herdeiros. Toda vez dizia a ela que aquela podia ser sua última viagem e que, se ele morresse no mar, deixaria para ela a casa, com uma condição: não expulsar o guarda. Teria deixado para ela uma soma de dinheiro em algum lugar secreto na casa, que apenas ela poderia encontrar. Ela me disse que todas as vezes desejava seu regresso, e que não tinha ambição de possuir a casa nem o dinheiro escondido. Ela acreditava nos antigos deuses, principalmente em Poseidon, o deus do mar, de quem falava com muito respeito.

As sombras da tarde estavam se espalhando, então ela se levantou para acender o lampião e voltou para se aconchegar no meu colo, continuando sua narração:

— Quando os seguidores do bispo cristão Teófilo destruíram o que tinha sobrado do Grande Templo situado no lado oeste da Ilha de Faros, onde fica o cais, todos os sacerdotes fugiram e se espalharam pelo país. Uma sacerdotisa

anciã se refugiou em nossa casa, sabendo de antemão da minha devoção a Poseidon e de minhas contínuas súplicas a ele para proteger os navios de meu senhor siciliano. A sacerdotisa viveu as últimas semanas de sua vida comigo, na minha humilde casa aqui no terraço. Passava a maior parte do tempo neste muro, olhando o mar. Alguns dias antes de sua morte, chamou-me para o quarto e, com sua voz cheia da sinceridade das sacerdotisas, disse-me: “Otávia, não fique triste, o deus Poseidon vai lhe enviar do mar um homem a quem amará e ele a você, que enxugará suas lágrimas e encherá seus dias de alegria. Ele chegará após dois sinais.”

Quando Otávia indagou sobre os dois sinais, a sacerdotisa lhe disse que eram sinais de marcha do tempo: dois dias, duas semanas, dois meses ou dois anos. A sacerdotisa morreu e os dias de Otávia seguiram lentos, até que dois anos se passaram e ela começou a duvidar da profecia. Quando me viu afogando e depois a salvo, parado diante dela, despido, exceto por meu calção molhado e com destino desconhecido, teve a certeza de que a profecia era verdadeira. Sorriu diante da lembrança, tomada por uma misteriosa alegria, e acrescentou:

— Ao longo dos dois últimos anos, eu achava que o homem que viria do mar seria um marinheiro chegando num barco, mas você chegou carregado nas asas e nas ondas do grande deus.

— Por isso me chamou de “meu amado” desde que me viu?

— Sim, porque me apaixonei por você dois anos inteiros antes de encontrá-lo, ou talvez até mais.

Eu não soube naquela hora o que dizer a ela. Dei-lhe um abraço preguiçoso e ela se acomodou no meu colo até que dormiu feito uma criança, deixando-me na tormenta das dúvidas e dos pensamentos. Perguntei a mim mesmo: o que farei com esta mulher branca que agora dorme no meu peito e cujas pernas nuas me fazem ter ideias tão estranhas, aliás, me ensandecem? Desistirei de

tudo que desejei nos últimos anos para ficar em sua cama pelo resto da vida? Seu amor generoso compensará o abandono de meu grande sonho, o de sobressair na medicina e na teologia? Quando o marido dela morreu, eu era um adolescente em Nag-Hammadi e pensava em me casar com uma moça núbia como tinha feito meu tio, em cuja casa eu morava. Raramente os núbios casam suas filhas com não núbios. Meu avô paterno chegou à terra deles vindo do centro do vale, viveu com eles e morreu entre eles após ter se transformado num deles. Meu pai e meu tio nasceram lá. Meu tio casou-se com uma delas, e meu pai escolheu uma esposa dos vilarejos do Delta que depois viria a ser minha mãe.

Aos 18 anos, ficava excitado vendo os pássaros e os animais de fazenda acasalando. Meu tio levantou a possibilidade de eu me casar com uma moça núbia, uma vez que ele era benquisto entre o povo de lá; poderia ter arranjado as coisas se tivesse se entusiasmado com a ideia, mas, por uma sabedoria que não consegui entender, aconselhou-me a terminar os estudos de medicina e de teologia. Meu tio era um bom cristão e estava muito doente. Foi ele quem me inscreveu na igreja de Nag--Hammadi e na escola e na igreja de Akhmim. Já deve ter morrido, a essa altura. Teria ele desejado que me transformasse em monge para apagar do meu coração a lembrança do que fizeram os matadores do meu pai? Assassinaram meu pai, e um dos bandidos se casou com minha mãe! Como se apagam as memórias? Minha mãe... como aceitou se casar com um dos assassinos? Meu pai era um homem bom, nunca o vi gritando ou batendo nela. Costumava me levar para pescar no Nilo, nas rochas ovais; acreditava-se que elas eram ovos divinos sagrados que descera as águas do rio para proteger os que pisam nelas do ataque dos crocodilos, que também eram sagrados. Eu me alegrava vendo os peixes capturados na rede, e ele se alegrava com minha alegria. Por que o mataram com aquela brutalidade? Ó Jesus Cristo, sinto a dor no coração da Virgem e a angústia dela por você. Sinto a

profunda aflição dela quando lhe pregaram os pés e as mãos e o suspenderam na cruz. Estou como você, suspenso na cruz das memórias e tomado pela agonia da perda.

— Está chorando, meu amor? Deixei-o triste com minha história.

— Não, Otávia, volte a dormir. Choro pela miséria deste mundo e seus horrores.

— Fique calmo, meu amor, não chore; venha para o colo de Otávia, que o ama.

Abraçamo-nos e caímos no sono nos braços um do outro. O sono é uma bênção divina para todos os seres. Naquela noite, contudo, não dormi nada e despertei cedo com os movimentos lépidos de Otávia pelo aposento. Ia e voltava feliz e contente. Quando abri os olhos, ela se jogou com agilidade sobre mim e deitou de bruços ao meu lado. Seu rosto se iluminava com uma beleza que se espalhava do centro da cama até o fim do universo.

Notei que minha pele morena havia ganhado um leve rubor. Meu corpo tinha agora a cor de um vaso de cobre. Pensei a princípio que fosse por causa das obscenidades que cometemos, mas Otávia me disse, chacoalhando de rir, que tinha sido o sol da véspera somado à brisa do mar; daí compreendi por que a brancura de sua pele era tingida de rosado. Deitei-me ao lado dela, confortável com minha nudez. Era a segunda vez que achava meu corpo bonito, a segunda e a última vez na minha vida.

Depois de me provocar muito e me beijar na boca, convidou-me para a banheira e disse que já estava cheia com água quente e ervas aromáticas trazidas das terras do Levante. Enquanto levantava da cama, disse-me que iria pegar minhas roupas no alforje para lavar na bacia.

— Não, não o faça! — gritei como se tivesse sido escaldado e acrescentei, em pânico: — Não gosto que ninguém lave minhas roupas; faço isso há anos.

— Querido, é porque Otávia não estava com você durante esses anos.

— Por favor, não me contrarie.

Não me contrariou. Deu-me um abraço afetuoso o bastante para acolher todas as minhas lembranças, com tudo o que continham de dores enterradas e de poucas alegrias. De fato, em seu abraço cabia o mundo inteiro. Sussurrou em meu ouvido que eu ainda não tinha me acostumado com ela, e que os dias vindouros cuidariam disso. Naquele momento, sua respiração aquecia meu peito e seus lábios ardentes corriam pelo meu pescoço, alimentando meu desejo.

Quando de novo me despiu no banheiro do lado de seu quarto, notei nela um olhar ansioso; também eu estava ardendo, perturbado de desejo por ela. Verifiquei a temperatura da água: estava morna e tão convidativa que fiquei feliz em deitar na tina de mármore de pés gravados. Deixei meus braços descansarem sobre suas bordas e estendi as pernas na água, enquanto ela esfregava meus ombros suavemente, porém com determinação. Fechei os olhos, tentando relembrar algo de meu passado que pudesse ocupar minha mente e me acalmar, mas todas as lembranças fugiram de mim, como se as mãos de Otávia apagassem tudo o que eu havia visto antes.

Com gentileza, inclinou-me para a frente e massageou minhas costas. Obedeci às suas mãos, depois de ter se atenuado o pavor que me havia acometido quando ela esteve prestes a esvaziar minhas sacolas. Teria ficado chocada com o hábito dos monges e com a cruz de madeira, mas felizmente pude detê-la a tempo. Os pensamentos sombrios e as indagações voltaram: até quando durará a fantasia, este deleite temporário e esta enganação? Não sou enganador e nunca havia mentido na vida. Por que então estou iludindo esta mulher e a mim desde que a vi? O Senhor a vê e me vê, e não me perdoará pelo que estou fazendo. Não serei salvo de Seu castigo; apenas meu arrependimento e Sua piedade poderão salvar-me do castigo. Se Ele assim quiser, vai me perdoar, e se Ele assim quiser, vai me imputar um castigo pelo pecado que

cometi. E Ele já havia feito isso antes, sem eu ter cometido pecado algum! Quem sabe o castigo da outra vez não fosse por este pecado? E os pecados de Otávia? Será castigada por Deus, ou Ele a absolverá, mesmo sendo pagã e não crendo n'Ele? Será que castiga apenas as crentes? Creio que, no fim, Ele absolverá todos, porque é misericordioso.

Decidi de repente me levantar e colocar minha túnica. Pediria a ela que fôssemos à caverna entre os rochedos e, naquele lugar onde a vi pela primeira vez, contar-lhe-ia tudo sobre mim. Assim, tudo terminaria onde começou e eu retomaria o objetivo da minha vinda: a medicina e a teologia. Depois voltaria um dia à minha aldeia, abriria a porta trancada havia anos da casa do meu pai, viveria como monge e medicaria os doentes. Pelas minhas mãos aconteceriam milagres, confirmando a existência de Deus, e as pessoas iriam esquecer o que tinha acontecido com meu pai e minha mãe. Escolheria para mim um nome eclesiástico de que gostasse e com o qual me sentisse confortável e...

— No que está pensando, meu amor? Você pensa em mim quando estou com você?

— Quero sair desta tina e visitar a fenda nas rochas próxima ao mar.

— Iremos mais tarde. Venha, meu amor, vou enxugar seu corpo.

Minhas incertezas voltaram a me assombrar: por que esta mulher está me mimando? Como consegue me dar tanto amor, capaz de inundar o mundo, sem me conhecer? E eu? Tudo o que conheço a respeito dela é o que ela me contou. Com certeza escondeu algumas coisas, que devem ser terríveis! De qualquer forma, ela é uma mulher pagã, acredita nas tolas lendas dos deuses gregos. Os deuses que enganam uns aos outros, lutam com os humanos, casam-se muito e traem suas esposas! Que imaginação doentia criou os deuses gregos? E o pior é que existe quem acredite neles! Como Otávia, que acredita ter sido o deus do mar, Poseidon, quem me enviou a ela. O mar não tem deus e ninguém me enviou. Mas como posso ter certeza de que ela está errada e que

sou eu quem está certo? No Velho Testamento em que acreditamos também há muitas enganações, guerras e traições. O evangelho dos egípcios, que lemos, embora proibido, traz informações que contradizem os quatro evangelhos ortodoxos! Será que tudo isso é imaginação? Ou estaria Deus secretamente por trás de todas as crenças?

— Vista esta roupa limpa, meu amor, para que não se resfrie. Vou lavar sua túnica para tirar o sal do mar.

Acordei de meus devaneios e recusei firmemente usar a veste limpa do siciliano que Otávia havia me entregado. Sentir-me-ia esquisito num traje largo de seda. Apenas as mulheres se vestem de seda, mas os homens alexandrinos apresentam estilos estranhos em suas vestimentas, desconhecidos por nós, egípcios.

Peguei rapidamente minha túnica e joguei-a por cima do meu corpo nu, envergonhado pelos olhares de Otávia. Saí do banheiro antes dela; na porta, ao proteger os olhos do sol do meio-dia, ela me abraçou por trás e começou a esfregar a brancura de sua palma da mão sobre meu peito, relaxando a cabeça contra minhas costas. Fiquei imobilizado enquanto ela ronronava de prazer. Após um longo momento de silêncio, virei para ela, carrancudo, e disse que ela ainda não sabia meu nome e que nem teve interesse em perguntar.

— Meu amor, sei o nome que lhe dei e que ninguém mais sabe: *Theodorus Poseidonius!*

Otávia me surpreendeu com sua ousadia e impetuosidade incontrolada. Acaso achava que era uma deusa, conferindo nomes às pessoas? Está certo que escolheu para mim um nome distintivo, que significa em grego “presente divino de Poseidon”. Mas demonstrei irritação, e ela adotou uma postura brincalhona. Disse que, se eu não tivesse gostado do nome, poderia me dar outro: Teofrasto, que significa literalmente “discurso divino”.

— Otávia, pare com essa loucura; esse também não é o meu nome. Ambos são nomes gregos, e eu tenho um nome egípcio.

— Vamos parar com essa história de Egito e Grécia. Você é a prova de que Deus diz a verdade, então seu nome agora ou é Teofrasto, ou Theodorus Poseidonius. Escolha um dos dois e me diga qual prefere, e eu passarei a chamá-lo por ele. Venha agora para eu lhe mostrar a casa.

Eu não soube como responder, e ela não permitiu um instante de hesitação: pegou-me pela mão e saiu do banheiro, salvando-me de minha própria confusão. Uma parte de mim a queria e amava sua inteligência, sua vivacidade e o cheiro do seu corpo. Sim, Otávia era arguciosa, honesta e desejável, mas havia me levado à perdição, e eu a ela, duas vezes. Ai, quem pode deter em mim o furacão funesto da aflição! Vou parar de escrever agora e sossegar um pouco; retomo se acordar.



O que Azazel quer de mim, e por que me faz escrever sobre o passado e o presente? Decerto pretende algo maldoso, típico de sua natureza. Enganou-me e me fez contar toda a obscenidade e o pecado com Otávia; maculou meu espírito e o perturbou.

— Seu espírito era imaculado antes de escrever, Hipa?

— Azazel! Você veio...

— Hipa, já lhe disse várias vezes que não venho, nem vou; é você quem me traz quando quer. Eu venho de dentro de você e através de você. Ressuscito quando você me quer para moldar seu sonho, estender o tapete de sua imaginação, ou para revirar as memórias que você enterrou. Sou quem carrega seus fardos, suas ilusões e agonias. Sou indispensável para você e para os outros, sou aquele que...

— Já começou o hino de louvor a seu ser demoníaco?
— Desculpe, vou ficar calado.
— O que quer agora?
— Quero que você escreva, Hipa. Escreva como se confessasse, continue o que narrava e mencione o que aconteceu entre vocês quando estavam descendo as escadas.



Confessar é um ritual fantástico, nos limpa de todos os nossos pecados e lava nossos corações com a piedade divina que permeia o universo. Confessarei para estes rolos e não esconderei nenhum segredo; quem sabe com isso me salvo.

A escada que ligava o terraço ao andar superior da casa tinha dez degraus, o número das inteligências celestes entre Deus e o mundo, conforme dizia o filósofo Plotino. No degrau mais alto, Otávia agarrou-se a mim e tomou meu lábio inferior entre os seus, passando a língua sobre ele. Quase desmaiei de tanto prazer. Seu rosto se iluminou, e ela me disse que aquele era o primeiro de dez beijos que me daria. Enquanto eu descia para o degrau seguinte, senti sua mão se infiltrando pela abertura da minha túnica; apertou meu braço direito e me prensou contra a parede com seu corpo. Estava um degrau acima; inclinou-se em direção à minha orelha e catou-a com a boca, feito um recém-nascido que mordisca um mamilo sem ter fome. Quando respirou no meu ouvido, um calafrio correu pelo meu corpo. Desequilibrei-me com o beijo seguinte e quase caí escada abaixo; sentei-me, entorpecido, deixei-a fazer o que quis comigo. Ela tirou o vestido e eu tirei, excitado, minha túnica. Quanto aos beijos que se seguiram, mencioná-los não é apropriado.

Ao chegarmos ao pé da escada, estávamos totalmente unidos, como se fôssemos a matéria-prima da qual a existência se iniciou. Num momento ela

estava por cima de mim, para, em seguida, estar sob meu corpo, como uma gata selvagem devorando sua presa e em troca sendo devorada. Quando nossa paixão se acalmou, levantamos exaustos, pegamos nossas roupas e ela me levou pela mão para me mostrar a casa à luz do dia, a qual já se espalhava pelo lugar e se propagava sobre nós. Otávia era carinhosa, ousada e imprudente. Caminhei atrás dela seguido pelos pensamentos e conjecturas: talvez me apaixonasse por ela e me acostumassem a suas explosões de volúpia, mas não me renderia nunca! Poderia ficar com ela alguns dias apenas; depois continuaria com o objetivo que havia me trazido a Alexandria, não permitiria ao meu coração que se apegasse a ela e não escolheria um nome pagão da língua grega, independentemente de qual fosse. Não permitiria que uma viúva alexandrina, a quem mal conhecia havia dois dias, arrancasse de mim meu nome e minha língua, por mais bela que tal mulher fosse e por mais impulsivo que se mostrasse seu desejo pagão. Não permitiria a Otávia que me arrastasse! Ah, eu era jovem naquele tempo. Será que, se eu tivesse me submetido a ela naquele momento, teria sido diferente nosso destino trágico? Quem sabe? De nada adianta pensar nisso agora; o passado já foi, e o que vivemos nele acabou e não voltará.

— Por que lhe deram o nome de Otávia? — perguntei a ela, enquanto olhávamos do andar superior para a imagem do cão triste.

— Meu pai se casou duas vezes e teve muitos filhos. Eu sou a oitava de dez.

— Então vou chamá-la de Timachmune, que significa oitavo em egípcio antigo, o mesmo que “Otávia” em grego.

Ela sorriu com doçura cândida, sem comentar o que falei. Entramos num cômodo amplo, cujos chão e paredes eram de um fino mármore branco. No centro havia uma banheira com o dobro do tamanho daquela que havia ao lado do quarto de Otávia, e também mais ornamentada. Disse-me que seu senhor havia trazido aquela formidável banheira de Roma. Era de fato

formidável, tal como tudo que havia naquele cômodo e em todos os outros; mas fui tomado de repente por uma tristeza misteriosa, que brotou dentro de mim e me distraiu de tudo que me cercava. Não estava mais interessado naquela vaidade mundana e efêmera.

Otávia andou por toda a casa me conduzindo; eu caminhava atrás dela, mas minha mente estava longe e se resguardava. Percebi que ela estava me seduzindo, tentando fazer com que a ideia de ficar ao seu lado parecesse mais atraente. Para me defender, disse a mim mesmo, argumentando: como poderia aceitar para mim a condição de empregado do mercador siciliano e marido de uma serva pagã, cinco anos mais velha que eu, que me surpreende sempre com seus desejos insaciáveis? Quem me garante que seu senhor não dorme com ela? Do contrário, quem teria ensinado a ela tanta indecência? Não há dúvida de que seu senhor é um libertino nato, que persegue seus prazeres enchendo a casa com mulheres da vida em cujos colos alexandrinos passa suas noites, incluindo Otávia entre elas! Por um segundo senti uma aversão enorme por aquele homem e uma fúria intensa por aquela mulher que tinha estado prestes a me cativar com seu amor, fazendo-me esquecer de todas as minhas perspectivas.

— Esta, meu amor, é a sala dos livros.

Saí de meu devaneio, guiado por sua voz e seu toque gentil no meu ombro. Quando entramos na sala, fiquei assustado com a quantidade de livros encadernados e dispostos sobre prateleiras que se estendiam por toda a parede, e os pergaminhos guardados em nichos. Sempre gostei de livros. Naquele momento desejei estar sozinho, e quase me pus a chorar sem motivo, talvez por minha contínua frustração. Perguntei-lhe se eu poderia ficar um pouco com os livros, e ela se alegrou com meu pedido. Disse, após me beijar no rosto, que iria preparar o almoço.

Otávia me deixou embasbacado no meio do enorme salão. Corri os olhos pelas paredes, repletas de vãos para guardar os papiros e prateleiras para as

encadernações. Naquele tempo, eu lia em grego e em egípcio (copta), mas ainda não tinha dominado o hebraico e o aramaico (siríaco). Vi livros em outros idiomas, como a recém-nascida língua que chamavam de latim, além de escritos em línguas orientais, que nunca tinha visto antes. Quantos idiomas lê este mercador indecente que não crê em nenhum deus? Ou, quem sabe, coleciona livros apenas por ostentação, como faz a maioria dos ricos ignorantes? Não, não me parecia ser ostentação, pois vi sobre sua elegante mesa no canto da sala vários livros espalhados e dois volumes fechados em papiro, nos quais constavam comentários em grego de fina caligrafia. Quando folhei os livros que estavam sobre a mesa e nas prateleiras, encontrei várias glosas e notas, feitas pela mesma mão e seladas com seu nome. Então era ele quem podia ler grego e outras línguas. Até onde pude notar em seus interessantes comentários, a maioria de suas leituras referia-se a história e literatura. O homem guardava várias cópias antigas das fábulas de Esopo, poemas do filósofo Heráclito, além de uma epístola teológica com a letra de Orígenes. Em todos os livros e rolos que folhee e abri, constatei mais comentários e notas resumidas.

— Querido, a comida está pronta, vamos!

— Ficarei mais uma hora, não estou com fome agora.

— Venha, a comida vai esfriar. Não me dê trabalho como faz meu mestre siciliano; está claro que gosta dos livros tanto quanto ele.

— Pode trazer a comida para cá?

— Não, isso não é possível. Comeremos no meu quarto, os livros não vão fugir. Largue esse livro, estou com muita fome e com muita saudade de você.

— Antes de devolver para seu lugar na prateleira o livro que arrancou da minha mão, abriu a capa de couro grosso e disse, rindo: “Aristóteles! Você quer nos privar do nosso delicioso almoço quente por causa desse homem?”

Fiquei surpreso pela desconsideração para com o grande filósofo, então disse, zangado:

— O que está dizendo? Aristóteles é o mestre do mundo antigo. Foi ele quem deu à humanidade os fundamentos do pensamento e da lógica.

— E por acaso a humanidade antes dele não conhecia a lógica nem o pensamento? — Ela riu. — De qualquer forma, não gosto dele. Diz muitas tolices em seus livros, alegando que a mulher e o escravo têm a mesma natureza, diferente da natureza do homem livre. Antiquado!

— Otávia, não deve falar assim... mas posso ver que está familiarizada com os conhecimentos dos antigos.

— Conheço algumas coisas. O senhor siciliano gosta de ler os textos antigos e se interessa por me ensinar. Um vizinho nosso, um cristão rico, viu-o uma vez lendo para mim no jardim da casa e disse: “O siciliano está dando veneno para a serpente!” Nosso novo vizinho é também antiquado como seu velho amigo.

Eu não soube o que responder, e ela não me deu tempo para pensar. Puxou-me pela mão gentilmente para fora do aposento e, na porta, abraçou-me demoramente. Otávia não sossegava! Disse que o beijo foi para abrir o apetite.

Sentamos no chão do seu quarto. Enquanto comíamos a seu modo, colocando a comida na minha boca, disse que o senhor siciliano iria gostar de mim, porque apreciava o conhecimento e os instruídos. Acrescentou que ele era amigo do governador da cidade e tinha muitos conhecidos, que iria me ajudar a estudar medicina e que ela iria me envolver com seus cuidados até que eu me tornasse o mais conhecido dos médicos alexandrinos, aliás, o mais famoso de todos os médicos do mundo. Fiquei surpreso quando ela disse:

— Meu amor, você será mais famoso que Galeno e Hipócrates, e que todos os filhos do deus Asclépio.

— Otávia, você realmente conhece muitas coisas.

— Não quero conhecer nada além de você. Diga-me, está feliz comigo? Não, não me responda agora. Espere e verá. Meu mestre siciliano regressará num mês e eu vou contar a ele tudo sobre nós; ele vai dar-lhe as boas-vindas e você...

O mestre siciliano! Senti ódio daquele homem; um ódio profundo, após ter lido seus comentários e notas de pé de página, com um quê de reverência e tola inveja. Aturdido, deixei escapar meus pensamentos:

— O senhor siciliano dorme com você?

Minha pergunta caiu como um golpe. Os olhos de Otávia subitamente se encheram de lágrimas, seu rosto ficou rubro com o aborrecimento e a raiva reprimida. Eu não intencionava exatamente perguntar aquilo, mas queria saber sobre a natureza de sua relação. Se o homem a cortejava quando estava em casa, especialmente por ser uma viúva solitária e cheia de desejo. Em outras palavras: será que ele pedia que ela aquecesse sua cama nas noites de inverno, atenuando sua solidão? Ele, que chorava pelo cachorro? Quero dizer: teria ele direito, sendo seu senhor, a dormir com ela?

Otávia ficou cabisbaixa, olhando para as pontas de seu tapete sem dizer palavra. Quando tentei agradá-la com um abraço, soltou-se de mim e começou a chorar. Arrepentime por tê-la ofendido e pensei em desaparecer de sua frente e partir, para apagar num único gesto o que houve entre nós. Quando me levantei, ela adivinhou minha intenção, grudou na ponta da minha capa e me puxou para o chão, ainda cabisbaixa. Voltei a me sentar, meus olhos fixos na porta entreaberta.

Ficamos calados por um longo tempo; o silêncio foi quebrado por ela, que, com voz trêmula e após ter enxugado as lágrimas, disse que eu não tinha entendido nada do que havia me dito. O senhor siciliano era como um pai para ela, ou melhor, mais avô do que pai! Tinha sido ele quem a havia criado depois da morte de seus pais; o homem sentia pena dos aflitos e, de acordo

com ela, doava metade do que ganhava no comércio todos os anos para os pobres da cidade.

— Peço desculpas, Otávia; mas você é muito bonita, quero dizer que...

— Pare, não se desculpe. Vou perdoá-lo, porque ainda não conhece o homem que acusa.

Nota:

* Antigamente, era uma crença comum que os egípcios antigos eram longevos, e que por isso conseguiram edificar as pirâmides e os majestosos templos. Isso foi reforçado pelo devaneio dos judeus e dos primeiros cristãos, devido às menções no Velho Testamento de indivíduos que viveram centenas de anos, alguns se aproximando de um milênio. Na verdade, a média de idade no Egito Antigo era apenas cerca de 36 anos.

O QUINTO PERGAMINHO

As tentações de Otávia (2)

A vida é injusta. Ela nos arrasta e nos distrai. Espanta-nos e nos modifica, até que nos tornamos outros, um tanto quanto diferentes do que um dia fomos. Seria eu quem estivera em Alexandria havia vinte anos? Por que a vida me pune hoje pelos erros e pecados cometidos naquele tempo? Como pode o Senhor nos julgar no dia do juízo final pelo que cometemos há longo tempo, como se tivéssemos vivido uma única vida durante a qual nunca mudamos? Não demorei muito para perceber que havia errado com Otávia e com seu senhor siciliano, mas então era tarde; os mortos estavam mortos, e os vivos, quase isso.

Otávia ficou calada aquela noite toda, a não ser por poucas palavras. Seu silêncio me incomodou até que senti sono e adormeci em sua cama. A última coisa de que me recordo antes de pegar no sono foi seu olhar triste enquanto puxava as cobertas sobre mim. Sua movimentação me acordou de manhã, e me tranquilizei com seu sorriso e seu jeito de se sentar no chão junto à cama. No chão, diante dela, estava o desjejum que havia preparado. Tornei a me desculpar pelo que tinha dito na noite anterior, mas sua mão na minha boca e uma lágrima que surgiu no fundo dos seus olhos impediram minhas palavras vacilantes. Ela mudou o curso da conversa, perguntando-me sobre minha terra natal e sobre minha vida por lá. Respondi como podia, sem dizer nada que fosse me comprometer, mas ela se manteve atenta a cada palavra.

— Venha, vou lhe mostrar uma coisa.

Puxou-me por uma coleira invisível e descemos para o grande aposento onde estava a cama do senhor siciliano. Tinha visto o quarto quando passei pela porta, mas era a primeira vez que eu o adentrava. Otávia abriu a janela e a porta para a ampla sacada, que dava para a praia e para o mar próximo. A luz inundou o lugar. Não saí à sacada para não ser visto pelo guarda ou por algum transeunte, embora tivesse desejado ter sentado no robusto banco de madeira, admirando, daquele maravilhoso ângulo, o encontro do mar com o céu.

— Este é o senhor siciliano.

Otávia apontou para um caixão de madeira apoiado no canto direito do aposento, do lado oposto à sacada. No caixão estava desenhada, numa forma precisa, a imagem de um homem de cabelos brancos, com roupas gregas, daquelas usadas pelos ricos. Em seu olhar havia uma tristeza profunda e inteligência. A imagem desenhada seguia o costume que os ricos do Egito e de Alexandria tinham de desenhar seus rostos em caixões, nos quais eram enterrados depois de embalsamados. O embalsamamento é um costume herdado dos pagãos. Os antigos egípcios costumavam preservar seus corpos após a morte em caixões de granito, nos quais eram gravadas imagens dos deuses, mas, ultimamente, faziam-se os caixões em madeira e desenhava-se a imagem do falecido na tampa. Quando observei a imagem do siciliano, entendi que o propósito de Otávia era me fazer compreender que se tratava de um homem de idade, de fisionomia calma, tendo a aparência de um filósofo. Ela acrescentou, dizendo o que a imagem já sugeria: era desapegado das coisas da vida, guardava seu caixão no quarto de dormir, pensava sempre na morte; quando estava em Alexandria, passava a maior parte do tempo naquela sacada, olhando para o mar ou lendo seus livros.

— Por que parece tão triste?

— Porque é solitário. Ele também é poeta, quer ver seus poemas?

Antes que eu pudesse responder, ela já estava me puxando pela mão até a enorme sala dos livros. Retirou folhas de uma das gavetas da mesa, onde havia poemas escritos em grego com a mesma caligrafia que eu havia visto nas glosas dos livros. Sem que eu pedisse, Otávia me deixou na sala, depois de abraçar-me por alguns segundos, durante os quais repetia em meu ouvido: *eu te amo!* Permaneci calado. Após dar um longo beijo no meu pescoço, largou os poemas em minhas mãos e disse que ia preparar um delicioso almoço. Voltou, sorridente, várias vezes para me ver. Eu, entre os livros, estava contente.

Os poemas do mestre siciliano eram como sua imagem, serenos e tristes. Muitos eram reflexos sarcásticos sobre a vida e o mar, no estilo dos poetas antigos e dos filósofos modernos. Fiquei admirado com alguns versos e, numa das vindas de Otávia, pedi que me trouxesse folhas para copiá-los; ela me entregou um rolo comprido de papiro e dois pergaminhos de couro de bode habilmente curados. Não copiei os poemas gregos exatamente como estavam, por seu exagerado paganismo, mas anotei as palavras verticalmente de baixo para cima em colunas separadas. Assim, se fossem lidas as linhas horizontalmente, de modo diferente ao pretendido por mim, seriam apenas palavras soltas sem significado. Não há delito nem pecado em palavras soltas, pois delitos e pecados existem somente em palavras que formam frases.

Com o mesmo método, copiei alguns comentários feitos pelo senhor siciliano às margens da tradução do Velho Testamento para o grego — refiro-me à tradução conhecida como Septuaginta —, além de comentários a alguns evangelhos. Suas frases começavam com: *Como alguém pode acreditar que...?* Então apresentava um resumo dos versículos e depois comentava que era impossível para a razão aceitar aqueles significados! Até onde vi, o homem não entendia que a religião não tinha nada a ver com a razão e que a fé só era fé quando se contrapunha à razão e à lógica; do contrário, era pensamento e

filosofia. Contudo tive pena daquele homem confuso, da mesma forma que hoje tenho pena de mim mesmo, por minha excessiva perplexidade.

Perto do meio-dia, o quarto se encheu com o cheiro de comida apetitosa; fechei a porta, abri a janela com cuidado e voltei a folhear os livros e a copiar os comentários. O papiro ainda não estava cheio quando Otávia entrou com sua jovialidade costumeira, chamando-me para comer. Pedi a ela que esperasse um pouco, mas ela não quis. Trajava um vestido azul-marinho transparente, aberto no peito e nos braços; sua vasta cabeleira castanha caía, revolta, em torno do rosto afável. Otávia era uma bela mulher.

Saí com ela, largando os livros no chão, o tinteiro e o rolo, na esperança de voltar depois do almoço, mais nunca mais voltei; até o rolo deixei lá, após ter acontecido o que contarei agora.



Meu espírito se alegrou quando entrei em seu quarto. A comida estava em pratos dispostos no chão. Não me importava com a comida, mas com a atenção que Otávia concedia a mim. Não estava acostumado, desde a morte do meu pai, a ter alguém cuidando de mim com tanto carinho como aquele que Otávia me proporcionava. Mesmo com sua insistência, não pude comer muito, embora a comida estivesse deliciosa. Meu apetite por ela era maior do que pela comida; ela percebeu meu desejo por causa do meu olhar, e por isso não me rechaçou quando me aproximei e a abracei. De repente, senti que eu a amava e que talvez ela merecesse ficar comigo pelo resto da minha vida. Disse a mim mesmo: *Por que não? Estudarei medicina e praticarei a cura aqui mesmo, nesta cidade grande, e não me afastarei da religião, apenas deixarei de ser monge. Minha terra é distante e não há nada lá que me atraia para voltar. Otávia será minha pátria e a morada da minha alma, por que não? Nunca tinha visto uma mulher*

mais bela, nem mais delicada nem mais gentil. Não seria ela, mesmo pagã, a moça de coração mais puro e espírito mais cândido do que todas as mulheres cristãs que conhecia? Quero dizer, as mulheres que eu via de longe. Mas como saber que ela não me trairia um dia, como fez minha mãe? Se eu a magoar um dia por qualquer motivo, ela pode se rebelar como fazem normalmente as mulheres contra seus maridos! As mulheres são voláteis por natureza.

Delicadamente perguntei a ela, enquanto deitava no meu colo, se continuaria a me amar independentemente do que pudesse acontecer. Sua resposta ainda bate dentro de mim e ecoa no coração:

— Aconteça o que acontecer, vou amá-lo e passarei o resto da minha vida ao seu lado, cuidando de você; você é minha única esperança, pois aguardei longamente por você e sonhei muito com você. Não encontrarei para mim ninguém melhor que você.

— Então, seja o que Deus quiser.

— Por que fala assim como gente da cruz? Eu os odeio.

— Por que os odeia, Otávia?

— Porque são como gafanhotos: comem tudo o que amadurece na cidade e enchem a vida de desalento e crueldade.

Estava prestes a continuar dizendo ofensas sobre nossa religião, por isso mudei de assunto e perguntei a ela quem era a “Mestra de Todos os Tempos” que o chamador havia mencionado na avenida. Ajeitou seu modo de sentar, seu rosto voltou a brilhar e disse:

— Ele se referia a Hipátia, filha do sábio Theon, o mestre pitagórico. É uma mulher conhecida, bela e inteligente; vem nos visitar aqui com os amigos do senhor siciliano em tardes que duram horas. Ela só me chama de “minha querida irmã Otávia”.

— Quais são os assuntos das palestras a que o chamador convidava?

— Ela palestra sobre matemática e filosofia, não sobre medicina! Não pense que vou permitir que se aproxime dela; do contrário, você se aproxima, se apaixona por ela e me larga, apesar de ela ser muito mais velha que você.

— Não brinque com isso; quero realmente saber mais sobre ela.

Contou-me então muita coisa sobre Hipátia, a mulher conhecida como “Mestra dos Tempos”. Entusiasmou-se tanto enquanto contava que atçou minha vontade de vê-la. Contou que ela dava suas aulas no teatro localizado no centro da cidade; seu pai, Theon, costumava lecionar no grande Templo de Serápis, que um dia tinha sido uma imponente construção no bairro egípcio, no sul da cidade, mas que os cristãos o arruinaram, derrubando-o sobre as cabeças de quem ali vivia na época de Teófilo! Referia-se ao bispo. Quando lhe perguntei em que dias Hipátia dava as aulas, Otávia olhou-me de soslaio — um olhar de esgelha misturado de ciúme e do gosto por contrariar — e não respondeu. Quando insisti, ela disse que as aulas aconteciam aos domingos, por serem dias calmos; nesse dia os cristãos se dirigiam à Igreja do Grão de Trigo para ouvir o sermão do líder atual, sucessor de seu tio materno Teófilo no comando daquela igreja que havia lançado o mundo às trevas! Assustado com suas palavras e aterrorizado com sua ousadia, falei:

— Você se refere ao bispo Cirilo?

— Ele mesmo, que os deuses se apressem em terminar seus dias negros. Deixou a cidade desolada como uma ruína desde que se tornou líder. Mas você é estranho: conhece Cirilo, mas não conhece Hipátia!

— Otávia, não conheço nada aqui. Tudo o que vi da sua cidade antes de encontrar você foi o trecho da Porta da Lua até a praia, onde quase me afoguei diante de seus olhos.

Não vou esquecer sua alegria repentina enquanto gritava:

— É verdade, amor do meu coração, é verdade! Agora estou feliz e certa de que foi o deus quem o enviou a mim. É a mais pura verdade!

— E voltamos às superstições.

— Meu amor, você é a mais bela superstição que já conheci, e vou crer nela até o fim da minha vida.

A cortina da noite havia caído. Sentia-me totalmente à deriva na órbita de Otávia, completamente imerso em seu rio devastador. Ela circundava a minha existência de todos os lados, como o grande mar circunda o mundo inteiro. Disse a mim mesmo: *Vou ponderar esta noite; pensarei com calma e amanhã tomarei a decisão, na alvorada, sobre o que será de nós.* Pensei nisso sem saber o que iria acontecer, ignorando totalmente o que o destino reservava a mim.

Otávia me convidou para sua cama. O universo havia se aquietado ao nosso redor e sossegado dentro de nós. Disse-me que queria tirar uma breve soneca. Eu não estava com sono, logo lhe perguntei se poderia voltar à sala dos livros. Ela respondeu com delicadeza e meiguice, cheirando a pecado:

— Se ficar comigo, lhe ensinarei coisas que não estão em nenhum livro.

Aparentei seriedade, esperando que atendesse meu pedido, mas ela me arrastou com seu espírito travesso e não tive saída a não ser render-me à atração da cama. Naquele dia, de fato, vi o que não se encontra nos livros, pois Otávia tinha talentos dos quais os autores dos livros nunca tinham ouvido falar! Ficamos nus até o cair da noite e o mordiscar do frio. Ela puxou uma coberta sobre nós e envolveu meu peito com seu braço, preparando-se para dormir, mas levantou-se de repente quando uma ideia incontrollável pulou de sua mente viva:

— Querido, venha comigo para que eu lhe mostre a adega!

— Quero dormir.

— Dormir? Se já está cansado no início da noite, como estará no fim dela? Venha comigo, vou trazer de lá o vinho mais gostoso do mundo.

Otávia não sossegava nunca.

O SEXTO PERGAMINHO

O ponto decisivo

Lembro bem que, para chegarmos à adega, tivemos que descer a escada que levava ao terraço e em seguida a grande escadaria que ligava os dois andares; depois, outra escada localizada atrás da porta de madeira no fundo do salão onde havia a imagem do cachorro triste. A última escada era de pedra, e os degraus ficavam mais largos conforme descíamos.

O ar da adega era úmido e frio, e o cheiro era forte; o piso era de pedras cobertas por tábuas grossas de carvalho. Não sabia que as adegas podiam ser tão amplas, pois não havia adegas embaixo das casas e dos templos na minha terra natal. Eu imaginava que “adega” fosse uma passagem baixa sob as casas e os casarões, um corredor necessariamente estreito e confinado. Mas o que vi, à luz do lampião metálico de Otávia, foi um espaço amplo, de paredes altas, construído no subterrâneo sobre fileiras de resistentes colunas de mármore; cada fileira era ligada a uma parede de barro e em cada um dos dois lados opostos havia três prateleiras, sobre as quais eram posicionados tantos jarros que era quase impossível contá-los.

— Temos vinho suficiente para mil anos — disse Otávia, orgulhosa. — Venha para este lado; aqui estão os vinhos envelhecidos, feitos das melhores safras.

— E por que envelhecem tanto o vinho? Por acaso o dono da casa pensa que vai viver para sempre?

— Calma, meu amor. O pai dele fazia muito vinho e ele trazia alguns outros tipos de suas viagens à Grécia e a Chipre. Eles costumavam receber muitas visitas e oferecer grandes banquetes. Vejo isso desde que era menininha.

Levou-me a um corredor entre as fileiras de jarros; no fim deste, estendeu a mão por trás do jarro próximo à parede e retirou uma garrafa de vidro verde-claro. Voltou dois passos para trás até grudar-se em mim e disse, roçando o traseiro na minha virilha:

— É um excelente vinho, adequado para nossa noite! — Virou o rosto para mim, sorrindo, enquanto repetia seu movimento provocante, e acrescentou: — Guardei-o aqui para nós há meses, quando me agradou seu sabor.

Naquele momento esqueci-me de minhas decisões anteriores e fiquei irritado. Foi ela quem teve a iniciativa nas outras vezes; desta vez eu quis iniciar, para fazê-la notar a minha força. Eu era jovem e inconsequente. Girei-a pelos ombros até que seu rosto ficasse contra a parede, pressionei suas costas com a mão e ela obedeceu, rendendo-se a mim. Soprou o lampião e a escuridão nos envolveu. Seu peito estava contra a parede úmida, o meu, contra suas costas quentes. Acariciei seu corpo no escuro e a senti completamente rendida, com as mãos na parede e o rosto um pouco inclinado para a frente. Suspendi minha túnica, abaixei o calção e levantei-lhe o vestido; não havia nada por baixo. Ficamos completamente nus. Ela gemeu em voz alta, pedindo-me para dividi-la em duas. Meu Deus! Isso que estou escrevendo agora não convém ser lembrado nem mencionado após tantos anos!



Subimos até seu quarto, atordoados. Naquela noite fomos vencidos pelo sono sentados nas almofadas espalhadas no chão do quarto, sem que tivéssemos tomado sequer uma gota da garrafa de vinho. No dia seguinte, acordei cedo.

Otília estava deitada ao meu lado, como um sonho obscuro. Com cuidado, desci até a sala dos livros levando comigo meu alforje, temendo que ela olhasse nele ao acordar. Abri a janela com cuidado e a luz se espalhou pelo aposento. Sentei-me no chão no mesmo lugar de antes, entre os livros. Terminei de copiar as anotações nos livros religiosos, quero dizer, os comentários que o senhor siciliano fazia aos versículos que lhe interessaram. Enquanto devolvia a cópia do Velho Testamento para seu lugar nas prateleiras, meus olhos caíram sobre um livro volumoso. Na sua capa interna, um título descrevia seu conteúdo: *Epístolas e excertos dos filósofos alexandrinos antigos*.

Eu conhecia muitos desses textos, pois seus autores eram famosos, mas algumas epístolas e fragmentos eram completamente desconhecidos por mim, de autores cujos nomes eu jamais tinha ouvido nas nossas escolas em Akhmim. Voltei com o livro para o chão do quarto e comecei a ler o que era novo para mim, principalmente aqueles excertos atribuídos a um filósofo antigo de que nunca tinha ouvido falar. O nome, segundo constava na introdução, era Hegesias, o Persuasor da Morte, ou aquele que pregava o suicídio. Estava quase começando a escolher algumas passagens para copiar para meu pergaminho quando Otília entrou, assustada e pálida; suas fartas madeixas caíam-lhe pelos ombros, e seu peito estava ofegante.

— Você está aqui... pensei que tivesse... por que trouxe seu alforje com você?

— Para que esse susto todo? Havia visto aqui cópias mais antigas e mais corretas de alguns dos livros que tenho na bolsa, logo quis corrigir as minhas.

— Meu querido, não me assuste de novo com uma saída repentina do meu lado. Quase morri de preocupação. Levante, vamos até nosso quarto, vamos.

Jogou-se nos meus braços, como uma criança que encontra o pai após uma longa jornada. Naquele momento, não senti sua nudez, mas seu pavor. Peguei-a no colo com carinho paternal, livre do pecado que havia nos dominado na

noite anterior; aquietou-se. Enquanto sentia o perfume de seu cabelo, tive certeza de que ela me amava mais que minha mãe. Será que minha mãe me odiava como ao meu pai? Será que, depois de nós, chegou a amar aquele seu marido bruto?

Senti as lágrimas de Otávia escorrerem no meu peito nu, lavando meu coração das dores da infância. Apertei-a mais junto de mim e corri a mão sobre seu ombro e braço nus; acalmou-se. Devia ter confiado em Otávia naquela época, mais do que confiei? Quem sabe, e de que adianta agora? De qualquer forma, confiar é uma aventura perigosa, tanto quanto é grande a aventura de crer.

— Não me deixe nunca, meu único amor! — disse ela.

Otávia enxugou suas lágrimas com a mão e esforçou-se para deixar um sorriso nos lábios. Seus olhos cor de mel, marejados, transbordavam de amor e fascínio. Depois que seu sorriso se apaziguou e que seus olhos se recuperaram das nuvens do choro, levou-me para o terraço sem dizer nada, como se fosse suficiente para nós o que dizíamos um ao outro com o olhar.

Deixou-me fora de seu quarto até voltar, usando o vestido branco que vestia na primeira vez que nos vimos. Trazia nas mãos a túnica de bordas ornamentadas do senhor siciliano, aquela que eu havia me recusado a vestir. Seus olhos suplicavam; retirei minha túnica e pus a outra, calado — ou melhor, ela a pôs em mim. Eu queria ficar um pouco encostado no muro que cercava o terraço, mas de novo ela me advertiu com delicadeza e me levou afetuosamente para seu quarto. Abriu a janela e o quarto recebeu a mesma luz que inundava o terraço.

Sentou-se na beira da cama com os braços estendidos para mim, como uma deusa generosa, carinhosa, bondosa e alegre. Mas os pensamentos voltaram: quem pode me garantir que essas qualidades durarão para sempre? E se me trair? As mulheres são traiçoeiras por natureza; um dia, por um motivo

qualquer, poderá se zangar comigo, me entregar para os homens da Igreja e expor meu segredo a eles. Dirá que a seduzi, ou que eu era monge e fui devasso com ela. Os homens da Igreja de Alexandria atualmente são cruéis, o que poderiam fazer comigo? Terei aqui o mesmo destino que meu pai em nossa terra?

— O que você tem meu amor, está pensativo? Pegue esta maçã.

— Maçã! Não gosto de maçã. Foi o fruto que tirou Adão do Paraíso.

— Que bobagem é essa? Quem lhe contou essas lendas, meu pequeno?

Abalado e sem pensar, falei bruscamente:

— Está escrito nas interpretações do Velho Testamento.

— O Velho Testamento! Ha, ha, é um livro maravilhoso, caçoa todo o tempo dos egípcios antigos e levanta acusações contra suas mulheres. Meu senhor lia trechos para mim; sorria e balançava a cabeça, assombrado.

Suas palavras me incomodaram e revoltaram meu interior. Estava humilhando o Velho Testamento do Senhor, no qual cremos há centenas de anos e o qual os judeus criam antes de nós. Suas palavras me irritaram, apesar das dúvidas que eu tinha com relação ao Pentateuco; mesmo assim, não era correto que uma pessoa desprezasse a crença dos outros; do contrário, todas as crenças seriam submetidas e humilhadas, não sobrando nenhuma religião para o homem. Quem sabe já seja hora de dizer a verdade, pensei.

— Otávia, não se deve zombar da fé dos outros — falei bruscamente.

— Não fique tão zangado, meu amor. Não zombarei nunca mais de nenhum credo, se isso deixa você aborrecido. E você, não me aborreça, tome esta maçã da minha mão.

Hesitante, peguei a maçã. Otávia levou suas mãos a minha boca. Naquele momento, pensei no Gênesis. Mordi um pequeno pedaço de sua maçã e fui tomado pela sensação de que eu era Adão, seduzido por sua mulher e ludibriado pelo maldito Azazel, passando adiante para seus herdeiros o pecado

original. Pecado original! Flutuaram na minha cabeça os conhecidos versículos do Velho Testamento, nos quais ninguém além de nós era capaz de acreditar. Meu coração foi sufocado por perguntas: por que Deus ordenou que Adão se afastasse das árvores do conhecimento e da imortalidade? Por que Deus se aborreceu quando Adão comeu da árvore do conhecimento? Segundo consta no Gênesis: *Eis que o homem é como um de nós, sabendo o bem e o mal; ora, para que não estendesse a mão e tomasse também da árvore da vida, e comesse e vivesse eternamente, o Senhor Deus, o lançou para fora do jardim do Éden, para lavrar a terra de que havia sido tomado. E tendo lançado o homem para fora, pôs querubins ao oriente do jardim do Éden, e uma espada em chamas que ia de lá para cá, para guardar o caminho da árvore da vida.* Por que quis Deus que o homem permanecesse ignorante? O conhecimento adquirido por Adão era um prelúdio para que conhecesse a imortalidade? A quem Deus se referia ao dizer que Adão havia se tornado um deles? Se Adão e Eva tivessem permanecido ignorantes, ficariam vivos eternamente no Paraíso? Como pode a imortalidade coexistir com a ignorância e o desconhecimento da natureza? O que exatamente eles descobriram quando comeram da árvore? Teria sido aquilo que eu conheci com Otávia nos últimos dias, aquilo para qual ela havia me arrastado sem planejamento nem intenção da minha parte? Será que estou repetindo o ato de Adão e assim provocarei a ira do Senhor, que repetirá a expulsão? De onde e para onde vai me expulsar, se eu já sou um exilado há anos, sem lugar ou propósito?

Fui atormentado pelos pensamentos provocados por esta deusa pagã que me fez sentar na beira de sua cama. Seria Otávia deusa ou serva de seus desejos? Será que desejava, com sua maçã, que voltássemos ao pecado e portanto a uma nova criação? Ela havia me arrastado ao mar dos pecados; como eu poderia me salvar do afogamento? E agora ela quer que eu passe a vida a seu lado — mas como, se ela não conhece a verdadeira fé, nem sabe que sou do povo fiel?

— Em que pensa, meu amor?

— No casamento. Refiro-me a seu falecido marido. Ele estava doente?

— Não, era vinte anos mais velho do que eu; era muito gordo e fraco, mas não estava doente. Ele morreu no templo ocidental.

Ficou triste enquanto narrava o que havia acontecido com seu marido no dia descrito por ela como pouco auspicioso. Seu marido pagão costumava pedir ao mestre siciliano que lhe trouxesse incenso de suas viagens, o qual ele levava aos templos e voltava feliz à noite. Otávia temia por ele, mas ele zombava de sua preocupação. Não queria acreditar que os templos haviam se tornado lugares perigosos e repetia para ela expressões vazias, sem sentido: *Nosso deus Serápis é o deus do mundo, e devemos demonstrar a ele nosso respeito, apesar de todos os cristãos, incluindo o próprio imperador Teodósio.*

Entendi, por suas palavras, que seu falecido marido era um tanto tolo e mal-orientado. Cortou-me o coração vê-la sentada triste, contando sua história, seus cabelos caindo pelo rosto. Parecia uma flor murchando. Naquele momento eu deveria tê-la abraçado e lhe prometido ser o melhor dos maridos. Contudo, disse a mim mesmo: ela, de todo modo, não amava o primeiro marido, e diz que me ama; talvez Deus tenha levado seu marido para que lhe desse outro melhor. Meus pensamentos divagavam e eu permanecia num estado de estupor enquanto ela seguia com sua narração. Contou-me que, certa manhã, seu marido saiu para levar o incenso para o pequeno templo que ficava a leste do cais. Chegando lá foi cercado; quis dizer que quem o cercou eram pessoas da nossa religião.

— Os criminosos, liderados por seus monges, o mataram e destruíram o templo — disse ela, soluçando.

— O que está dizendo? Os monges não matam!

— Os monges de Alexandria matam em nome de seu Deus maravilhoso e com as bênçãos de seu bispo fanático, Teófilo, e de seu sucessor Cirilo, que é

mais fanático ainda.

— Por favor, Otávia...

— Tudo bem, chega de falar nisso agora. Mas por que parece tão sentido assim, meu amor, tendendo para o lado deles? Eles nos expulsam de todo lugar e expulsam seus irmãos judeus; derrubam os templos sobre as pessoas e nos chamam de pagãos impuros; aumentam em número como gafanhotos e ocupam o país como uma maldição que se abateu sobre o mundo.

— Eu suplico!

— O que você tem a ver com eles? E por que seus olhos estão ficando vermelhos, prestes a chorar?

— Porque sou...

— Porque você é o quê?

— Eu...

— Você o quê?

— Eu sou um monge cristão.



Um instante de silêncio e choque reinou. Após uma pausa preocupante, Otávia olhou para mim com o rosto vermelho de ódio e os olhos inflamados com uma tristeza furiosa. Levantou-se de súbito; tinha assumido o semblante das enormes estátuas antigas e, com tudo o que tinha de orgulho pagão e de amargura herdada, estendeu o braço direito na direção da porta e gritou com uma voz assustadora, como o estrondo de um trovão alexandrino ou o ranger forte do vento pagão:

— Saia da minha casa, seu vil. Saia, seu verme!

O SÉTIMO PERGAMINHO

O pergaminho incompleto

Joguei a túnica de seda no meio do quarto e peguei a minha própria, largada ao lado da porta; vesti-a enquanto descia a escada apressadamente. Estava como quem caía no abismo, como se me houvessem arrancado a alma. Pisei na imagem do cão triste no caminho até a entrada da mansão. Antes de abrir a porta, escutei lá de cima o choro de Otávia e seu amargurado gemido. Quando cruzei a porta em passos ligeiros e atravessei o jardim até o portão entreaberto, quase não a ouvi mais. A luz do sol forte refletida nas areias incomodou meus olhos, e a areia quente queimou meus pés descalços.

Virei o rosto para o mar, indiferente ao olhar surpreso do guarda quando me viu saindo de repente pelo portão do jardim. Não olhei para ele, nem para trás, quando seu carneiro me seguiu por alguns passos. Nunca havia me sentido tão humilhado na minha vida. Senti-me imensamente desprezado, desprezível e vil.

Aconteceu tudo isso realmente há vinte anos? Por que sinto como se ainda acontecesse agora? Pobre Otávia. Se você tivesse tido um pouco mais de paciência. Se eu soubesse o que a vida me guardava, ou... agora minhas mãos tremem. Minha querida e pobre Otávia! Não consigo mais escrever.*

Nota:

* Isso era tudo o que constava do sétimo rolo. Entre as linhas havia muitos borrões e círculos sobrepostos. Nas margens, com uma escrita trêmula, o monge Hipa desenhou, no espaço ao redor da escrita, muitas cruces de tamanhos diferentes.

O OITAVO PERGAMINHO

O retiro entre as rochas

Toda lembrança é necessariamente dolorosa, por mais que trate de momentos agradáveis; é dolorosa pelo fato de ter se passado. Tenho vontade de ir neste momento até a muralha do mosteiro e gritar para o norte, onde Nestório se encontra em apuros, e para o sul, onde Martha sumiu. Se gritasse com toda a dor que tenho no coração, alguém ouviria minha voz? Ou iria a morte me alcançar? Ou seríamos atormentados pela perda permanente e pelo sofrimento?

O que faço com essa dor, quando sou cativo de meu medo e estou confinado em recordações? Devo rasgar os rolos e derramar meu tinteiro? Rasgar minha roupa e gritar, como fazia João Batista no deserto? Ou vagar pelos horizontes do que aconteceu e voltar a escrever, terminando o que comecei, depois partir daqui para nunca mais voltar?

Oh, Otávia, mulher ideal! Lembro com clareza que, quando ela me expulsou cruelmente de seu paraíso, meus pés me levaram do mar de areia que circundava sua casa à caverna entre os rochedos. Meus passos me guiaram para lá sem premeditação, ou quem sabe eu quisesse naquela hora pedir perdão a meu Deus e esperar por Sua compaixão, no mesmo lugar onde O desobedeci pela primeira vez. Logo que entrei na caverna, encolhi-me num canto afastado e apoiei meu ombro e joelho direitos na parede úmida, ansiando me proteger do estrondo do meu colapso. Estava totalmente esgotado. Depois de um instante de choque absoluto, explodi em lágrimas de arrependimento. Aqui,

Otávia tinha ajoelhado, retirando de seu cesto as comidas brancas, e ali parei cativado pela beleza de seus seios. Aqui meu rosto tocou seu corpo, quando sua luz me envolveu pela primeira vez. Aqui ocorreu o momento que se passou, levando-me com ele e me jogando num poço sem fundo.

Nada havia ao meu redor exceto o vazio e o barulho do mar. Arrastei meu alforje, cujo peso foi agigantado por minha fraqueza, e sobre ele joguei minha cabeça cheia de vazio. O vazio em mim era doloroso, e minha solidão também. Caí num transe igual àquele que os discípulos de Jesus sentiram na noite da Última Ceia, após Ele tê-los informado de que Sua partida até o Pai Celestial já estava próxima.

Tive um sono infeliz, atordoado, e acordei várias vezes assustado por causa de pesadelos. A última vez foi no crepúsculo do segundo dia. Queria voltar a dormir e sumir no inconsciente, mas o chão da caverna e suas paredes me contrariaram. Desejei tanto pegar novamente no sono e nunca mais acordar, mas acordei e não dormi até a madrugada seguinte. Muitas alucinações vagavam pela minha cabeça e temores me invadiram. Estava com medo de mim mesmo e dos dias que estavam por vir, de ficar sozinho entre os rochedos, e da possibilidade de que a caverna fosse um abrigo para animais selvagens. Naquela época eu não tinha certeza ainda de que não houvesse hienas e lobos selvagens em Alexandria, nem que de seu mar não saíssem lagartos e crocodilos, como acontecia à noite no Nilo. Havia em Alexandria algo mais perigoso que os animais que andam à noite e que vagam de madrugada.

Após longa preocupação, entendi que o ruído que ouvia era das patas dos caranguejos que de noite se abrigavam entre as fendas das rochas. O luar cobria a entrada da caverna, onde se misturavam as areias e os cascalhos. Para além do espaço iluminado pelo luar, não conseguia enxergar nada com clareza à minha volta nem à minha frente; por isso decidi ficar de costas para a entrada e voltar meu rosto para a parede, entregando-me a uma oração sincera e evocação

fervorosa, na esperança de que meu Senhor tivesse piedade de mim e me perdoasse pelo que houve entre mim e Otávia. Meus olhos se encheram de lágrimas novamente quando supliquei por piedade em nome dela.

Envolvido em minhas orações, passou pela minha cabeça a ideia de ficar para sempre dentro da caverna, totalmente entregue à adoração, desistindo da medicina e de tudo que almejava; assim, se conseguisse ter boa intenção, eu me tornaria santo. Tive desejos indevidos para um monge, tais como: *as pessoas vão ficar sabendo que passo meus dias aqui, virão para obter minhas bênçãos. Vou ser um exemplo de austeridade, nada comerei além de uma tâmara por dia e por noite e, quando ficar com sede, colocarei as sementes na boca e as movimentarei; assim, matarei a sede, como costumávamos fazer na aldeia quando pequenos. Se a sede ainda assim não passar, molharei os lábios com a água do mar e voltarei ao meu confinamento na caverna. Dizem que os alexandrinos não têm respeito pelos forasteiros, mas serei bem-vindo entre eles quando notarem minha devoção, religiosidade e dedicação à adoração. As bênçãos divinas cairão sobre minha caverna e milagres acontecerão às minhas mãos. Um dia, Otávia, já tendo visto a luz, poderá até vir me visitar com a multidão e me verá rodeado de luzes santas. Não me apegarei a nada deste mundo, ocupar-me-ei somente com o louvar a Deus, assistindo às verdades da existência refletidas no meu interior. Limparei minha alma até ficar clara como um espelho e transcenderei as impurezas deste mundo.*

Essas ideias me confortaram e atenuaram meu medo, mas pela manhã fui mordido pela fome, que confundiu minhas ideias e desejos ingênuos. Retirei uma tâmara do meu alforje e a mastiguei devagar, o que me deu sede. Movimentar a semente na boca foi inútil. Saí então da caverna, olhando para os lados como uma raposa acuada. No caminho até o mar, não avistei ninguém até onde a vista alcançava. Tudo, afora o vento, estava quieto. Molhei a mão na água e passei nos lábios e na língua; o sal me deixou com mais sede ainda. Voltei à caverna arrastando os pés. Amontoei-me no canto como um gato

desgostoso lambendo uma ferida, sem esperança de cura. Vi que o sono era meu único abrigo, e tentei trazê-lo até os meus olhos. Após longo penar, dormi o sono de um náufrago.

No meio do dia, despertei com o grasnar das aves marítimas e com minha fome e sede. Nunca tinha experimentado tanta fome e sede. Coloquei na boca outra tâmara e fui chupando sua doçura devagar. Passado um tempo, saí da caverna e olhei para os lados: não havia ninguém além de mim. Otávia não estava ali, parada no lugar onde a vi no dia em que quase me afoguei.

Naquele momento soube que não gostava do mar. O Nilo é melhor e mais piedoso. O Nilo traz a vida para as margens; o mar arrasta de sua praia tudo que é verde e se acerca somente de rochas. Alexandria é uma cidade de mar e rochas, cidade do sal e da crueldade. A solidão me rasgava e o peso do desterro me esmagava. No fim da tarde tive uma ideia indominável, e pensei que ela pudesse atestar meu arrependimento e me aproximar do estado de inocência que eu tinha desperdiçado. Eu seria único entre meus pares, tornar-me-ia distinto entre eles, e ninguém jamais seria capaz de fazer o que eu faria: castrar a si próprio.

Decidi sair imediatamente, procurar na areia um fio de crina de cavalo, lavá-lo muito bem na água do mar, voltar para a caverna e amarrar meus testículos com a crina. Suportaria a dor por alguns dias até que os testículos caíssem, e assim descansaria para sempre. Nunca mais cairia nas tentações das mulheres! Seria como os anjos. O evangelho nos chamou para isso, mas não atendemos porque somos fracos. Os versículos no Evangelho do Apóstolo Mateus são claros: “... *Há aqueles que se fizeram eunucos a si mesmos, por amor do Reino do Céu. Quem puder compreender, compreenda.*” Eu compreenderia, escolhendo e aceitando de bom grado o sacrifício no altar da castidade. Eu faria isso com a vontade de Deus, na manhã seguinte.

Mas espere! No passado, Orígenes tinha feito o que eu estava prestes a fazer; alguns o consideraram santo, outros pensaram que tinha feito mal. O bispo de Alexandria na época — Demétrio, o cuidador de videiras — censurou-o, qualificando seu ato como uma abominação. Demétrio ficou furioso, afastou Orígenes da chefia da catequese e ainda anulou sua ordenação. Como iriam julgar minha atitude naquele dia? Uma vez feito, não haveria como recompensar o que tinha sido perdido e eu não poderia regularizar minha situação no sacerdócio. Em outras palavras: não havia maneira de resistir aos anseios egoístas e aos desejos da carne. Iriam me excomungar e me expulsar da Igreja, laureado pela vergonha e acompanhado por maldições retumbantes. Minha ideia não tinha esperança. Não vou mais pensar em me castrar, nunca!

Pouco antes do pôr do sol, não quis dormir novamente na caverna, portanto, fui até a praia e caminhei na direção oeste. Contrariando meus esforços, olhei para a casa de Otávia várias vezes, e várias vezes caí no chão. O poente parecia mais vermelho com o contraste do azul do mar à minha direita. À esquerda, via cada vez mais casas conforme avançava rumo ao centro da cidade. As casas ficavam mais altas, cada vez mais grandiosas e palacianas. Mais adiante avistei alguns guardas perto do mar, mas não me aproximei deles. Percebi então que estava me aproximando do Bairro Real, que de real não tinha mais nada desde que seus palácios se tornaram casas mal-assombradas e refúgio para cães. Evitei continuar na direção oeste e virei para o sul, caminhando entre as casas da cidade; quem sabe conseguiria para meu coração trêmulo um pouco de calor, comida e água. Avistei ao longe uma igreja com uma enorme cruz no topo. Andei até lá, tocando com a ponta dos dedos a valiosa carta de recomendação escondida no meu alforje.

À porta da igreja, havia um grupo de pessoas da nossa religião conversando baixinho. Vi bondade em suas feições, e de seus pescoços pendiam cruces de

madeira tingida e de ossos bovinos esculpidos. Não olharam para mim, mas não hesitei; fui até elas e disse:

— Boa noite, irmãos. Sou estrangeiro do sul e trago uma carta para o monge Yoannes, o Líbio.

Não o conheciam e não me deram muita atenção. Um deles me aconselhou a perguntar sobre ele na Igreja do Cesarion, indicando-me o caminho até lá. Deixei-os e fui pelo caminho indicado. Tinha ficado com vergonha de dizer a eles que estava com muita fome e sede. Em uma esquina, pedi a um guarda que me desse um pouco de água para beber. Ele me atendeu e perguntou para onde ia; notei certo ressentimento quando respondi. Ainda me lembro do seu olhar desconfiado quando lhe disse que procurava um monge que morava numa igreja! Agradei vacilante e saí de sua frente. Depois um tempo vi as ruínas de uma casa destruída; sentei diante dela um instante para descansar os pés e apoiei minhas costas nos escombos de seu muro.

A noite caíra pesadamente e as estrelas pareciam se esforçar para atenuar a escuridão. As casas de Alexandria não se importam com a noite. De suas janelas veem-se muitas luzes, e a noite não impede o movimento das pessoas, pois elas gostam de ficar acordadas até tarde e não dormem muito, nem de dia nem de noite. São mais gordas que as pessoas na minha terra, sua pele é mais alva e jovial. O bom vinho dá uma compleição radiante e melhora a cor.

Não demorei na minha pausa, apesar de ter pensado em lá entrar e pernoitar, mas mudei de ideia. No caminho, perguntei duas vezes sobre a Igreja de Cesarion, até que a encontrei. Ela dava para o que chamavam de cais oriental, pois há outro grande cais a oeste. A Igreja de Cesarion era grande. Suas paredes eram altas, cheias de rabiscos e rachaduras. Posteriormente soube que foi um templo, passou a ser igreja e depois voltou ao templo pagão que era.

Na porta da igreja, fui abordado por um homem vestindo um hábito apertado. Seu enorme corpo quase pulava do tecido. Tinha uma aparência esquisita: o corpo de um lutador na batina de um sacerdote! Seu olhar era penetrante, e na ranzinze de seu rosto havia a crueldade de um carrasco, não a mansidão dos sacerdotes. Minha roupa o fez me desprezar: olhava-me com desdém, de braços cruzados. Titubeando, perguntei se aquela era a Igreja do Cesarion, ao que ele assentiu com a cabeça e esticou o beijo; parecia que iria morder meu ombro! Perguntei com educação sobre o padre Yoannes. Ele balançou a cabeça veementemente, indicando que não o conhecia e que não desejava mais perguntas. Afastei-me dele com passos rápidos e só parei no cruzamento da rua que vinha da praia com a Via Canópica. Eu deveria atravessar aquela avenida e seguir até o quarteirão sul da cidade, conhecido como o bairro dos egípcios, para me acolher entre eles. Mas me vi andando a esmo, sem conhecer o desenho da cidade nem a divisão correta de seus bairros.

Pensei em pernoitar fora das muralhas, assim entraria na cidade de manhã como se fosse a primeira vez, apagando tudo que me ocorrera nos dias passados. Fui em direção às muralhas, decidido a sair, mas passei no caminho pelo enorme jardim que cercava o grande teatro. Entrei e constatei que estava vazio, adequado para o pernoite de gente como eu. Desisti da ideia de sair da cidade e me encolhi embaixo de uma grande árvore, cujos galhos eram enrolados como as tranças das virgens. Dormir lá era mais seguro e mais quente do que na caverna de rochas. Joguei-me sobre minha fome e sobre o cheiro da grama. Aquele cheiro voltaria a mim muitas vezes, em lugares onde não havia grama.

Naquela noite, meu sono foi repleto de sonhos e os sonhos estavam repletos de Otávia: a carinhosa e cruel, chorona e risonha, preguiçosa e divertida, pura e pagã, a furiosa Otávia. De madrugada, abri os olhos e percebi que era domingo, o dia da palestra. Disse a mim mesmo: não faz mal ficar mais um dia

na cidade vestido com os trajes do sul! Verei Hipátia, depois sairei para dormir entre os camponeses miseráveis. Amanhã voltarei para cá com a roupa dos monges e irei diretamente à Igreja de São Marcos, onde encontraria o mundo ao qual eu de fato pertencia.

O NONO PERGAMINHO

A irmã de Jesus

Lembro bem como caminhei feito um ladrão até o portão do Grande Teatro; lembro-me bem da vergonha que senti de minha roupa esfarrapada em meio àquela gente elegante, apesar de a vida monástica ter nos ensinado que não devíamos nos importar com trajes, esfarrapados ou não. O guarda na porta indicou o lugar da palestra e entrei com os outros. Era uma enorme sala construída do lado oeste do teatro; não fazia parte dele, mas ambos eram circundados por um único jardim. O público presente era grande e havia mulheres! Seria a primeira vez, e a única, em que eu assistiria a uma aula proferida por uma mulher e assistida por mulheres. Tudo em Alexandria era estranho e diferente.

Todos na sala falavam grego e entendiam de filosofia. Pude notar isso pelos sussurros e pelas discussões em voz baixa antes do início da palestra. Em suas conversas, abundavam os nomes dos antigos filósofos, mas não houve nenhuma menção a um nome de apóstolo ou mártir. Pareciam viver em outro mundo. Pensei inicialmente que assistiria a uma palestra pagã, mas depois entendi que a matemática não tinha nada a ver com o paganismo nem com a fé.

O relógio de sol colocado na entrada da sala estava com o ponteiro quase na marca das dez de manhã. As pessoas chegaram cedo. Fiquei entre elas por uma hora, enquanto se ocupavam com suas conversas em voz baixa e risos delicados. Suas roupas eram limpas e os rostos demonstravam vestígios da passageira

abundância mundana. Sentei-me perto da porta na ponta do terceiro banco de madeira. Em meu desconforto e por não me sentir à vontade entre aquelas pessoas, eu estava rígido e frágil como um pedaço de madeira velha.

Instantes antes da entrada de Hipátia, um homem gordo sentado à minha direita na segunda fileira olhou para mim. Cumprimentou-me com um sorriso que retribuí com outro, tímido, pois sorriso se paga com sorriso! O homem gordo estava prestes a dizer algo quando as trombetas soaram, avisando da chegada do governador Orestes; este ficou no meio da primeira fila, ladeado por sua corte, que ocupou toda a fileira. Hipátia entrou no amplo salão e todos se levantaram para ela, inclusive os homens. O repentino movimento impediu-me de ver sua entrada. Quando os cumprimentou, sentaram-se; vi-a então subir os dois degraus da tribuna e se posicionar como um sonho diante da plateia, que se ajeitava nos bancos. Ela se preparou para falar e todos se calaram, como se fossem as estátuas da longa Avenida das Esfinges, em Tebas.

Mesmo antes de a mestra pronunciar qualquer palavra, meu coração estava palpitando e batendo forte, e cheguei a temer que suas batidas turbulentas fossem ouvidas pelos que estavam sentados ao meu lado. Hipátia era uma mulher íntegra e bela; aliás, extremamente bela, talvez a mais bela do mundo. Beirava os 40 anos. Seu nariz era muito bonito, sua boca, sua voz, seu cabelo e seus olhos... tudo nela era deslumbrante. Quando falava, seu brilho aumentava. Meses mais tarde, eu ficaria sabendo que ela havia se ocupado com a ciência desde pequena pelas mãos do pai, o famoso matemático Theon. Soube que o ajudou, ainda adolescente, nas explicações que elaborou sobre os trabalhos de Cláudio Ptolomeu, autor da *Introdução à geografia* e do grande tratado de astronomia.*

Agora, enquanto escrevo o nome de Hipátia, parece que a vejo na minha frente, de pé na tribuna da sala, como um ser celestial que tivesse descido à Terra pela imaginação dos deuses para dar aos homens uma notícia divina e

misericordiosa. Hipátia tinha uma presença que sempre imaginei que Jesus Cristo tivesse, reunindo ternura e majestade. Seus olhos eram de um límpido azul-acinzentado; a testa larga radiava um brilho celeste. No jeito e na vestimenta, tinha uma presença semelhante ao encanto das deusas. De que elemento magnífico foi feita essa mulher? Era diferente de todas as demais! Se o deus Khnum era quem moldava os corpos dos homens, de que argila pura ele a esculpiu e com que essência celeste a forjou? Deus! Estou blasfemando.



Após subir à tribuna, o silêncio de Hipátia durou apenas alguns segundos. Levantou os olhos em direção à plateia silenciosa e começou a falar o que aqui traduzo:

— Amigos, dias atrás recebi da Ilha de Rodes várias epístolas contendo muitas observações e relatórios relacionados às aulas em que eu havia explicado o virtuoso livro de Diofanto a respeito do cálculo de valores numéricos desconhecidos. Dada a extrema especialização desse tema, vou adiar sua discussão para mais tarde, após esta aula, para não sobrecarregar os não matemáticos presentes; embora eu acredite que a filosofia, que a maioria deseja que abordemos hoje, possa ser solidamente embasada na geometria. Irmãs e irmãos, vocês sabem que o grande Platão escreveu na porta de sua academia, em Atenas, a frase “que não entre aqui quem não tenha estudado geometria”. Mesmo assim, primeiro falarei sobre filosofia, depois darei minha palestra numa sessão à parte, para discutir as questões geométricas que surgiram do livro do virtuoso Diofanto, o Alexandrino, a quem desejar continuar o assunto comigo.

Eu a acompanhava com olhos ávidos. Ela mirou duas vezes em minha direção durante sua fala; seus olhos me estontearam. Em Akhmim eu havia

estudado filosofia por anos, mas nunca tinha escutado nada parecido ao que ela dizia. Hipátia explicava, em grego culto, como o intelecto humano consegue discernir a ordem inerente ao universo e como alcança o conhecimento da essência das coisas por meio do pensamento, e assim identifica suas características acidentais e variáveis. Ela dizia expressões básicas de filosofia, expressões que eu tinha ouvido de outros, mas, quando ela as pronunciava, parecia abrir minha mente, introduzindo-as nela. Até mesmo quando falava das conhecidas teorias dos pitagóricos, tais como o ditado “todas as coisas são números e música”, pela emoção profunda e pela delicadeza com que pronunciou essa frase, senti que todos os seres eram ritmos no mesmo sistema. Do que ela dizia, compreendi coisas que nunca havia entendido antes com outros professores de filosofia.

Antes do término da aula, imaginei que poderia me transformar num seguidor de Hipátia pela vida inteira, ou mesmo num servo que andasse atrás dela. Imaginei-me voltando para Otávia, desculpando-me por tê-la enganado durante três dias; imaginei que ela poderia me perdoar quando eu argumentasse que tive medo de perdê-la e que havia sido esse o motivo do meu silêncio e vacilo. Otávia iria me perdoar e me beijar de novo, eu viveria com ela, deixando para trás as ilusões que me devoravam, e caminharíamos juntos não sei para onde. Conheceria o senhor siciliano quando ele voltasse de viagem e conheceria Hipátia de perto; trabalharia como médico até me tornar brilhante e, quem sabe, até descobriria a cura para a bilharziose. As ideias me enlevaram até que me distraí do resto da aula. Atentei, porém, para o que a mestra falou no fim, e que ainda está na minha mente:

— Meus caros, mesmo sendo intelectual a compreensão, ela é também um ato espiritual, pois as verdades a que chegamos por meio da razão e da geometria, se não forem sentidas por nossas almas, permanecerão verdades frias, e seremos incapazes de conceber a beleza de sua compreensão. Já se

passaram duas horas e eu sei que me prolonguei e os cansei; aceitem, pois, minhas desculpas e o meu apreço por sua presença. Voltarei em meia hora a esta sala para falar sobre a geometria de Diofanto. Quem quiser me dar o prazer de participar, que seja bem-vindo, com a condição de que sejam estudiosos da geometria, para que não odeiem a ela nem a mim.

A plateia sorriu e alguns riram. Todos se preparam para sair, mas eu fiquei no meu lugar, firme como as pedras nas pirâmides ou as rochas ovais das margens do Nilo na minha terra natal. Hipátia voltaria meia hora depois; a que outro lugar eu iria?

As fileiras foram se esvaziando, exceto por alguns estudantes que pegavam suas folhas e passavam, carregando seus livros, para a fileira da frente. O governador, sua corte e a multidão se agrupavam ao redor de Hipátia numa grande mesa do lado de fora da porta. A mesa estava repleta de vários tipos de doces. Era a isso então que o chamador barulhento havia se referido no dia em que entrei em Alexandria? Não gosto de doces e não comi naquele dia, apesar da fome que moía minhas entranhas e que quase me levou ao desmaio, tão forte que era. Por modéstia, satisfiz-me com as duas últimas tâmaras que estavam no meu alforje, evitando ficar entre os bem-vestidos com minhas roupas esfarrapadas.

Após uma longa meia hora, suas vozes se acalmaram e o governador se retirou, tal como a maioria das pessoas. Hipátia voltou cercada por um pequeno grupo de mestres e discípulos de idades variadas. Subiu à tribuna como fez da primeira vez, e a sala se aquietou, também como da primeira vez. Não éramos mais que vinte e eu ainda estava no meu lugar na terceira fileira, quando ela apontou para mim, dizendo:

- Pode vir até a primeira fila, se desejar.
- Não, minha senhora, estou bem aqui, mas agradeço-lhe a bondade.
- Bondade! Seus termos são estranhos, irmão estrangeiro.

— Vim do sul, honorável senhora.

— Bem-vindo à nossa cidade.

Não entendi quase nada do que Hipátia disse em sua segunda apresentação. Apenas olhava para ela, lamentando por ter fugido quando jovem das aulas de geometria. Durante a palestra, fiquei animado e tomei uma decisão nunca antes pensada: estudaria geometria em conjunto com a medicina e a teologia; primeiro buscaria os princípios da geometria e da aritmética, depois especializar-me-ia nelas e assim obteria destaque. Naquela época eu era como uma folha seca ao vento. Acho que continuo sendo assim!

Depois da aula, novamente os alunos a cercaram. Não sei como nem de onde busquei coragem, mas me aproximei de Hipátia sem medo e, sem ela me perguntar, disse-lhe que tinha vindo a Alexandria buscando estudar medicina e que planejava permanecer na cidade por cinco anos, bebendo do conhecimento, para depois voltar à minha terra natal e cuidar dos enfermos. Movido pelo entusiasmo, acrescentei que durante minha estada na cidade cuidaria para assistir a todos em suas reuniões científicas, até mesmo as de geometria! Ela não deixou de sorrir nem de demonstrar interesse por tudo o que eu dizia, o que me encorajou a continuar falando com o único propósito de ficar olhando para ela. Quando terminei, ela disse:

— Então, verei-o aqui no próximo domingo, meu caro e bom amigo sulista.

— A senhora não palestra sobre medicina?

— Não, meu amigo, infelizmente.

Enquanto respondia a minha pergunta repentina, sorriu o suficiente para dissipar minha solidão, minha fome e a sensação de que era um forasteiro. Ela acrescentou, apontando para um dos que a cercavam, que eram cinco homens de meia-idade e uma mulher magra:

— Meu elegante colega aqui, Sinésio de Cirena, também queria estudar medicina no início, mas estudou filosofia. — E acrescentou, olhando-o de soslaio: — Agora quer renegar a filosofia e crer no oposto!

O homem chamado Sinésio lançou uma alta e doce gargalhada, inclinando levemente a cabeça para trás; depois pousou com afeição sua mão direita no meu ombro esquerdo e disse:

— Não acredite na mestra, irmão. Ela faltou com a verdade duas vezes: quando me chamou de colega, pois não passo de um discípulo dela; e a outra porque, ao querer trilhar o caminho eclesiástico, não significa que renegarei a filosofia, acreditando em seu oposto!

Todos, exceto eu, riram de suas palavras e se prepararam para deixar a sala. Após aquele dia, nunca mais vi o homem chamado Sinésio de Cirena, mas ouvi, posteriormente, que se tornou um dos homens da Igreja na Pentápole ocidental, conhecida como Líbia; foi eleito bispo de uma das cinco cidades, Ptolemais (Barca), se não me engano.

Todos saíram e eu me atrasei um pouco, pois minhas pernas pesavam. Não tinha ideia do que faria depois daquela aula, a qual desejei que tivesse durado para sempre. Antes de desaparecer atrás da porta, Hipátia olhou para mim sorrindo, como se quisesse registrar minhas feições em sua memória até a próxima vez. Quem dera tal próxima vez jamais tivesse chegado! Hipátia partiu qual um sonho sereno que durante um segundo alegrou um coração triste, deixando-o em seguida para sempre.

Parei na porta do teatro, perdido em pensamentos, observando-a enquanto tomava sua carruagem puxada por dois cavalos. A barra bordada de seu vestido foi a última coisa que vi dela; a última coisa bonita que vi naquele dia e nos seguintes. Quando sua carruagem desapareceu, voltei a me sentir sozinho e ansioso. Não tinha para onde ir. Fiquei desamparado por alguns instantes e as coisas se embaralharam em meu coração. Com passos pesados, dei a volta em

torno do grande jardim, e, quando o sol chegou a seu ponto mais alto, voltei à árvore em cuja guarida tinha dormido na noite anterior. Debaixo dela e ao seu redor, havia muita gente se protegendo do sol do meio-dia. Entre eles, vi algo totalmente inesperado: um grupo de colegas do tempo de estudos em Nag-Hammadi, todos vestidos com hábitos da Igreja!

No momento em que me avistaram, cercaram-me alegres pela minha chegada inesperada, embora mais inesperada fosse a presença deles ali. Perguntaram-me o que eu fazia naquele lugar, e respondi que estava perdido; perguntaram do meu hábito, e disse que estava rasgado e sujo e que o havia guardado em meu alforje até que pudesse costurá-lo e lavá-lo, poupando-me assim da zombaria dos pagãos. Perguntaram para onde ia e disse que levava uma carta para o bispo Yoannes, o Líbio. Eles o conheciam e me levaram até ele. Foi assim que entrei pela primeira vez na grande Igreja de São Marcos, em Alexandria, a Igreja do Grão de Trigo, cercado por oito monges.

Quando Yoannes terminou de ler a carta de recomendação que estava no meu alforje, levantou o rosto em minha direção e perguntou, breve e calmamente, como estava seu amigo, que havia me recomendado. Disse a ele que estava bem; não comentei que eu sabia que ambos rejeitavam as ideias e as ações violentas do bispo anterior, Teófilo, e que mantinham correspondência sobre o assunto, embora ambos tivessem sido discípulos de Teófilo na juventude, crentes de que ele estava atacando o paganismo que por muito tempo tinha atormentado o cristianismo. Porém, quando viram que aquela guerra se prolongava indefinidamente, afastaram-se dele e o evitaram. Não lhe disse que seu amigo me enviou para Alexandria após a morte do mencionado bispo, com a esperança de que as coisas tivessem se acalmado. Não insinuei nem de longe nada disso; apenas mencionei alguma coisa que seu amigo havia me contado sobre os tempos em que os dois tinham sido monges no mosteiro de Santo Antônio e quando foram vizinhos do abade Chenouda, o

Arquimandrita, líder dos eremitas em Akhmim. Sinais de alívio apareceram em seu rosto. Quando terminei, convidou-me para descansar da minha longa viagem e chamou um de seus criados para me acompanhar.

O criado me levou primeiro ao enorme refeitório, e juntos comemos uma comida quente. Depois me levou à hospedaria, onde ficavam vários cômodos muito pequenos, e me informou que eu seria transferido daquele lugar temporário para uma cela em alguns dias. Passei dois dias nadando nos mares sem praias da igreja. Eram dezenas de padres e monges e centenas de peregrinos e visitantes ao longo do dia, vindos para rezar, se abençoar ou confessar. A igreja não sossegava nunca: era uma colmeia de abelhas louvando ininterruptamente ao reino dos céus. Mesmo na noite adiantada, acendia-se um enorme e maravilhoso lampião suspenso na igreja. Aquele lugar me parecia ser o mundo ao qual de fato eu pertencia. Pensei comigo mesmo várias vezes que eu não fazia parte da gente deste mundo passageiro. Deus havia me escolhido por algum propósito que apenas Ele conhecia, portanto, que fosse feita a Sua vontade.

Fiquei num pequeno cômodo dentro da igreja, rodeado por outros que eram ocupados por pessoas como eu, servos do Senhor. Tratava-se, em sua maioria, de monges da Pentápole ocidental e das terras do Alto Egito (Sa'id), outros eram padres vindos em missões breves de lugares distantes, como da Abissínia, onde falavam aquela língua estranha. Nos primeiros dias ninguém se importou comigo, exceto um monge visitante, originário de uma pequena aldeia próxima ao Mosteiro de Almuharraq, por onde eu havia passado no caminho para Alexandria. O mosteiro ficava no Monte Qusqam, que dava vista para Licópolis (Assiut). O monge morava no quarto ao lado e aguardava a partida dos abissínios, aos quais acompanharia para morar em seu país e nunca mais sair de lá. Não me lembro mais do seu nome, talvez Bichoi, mas não estou certo. Bichoi, em egípcio, significa “elevado”, mas aquele monge era baixinho.

Sua dignidade, bondade e o fato de ser um forasteiro me chamaram a atenção. Beirava os 30 anos e falava o dialeto do alto Egito, como eu. Conversávamos sempre entre as orações e as missas e a caminho do refeitório; em poucos dias tornamo-nos irmãos no aprisco do Senhor. No sábado, quando contei a ele minha intenção em sair no dia seguinte para assistir à palestra de Hipátia, gritou: *Irmão, não deve fazer isso!* Disse-me, assustado, que tal coisa seria um pecado mortal, se fosse cometida, e recomendou que eu nunca mais mencionasse aquele nome.

— Você vai deixar de ouvir no domingo o sermão do papa Cirilo, o grande bispo, para ir ver uma harpia? Esse pecado jamais seria perdoado se o cometesse. Quanto a mim, não tenha medo: vou considerar que ouvi de você uma piada sem graça, e nunca o mencionarei a mais ninguém.

Passei uma noite difícil, enlevado por todas as ideias contraditórias: esqueço que assisti à mestra, dedico meus esforços ao que vim fazer e depois volto à minha terra são e salvo? Abandono a Igreja para sempre? Saio amanhã cedo e não volto mais? De qualquer forma, não estou preso entre essas paredes. De que adianta ficar? Jesus Cristo pregava entre as pessoas, não entre paredes, monges e padres. Ao seu redor havia vida verdadeira; por que morremos antes de morrer? Mas, na igreja, eu me sinto seguro após ter vagado tanto. Os homens da religião são minha verdadeira família; não tenho família mundana, a não ser meu tio enfraquecido pela bilharziose, e que não tenho certeza se estará vivo quando eu voltar. Voltaria a quem, se regressasse à minha terra natal? E o que vem a ser minha terra natal? A aldeia do meu tio, que espera a morte? A aldeia do meu pai, onde ninguém vai me reconhecer? Ou a aldeia onde minha mãe se estabeleceu? Minha mãe, que dorme toda noite nos braços de um criminoso. Eu o odeio e a odeio, e o ódio vai me matar. Eu devia amar meus inimigos e fazer o bem a quem me fez o mal, para que fosse um verdadeiro cristão e verdadeiro altruísta. Nunca encontrei o verdadeiro amor, a

não ser numa mulher pagã, que me encontrou por acaso na praia e me fez entrar em seu paraíso durante três noites e quatro dias inesquecíveis. Se eu voltasse a Otávia, ela me aceitaria ou chamar-me-ia novamente de baixo e vil? Foi a primeira vez que alguém me insultou, e cuidarei para que tenha sido a última. Ninguém terá a coragem de me ofender enquanto for um monge da grande igreja. Quem sabe não galgo postos na carreira do clero e me torno um dia bispo de uma das grandes cidades? Mas o que pretendo com o bispado? Recompensar-me-ia do sonho de me destacar na medicina e de achar a cura da bilharziose? Deixarei os desejos mundanos me guiarem após ter prometido a meu tio enfermo que daria minha vida a Jesus, o Salvador? Não é certo da minha parte, e eu perderia o sentido da minha existência. Que tal se eu propusesse a Hipátia, no dia seguinte, que eu vivesse na casa dela para servi-la e aprender com ela? Ela aceitaria, e me ajudaria a estudar medicina no *Mouseion*, o instituto científico. Tornar-me-ia um médico hábil em dois anos apenas, pois já havia estudado muito a medicina em Akhmim; de sua enorme gama de matérias, só me faltava estudar a anatomia, e os médicos do *Mouseion* vinham praticando tal ciência fazia centenas de anos e dominavam todos os segredos da medicina. Eu dizia tudo isso a mim mesmo naquela noite, sem saber que o *Mouseion* tinha sido fechado havia anos!

O moinho das ideias contraditórias não parava de girar na minha cabeça naquela noite, quase moendo também meu coração e minha alma. Dizia a mim mesmo: Se sair da Igreja e abandoná-la após terem me conhecido, irão me considerar um apóstata e me atacar, como fizeram com os que se afastaram da religião na época do imperador Juliano. O cristianismo hoje é a religião oficial de todo o império. Não me salvarei da acusação pelo terrível grupo chamado Amantes do Sofrimento; em suas mãos, terei o mesmo destino que teve meu pai, e eles ficarão felizes como ficou minha mãe. Mas estava muito ansioso em ver Hipátia no dia seguinte e discutir com ela questões filosóficas, o que

aumentaria seu apreço por mim. De qualquer forma, ela tem apreço por todo mundo. Ela era a confirmação do significado de seu nome: Hipátia em grego significa “a suprema”. Ela era dez ou 15 anos mais velha que eu, mas isso não era uma grande diferença! Talvez me aceitasse como um filho ou um irmão mais novo; ou, quem sabe, chegasse o dia em que me amaria, e assim nossa situação seria como aquela descrita por Otávia sobre as mulheres que amam a homens mais novos, tornando-os os mais felizes dentre os felizes. Mas não há felicidade nem alegria neste mundo.

Acordei de minhas divagações ao som das badaladas dos sinos chamando para o sermão de bispo Cirilo. Acompanhei os que saíam das celas e fui esmagado pela multidão que entrava na igreja. O pátio interior lotou e não havia mais como sair, nem sequer mudar do lugar onde estava espremido entre monges, padres, sacerdotes, leitores do evangelho, grandes e pequenos interpretadores, antigos lutadores que se tornaram fiéis, além dos Amantes do Sofrimento e dos filhos dos penitentes que haviam voltado à religião, os seguidores perplexos dos “Irmãos Altos”, e grupos de monges dos mosteiros de Wadi Annatrûn. Estava cercado por todos os lados pelo exército do Senhor. Seus gritos, que faziam tremer a praça e abalar as paredes, anunciavam a proximidade de uma grande notícia e um acontecimento importante. Quando os gritos chegaram ao máximo e as vozes estavam quase desafinando, o bispo Cirilo apareceu sobre nós no púlpito.

A aparência aterrorizante do bispo me espantou e me atordoou. Era a primeira vez que o via; depois passaria a vê-lo toda manhã de domingo durante dois ou três anos, e também no dia do encontro em particular, que mencionarei caso haja oportunidade para isso. Quando vi o bispo pela primeira vez, estranhei e me surpreendi, pois apareceu de um púlpito inteiramente folheado a ouro. Havia apenas um nível, com uma enorme cruz de madeira acima dele, na qual estava uma estátua de Jesus Cristo feita de gesso colorido.

Da testa do Cristo crucificado e de seus pés e mãos corriam gotas de sangue pintadas em vermelho vivo.

Olhei para a veste esfarrapada na estátua de Jesus, depois para o manto ornamentado do bispo. A veste de Cristo eram trapos rasgados sobre o peito e a maioria de seus membros; a do bispo, toda bordada em fios dourados e cobrindo-o por inteiro, a tal ponto que quase não se podia lhe ver o rosto. A mão do Cristo estava vazia dos objetos do nosso mundo, mas na mão do bispo havia um cetro, que imaginei que fosse de ouro puro, de tanto que brilhava. Na cabeça, Cristo carregava os espinhos da coroa das dores; já o bispo carregava a coroa dourada brilhante de seu posto. Cristo parecia resignado, aceitando sacrificar-se na cruz da redenção. Cirilo parecia disposto a impor suas vontades aos céus e à Terra.

O bispo olhou para seu povo e sua gente, passou os olhos sobre a multidão que se apertava no pátio da igreja. Levantou seu cetro dourado e todos fizeram silêncio. Então, ele disse:

— Filhos de Cristo, em nome do Deus vivo abençoo este dia e todos os seus dias. Começo meu sermão com a verdade dita pelo apóstolo Paulo em sua segunda epístola a Timóteo, na qual lhe dizia e a todo cristão em todo lugar e todo tempo: “Agente as aflições como bom soldado do Cristo Jesus, pois quem milita não se embarça com negócio desta vida, a fim de agradar àquele que o alistou para a guerra, e o militante não será coroado até que milite legitimamente.”

Por instantes, pensei que o bispo dirigia suas palavras a mim e que isto era um de seus milagres. Acrescentou, com uma voz alta que fez o ambiente da majestosa igreja tremer:

— Começo com isso para lembrá-los de que estamos vivendo tempos de instabilidade e, portanto, de militância. A luz de Cristo se espalhou muito e cobriu quase a Terra inteira, dissipando a escuridão que tinha reinado por

muito tempo, mas há algumas penumbras que ainda se aninham aqui e ali, e que se manifestam na Terra em forma de conflitos e heresias que penetram nos corações das pessoas. Nosso esforço não descansará contra elas, enquanto estivermos vivos. Entregamo-nos a nosso Senhor Jesus Cristo; sejamos, pois, os soldados da verdade que só aceitarão a coroa celestial. Sejamos leais à religião do Salvador, para que nos juntemos aos mártires e aos santos que atravessaram a vida para obter a glória divina e a vida eterna.

Vi muitos olhos verterem lágrimas e muitos rostos que quase explodiam de entusiasmo. Todos os olhos estavam pregados no bispo Cirilo, que, com suas palavras, tinha controle total das emoções do povo. Suas frases em grego eloquente eram fortes, como se falasse pela boca dos apóstolos e com o coração dos padres primeiros. Vaguei em meus pensamentos e divaguei em distantes horizontes, até que voltei a ficar atento quando ele disse:

— Quanto àqueles que se denominam “os irmãos altos”, não reveremos seu caso, que já está decidido, e não entraremos numa nova discussão herege a fim de averiguarmos a veracidade de crença de seu líder Orígenes, uma vez que foi condenado pelo papa Teófilo, o bispo desta magnífica cidade, 13 anos antes de se transferir para o reino superior. Não repetirei a vocês as decisões do Santo Concílio da Igreja de Alexandria, que condenou Orígenes no ano de 135 dos Mártires, equivalente ao ano de 399 da encarnação do Cristo. Não repetirei a vocês as decisões tomadas pelos concílios seguintes, que afirmaram a condenação, deposição e excomunhão de Orígenes; refiro-me aos vários concílios realizados em Jerusalém, Chipre e Roma. Não repetirei as decisões neles tomadas pelos virtuosos padres, pois já são conhecidas e públicas; quem souber ler, que as leia, e quem não souber, que se dirija à biblioteca da igreja e peça a um padre que as leia. Mas hoje eu lhes digo que não permitirei a revisão de uma doutrina de um filósofo que já morreu há 150 anos; um filósofo que trabalhou na teologia e errou, desviou-se e emitiu heresias, um filósofo que não

devia ter sido ordenado padre. Que se calem, pois, seus seguidores, “os altos”,*** e se comportem humildemente, como o fez Jesus Cristo; e que parem de percorrer o país altivos e levianos em suas indecisões, provocando agitações e noções heréticas ameaçadoras à verdadeira fé. A verdadeira fé a que demos a vida para defender, quais soldados fiéis a Jesus Cristo.

De repente, um dos presentes gritou com uma voz rouca, dando a impressão de que sua garganta ia se soltar com os gritos: *Louvado seja no reino dos céus, ó papa, e abençoadas sejam suas palavras em nome de Deus vivo*. E seguiu repetindo a mesma expressão até ser imitado por todos os presentes. O entusiasmo quase enlouqueceu as pessoas; suas ovações para o bispo Cirilo faziam tremer as paredes da igreja. O bispo fez o sinal da cruz no ar e ergueu seu cetro duas vezes; o povo enlouqueceu com uma explosão de ânimo. Alguns desmaiaram, caindo no meio da multidão, outros tinham convulsões de acordo com os gritos, e alguns fecharam os olhos marejados. O bispo, ou papa, como o chamavam em Alexandria, virou-se e desapareceu atrás da porta do púlpito entre um grupo de altos sacerdotes, carregando as maiores cruzes que eu já tinha visto.



Os dias na Igreja de São Marcos passaram-se monótonos, à exceção dos ruidosos domingos. Entreguei-me, pouco a pouco, à vontade de Deus. O bispo Yoannes me guiava de longe, aconselhando-me a não me misturar com os monges alexandrinos, especialmente aqueles que se autodenominavam Amantes do Sofrimento. Havia entre eles um monge muito idoso e muito temido; meses depois, pude entender minha repulsa por seu olhar cruel. Esse monge ancião era do Alto Egito, mas não gostava das pessoas que vinham de lá para Alexandria. Certo dia me encontrou na praça da igreja, quando eu estava

lá há quase um ano. Chamou-me para que me aproximasse com um gesto de seu cajado, no qual apoiava seus 70 anos. Quando cheguei perto, sussurrou:

— Volte logo para sua terra, Alexandria não é lugar para você!

A voz parecia o silvo de cobras e o tom era cortante como picada de escorpião. Não entendi seu sinal. O bispo Yoannes me aconselhou, quando lhe contei, a me afastar dele. Dias depois, o servente da hospedaria me contou um segredo. Disse, após olhar para os lados:

— Esse monge ancião é um dos “Amantes do Sofrimento” e um dos heróis da Igreja. Quando jovem, pertenceu ao grupo que atacou e matou o bispo de Alexandria, George da Capadócia, esquartejando-o com cutelos na rua do bairro leste. — O servente acrescentou, sussurrando, após olhar para os lados novamente: — Isso aconteceu há 48 anos, no ano 77 dos Mártires. — Isto é, no ano 361 do Cristo.

— Por que fizeram isso com o bispo da cidade? — perguntei a ele.

— Porque ele nos foi imposto por Roma, e era um renegado que simpatizava com as ideias do maldito Ário.



Nos anos tediosos que passei em Alexandria, assistia regularmente às aulas de medicina e de teologia. Fiquei conhecido entre o povo da igreja por minhas excessivas orações e poucas palavras, o que os fez pensar que eu era honrado e devoto. Com o passar dos dias e dos meses, esqueci o que havia me acontecido nos primeiros dias na cidade. Não ouvi mais nada de Hipátia nem de mais ninguém, até que chegaram os dias críticos do ano 415 do nascimento de Cristo, quando começaram os bochichos, inicialmente entre os homens da igreja, a respeito do agravamento da discordância entre o papa Cirilo e o governador de Alexandria, Orestes. Posteriormente, muitas notícias se

espalharam sobre um grupo do povo da igreja que teria interceptado o caminho do governador e o apedrejado, apesar de ser um homem cristão — todos sabiam que havia sido batizado quando jovem em Antioquia, pelas mãos de João Crisóstomo — e apesar de Jesus Cristo, no início de sua mensagem, ter proibido os judeus de apedrejarem a prostituta, no célebre incidente em que disse: *Quem de vós não tiver pecado, atire-lhe a primeira pedra.*

Na época, aquela desavença entre o bispo e o governador não significava nada para mim. E como estava envolvido em meus problemas diários, orações e aulas entediadas, não atentei aos rumores nem acompanhei as notícias, até que o nome de Hipátia começou a ser mencionado na maioria das rodas. Pensei tê-la esquecido totalmente, até que ouvi seu nome. Meu coração se perturbou e bateu forte perante a lembrança dela.

Ansiava por saber o que acontecia fora das muralhas da igreja, por isso comecei a acompanhar as histórias e as novidades. Comecei perguntando ao bispo Yoannes, que me repreendeu e ordenou que não me importasse com mais nada além do objetivo da minha estada naquela cidade. Poucos dias depois, voltei a lhe perguntar educadamente; aconselhou-me a me afastar do assunto e cuidar daquilo para que eu estava na igreja. Perguntei a outros, e ninguém me deu uma resposta que pudesse tranquilizar meu coração, mas, pelos comentários dos serventes que iam à cidade e voltavam à igreja, entendi que o ódio do bispo por Hipátia já havia alcançado seu ápice. Disseram que o governador Orestes havia expulsado um homem cristão de seu conselho, o que causou a ira do papa. Diziam também que o governador não concordava com o que o papa queria: expulsar os judeus de Alexandria por completo, após o bispo Teófilo tê-los expulsado para o quarteirão judeu, localizado na zona leste atrás das muralhas. Diziam que o governador deveria ser o maior aliado da nossa religião, mas a diaba Hipátia o convencia do contrário. Diziam que ela

praticava magia e fabricava instrumentos astronômicos para os astrólogos e charlatões. Diziam muitas coisas que me preocupavam.

Dias se passaram carregados de tensão até que chegou o domingo fatídico, em todos os sentidos da palavra. Na manhã daquele dia, o papa Cirilo subiu ao púlpito para proferir seu sermão semanal, mas parecia triste. Não olhou para os presentes com o prazer usual que sentia ao ver seu povo; ficou cabisbaixo por alguns segundos, depois apoiou seu cetro dourado na balaustrada do púlpito e levantou as mãos para o céu, até suas mangas largas caírem para trás e revelarem seus braços magros. Seus dedos se abriram no ar como os dentes de um ancinho e, com uma voz grave e estrondosa, começou a ler a oração mencionada no Evangelho de Mateus: *Pai nosso que estais nos céus, santificado seja o Vosso nome, venha a nós o Vosso reino, seja feita a Vossa vontade, assim na Terra como no céu.*

O bispo começou a repetir a oração até que as pessoas ficaram tomadas pela emoção enquanto ecoavam com ele a súplica. Sua voz então passou a ser impetuosa e furiosa enquanto lhes dizia:

— Filhos de Deus, amados de Jesus vivo, esta sua cidade é a grande cidade do Senhor. Nela se fixou o apóstolo Marcos. Sobre seu chão viveram os padres da Igreja, o sangue dos mártires jorrou e as bases da nossa fé foram edificadas. Já a limpamos dos judeus, que foram expulsos. O Senhor nos auxiliou a expulsá-los e a limpar a cidade deles, mas restam os impuros pagãos, que ainda levantam a poeira da discórdia entre nós. Espalham ao nosso redor a corrupção e a heresia, interferem nos segredos da nossa Igreja, zombam e caçoam do que não sabem, brincam na casa da seriedade para desfigurar sua verdadeira fé. Querem reconstruir a grande casa dos ídolos que ruiu sobre suas cabeças há anos e pretendem reviver sua escola abandonada, que espalhava a perdição nas mentes. Querem devolver os judeus do quarteirão onde moram para dentro das muralhas da cidade de vocês. Mas o Senhor, soldados de Deus, não aceitará

isso nunca: frustrará seus esforços vis, dissipará seus sonhos doentios e elevará a posição desta magnífica cidade pelas mãos de todos vocês, conquanto sejam corretos os soldados de Deus, conquanto sejam corretos os soldados da Verdade. Nosso Senhor Jesus Cristo disse a verdade quando falou com uma língua de fogo: “A verdade vos purificará!” Pois então, filhos do Senhor, purifiquem-se e a suas terras da impureza da gente pagã. Cortem as línguas de quem anuncia o mal. Joguem-nos com seus pecados ao mar e lavem os pecados mortais. Sigam as palavras do Salvador, as palavras da verdade, as palavras do Senhor. Saibam que nosso senhor Cristo Jesus falou a nós, seus filhos, quando disse: *Não vim trazer a paz à terra, mas a espada!*

A multidão se agitou, beirando o delírio. Cirilo continuava a repetir, com seu rugido entusiasmado e cativante, as palavras de Jesus Cristo: *Não vim trazer a paz à Terra, mas a espada!* A agitação do povo chegava às raias da loucura. Repetiam atrás dele a mesma frase, e não pararam até que explodisse entre as pessoas um grito feito trovão. Era aquele gigante que costumava finalizar os inflamados sermões dominicais; refiro-me a Pedro, o leitor da bíblia na Igreja do Cesarion, dizendo:

— Com a ajuda dos céus, limparemos a terra do Senhor dos agentes de Satanás.

O bispo se calou e as pessoas se aquietaram, exceto Pedro, o leitor. Alguns começaram a repetir sua expressão, e um acrescentou a cantiga aterrorizadora: *Em nome do Deus Vivo, destruiremos a casa dos ídolos e construiremos uma nova casa para o Senhor; com a ajuda dos céus, limparemos a terra do Senhor dos agentes de Satanás! Em nome do Deus Vivo, destruiremos a casa dos ídolos...*

O bispo se virou, pegou seu cetro e levantou-o no ar para desenhar o sinal da cruz. A igreja foi tomada pela multidão obcecada, os gritos se misturaram, as mentes se cegaram e prevaleceu o caos, anunciando que algo sinistro estava para acontecer. O leitor, Pedro, foi um dos primeiros a se dirigir à porta, depois

foi seguido pela multidão em grupos, repetindo suas palavras novas: *Com a ajuda dos céus, limparemos a terra do Senhor.*

A nave da igreja ficou quase vazia; as vozes dos que gritavam atrás de Pedro chegavam além das muralhas. O bispo, seguido pelos padres, saiu do púlpito e eu não soube então para onde ir. Devo voltar para minha cela e fechar a porta, como sempre fiz? Ou ficar na nave até que aconteça o que acontecer segundo a vontade de Deus? Ou sair atrás da multidão? Sem planejar, ou seguindo um plano que desconhecia, saí atrás da multidão timidamente, porém sem repetir o que diziam, é claro.

Pedro, que liderava a multidão, tomou a direção da Via Canópica seguido por centenas de pessoas. O sol ardente do meio-dia e a umidade alta dificultavam a respiração. As casas tremiam com a agitação e os cantos dos fiéis. Algumas casas estavam com as portas e janelas fechadas. Alguns moradores subiram aos telhados e acenavam com suas cruzes. A poeira das ruas se levantou e os anjos misericordiosos sumiram da cena; meu coração pressentiu um acontecimento terrível. Andava com eles, arrastado pelo que acontecia ao meu redor, como se vivesse uma das previsões do livro de Habacuque, que anunciava o fim do mundo.

Após um tempo, a multidão se dispersou pelas ruas ao longo das colinas por toda a cidade. Eram algumas dezenas em cada rua, ainda cantando a mesma canção. Em certo ponto, achei que o propósito do clamor era uma demonstração de força por parte dos cristãos. Assim, seria uma mensagem para o governador e um alerta explícito para toda a população. Mas a coisa foi além disso e se tornou mais profunda e mais horrível.

O sol castigava, a umidade aumentava e quase não se conseguia respirar. Eu ofegava atrás do grupo que continuou seguindo Pedro; quase voltei à muralha da igreja, para minha fortaleza segura, mas então me dei conta do homem alto

e de cabeça comprida que vinha do fim da rua, correndo e gritando para Pedro e seus seguidores:

— A infiel tomou a carruagem, e não há guardas com ela!

Meu coração bateu forte com súbito pânico quando vi Pedro correr e gritar na direção indicada pelo homem de cabeça comprida. Os outros o seguiram, e eu fui atrás deles. Quem dera não os tivesse seguido! Perto da pequena igreja no meio da rua larga que saía do teatro até o cais oriental, apareceu a carruagem de Hipátia com seus dois cavalos, a mesma que a havia visto pegar e partir na minha frente, três anos antes. A carruagem era a mesma, os cavalos eram os mesmos; apenas eu não era o mesmo. Pedro correu atrás da carruagem com seu enorme corpo, gritando, e atrás dele os outros gritavam palavras incompreensíveis. Alguns metros antes de alcançá-la, parou de repente e se virou; outro do grupo correu para junto dele emitindo um grito horrível, retirou de debaixo de seu hábito uma faca comprida... uma faca comprida e enferrujada.



Não escreverei mais nenhuma letra sequer.



Deus! Paralise minha mão, leve-me até você, tenha pena de mim!



Rasgarei os pergaminhos, lavarei-os com água, farei...

— Escreva, Hipa, escreva em nome da verdade depositada em você.
— Não posso, Azazel.
— Escreva, não se acovarde, pois o que você viu com seus olhos não será escrito por outros e ninguém jamais ficará sabendo, se você o ocultar.
— Conte a Nestório em Jerusalém, há anos.
— Hipa! Você contou apenas uma parte, agora escreva por completo, escreva tudo!



Quando Pedro pegou a longa faca enferrujada, foi visto pelo condutor da carruagem de Hipátia, que pulou como um rato, correu e se escondeu atrás das casas. O condutor podia ter apressado seus cavalos na avenida e ninguém poderia tê-lo alcançado, mas ele fugiu e ninguém foi atrás dele. Os cavalos continuaram andando, desorientados, até que Pedro conseguiu pará-los com o braço que brandia a faca. Hipátia pôs sua cabeça majestosa para fora da janela da carruagem, assustada com o que estava acontecendo. Franziu o cenho e quase disse algo, mas Pedro gritou:

— Pegamos você, sua vadia, inimiga do Senhor!

A mão feroz agarrou-a; outras mãos, também ferozes, se estenderam. Hipátia parecia flutuar numa nuvem, carregada pelos braços hostis, e em plena luz do dia o terror começou. O mar de mãos atacou-a como lanças: algumas abriram a porta da carruagem, outras puxaram a cauda do vestido de seda, algumas agarraram Hipátia pelo braço e jogaram-na no chão. Seu cabelo longo, amarrado como coroa em torno da cabeça, se desmanchou. Pedro enfiou os dedos nas tranças e enrolou-as no pulso; ela gritou, e ele bramou:

— Em nome do Senhor, limparemos a terra do Senhor.

Pedro puxou-a pelo cabelo até o meio da rua; seus seguidores, os soldados do Senhor, o escoltaram eufóricos. Hipátia tentou se levantar, mas um deles a chutou e ela se curvou, sem forças para gritar. Tentou se levantar, mas Pedro a estendeu novamente no chão com um puxão forte de sua mão, ainda em seu longo cabelo. Algumas mechas foram arrancadas e ele as jogou do lado e limpou a mão. Enfiou a faca no cinto amarrado na barriga, pegou no cabelo com as mãos e a puxou atrás de si. Os soldados do Senhor seguiram-no festivos, ovacionando-o enquanto arrastava sua presa sacrificada.

Naquele momento eu estava na calçada da rua, paralisado. Quando chegaram próximo a mim, Pedro olhou em minha direção com o rosto de uma besta enorme.

— Abençoado monge, hoje limparemos a terra do Senhor! — disse ele, radiante de euforia.

Enquanto Hipátia se contorcia atrás dele no chão, seu rosto virou para o lado onde eu estava. Olhou-me estupefata, o rosto inflamado de sangue. Fixou os olhos em mim por um instante e percebi que me reconheceu, apesar de eu estar vestido com meu hábito. Estendeu a mão e gritou, pedindo socorro:

— Meu irmão!

Avancei alguns passos para a rua até que meus dedos quase tocaram os dela, estendidos para mim. Pedro ofegava de júbilo ao seguir em direção ao mar, arrastando seu prêmio. Os outros se agrupavam feito lobos em torno de uma pequena gazela. Quando os dedos de Hipátia estavam prestes a se agarrar na minha mão estendida, uma das mãos hostis lhe puxou a manga do vestido, rasgando-a, e a mão dela foi jogada para longe de mim. O selvagem levantou no ar o pedaço de tecido da manga e com ele acenou, bramindo a frase de Pedro: *Em nome do Senhor, limparemos...* A frase naquele dia se tornou o hino da glória barata.

— Irmã! Soldados romanos, Serápis, acudam-nos! — gritou, aterrorizada, uma mulher de cabeça descoberta que veio correndo de longe até nós. Seu cabelo e vestido voavam atrás dela; já estávamos perto do mar. A mulher chegou até a multidão e se jogou sobre Hipátia, com a intenção de protegê-la. Aconteceu o que era esperado. Os braços do povo se lançaram sobre ela, levantaram-na e arremessaram-na com violência para a calçada. Sua cabeça bateu no passeio e seu rosto feriu-se, manchando a terra com seu sangue. A mulher tentou se levantar, mas um deles golpeou-a na cabeça com um pedaço de madeira velha com pregos na ponta; a mulher cambaleou e em seguida caiu de costas, bem diante de mim. O sangue lhe escorria pelas narinas e pela boca, manchando seu vestido. Quando caiu na minha frente, gritei de tamanha surpresa. Eu a reconheci, mas ela não me reconheceu; seu corpo tremia enquanto ela dava o último suspiro. Foi assim que Otávia morreu no dia do terror, aos meus pés, sem me ver.

Voltei alguns passos para trás até que minhas costas encontraram o muro de uma velha casa. Não consegui desviar os olhos do corpo de Otávia. Seu sangue excitou a multidão, inflamando os soldados do Senhor com febre semelhante à que acomete os lobos quando arrebatam uma presa. Seus olhos saltados ficaram como os olhos dos loucos, e seus corpos clamavam por mais sangue e mais caçada. Reuniram-se ao redor de Hipátia, quando Pedro parou para tomar fôlego. Uma mão dilaceradora, logo acompanhada de outras, desceu sobre o peito de Hipátia para arrancar-lhe o vestido de seda esfarrapado, manchado de sangue e lama. Pegaram na gola e puxaram as costuras, mas não rasgou. Pedro puxou com tanta força e tão subitamente que quase caiu sobre Hipátia, mas logo se equilibrou e seguiu arrastando sua vítima, enquanto seus seguidores tentavam agarrar o vestido da mulher. Hipátia, a Mestra dos Tempos, a imaculada, a santa, a dama que sofreu as dores de um mártir e cuja agonia superou todas as agonias.

Na esquina da rua que corria paralela ao mar, uma anciã acenou com uma cruz e gritou:

— *Esfolem a vadia!*

Era como se a velha tivesse anunciado uma ordem divina. Pedro parou de repente, assim como seus seguidores, que depois de um instante levantaram gritos estridentes. Deixei o corpo de Otávia para trás e corri atrás deles, esperando que Hipátia conseguisse escapar, ou que os soldados do governador viessem para salvá-la, ou que um milagre caísse dos céus, ou... Eu não estava longe deles, tampouco estava muito perto, e testemunhei o resultado da sugestão da velha. As mãos caíram sobre Hipátia, destroçaram seu vestido. O vestido de seda foi disputado entre as mãos, até que finalmente foi arrancado. Depois despedaçaram suas vestes de baixo, que antes envolviam firmemente seu corpo. Gritavam. A velha bradava feito uma histérica: *Esfolem-na!* Hipátia gritava: *Ó alexandrinos!* Os que não conseguiam tocá-la, gritavam: *Vadia! Bruxa!* Eu era o único a permanecer calado.

Hipátia estava agora totalmente nua na minha frente, totalmente derrotada por sua nudez. Havia perdido as esperanças de ser salva. Não sei de onde trouxeram uma corda; amarraram seus pulsos e deram 2 metros ou 3 de distância, depois começaram a arrastá-la pelos pulsos. Foi naquele dia que descobri o que significava o “esfolar” que a velha incentivou Pedro e seus seguidores a fazerem.****

As ruas de Alexandria eram cobertas por pedras, que impediam o lamaçal nos dias chuvosos do inverno. As pedras eram cuidadosamente posicionadas, mas tinham alguns vãos entre elas, e as bordas eram afiadas devido à dureza do material. Cortavam qualquer coisa puxada sobre elas, descascavam qualquer coisa que tivesse casca e, se fosse ser humano, arrancavam-lhe a pele por inteiro. Foi assim que esfolaram Hipátia, arrastada pela corda sobre as pedras que rasgaram sua pele e ulceraram sua carne.

Entre as rochas espalhadas na margem do cais oriental, atrás da Igreja do Cesarion — que antes era um templo e depois passou a ser uma casa do Senhor, onde Pedro lia seu evangelho todo dia —, havia uma pilha de conchas de ostras. Não vi quem primeiro catou uma delas, aproximando-se de Hipátia, mas eram muitos; todos pegaram conchas e caíram sobre sua presa, dilacerando sua pele com as ostras. Os gritos da mulher ecoaram no céu da infeliz capital, da magnífica cidade de Deus, capital do sal e da crueldade.

Os lobos arrancaram a corda da mão de Pedro enquanto rugiam e arrastavam Hipátia. Tudo o que restava dela era um pedaço, ou melhor, vários pedaços de carne vermelha e lacerada. Na porta do templo abandonado no fim do Bairro Real ou Bruxo, jogaram-na sobre um monte de tocos de madeira, e com ela já morta atearam-lhe fogo. As labaredas subiram e as faíscas fluíam. Os gritos de Hipátia haviam se calado. Seu choro angustiado de dor alcançou os céus, onde Deus, os anjos e Satanás assistiram a tudo sem fazer nada.

— Hipa, o que está escrevendo?

— Cale-se, Azazel; cale-se, maldito!

Nota:

* Na margem do rolo, foi escrito em árabe: “Trata-se do *Almagesto*, que mantém o fundamento da astronomia até os nossos dias. Cheguei a ver uma cópia antiga dele em grego, e várias traduções em árabe com muitas glosas, na nossa igreja em Edessa.”

** O mal mencionado duas vezes neste rolo, em seu nome no egípcio antigo, é provável que seja a doença que hoje conhecemos como *esquistossomose*.

*** Na margem do rolo, estava escrito em árabe: são quatro monges, irmãos, que apoiavam Orígenes, considerando-o santo. Eram muito altos, por isso receberam este nome: “Os irmãos altos.” Percorreram o país para espalhar suas ideias, após terem sido expulsos de Alexandria e assim passaram a ter seguidores que glorificavam e santificavam Orígenes.

**** Na margem do rolo, em caligrafia árabe fina estava escrito: *Este Pedro, o leitor, galgou depois disso a escada do clero, chegando a bispo. Adotou o nome eclesiástico de Mongos*. Era isso

que estava escrito na glosa. Não pude me certificar da veracidade da informação.

O DÉCIMO PERGAMINHO

A errância

Lembro-me bem de como fiquei parado, envergonhado e débil, diante dos portões do templo abandonado. A multidão já estava se dispersando e começavam a se apagar as labaredas que consumiam a madeira em torno do cadáver de Hipátia. Os restos mortais dela, como a lenha, eram apenas fragmentos carbonizados.

Despertei de meu assombro e percebi que não sabia para onde ir. Devia voltar à Igreja de São Marcos, minha casa e guarida durante os três anos anteriores, para comemorar com os irmãos de lá o êxtase da conquista e do triunfo sobre os últimos vestígios do agonizante paganismo, demonstrando alegria pela difusão da verdadeira fé e seu controle integral da cidade? Ou me jogar nas brasas em torno do corpo de Hipátia e abraçá-la, na esperança de alcançar uma última fagulha do fogo que um dia brilhou dentro dela, e assim com ela morrer, purificado de meu segundo ato de covardia? Quando meu pai foi morto, não reagi; eu era pequeno e nada podia fazer. Mas por que não socorri Hipátia quando ela estendeu a mão em minha direção? Otávia tentou protegê-la, clamou pela ajuda do deus da Alexandria, Serápis, e acabou um corpo estendido na calçada da rua, coberta por seu sangue inocente. Meu pai não me pediu socorro, mas Hipátia pediu. A mulher pecadora não pediu

socorro a Jesus Cristo, mas ele a salvou de seus cruéis apedrejadores. Já eu não protegi a irmã de Jesus das mãos dos meus irmãos de fé. Mas eles não são meus irmãos. Não sou um deles. Não sou nem mesmo o antigo eu!

Senti meu coração escorrer como água por entre as costelas e se dissipar. Os céus, o mar, as casas e as brasas na entrada do templo incendiado, tudo girou em minha mente e caí, desmaiado. Quando voltei a mim ao cair da tarde, aterrorizado, uma friagem estremeceu todo o meu corpo. A frente de meu hábito estava molhada. Quem estava ao meu redor disse que jogaram água para me despertar. Eram três à minha volta: um rapaz adolescente, uma mulher negra de meia-idade e um monge de idade avançada. Olhei em torno e me vi deitado diante de uma pequena casa da rua que se estendia da Igreja de Cesarion até o templo queimado. Não perguntei como me carregaram até lá. Tentei ficar de pé; atordoado, os gritos de Hipátia ainda ecoavam em minha mente, misturando-se ao barulho das ondas do mar vizinho. O mar em que um dia havia pensado que a vida tivesse se originado, e que depois descobri ser o fim de todas as coisas: um dia o mar salgado cobrirá o mundo inteiro, a cor verde morrerá e a vida desaparecerá.

O monge e o rapaz tentaram me amparar, mas afastei seus braços de mim. Após um par de tropeços, esforcei-me e fiquei de pé. Com a mão esquerda, agarrei a cruz pendurada em meu pescoço e a arranquei. Quando a linha na qual estava pendurada se rompeu, o monge e o rapaz se assustaram; a mulher chorou. Senti um alívio repentino quando a arranquei, deixando-a cair no chão diante do espanto dos três. O monge se abaixou para recolhê-la, o rapaz deu dois passos para trás e a mulher chorou copiosamente. Parti, afastando-me deles, fugindo de tudo.

Minhas pernas me levaram à Via Canópica. Atravessei-a toda, tomando a direção leste sem motivo. Andava a esmo, sem saber para onde ir. Não olhei para nada no caminho, até que me vi saindo pela Porta do Sol após escurecer.

Tão logo cruzei os portões, rasguei a frente do meu hábito, que caiu de lado. Atravessei o quarteirão dos judeus, cujas casas se estendiam pelo lado leste da muralha. Seus cães latiam atrás de mim e quase abocanharam as pontas penduradas de meu hábito rasgado. A noite era puro breu.

Não encontrei ninguém no caminho, nem judeu nem não judeu, como se não restasse no universo qualquer humano, gênio, anjo ou demônio, qualquer som ou qualquer sentido. Deus não me acompanhava; talvez estivesse descansando de uma nova criação, feita após outros seis dias! Sozinho, vaguei pisando no barro e na areia, passando pelas margens dos lagos, do mar e dos brejos, afastando-me de Alexandria.

No meio da noite, cheguei ao vilarejo de Canopo, mas não entrei, para não ver ninguém nem ser visto por ninguém. De manhã bem cedo atravessei o afluente canópico do Nilo numa barca de madeira de dois remos caindo aos pedaços. Estava em meio a camponeses, bodes e sacos cheios de grãos. O dono da barca que fazia a travessia entre as duas margens não me pediu dinheiro, e eu continuei na direção leste. Não me lembro por quantos vilarejos e campos passei. Lembro-me apenas de algumas cenas, que passam por mim agora como um sonho: imagens de lagoas onde o junco nascia tão alto que pareciam espinhos gigantes apunhalando o céu. Os primeiros versículos de Habacuque ecoavam dentro de mim: “Até quando, Senhor, clamarei eu, e Tu não me escutarás? Gritar-Te-ei: Violência!, e não salvarás? Por que razão me mostras a iniquidade, e me fazes ver a opressão? Pois que a destruição e a violência estão diante de mim, havendo também quem suscite a contenda e o litígio.”

Errei pela terra como os judeus na época da diáspora no deserto do Sinai, para aonde eu me dirigia. Por que meus pés me levaram até o Sinai? Teria sido uma providência divina da qual não me dei conta? Ou estaria o destino brincando comigo, levando-me de um lugar a outro para que pudesse enxergar o que eram capazes os homens de cometer, coisas que nunca passariam pela

minha cabeça? Quando hoje reflito sobre as providências do destino, eu me pergunto: Por que minha saída de Alexandria aconteceu pela porta oriental, se a ocidental era mais próxima? Será que, inconscientemente, quis que minha estada em Alexandria ficasse para trás? Entrei por uma porta e saí pela outra, do lado oposto, como se minha estada tivesse sido uma passagem transitória por um lugar que desejei jamais ter conhecido. Teria sido mais certo pegar a direção oeste, onde poderia passar o resto da minha vida numa das cinco cidades pacíficas da Pentápole, espalhadas ao longo da costa no deserto líbio? Não teria sido a distância dessas cidades adequada à minha alma em luto? Ou talvez eu tenha sentido aversão a essas cidades, e por isso tomei o lado oposto, apenas pelo fato de se sujeitarem a Alexandria. Se tivesse optado por elas, não teria encontrado Nestório em Jerusalém, nem visto Martha aqui, e o destino não teria me achincalhado, nem jogado sal sobre minhas feridas. Até hoje não encontro respostas para minhas indagações, e sou obrigado a dizer que foi a vontade do Senhor. O Senhor oculto atrás da armadura de sua sabedoria misteriosa ou atrás de nossa incapacidade crônica de compreender quem somos e o que acontece ao nosso redor.

— Não adianta nada falar sobre isso agora, Hipa. Volte a sua história e a termine, pois seu tempo está se esgotando: em vinte dias partirá deste mosteiro.

— Você não dorme, Azazel?

— Como eu poderia dormir, se você está acordado?



Continuei a vagar em direção ao leste, sem vida. Deixei-me levar a um fim desconhecido, e em algum momento percebi que sequer me conhecia! O que havia ocorrido em minha vida não existia mais. Ideias e imagens passavam pela minha cabeça, mas não se fixavam, da mesma forma que meus pés passavam

sobre o chão, sem parar. Senti que tudo o que havia acontecido comigo e tudo que se passou diante de mim nos dias e anos anteriores não me pertencia. Eu era outro, diferente do que um dia tinha sido e que agora não existia mais.

Cheguei a uma região aberta do delta do Nilo, onde a terra encontrava o mar em vastos pântanos e onde as águas salgadas e doces se misturavam. O nível da água mal alcançava os meus joelhos, e as dunas de areias negras, naquele dia, pareciam se estender até o infinito. Ali larguei meu hábito rasgado e o capuz de minha cabeça. Fiquei apenas com minha túnica de baixo, feita de linho.

Quando joguei fora o hábito, um peso enorme saiu da minha alma. A brisa matinal mexia com a água conforme eu pisava nela, e, com as pequenas ondas, eu sentia como se não andasse, mas voasse para um novo mundo. Não havia nada ao meu redor até onde a vista alcançava, a não ser a água rasa que estava em toda parte. Disse a mim em voz alta, em copta: *Aqui a terra, a água e o céu se encontram, e daqui começarei de novo!* A ideia me ocorreu e de repente tomou conta do meu pensamento. Tirei a roupa e amontoei-a sobre uma daquelas dunas de areia que formavam saliências nas águas, e então avancei até que meus pés não alcançassem mais o chão. Segui para o norte, sentindo o vento bater em meu peito nu. Abri os braços e comecei a recitar uma oração que não havia lido em nenhum livro, nem ouvido em nenhuma missa:

*Em Teu nome, ó quem transcende os nomes
Superior ao retrato, ao limite e ao rótulo
Dedico-me a Ti, para que Teu brilho eterno reluza em Teu espelho
Refletindo-Te em toda Tua luz, beleza e esplendor
Em Teu nome eu me dedico a Ti,
Para que eu renasça do útero de Tua potência
Apoiado por Tua misericórdia.*

Fechei os olhos e segui repetindo essa oração com uma voz cada vez mais alta, até que, após dezenas de vezes, minha voz se transformou em gritos, enchendo o vazio que me rodeava. O vazio primordial do qual tudo se originou. Quando o sol alcançou o zênite e minha sombra não mais aparecia em nenhum dos lados, abaixei-me com as palmas das mãos em concha na água pura, depois me ergui e joguei água na cabeça, para que lavasse tudo o que tinha me acontecido. Naquele momento, batizei a mim mesmo, e, no momento da revelação repentina, me dei um novo nome, este nome pelo qual sou conhecido até agora: Hipa, que nada mais é do que a primeira parte do nome dela.



Depois do batizado, peguei minhas roupas e, uma vez vestido, senti que havia passado a ser o novo homem que estava latente em mim. Agora sou Hipa, o monge, não mais aquele menino cuja mãe tinha entregado o pai para que fosse assassinado diante dos olhos dele. Não sou o rapaz que foi criado pelo tio em Nag-Hammadi, nem o jovem que um dia estudou em Akhmim. Eu sou o outro, amparado pelo reino oculto. Sou aquele que nasceu duas vezes.

Minha sombra se estendeu na minha frente à medida que o sol se punha; segui a sombra, que me levou para o leste. Perguntei a mim mesmo, sem esperar uma resposta: *Devo continuar a andar para Jerusalém em busca das origens da fé, ou sigo até alcançar o levante a leste onde o mundo se inicia? Ou mergulho em mim mesmo buscando conhecer meu próprio oriente e compreender Deus?* Não esperei por nenhuma resposta, porque todas as respostas eram uma; as perguntas é que eram inúmeras!

Pouco antes do crepúsculo, cheguei aonde os limites entre a terra, o mar e o céu se tornavam claros. Novamente voltei a ver árvores e gente, e compreendi

pela primeira vez que as pessoas são como as árvores, e as árvores são semelhantes às pessoas, ainda que a vida das pessoas fosse mais breve. Nas divisas de um vilarejo habitado por pescadores, passei a noite com as costas apoiadas contra uma parede velha e em ruína, que mais parecia querer descansar de tanto ficar de pé. Dormi sentado e de manhã entrei no vilarejo dos pescadores, em cujas poucas casas não havia muita gente. Perguntei a um homem magro como eu que fazia redes se precisava da minha ajuda. Ajudou-me a matar a fome com um prato de sopa de peixe, em que boiavam pedaços brancos. Os peixes naquela região eram diferentes dos que conheci na minha terra natal. O peixe do mar era maior, mais gostoso e melhor para o consumo humano. Eu nunca tinha comido peixe, mas naquele dia o fiz, como se a pessoa que um dia jamais havia comido aquilo fosse outro que não eu.

Passei dias fazendo redes com o homem e me alimentando da comida trazida, duas vezes ao dia, por sua mulher idosa. Depois lhe pedi licença para continuar minha jornada em direção ao leste. Cheguei, após alguns dias, a uma cidade chamada Damietta, habitada por pescadores, fabricantes de barcos e por alguns mercadores. Passei três meses, ou um pouco mais, naquela cidade. De dia trabalhava na oficina de barcos e, de noite, na feitura das redes. Dormia poucas horas à noite. O dono era o chefe dos pescadores de lá; tinha uns vinte aprendizes como eu e a mesma quantidade de pescadores e hábeis artífices. O homem era cristão, considerando que um bom homem tinha de ter uma fé. Era de fato bom, apesar de rico. Por que Jesus Cristo disse que a entrada dos ricos no reino dos céus era mais difícil do que passar um camelo pelo buraco de uma agulha? Certo dia, disse ao homem de Damietta que seu trabalho de pesca e carpintaria era o melhor ofício que um homem cristão poderia ter, porque o apóstolo Pedro, a rocha na qual a Igreja se edificou, era pescador e trabalhava no mar, e José, o carpinteiro, foi quem criou Jesus Cristo. O homem sorriu e disse:

— Sei disso, mas não fui eu quem escolheu a pesca nem a carpintaria; meu pai, e antes dele meu avô, escolheram o ofício por mim. Se estivesse na minha mão, preferiria ter sido camponês... assim não passaria a vida com medo de que o mar engolisse um dos meus homens. — Balançou a cabeça e foi supervisionar o trabalho dos pescadores e dos carpinteiros.

Algumas semanas após minha chegada em Damietta, comecei a receitar remédios para os enfermos, que logo se recuperavam. Isso quase me tornou famoso como médico, mas em seguida deixei a cidade, apressado; especialmente depois de ter que declinar da oferta feita a mim pelo patrão, de morar entre eles e me casar com uma de suas mulheres! Disse adeus e saí de Damietta. O patrão pôs na minha mão algum dinheiro e me deu uma trouxa contendo uma veste de lã de cabra, uma capa para viagem e comida seca. Era inverno. Parti de madrugada, e Jerusalém era meu destino.

Após dias de caminhada em direção ao leste, os campos verdes começaram a rarear. O mar e as lagoas azuis desapareceram atrás das colinas. O amarelo reinou. Estava às portas do Sinai, com seus desertos contínuos e toda a solidão, pobreza e esterilidade que eles trazem. Na beira do deserto havia um mosteiro humildemente construído; solitário no meio da areia, com jeito de ermida. Avistei-o de longe, mas não me aproximei nem me perguntei do que iria me alimentar no deserto do Sinai, pois não havia vegetação para colher e com a qual encher a barriga, como havia feito em minha primeira jornada. O pavor da errância que escolhi fez-me pernoitar sob uma árvore amigável, de onde se podia ver o mosteiro ao longe. Na madrugada, um monge me avistou — havia saído cedo para pastorear seu rebanho de ovelhas. Aproximou-se de mim trazendo um pão em uma das mãos; na outra, o cajado com que conduzia o rebanho. Eu não falava com nenhum ser humano havia dois dias, mas não tinha como não lhe dirigir a palavra, com sua mão amavelmente estendida com o pão.

— Bom dia, meu irmão. Meu coração me diz que está com fome.

— Sou grato a você.

— Pretende atravessar o deserto com esta roupa e sem montaria?

Assim começou nossa conversa, que acabou se encaminhando para onde eu não esperava, pois encontrei nesse monge magro algo que nunca havia visto em outros monges: a inquietação. Contou-me que era originário de Damietta e que havia se apaixonado por uma moça de lá, mas que a obrigaram a se casar com outro, por isso escolheu para si a vida de monge. Isso aconteceu quando tinha 20 anos e agora estava com 30. Durante os dez anos de vida monástica, perguntava-se todo dia se teria errado ou acertado na decisão. Sua sinceridade me agradou, e por isso confiei nele e me abri com ele. Contei-lhe o motivo da minha saída errática de Alexandria, mas ele subestimou o assunto. Não conhecia Hipátia, não ouviu falar de seu assassinato e não deu importância ao que eu lhe contava, pois desdenhava de tudo que havia ocorrido e que viria a ocorrer no decorrer dos eventos. Seu desinteresse por tudo me causou estranhamento, e mais surpreendente ainda era a facilidade com que me disse que, se sua amada voltasse para ele naquele dia, ele abriria mão da vida monástica! Serviria de padre numa igreja ou voltaria para o comércio com seu pai. Mas, em suas palavras, sabia que ela não voltaria, e por isso ele passaria a vida como monge.

— Então você não se despediu da vida quando foi ordenado monge?

— Meu irmão, a vida monástica em si é uma postura permanente perante a vida. Como posso alegar que tenha me despedido dela?

Disse isso sem entusiasmo enquanto se virava para juntar seu rebanho, que buscava a sombra embaixo de uma árvore próxima de nós. Antes de partir, disse em seu gracioso dialeto bohárico que eu não devia entrar no deserto do Sinai antes de falar com o abade daquele mosteiro. Ainda me lembro de suas palavras, que aqui traduzo:

— É um homem que se deve conhecer, pois nunca encontrará alguém como ele.

Não vi nenhum inconveniente em passar pelo mosteiro antes de adentrar o deserto. Lá, em sua pequena igreja, encontrei o abade; era tão idoso que tive de acreditar quando a gente do mosteiro me disse que já teria ultrapassado os 100 anos. As rugas no rosto corroboravam isso, mas o brilho dos olhos o desmentia. Havia vivacidade e lucidez notáveis em seu olhar, e nas poucas palavras havia pura sabedoria. Conversava comigo olhando para a cruz no topo do altar. Olhou-me uma única vez após uma reunião que levou duas horas.

— Se está procurando as origens da fé, como diz, vá às cavernas do mar Morto e procure os essênios, pois são os verdadeiros judeus, e o judaísmo é a fonte. Se for, não deixe de encontrar o monge Caritão, porque é o mais sincero e o maior eremita de toda a gente da terra — disse-me o abade.

Passei três dias no distante mosteiro, depois dos quais parti para o Sinai. Quando os deixei, os monges me deram uma túnica, pedaços de pão feito com farinha de feno-grego e melão, e um odre de água feito de pele de cabra. Isso acabou sendo minha guarnição para atravessar o Sinai, um dos lugares mais ermos do mundo. Na porta do mosteiro, um homem magro e manco, que vendia água de um odre quadrado que carregava nas costas, aconselhou-me quando soube que me dirigia ao Sinai:

— Não deixe o mar sumir de vista e não vá para dentro do deserto por motivo nenhum; do contrário, nunca mais sairá. E procure uma mula para montar, pois não se atravessa este deserto a pé.

Conhecia a geografia do Sinai pelo livro de Cláudio Ptolomeu, o antigo sábio que viveu em Alexandria quando os homens mais distintos do mundo nela viviam, logo sabia o que o vendedor de água manco queria dizer e compreendi sua referência. Não me afastei muito do litoral norte do deserto. Muito aconteceu durante os dois meses da travessia do Sinai; algumas coisas

foram difíceis de esquecer, entre elas quando passei por um grupo de nômades e tratei de um jovem que havia deslocado o ombro ao cair de um muro velho, contra o qual estavam erguendo sua tenda. O acidente havia acontecido na manhã de minha passagem por eles. Atendi o jovem quando ele já tinha suportado duas horas de dor por causa do ombro deslocado. Usei tudo que conhecia da arte do tratamento de fraturas e luxações, e sua dor acalmou. Sua gente lhe deu um tipo de erva entorpecente, que ele mastigou e depois caiu em sono profundo. Os beduínos me trataram muito bem naquela noite que passei entre eles, e, no dia seguinte, me presentearam com um burro velho em cujo dorso seco podia atravessar o deserto, o que me causaria irritação nas coxas. Comprei deles uma coberta, carne-seca e ração para o burro; paguei com metade do dinheiro que o homem rico de Damietta havia me dado.

Outro incidente inesquecível foi quando me deparei, ao entardecer, com uma caravana de peregrinos que dois meses antes havia saído de Cirene, uma das cinco cidades da Pentápole ocidental, com destino a Jerusalém. Alegrei-me muito quando avistei a caravana, embora me achasse feliz com minha solidão. Andei na companhia deles durante um mês inteiro, até chegarmos à Palestina; eles continuaram para o norte e eu, sozinho, tomei a direção leste a caminho do mar Morto, em busca das origens do cristianismo. Na época, eu achava que a religião verdadeira era uma só e que tinha uma única origem.

O terceiro acontecimento foi trágico. No meio do deserto que me levaria ao mar Morto, fui atacado por lobos do deserto um pouco antes da alvorada. Inicialmente me rodearam de longe, o que perturbou os passos do burro, que não me obedeceu mais. Por que saí tão cedo naquele dia, antes do nascer do sol? Os lobos trocaram uivos entre si e se aproximaram, o que insinuava sua imensa fome e ferocidade. Não tinha nada com que pudesse afastá-los de mim além de meu cajado e meu burro, que havia me jogado de suas costas e fugido de medo; os lobos o seguiram. O silêncio do deserto foi rompido pelo engasgo

agonizante do burro e pelo alvoroço dos lobos famintos, tão ocupados em lacerar sua carne que me deixaram em paz. Segui meu caminho, quando de repente luziu na minha mente uma ideia: Deus tinha enviado o burro para cá, para que fosse uma refeição quente e apetitosa para os predadores criados por Ele. Deus, oculto atrás dos véus da glória, faz o que desejar com quem desejar!



O pergaminho já está cheio, mas não terminaram as recordações que a escrita transformou num presente vivido duas vezes, porém vistas de uma forma diferente com o passar dos anos e conforme as retomo do passado remoto. Mas aqui a corrente de reminiscências se deslinda, e o fluxo de meu pensamento é interrompido. Voltarei no próximo rolo a narrar o que aconteceu com Nestório quando o conheci na Igreja do Santo Sepulcro.

O DÉCIMO PRIMEIRO PERGAMINHO

A continuação do que ocorreu em Jerusalém

Lembro-me muito bem daquela distante manhã de Jerusalém e de sua atmosfera pesada. As lembranças provocadas pela pergunta de Nestório sobre o assassinato de Hipátia haviam abalado minha estrutura ao longo da noite anterior. Levou-me de volta ao tempo alexandrino, que sempre evitei recordar. Não notei o nascer do sol, nem saí naquele dia para as orações matinais. Absorto, fiquei sentado no banco. Até me esqueci do meu compromisso com Nestório, que me surpreendeu batendo à minha porta. Quando abri, vi seu rosto radiante e, atrás dele, a luz da manhã.

— Bom dia, meu filho. O que lhe aconteceu? Está pálido e com o olhar perdido.

— Nada, padre, entre... entre...

— Sua cama está fria e arrumada. Dormiu no chão?

— Entre, padre, fique à vontade.

— Vou abrir esta janela. O que aconteceu com você, Hipa?

Sentamos um de frente para o outro, calados. Ele, na cama, me lançava um olhar de preocupação e pena; eu, no divã, tinha baixado a cabeça. Os gritos de Hipátia ainda ecoavam na minha alma. Dez anos haviam se passado desde seu assassinato, mas era como se tivesse sido na véspera. Depois de minutos de um

silêncio opressor, Nestório me convidou para sair — quem sabe alcançaríamos a missa na basílica, ou poderíamos andar em torno de seus muros. Olhei para ele pelo canto dos olhos e não respondi.

— Vamos, a caminhada lhe fará bem — insistiu ele.

— Como desejar, abençoado padre.

Fechei a porta de minha cela. Nestório dispensou os sacerdotes que o esperavam do lado de fora. Caminhei ao seu lado, calado, ou incapaz de falar. Fiquei aliviado quando ele não entrou pela porta da basílica. A missa era longa e seria tediosa. Nestório se afastou do muro e me levou à esquerda, onde ficavam as árvores delgadas próximas da muralha atrás da basílica, até o lugar que eu gostava e que frequentava para ficar sozinho sob as árvores. Tentou me tirar da distração, contando-me que a saúde do bispo Teodoro havia melhorado, que ele era grato a mim, que desejava me ver novamente e mais, que pensava em me levar com ele a Mopsuéstia para viver lá! Quando terminou sua fala, já tínhamos chegado perto das árvores delgadas. Perguntou-me se eu queria me sentar; aceitei imediatamente, porque sentia fraqueza nas pernas e cansaço ao andar.

— Este é um presente para você, do bispo Teodoro e meu — disse Nestório, retirando do bolso um pequeno evangelho com caligrafia fina e entregando-o a mim.

Abri o livro e constatei que era uma longa epístola médica, não um evangelho. Tratava-se da epístola de Galeno a seu pupilo Glaucon sobre a terapêutica; agradei-lhe e ele sorriu, encorajando-me a sair do estado em que me encontrava. Disse-me que, se minhas recordações de Alexandria me causam tanta dor, eu deveria esquecê-las. Pediu também desculpas se a pergunta sobre Hipátia tinha me aborrecido.

Nestório era sensível, embora não demonstrasse. Forcei um sorriso e lhe disse que Hipátia não era minha única lembrança dolorida e que não precisava

se desculpar. Para que não se sentisse mal, acrescentei:

— Contarei ao senhor, para que um virtuoso como o senhor compartilhe comigo o peso que carrego.

— Fale, meu filho, o que quiser.

Contei a Nestório como Pedro, o leitor, e seus companheiros arrastaram Hipátia pelas ruas, e como depois, já com a pele dela toda separada da carne e os membros mutilados, atearam-lhe fogo nas ruínas do abandonado instituto científico que era conhecido pelo nome de Mouseion. Nesse ponto, parei de narrar quando notei os sinais de angústia em seu rosto.

Não contei a Nestório a história completa. Omiti que fiquei parado perto do fogo até ele se apagar, depois de ter consumido o corpo de Hipátia e o que tinha sobrado do Mouseion, onde eu sempre havia sonhado estudar medicina. Mas lhe contei que saí naquele dia de Alexandria como um errante, para nunca mais voltar, e de como caminhei atordoado e sozinho pela Via Canópica; a cidade parecia ser habitada por fantasmas.

— Misericórdia, meu Deus!

Quando Nestório murmurou essa frase, olhei para ele. Seu rosto estava corado de amargura. Percebi que acertei em resumir os acontecimentos sem ater-me aos detalhes. Não me surpreendeu o que acabou me contando depois, lamentando a respeito dos juízes que o imperador enviou para averiguar o que havia acontecido com Hipátia: como não chegaram a nenhuma conclusão, como nenhum de seus assassinos tinha sido condenado e que o ocorrido passou como se jamais tivesse acontecido.

— Sim, padre, eu soube disso. Ouvi dos peregrinos que vieram do Egito e de Alexandria.

— Será que os peregrinos também lhe contaram, Hipá, que Cirilo subornou os membros da comissão com altas quantias de dinheiro e ofereceu-lhes presentes caros para que a história fosse abafada?

— Sim, padre, contaram-me isso, e também que o imperador Teodósio II, para virar a página sangrenta, restringiu-se a enviar um alerta aos monges alexandrinos para que não se misturassem com as pessoas nos lugares públicos da cidade.

— Pois é, que grande castigo! Se ao menos o tivessem respeitado — disse Nestório, com uma ironia que destilava amargura.

O sol do meio-dia estava muito forte; quando vi os pingos de suor na testa de Nestório, fiquei com pena dele e de mim e o convidei à minha cela.

— Vamos primeiro à igreja para rezarmos e depois tomaremos daquela hortelã-silvestre em sua cela — respondeu.

Na porta da basílica, o chefe dos sacerdotes estava se despedindo de alguns visitantes e, quando nos viu, alegrou-se. Aproximou-se de Nestório, cumprimentou-o e insistiu para que nos juntássemos a ele na hora do almoço. Nestório agradeceu com gentileza, mas desculpou-se, porque iria almoçar com o bispo Teodoro. Convidou o líder dos padres para que se juntasse a eles, gracejando ao dizer:

— Se comer conosco hoje a comida deliciosa que os monges preparam, pensará seriamente em entrar para nossa confraria e em voltar a nós quando os dias de peregrinação terminarem.

— Abençoado Nestório, e como poderia eu abandonar minha mulher e meus pobres filhos? Além do mais, já faz muito tempo que não sinto o gosto pela comida.

— Quanto à sua família, pode viver com você em Antioquia ou em Mopsuéstia. Quanto a seu apetite, o monge Hipa poderá recuperá-lo com algumas de suas ervas fortificantes, que estimulam o apetite para a comida boa!

O padre riu enquanto me dizia:

— Então vai cuidar de mim como cuidei de você na primeira vez.

Quando Nestório pediu que esclarecesse, o padre lhe contou a história de minha chegada a Jerusalém e como a fadiga me derrubou na porta da basílica do Santo Sepulcro, quando me carregaram até sua presença. Nestório olhou para mim com compaixão e disse:

— O homem, por mais que seja, é fraco; somos fracos e não temos força, a não ser pelo amor.

O padre assentiu com a cabeça, concordando; depois, num entusiasmo repentino, disse a Nestório:

— Como mencionamos o amor, aceitaria que convoquemos uma assembleia na qual poderá nos falar sobre as formas de amor? Seria um tema interessante, pois eu já o escutei falando sobre ele a seus irmãos quando visitei vocês em Antioquia.

— O padre abençoado parece não esquecer! Isso foi há muito tempo. Atualmente não faço assembleias, pois o bispo Teodoro está conosco. Basta-nos escutá-lo e aprendermos com ele.

— Que Deus abençoe os dois. Agora, com sua licença, os afazeres da igreja não acabam.

— Que Deus o acompanhe, reverendo! Vamos, Hipa, vamos rezar.

Rezar tem efeito semelhante ao da mágica. É alívio para a alma e conforto para o coração triste. As missas também nos lavam de todas as preocupações, tirando-as das nossas costas e lançando-as no tapete da piedade divina. Ficamos aliviados por um tempo, depois sentimos falta de rezar novamente conquanto tenhamos fé no Senhor. Se nos desviássemos do aprisco da fé e nos isolássemos, íamos nos tornar uma presa dilacerada pela aflição e atormentada pelos pensamentos. Mas para que essas palavras agora? Após a oração, saímos pela porta da basílica. O rosto do Nestório irradiava afeto, voltando ao que sempre foi. Sugeri que fôssemos primeiro almoçar com o bispo Teodoro e depois retornássemos à minha cela. Concordei.

No caminho até a hospedaria, a conversa cavalgou por todos os caminhos: contou-me do esplendor de Antioquia, das ciências que abundavam em suas escolas, da biblioteca cheia do bispado, dos pobres que migravam das aldeias vizinhas, do imperador Teodósio II e de sua hesitação em muitas questões, do bispo de Antioquia e sua perfeita moral. Conte-lhe dos meus dias em Akhmim, e descrevi aquela metrópole edificada às margens do Nilo e seu grande templo, em cujos portões ficavam as estátuas enormes dos faraós; algumas delas ultrapassavam os 30 metros de altura! Conte da estátua da bela mulher que ficava lá, que diziam ter sido a filha do faraó que construiu o templo.

— Ouvi dizer que os mestres alexandrinos que restaram saíram de Alexandria e foram para Akhmim, onde moram há anos — disse ele.

— Sim, padre, mas em Akhmim há também muitas igrejas, metade de sua população é cristã e é gente de bem.

— Que Deus os proteja das tempestades de Cirilo.

— É difícil, padre, que ocorra em Akhmim o que ocorreu em Alexandria, pois seu povo é diferente.

— Você é partidário de seu povo egípcio, Hipa.

— Talvez seja, padre, talvez.

Quando entramos no recinto do bispo Teodoro, este se alegrou por nossa chegada. Senti naquele dia a profundidade do afeto que os unia, e desejei que minha relação com Nestório fosse semelhante à relação dele com o bispo. Gostei da nossa reunião; a comida estava de fato boa, composta de pratos desconhecidos em Jerusalém e nas redondezas. O bispo tentou me agradar, explicando sobre aqueles pratos e elogiando alguns por sua fácil digestão. Eu ainda carregava o livro de Galeno, pelo qual agradeci muito a ele, e também pelo convite ao almoço junto àquele grupo abençoado de padres. Ele sorriu para mim e disse:

— Enviarei a você outros livros bons após meu regresso e pedirei aos copistas do bispado que lhe copiem os trabalhos de Hipócrates e de outros médicos famosos.

— Isso é uma imensa generosidade da parte do reverendo.

— Isso lhe será útil e também para as pessoas, com a vontade de Deus. As pessoas precisam da medicina, cuja prática se deteriorou ultimamente. Que Deus preserve essa ciência útil através de vocês.

Nestório intrometeu-se delicadamente na conversa, mencionando para o bispo que eu escrevia poesia. O bispo olhou para ele e comentou que seu antigo amigo, o bispo João Crisóstomo, costumava escrever poesia quando jovem, e acrescentou: “Não lhe disse, amado Nestório, que ambos eram parecidos?” Depois seguiu contando para o grupo muitas de suas memórias com João Crisóstomo. Relembrando, ficava feliz, como se recuperasse uma parte importante de si que havia deixado para trás.

Juntaram-se a nós um monge ancião, que não abria a boca, e dois sacerdotes. Mal o bispo Teodoro havia terminado de narrar suas memórias, um desses sacerdotes apressou-se em perguntar:

— Como os alexandrinos tiveram a coragem de condenar João Crisóstomo, sendo ele santo?

A pergunta repentina dispersou a atmosfera agradável que pairava sobre a reunião até o momento. Nestório olhou para o sacerdote com desaprovação, o que o deixou envergonhado. Todos se calaram.

O bispo Teodoro virou duas vezes a mão direita no ar, consternado e com o cenho franzido.

— Alexandria cometeu muitas tolices — disse, irritado. — Tanto seu bispo anterior como o atual cometeram atos violentos, e não gosto de falar sobre eles nem sobre suas ações, que se afastam totalmente dos ensinamentos de Jesus e de seus apóstolos. Suas atitudes são mais próximas de quem busca a vida

mundana. Que o Senhor abrace a todos com sua compaixão e que perdoe a todos!

Eu esperava que as palavras do bispo Teodoro fossem o encerramento da reunião, mas fui surpreendido pelo monge calado, cuja voz nunca tinha ouvido desde que o vi pela primeira vez, que começou a falar em língua grega com sotaque oriental e com uma voz aguda, apoiando seu ombro no cajado:

— E que o Senhor perdoe os alexandrinos pelo que fizeram, fazem e ainda farão no futuro! A Igreja de Alexandria não vai parar até desabar, ou até que toda esta religião desabe.

O silêncio caiu sobre nós e ninguém olhou para ninguém. Corri os olhos entre todos, assombrado com as palavras do monge estranho e com o silêncio absoluto que se seguiu a suas palavras. Certamente tratava-se de alguém que gozava de uma alta posição entre eles, do contrário não teria falado com tanta veemência, deixando a todos desconcertados, embora sua aparência não sugerisse nenhuma importância. Percebi então que o Senhor tinha neste mundo homens versados nos segredos do afeto, cujos valores só eram reconhecidos pelos eleitos. Esse monge me pareceu ser um desses versados no afeto. Era muito parecido com o Santo Caritão, que conheci numa das cavernas do mar Morto. Ambos tinham um sotaque oriental; eram muito magros e velhos. Os corpos de ambos tremiam quando falavam, e as pessoas tremiam quando os ouviam. Teria esse monge misterioso sido um irmão do Santo Caritão? Ou seriam a mesma pessoa, aparecendo em lugares diferentes sob diversas formas, para que aqueles santos fossem um exemplo para as pessoas, testemunhas dos milagres de Deus no mundo? Era isso o que se passava pela minha cabeça naquele momento, em meio a ideias maravilhosas de fé com as quais eu era abençoado antigamente, mas não mais hoje.

Acordei dos meus devaneios quando o padre Nestório se levantou, sacudindo sua capa com as mãos como se sacudisse o silêncio que reinou na

reunião. Comunicou ao bispo Teodoro algo no sentido de que o deixaríamos descansar, e que pedia licença para ir comigo até minha cela para discutir alguns assuntos; voltaria pouco após o pôr do sol. Assim a reunião se desfez, e foi a última vez que vi o bispo Teodoro, o intérprete.

No caminho para minha cela, não pude me conter e perguntei a Nestório a respeito do monge calado que, com seu grito, pôs fim à reunião. Contou-me que era um dos mais famosos ascetas do mais antigo mosteiro da abençoada Capadócia, terra que ofereceu para a religião os três padres mais famosos da Igreja, conhecidos como os “Pais da Capadócia”. Acrescentou que aquele monge taciturno era conhecido pela vida de ascetismo e abstinência, e que as pessoas contavam sobre ele histórias de milagres que ele insistia em negar. Era conhecido por seu longo silêncio e por suas poucas palavras, e os religiosos o veneravam muito. O bispo Teodoro o considerava um de seus mestres espirituais, pois era mais velho que ele muitos anos; havia passado dos 80.

— Parece-se com o Santo Caritão.

— Como sabe disso, Hipa? Você conhece o Santo Caritão?

— Sim, padre, visitei-o em sua caverna há alguns anos.

Nestório queria saber mais sobre meu encontro com o monge Caritão; eu queria saber mais sobre o que falava o monge calado da Capadócia. Assim, tínhamos muito o que conversar naquele dia. Sentamos juntos por longas horas, que foram interrompidas apenas pela chegada de um homem pobre pedindo remédio para uma dor forte no estômago, após ter ingerido comida estragada. Não havia remédio para o homem além da teriaga genérica, conhecida como mitridato, da qual eu tinha um pouco. Dei-lhe para tomar e não aceitei pagamento, com a frase costumeira: *se desejar, pode deixar algo na caixa das doações da igreja*. Quando o homem saiu, voltei para meu colóquio com Nestório, que admirou o fato de eu tratar dos enfermos gratuitamente.

— Tudo isso será remunerado pelo Senhor, abençoado Hipa.

— Eu aprendi a medicina sem pagar nada, padre; como poderia cobrar? E como disse nosso salvador Jesus Cristo: “Vocês receberam de graça; deem também de graça.”

Voltamos para nossa conversa tranquila, e contei para Nestório da minha peregrinação, do que havia visto pelos lados do mar Morto e do meu encontro com o monge Caritão, após passar três dias na entrada de sua caverna esperando-o sair, evitando entrar e interromper seu retiro. Um grupo de aldeões colocava toda semana na porta da caverna uma trouxa que continha pedaços de pão e queijo seco, um pequeno odre d’água, insuficiente para as necessidades de um homem comum por dois dias; mas ele se alimentava disso durante uma semana. Foram os aldeões que me mostraram o caminho até sua caverna e me aconselharam a não entrar, a não ser que me chamasse. Depois de duas noites de vigília em sua porta, cheguei a desconfiar que não estivesse lá. Pensei que pudesse ter morrido havia anos sem que ninguém notasse, e que a comida colocada na porta pelos aldeões era levada pelos cães selvagens! Mas quando adormeci à tarde, vi Caritão num sonho, dizendo que não era tempo ainda e que me chamaria na hora certa. Na terceira noite, eu já não tinha mais comida e tudo que minha trouxa continha eram livros, pergaminhos e tintas. Estava totalmente resignado à espera do sinal, sem apressá-lo e sem pensar em deixar a sua porta. Naquele dia, à tarde, ouvi-o chamar de dentro de seu retiro com uma voz profunda, que ecoava:

— Se há alguém aí fora, que entre!

Quando entrei, assustei-me com o que vi: dois olhos que brilhavam com a santidade no meio de um rosto cheio de pelos desarrumados, pregado a um corpo extremamente magro, coberto de trapos pretos desbotados. A caverna era como uma adega em cujas paredes havia muitas rachaduras; o chão era frio e úmido. Senti alívio ao me livrar do ar quente que quase havia me derretido durante os três dias que passei sozinho sob o sol causticante, que castigava

aquela região árida. Aproximei-me devagar do retiro repleto de luz e solenidade. Ele se adiantou, perguntando:

— O que quer de mim?

— Estou há três dias, padre, sozinho diante de sua porta, esperando vê-lo para que seja tomado pela bênção e para lhe perguntar algumas coisas.

— Por que pensa que tenho as respostas?

— Isso é o que acho e espero, padre, pois minhas perguntas me torturam.

— Sente-se.

Sentei-me com compostura e lhe contei as dúvidas que me atormentavam e que me faziam rever os fundamentos da fé. Contei-lhe da minha viagem às cavernas do mar Morto, esperançoso de que os essênios tivessem as respostas, mas que encontrei suas cavernas vazias, sem nenhum vestígio deles, como se tivessem sido uma mera lembrança antiga. Demonstrei meu pavor dos rios de violência que jorravam na terra do Senhor e do horror dos assassinatos medonhos que eram cometidos em nome de Jesus. Confessei a ele que precisava de uma certeza que já não tinha.

O monge Caritão escutou calado até que terminei. Seu corpo magérrimo então estremeceu e os ossos de seu peito e ombros ficaram visíveis, enquanto me dizia que a certeza só existiria quando as dúvidas fossem apagadas, e essas só seriam apagadas quando delegasse a questão ao Senhor. Isso, por sua vez, só seria possível se eu reconhecesse seus milagres no universo e o reconhecimento desses milagres só ocorreria se admitisse a encarnação de Deus em Cristo. Depois me aconselhou a peregrinar a Jerusalém, alertando-me para não entrar nela diretamente, mas que eu desse a volta em seu entorno, passando por todos os lugares onde Jesus Cristo pisou, e depois fosse me aproximando pouco a pouco do centro, que era o lugar de sua ressurreição; e que não adentrasse antes de um sinal que eu receberia de Jesus Cristo.

— Foi de lá que você veio para cá, Hipa? — perguntou Nestório.

— Sim, padre, de lá.

Nestório encostou-se à parede e esticou as pernas na cama. Foi tomado por um instante de reflexão profunda, durante o qual seu rosto demonstrou sinais de meditação; fechou os olhos. Instantes depois, olhou para mim e disse essas palavras, que guardei e ao anoitecer anotei em minhas folhas:

— Sem dúvida, Caritão é um homem santo, mas seu caminho difere do nosso em Antioquia. Ele abandona o mundo para poder descansar, mergulha em sua alma, salvando-a e se desapega das coisas, e essas continuam correndo atrás dele. Mas nosso caminho em Antioquia é diferente: cremos com nossos corações e reconhecemos o milagre divino, depois agimos pela razão para levarmos o homem aonde Deus desejar. cremos que o milagre só existe quando acontece raramente, pois sua frequência e repetição o tirariam do capítulo dos milagres. O Senhor se materializou uma vez só em Jesus Cristo, para que depois desenhasse o caminho para a humanidade e para sempre. Assim, não devemos viver no milagre em si, mas no caminho que foi desenhado por ele, do contrário o milagre perderia o sentido. O monge Caritão conseguiu confortá-lo, afastando do seu coração o que atormentava, esperando desaparecer a preocupação da mente, fazendo do coração um farol para o conhecimento. No coração, Hipa, está a luz da fé, mas não a capacidade da busca, da compreensão e da solução dos paradoxos.

Nestório apontou com a mão para a janela da minha cela, de onde se via a abóbada da igreja de Santa Helena, e acrescentou:

— Ao olhar para a magnificência dessa igreja com seu coração, ele se enche de fé, e depois você fica sabendo que foi a santa quem a construiu e ela era Helena, a mãe do imperador Constantino, que antes era atendente nos bordéis de Edessa. Como podemos compreender a transformação na vida do imperador e de sua mãe, se não for pela analogia com o milagre de Jesus Cristo? E o milagre, Hipa, só ocorre raramente. Acreditamos em sua rara

ocorrência, depois aplicamos a razão e a analogia aos fenômenos para que possamos compreendê-los e resolver suas contradições. É assim em todas as questões: cremos, depois pesamos pela razão e assim nossa fé é confirmada. Esse é nosso caminho.

— Mesmo assim, restarão contradições não resolvidas pela razão.

— É possível que sua razão não consiga, mas virá alguém depois de você que seja capaz.

— Ou as contradições cairão por si mesmas e serão esquecidas, deixando as mentes das pessoas em paz.

— É verdade, Hipa, há muitos exemplos disso.

Senti então que já era boa hora para lhe perguntar sobre as palavras do monge da Capadócia que fez calar a todos. Mesmo assim hesitei um pouco antes de perguntar, e parece que com sua sagacidade havia notado minha hesitação. Lançou-me então um olhar afável e uma expressão acolhedora e me perguntou, enquanto vertia em seu copo um pouco de chá de hortelã morno, o que se passava dentro de mim. Respondi:

— O senhor, padre, vê tudo que está dentro de mim e o sente, mas vou confessar ao senhor que as palavras do monge da Capadócia me atingiram e remexeram em mim as contradições que existem entre nossa religião, baseada na redenção e no amor, e aqueles atos cometidos em Alexandria em nome de Jesus.

— Hipa, o que acontece em Alexandria não tem nada a ver com nossa religião. O primeiro sangue derramado nessa cidade, após o término do tempo da opressão pagã sofrida por nossa religião, foi sangue cristão derramado por mãos cristãs! Há cinquenta anos, os alexandrinos mataram Jorge, o bispo de sua cidade, porque ele concordava com as opiniões de Ário, o alexandrino. Assassinar pessoas em nome da religião não torna o ato religioso. Foi esse o mundo herdado por Teófilo, que por sua vez deixou-o a seu sobrinho Cirilo.

Por isso, não confunda as coisas, meu filho; aquelas são pessoas de poder, não gente de fé, pessoas de crueldade mundana, não de amor divino.

— Vi, meu senhor, na Igreja de Alexandria, um dos monges que mataram o bispo Jorge da Capadócia!

Nestório ficou surpreso com o que eu disse, e eu fiquei surpreso com a frase que ele disse em seguida, porque me lembrou do que eu acreditava e sempre dizia para mim mesmo.

— Quem você viu lá não era monge — disse ele com voz triste. — Monges não matam, mas caminham sobre a Terra com humildade, seguindo os passos dos apóstolos, dos santos e dos mártires.

O DÉCIMO SEGUNDO PERGAMINHO

A partida para o mosteiro

Meus dias em Jerusalém variavam pouco até a chegada de Nestório na companhia dos peregrinos aquele ano, quando os dias passaram a ser bons e agradáveis, dissipando as nuvens do meu desterro. Encontrávamo-nos, na maioria das vezes, na basílica, na minha cela ou onde estavam hospedados. Sempre me alegrava com sua presença, e minhas preocupações sossegavam a ponto de eu quase me esquecer delas e elas de mim. Contudo, vinte dias depois de sua chegada, Nestório me contou que se preparavam para voltar a sua terra, após terem se certificado de que as estradas para Antioquia e Mopsuéstia já se encontravam seguras. Naquela noite fiquei ansioso, e levantei muito cedo na manhã da partida dele; com o primeiro raio de sol, já me encontrava em sua hospedaria. As mulas ocupavam toda a praça e a comitiva se encontrava absorta nos preparativos para a jornada. Todos estavam ocupados com a viagem; eu me preocupava com o quão desolados seriam meus dias após sua partida.

De longe, Nestório me avistou enquanto corria ativo e enérgico entre o grupo, dizendo algo a um, dando uma ordem a outro, todos obedecendo. Ele era muito prezado entre seus pares. Viu-me e chegou até mim com seu rosto luminoso. Levou-me para o lado da hospedeira grande enquanto ainda acompanhava com o olhar os que se preparavam para partir; depois voltou-se para mim e disse:

— Por que não vem conosco a Antioquia, ou nos alcança na caravana seguinte?

— Antioquia, padre, é uma cidade grande e barulhenta. Não consigo mais viver num lugar assim, e nada mais almejo além de passar meus dias em paz.

— O que está dizendo? Tem apenas 30 anos!

— São mesmo 30? Sinto como se fossem 300!

Nestório riu da minha resposta e seu rosto ficou ainda mais iluminado. Mostrou interesse, perguntando-me se desejava continuar sendo um monge solitário ou se queria praticar medicina. Acrescentou ainda, brincando:

— Ou quem sabe queira se tornar padre em nosso país? Se um dia quiser deixar a vida monástica, eu lhe encontrarei uma boa esposa cristã, que lhe daria uma prole de egípcios na nossa terra.

— Estou lhe dizendo que quero viver em paz, e o senhor me sugere casamento!

Nestório riu, deixando à mostra seus dentes bem-feitos e brancos como pedaços de luz. Arrumou o capuz sobre a cabeça e perguntou se eu estava contente vivendo em Jerusalém. Mostrei as palmas das mãos, como quem quisesse dizer que não tinha outra opção. Respondeu que, se eu continuasse decidido a viver em paz, deveria começar a pensar em morar num mosteiro, e retrucou gentilmente:

— Não preciso nem lhe explicar quão pacífica é a vida num mosteiro, pois vocês, egípcios, foram os inventores da vida nos mosteiros e conventos, como forma de reavivarem tradições que tinham desde a Antiguidade.

Nestório então me contou sobre um mosteiro que pertencia à sua Igreja antioquina, localizado num lugar verde ao norte de Aleppo, área das mais calmas e belas da terra. Perguntou-me se eu gostaria de me estabelecer por lá, e sem pensar respondi:

— Sim, padre, pois estou enfadado de ficar aqui e nada me consolaria em Jerusalém depois de sua partida.

Nestório pediu pena e tinta, enfiou a mão no bolso e retirou um pequeno rolo de pergaminho de couro lavado. Escreveu nele nos dois lados, dizendo tratar-se de uma carta para o abade e que ele receber-me-ia muito bem. Descreveu para mim o local do mosteiro e me contou de sua agradável

atmosfera e da proximidade de Antioquia, que ficava a um dia de caminhada; podia visitá-los em seu bispado quando quisesse, e ele podia me visitar enquanto estivesse no caminho de suas viagens entre as muitas cidades e mosteiros da região.

— O mosteiro é mais confortável e seguro do que Jerusalém, rodeada pela seca de todos os lados e longe da capital do império. — Pensou um pouco antes de continuar. — Talvez eu me mude para Constantinopla em breve, pois o bispo de lá está doente e estão conversando comigo sobre a possibilidade de ocupar a cadeira depois dele. Como sabe, o bispado da capital não é menos importante que a sé do papa em Roma. Deus queira que minha presença lá possa trazer benefício para o povo de nossa religião.

— Será útil e abençoada, padre, com a vontade do Senhor.

— Seja o que Deus quiser. E agora, Hipa, despeço-me de você com a esperança de um encontro próximo. Não demore em mudar para o mosteiro.

Sua caravana se movimentou, provocando as tristezas assentadas em mim. Caminhei atrás deles até que saíssem pelo portão sul de Jerusalém, que tinha o nome de Porta de Sion. Tomaram depois a direção oeste para pegar a trilha do litoral, rumo a Antioquia. Quando a caravana desapareceu, a tristeza me cercou e as mãos da solidão e da desolação me apertaram. Voltei apressado à minha cela, decidido a partir para o mosteiro do norte o mais rápido possível.

Passei duas semanas preparando minha partida e uma terceira esperando pela caravana de mercadores que passava perto de Aleppo. Achei que, se viajasse na companhia deles, seria menos cansativo e mais seguro do que todas as minhas outras viagens e deslocamentos. A maioria dos mercadores daquela caravana era de árabes, de cuja língua eu desconheço as minúcias, nem vontade tinha de aprendê-las. Era uma língua que, embora próxima do siríaco, não tinha nenhum registro literário que me animasse a aprendê-la. Sua gente era um povo sem religião específica; eram judeus, cristãos e pagãos, tendo no seio

de sua árida península templos pagãos em torno dos quais circulavam nus. Diziam que eram os filhos de Ismael e que eram mencionados na Torá, mas eu duvido disso. Os cristãos dentre eles tinham um bispado no deserto de sua península, conhecida como Arábica. Eram gente de comércio, de logro e de guerra.

Minha viagem com a caravana foi confortável, como previa. Passamos no caminho por uma cidade grande rodeada por pomares, chamada Damasco, que podia ser vista do alto de uma grande montanha, depois da qual a terra se estendia em planície ao norte até alcançar Aleppo e as aldeias espalhadas ao seu redor. Após duas semanas, chegamos a Aleppo no crepúsculo, e por isso só consegui ver os traços da cidade de manhã. Era um local agradável, habitado por muitos árabes, siríacos e gregos e também por descendentes de alguns refugiados de Palmira (Tadmor), que há um século e meio tinha sido destruída e extinta; e por isso Aleppo tinha características e população árabes.

A coisa mais estranha em Aleppo era o fato de não ter muralhas. Suas casas se espalhavam sobre pequenas colinas em torno de uma outra enorme, em cujo cume havia ruínas de uma antiga fortaleza de portas corroídas, mas cujos altos muros continuavam de pé. Tive a impressão de que, nos séculos passados, devia ter sido uma cidade importante, mas que com o passar do tempo foi perdendo a importância até que passou a ser habitada por mercadores. Passei aquela noite na hospedaria pertencente à diocese de Aleppo, e na manhã bem cedo um servente da diocese me acompanhou até o mosteiro. Saiu comigo munido de algumas provisões, enviadas aos monges que habitavam pequenos mosteiros espalhados ao longo das trilhas que ligavam Aleppo a Antioquia. Foi isso que o servente me contou, quando me viu surpreso com a quantidade de coisas que as duas mulas carregavam. Meus livros, que eram muitos e haviam sido carregados por um camelo desde a saída de Jerusalém, foram transportados o resto do caminho nos lombos de duas míseras mulas.

A distância entre Aleppo e o mosteiro ao norte era curta; não passava de meio dia de caminhada. As planícies intermediárias eram amplas, com campos de plantações verdes e colinas de areias amarelas. O servente da diocese apontou para uma das que avistamos logo que saímos de Aleppo, informando-me que atrás dela ficava o cemitério da cidade e que seus pais estavam sepultados lá. Acrescentou que ele os visitava toda semana, para refletir junto ao seu túmulo e rememorar um tempo que nunca mais voltaria. Perguntei se desejava passar por lá para visitá-los, e ele respondeu hesitante com algo que parecia significar que não queria me atrasar ou me incomodar com aquilo, mas que gostaria de ir, sim, ao cemitério porque, após me levar ao mosteiro, tinha que seguir até Antioquia para visitar sua irmã casada, onde ficaria por um mês! Não tive escolha a não ser desviar do meu caminho e ficar lá por meia hora, até ele terminar suas orações.

As pessoas ali tinham um jeito estranho de sepultar seus mortos. Não os ocultam sob a terra na presença de uma testemunha, como fazíamos no Egito, mas os colocam em mo buracos compridos, posicionados uns sobre os outros, que são fechados com uma massa feita de barro onde desenham o sinal da cruz.

Enquanto o homem rezava, eu pensava nos meus mortos. Não conheço o túmulo do meu pai, nem acho que teve um! Quem sabe os sacerdotes do templo não tenham lançado seus restos no Nilo depois de se certificarem que seus assassinos foram embora, quem sabe não foi comido pelos crocodilos? Será que os alexandrinos jogaram Otávia no mar, para ser comida pelos peixes? Ou a enterraram naqueles cemitérios próximos às ruínas do Bairro Real? Hipátia certamente não foi enterrada, pois nada dela sobrou para que o fosse, e os vermes nada consumiram de seu corpo, pois terminou como uma árvore queimada, transformando-se em carvão. O carvão pega fogo, mas o corpo enterrado na terra é degenerado pelos vermes! Teria sido melhor para Hipátia ser queimada após a morte, para que seu corpo de cânfora não se transformasse

num deleite para os vermes? De onde eles vêm para comer os mortos? Os grandes médicos antigos que dissecavam vivos e mortos não mencionavam nada em seus livros sobre a presença de vermes nos vivos; de onde então eles vêm depois da morte? Estariam latentes em nós, mas se manifestando depois de morrermos? Estariam também já presentes nas frutas frescas e no queijo velho e nos corpos vivos, esperando apenas pela morte do ser e pela deterioração de seu corpo, para que vivam da morte e depois morram? Dizem que os vermes não consomem os restos dos santos e dos mártires! Seria um milagre destes? Ou é milagre dos vermes, que distinguem entre os corpos santos e não santos? Não penso que eles façam distinção entre os corpos de uns e de outros. Tampouco atacavam os corpos mumificados preservados em nossa terra em antigos caixões. Por que os antigos egípcios preservavam os corpos de seus mortos com uma magia, ou ciência, que afastava os vermes? Talvez seus corpos fossem também santos.

— Tenha a bondade, padre, abençoado seja pelo Senhor!

Despertei das minhas ideias com o convite do servente da diocese para voltarmos à estrada. No dorso da mula, as ideias e as intermináveis indagações sem resposta voltaram: será que um dia serei enterrado num buraco na parede, como este perto do qual o servente leu suas orações, pedindo piedade por seu pai e sua mãe após terem se transformado em pó? E se eu tiver um desses túmulos, quem viria para rezar pedindo piedade por mim, se não tenho família nem prole? Serei um dia viveiro para estes vermes brancos que consomem os mortos, mesmo sem terem dentes? Ou já começaram a me comer sem que eu perceba? Fiquei com pena de mim, pois me lembrei de uma cena que vi quando era criança: um pato morto jogado entre as rochas, e os vermes fervilhando nele. Se mexermos a terra, acharemos vermes; teria morrido a terra e os vermes já rasgam seu ventre sem que saibamos? Estaria este mundo desaparecendo e caminhando para o nada, sem termos consciência disso?



Na ampla estrada de terra ao norte de Aleppo em direção ao mosteiro passamos por extensões de terras avermelhadas onde havia boa plantação. As pessoas acreditavam, segundo me contou o servente da diocese, que aquela terra era originalmente amarela, mas quando se encharcou com o sangue dos mártires no tempo da opressão, ficou vermelha e assim permaneceu para lembrar ao povo de nossa religião dos tempos da tirania! Foi isso o que me disse o pobre homem, e não vi propósito em contrariá-lo refutando suas ideias, com as quais ele parecia se sentir bem. Catei no caminho algumas ervas, para estudar suas características e seus benefícios quando fosse me estabelecer no mosteiro. Tudo que sai da terra tem benefícios e utilidades, alguns conhecidos por nós, outros, ignorados.

As vistas da estrada me agradaram e a companhia do servente era aprazível, sempre pronto para me ajudar e cuidar de mim. À tarde, estávamos andando sobre aquelas colinas que pareciam ondas altas que subiam e desciam, e eu ia imerso nas minhas reflexões, até que despertei e meu coração bateu forte quando o servente apontou para a ponta da mais alta colina e disse, contente:

— Aquele é o mosteiro! Chegamos!

O DÉCIMO TERCEIRO PERGAMINHO

O mosteiro celeste

Quando avistei o mosteiro, pareceu-me localizado no ponto de encontro entre a Terra e o céu. Era inverno e as brisas frias do entardecer varriam de mim o cansaço da viagem, derramando sobre o mundo uma alegria misteriosa. Subimos a colina com esforço extra por parte das mulas, e com a esperança de que esta fosse minha última parada. Estava cansado de viajar continuamente e já era tempo de encontrar um refúgio para o resto dos meus dias, onde pudesse viver placidamente por um tempo; teria depois uma morte calma, quando meu espírito conseguisse se retirar da agitação deste mundo e de seus transtornos, dirigindo-me à serenidade dos céus. O mosteiro me pareceu a última parada em minhas incessantes viagens e em meu desterro, que tanto se prolongou até que não mais sentisse afinidade com nenhum lugar. Pensei que a vontade de Deus finalmente havia me guiado para cá, porém mais tarde aprenderia que não passavam de conjecturas de um ser esgotado.

O mosteiro era o que restava das ruínas de uma construção antiga, provavelmente remontando à época pré-romana, com certeza a tempos remotos. Alguns monges daqui acham que foi um castelo ou a casa de um comandante esquecido; mas pelo que eu sabia dos templos da minha terra natal, tanto os sobreviventes como os extintos há séculos, tive certeza de que esse lugar havia sido um deles no passado, aliás, um grande templo. Isso era evidente pelas pedras espalhadas e também pelo maravilhoso altar de mármore, ao redor do qual construíram a grande igreja do mosteiro. As ruínas dos templos têm uma presença inconfundível para um egípcio como eu.

Não contei a ninguém sobre o que eu achava a respeito dos primórdios deste lugar. De qualquer maneira, ninguém se preocupa aqui com isso, mas

apenas com o presente diante de seus olhos. Talvez tivessem razão em fazê-lo, ou sorte. Quanto a mim, durante meus retiros, pensava demoradamente em como esse lugar devia ficar cheio dos adoradores ao antigo deus! Pensava neles e nele, e sofria com meus pensamentos. Tudo acaba! Tudo que se edifica sobre a Terra desaparece, exceto as grandes pirâmides do Egito, que resistem à destruição. Se a base de uma delas desaparecer sob as areias, conseguimos ver a sua ponta aparecendo na superfície, e assim temos certeza de que há uma pirâmide ali, por mais coberta que esteja. Mas e quanto aos deuses para quem as pirâmides foram erguidas, e quanto ao antigo deus que foi adorado por centenas de anos no local onde se ergueu esse mosteiro? Onde está aquele deus agora, depois de tudo o que aconteceu?

Após muita reflexão, compreendi que, por mais diferentes que sejam os deuses, eles não estão nos altares nem nas edificações grandiosas; vivem, isso sim, no coração das pessoas que neles acreditam. Enquanto elas estiverem vivas, os deuses nelas vivem, e quando aquelas desaparecem, esses desaparecem, da mesma forma como morreu o deus Khnum depois da morte do meu pai. Mesmo aqueles poucos sacerdotes que sobraram, presos em seu grande templo no sul da Ilha de Elefantina, devem ter morrido e seu templo sido destruído, ou se tornado uma igreja para um novo deus. Jesus Cristo disse para os judeus em Jerusalém: “Destruam este templo, e em três dias eu o porei novamente de pé.” Não acreditaram nele e o entregaram aos romanos para ser crucificado, porque não entenderam que o templo era o próprio Jesus Cristo — que de fato destruiu o deles e tornou a edificá-lo quando ressuscitou da morte após três dias. Também não entendemos as palavras de Jesus quando disse ao apóstolo Pedro: “E sobre esta pedra edificarei minha igreja”, porque não percebemos que toda igreja que foi ou será construída deva se erguer sobre o apostolicismo de Pedro e sua fé, que não conheceu a dúvida, embora tenha conhecido a fraqueza! Pois como está escrito, Pedro negou a Cristo três vezes numa única

noite, e Jesus havia lhe dito que ele iria fazê-lo, sem rancor pela negação nem pela falta de apoio. Jesus não queria isso, mas sim redenção e sacrifício, pois de que adiantaria o apoio ou que mal teria a negação?

Reneguei a Hipátia diante de seus assassinos e reneguei a mim mesmo por três dias diante de Otávia, porque estava com medo. O medo se tornou algo natural para mim desde que mataram meu pai diante dos meus olhos, mas hoje, por que temo a morte? Devo temer mais a vida, pois é mais dolorida. Por que as nuvens da fé desaparecem do meu céu de vez em quando? Minha fé é como as nuvens de verão, finas e sem sombra. Não erguerei uma igreja nunca e nenhuma igreja será erguida sobre mim, porque não sou como o apóstolo Pedro e porque minha fé é maculada com muitas dúvidas.

O que me leva a essa conversa? O que estava dizendo antes? Ah... falava desse mosteiro que se espicha até o céu e de meus primeiros dias nele. Estava descrevendo o lugar e o que nele havia, por isso devo retomar o que dizia.



O mosteiro se localiza no cume de uma colina alta, rodeada por outras dispersas e por planícies. Sua entrada é uma abertura em um muro velho que circunda parcialmente o pátio, com várias colunas romanas antigas, algumas em pé, outras no chão em pedaços. A entrada do mosteiro é do lado direito, onde fica a subida difícil da colina íngreme. Dos outros três lados não há na verdade nem subida, nem descida, pois são desfiladeiros acentuados; deles o mosteiro parece ser uma sacada com vista para horizontes abertos dos três lados: norte, leste e oeste. Abaixo do mosteiro, do lado sul, há um pequeno vilarejo, com casas espalhadas de forma desorganizada; são cerca de trinta casas que dormem abaixo da colina. No pé da encosta que sobe até o portão, do lado direito, há cômodos daquele tipo que os soldados costumam ocupar. No dia da

minha chegada, soube que era um acampamento para uma guarnição romana formada de dez soldados, destacada para guardar o mosteiro há anos após este ter sido alvo de muitos ladrões e salteadores de estrada. Que pessoas maldosas essas que atacam um mosteiro e roubam monges já privados dos prazeres mundanos!

No desfiladeiro do lado esquerdo, onde a colina é menos íngreme, há terras verdes em plataformas e um casebre abandonado no centro. Pelas árvores secas que o circundam e os arbustos espalhados ao redor, sabe-se que aquela terra era cultivada, havia muito tempo, no antigo estilo babilônico conhecido como jardins suspensos. Mas de onde traziam água para regar as plantações, ou será que dependiam apenas das águas da chuva? Pensei a respeito enquanto subíamos a colina; mas tarde obtive a resposta.

Ninguém nos parou enquanto escalávamos até o mosteiro, nem mesmo na sua entrada. O pátio é amplo; a oeste, há uma construção antiga retangular, de pedra branca, que dá a impressão a quem chega de que é separada do mosteiro. Após minha instalação aqui o local se tornou a biblioteca. À esquerda, a leste, seguem-se a igreja grande, um celeiro, e depois uma construção de dois andares que parece guardar as celas dos monges. Bem embaixo delas, no primeiro andar, há uma hospedaria, uma pequena cozinha e um cômodo amplo para as refeições. Do lado oposto vê-se um viveiro de aves colado a um estábulo coberto por ramos de palmeiras, onde ficam três burros e muitas cabras e ovelhas. À esquerda de quem atravessa o pátio há um espaço vazio em que se espalham pedras antigas e pontas de colunas quebradas e onde cresce um espinheiro. Nessa parte norte do mosteiro há uma pequena capela, avizinhada por um cômodo solitário amplo, que logo soube tratar-se da cela do abade.

No fim do pátio do lado leste há uma construção na forma de um baú fechado, grande e misteriosa, a que chamam de fortaleza. A edificação tem três andares, mas é totalmente desprovida de janelas e portas. As paredes são lisas e

há uma abertura pequena no alto, que mal dá para a passagem de uma pessoa inclinada, caso escale até lá usando uma escada pendurada pela abertura superior. A escada é feita de cordas trançadas e tábuas de madeira, podendo ser dobrada quando necessário. O teto tem o formato de uma abóbada de inclinação acentuada de todos os lados, tão lisa que não se pode ficar de pé nela. Talvez volte a falar sobre essa construção mais adiante.

Quando passamos pela entrada do mosteiro, que não tem portões, o servente descarregou meus pertences no meio do pátio e me pediu para aguardar enquanto avisava a gente do lugar da minha chegada. Enquanto eu olhava para a planície que se estende aos pés do mosteiro do lado leste, onde se vê de longe a estrada que leva a Antioquia, um monge chegou, recebeu-me bem e me avisou que o abade iria ter comigo dali a pouco na sala das refeições. A sala é uma construção antiga e dilapidada, coberta com ramos e troncos de palmeira. As pedras das paredes são firmemente posicionadas, mas se podem ver algumas rachaduras. Deve ter acontecido algum terremoto nesses lados há muito tempo, o que fez com que a edificação que estava antes aqui caísse, de forma que sobraram essas ruínas posteriormente transformadas num mosteiro.

O abade entrou na sala, acompanhado por dois monges de tolerantes feições antioquinas. Os rostos da gente daqui são radiantes, diferentes dos rostos dos monges egípcios, que são secos e pálidos de tanto jejum e da predominância da cor do lodo trazido pelas enchentes do Nilo durante o verão. O abade não era muito velho, de voz calma e gestos sóbrios. Seu rosto se iluminou quando leu a carta do bispo Nestório; acolheu-me imediatamente, dando-me as boas-vindas.

Após o jantar, um jovem monge me levou até minha cela, que descrevi no início deste registro. O monge ficou comigo tranquilamente por uma hora, durante a qual me explicou o sistema de vida naquele local, que não era muito diferente do adotado na maioria dos mosteiros: poucas atividades durante o

dia, muitas rezas e louvações na maior parte do tempo. Queria perguntar ao monge orientador a respeito da construção misteriosa que havia na ponta das terras, mas preferi esperar.

Meus primeiros dias no mosteiro foram tranquilos e pacatos. Passei meu tempo lendo e adorando; meu espírito sossegou-se. O honorável Nestório tinha razão, pois esse lugar é muito adequado para mim de várias formas, que se fazem sentir, mas não compreender. A única coisa que me tirava o sono era aquela construção sólida e silenciosa, de teto abobadado e presença misteriosa, de pé sozinha no extremo leste do mosteiro. Com o passar dos anos, soube algumas coisas sobre ela e ignorei outras. Disseram que a chamavam de “fortaleza” porque antigamente funcionava como refúgio para os monges das investidas frequentes dos assaltantes. Costumavam pernoitar nela, guardando pertences e vidas entre suas paredes e usando a escada pendurada na abertura superior para entrar e sair do útero seguro. Disseram que não é um bloco só, que contém cômodos e passagens e que há uma sala onde estavam enterrados os monges que descansavam nos últimos cem anos, isto é, desde a existência do mosteiro. Contaram-me que aquela construção firme foi erguida sobre o cemitério há setenta anos, para que compartilhassem do poder espiritual daqueles ali enterrados. Contaram-me também que a construção era feita de quatro andares ocultos, não três, em cujo centro havia uma escada de pedra em espiral que ligava o chão ao teto atravessando os quatro pisos, e que dava numa única abertura no alto, que podia ser fechada por dentro com um bloco grosso de cobre maciço.

Conta-se aos sussurros que, cerca de cinquenta anos atrás, os monges permaneceram dentro da construção por um mês inteiro, quando o mosteiro foi cercado por assaltantes que acamparam na igreja grande sem que achassem uma forma de invadir o refúgio dos monges. Deslumbrantes milagres teriam ocorrido durante esse mês no interior da construção; o primeiro e mais

fascinante foi o aparecimento do rosto de Jesus sobre a lua cheia durante três noites seguidas, e o último milagre foi que os assaltantes despertaram do sono assustados em sua derradeira noite, pegaram suas espadas e foram matando uns aos outros, tomados por uma loucura terrível. De manhã, seus corpos foram encontrados espalhados no pátio da frente da igreja grande. Todos mortos de uma vez só, e eram mais de vinte. Essa história é confirmada por todos, e todos são enfáticos ao dizer que o abade a testemunhou pessoalmente quando muito jovem.

A construção e suas histórias me intrigavam. Imaginei o seu interior em labirintos, como as casas de formigas, mas construída sobre a terra e voltada dos três lados, sul, norte e oeste, para um desfiladeiro que não pode ser galgado a partir das planícies que cercam a colina do mosteiro. Ficava obcecado com a entrada da construção, mas não contei isso a ninguém. Nunca vi quem quer que fosse entrar nela, ao longo dos anos. Eles afirmam que, desde a chegada da guarnição romana, há vinte anos, os assaltos cessaram e que essa guarnição foi o suficiente para livrar os monges do constante refúgio e do medo instalado. Nenhuma pessoa mais entra na construção, exceto quando morre um monge, para enterrá-lo no fundo. Ninguém morreu durante os cinco anos em que estive aqui, por isso não tive a oportunidade de entrar com eles ou de vê-los entrarem. Disseram-me em segredo e com insinuações que o abade guarda, num cômodo secreto, os pregos que foram usados nas mãos e nos pés de Jesus Cristo quando foi crucificado em Jerusalém; que esses pregos incandescem de noite e que os monges, na época de seu refúgio, se orientavam por sua luz na escuridão. Isso é o que foi passado por eles a mim por meio de sussurros, dois anos depois de eu chegar aqui.

Algumas semanas depois de minha chegada, o abade me pediu para passar uma parte do dia na construção que fica à esquerda de quem entra pela porta destruída. Era uma grande sala, a oeste do mosteiro. Ele disse que o lugar seria

alocado para o tratamento dos enfermos que vêm das casas e dos vilarejos próximos. Acrescentou ainda que podia transformá-la em uma biblioteca, onde guardaria meus livros e alguns outros, que estariam empilhados em baús na sala ao lado do refeitório. A ideia me agradou. Passei longos dias no início sem que nenhum doente aparecesse, o que me deu tempo para rever os meus livros e verificar os que retirei dos baús. A maioria era evangelhos, Livro de devoção e orações. Ordenei-os nas prateleiras de madeira que os carpinteiros do vilarejo fizeram a meu pedido e que se estendiam ao longo de toda a parede oeste, a qual ficava do lado oposto à que tinha a janela e que dava para o pátio interno da igreja. Arrumei os livros conforme os temas: primeiro, os de medicina e de fármacos, seguidos pelos de história e literatura e, acima de todos, os de religião. No centro da sala, foi colocada a mesa devidamente reformada pelo carpinteiro. Assim, tive a biblioteca que tanto sonhei e na qual me sentia muito confortável, por estar num lugar mais longe daquela construção medonha e misteriosa deitada na extremidade do outro lado.

Dois dias antes do término do trabalho dos carpinteiros, estávamos na porta da grande igreja após o final da missa e havia um jovem gordo, de seus 15 anos, sentado numa pedra no canto do pátio que se estende entre as construções do mosteiro e a que foi alocada para mim. O abade o chamou e ele veio correndo, feliz sem nenhum motivo. O abade me disse que podia usar os serviços do menino, auxiliando-me na biblioteca e no tratamento dos enfermos. Insinuou que gostaria que o jovem aprendesse comigo coisas úteis. Concordei, aceitando de bom grado. O abade, após nos desejar a bênção, apresentou o rapaz a mim:

— Será seu auxiliar. Ele é um bom menino, o nome dele é Diácono.

Sorri quando ouvi o nome do jovem. Seu jeito e sua idade não lhe permitiam ser um diácono. Teria sido chamado assim na esperança de sê-lo um dia? Perguntei-lhe isso perto do estábulo das cabras, e ele me disse que foi o abade quem havia lhe dado o nome quando ainda era lactente. Fiquei surpreso,

mas o jovem não teve nenhuma objeção em me contar mais. Sentei-me no muro que dava para as planícies ocidentais e escutei dele o seguinte: ele tinha sido encontrado na porta da igreja na manhã de domingo, tinha dois dias, incapaz de chorar de tanta fraqueza. O abade sugeriu que uma das mulheres da paróquia ficasse com ele, mas nenhuma aceitou, exceto uma pobre catecúmena que se ofereceu para amamentá-lo duas vezes por dia. A mulher do padre aceitou abrigá-lo em sua casa. Assim, eles se ajudaram para criá-lo e o abade havia lhe dado o nome: Diácono.

— Minha mãe, que nunca conheci, me abandonou porque estava com medo...

Surpreendeu-me a simplicidade com que me contou sua história, sem pesar nem vergonha, como se descrevesse um fato comum capaz de acontecer com qualquer pessoa. Foi essa a primeira lição que aprendi nesse mosteiro, que me foi útil de forma oculta: não devemos sentir vergonha por algo que nos foi imposto, não cometido por nós. Isso me ajudou muito, sobretudo esquecendo o que minha mãe tinha feito comigo na minha infância e tentando esquecer o que eu fiz ou não fiz por causa do meu temor e da minha impotência.

O menino gordo, Diácono, tornou-se meu auxiliar em todos os afazeres e com o tempo fui descobrindo que de fato era um bom menino, de alma pura. Junto com o monge Fariseu, ajudou-me com dedicação a organizar e a limpar os livros, até que o lugar se tornou merecedor de ser chamado de biblioteca.

Meses após ter me instalado aqui, minha alma aquietou-se até que senti que o mosteiro era o ponto final de meu migrar. Naquela época eu tinha cerca de 35 anos, ainda era jovem e ativo. Costumava iniciar as orações no meio da noite e me juntar aos outros monges para celebrar a missa, depois cada um ia para seus afazeres. Eu me dirigia à biblioteca e só saía de lá para fazer as orações.

No início, os monges insistiam para que me reunisse a eles para o almoço, me desculpava sempre dizendo que me bastava uma única refeição ao dia. A vida austera que vivi me ensinou a comer a menor quantia possível de alimento. O abade também só comia uma vez por dia e passava a maior parte do tempo rezando e pregando, descansava muito pouco. Falava com os aldeões que visitavam o mosteiro com doces palavras repletas de afeto. Os habitantes do vilarejo que repousa abaixo do mosteiro e dos vilarejos vizinhos também o prezam e o amam.

Um dos primeiros pacientes que me procurou foi um parente do abade e amigo dele dos tempos da juventude, alguns anos mais novo que ele. Tinha escolhido a vida de camponês e, com seu pai, cultivou quando moço um grande terreno nas planícies estendidas ao norte do mosteiro; depois passou a morar com a família no campo. O homem passava dos 60 e reclamava de vômito e náusea constante, que o deixaram muito magro e fraco. Tomei seu pulso e estava tênue; examinei suas excretas e constatei que sofria de debilidade gástrica e de má digestão. Tratei dele com medicamentos suaves, reguladores dos intestinos e do estômago, e o proibi de comer alimentos de difícil digestão, sem afastá-lo muito do que estava acostumado a comer e a beber. Depois que sua digestão voltou ao normal, dei-lhe um pó de grãos amargos que nascem no Egito, misturado com sementes adstringentes, que fortalecem o estômago, removendo dele a umidade. Não cuidei no tratamento dele de observar o princípio médico básico comumente proposto pela gente de nossa época, atribuído a Galeno; refiro-me à regra que diz que todo paciente deve ser tratado com plantas de seu país. Não acredito na veracidade disso e não encontrei em nenhum livro o que reforçasse essa ideia. Após quatro semanas, o homem se curou completamente e recuperou a saúde. Depois da cura, veio ao mosteiro carregado de muitos presentes, produtos de sua terra. O fato elevou meu conceito entre os monges e alegrou o abade.

Quando já estava aqui havia quatro meses, três baús grandes cheios de livros chegaram ao mosteiro, enviados por Teodoro, bispo de Mopsuéstia, que me havia prometido copiá-los. Fiquei muito feliz com os livros e comecei a me deleitar em organizá-los nos lugares ainda vazios nas prateleiras. Diverti-me muito lendo-os. Passava longas horas entre os livros, e, quando a noite chegava, dormia sentado na biblioteca. Guardei na minha cela os censurados e os que eram proibidos aos leigos; eram em torno de cem livros e rolos, enquanto os volumes na biblioteca passavam de mil. Fazia parte do presente do bispo Teodoro uma cópia completa de suas interpretações aos evangelhos e os trabalhos dos apóstolos, uma coletânea completa dos 12 trabalhos de Hipócrates e 14 dos 16 livros conhecidos como as Seleções dos Alexandrinos, porque os antigos médicos alexandrinos haviam compilado as epístolas de Galeno e seus excertos fragmentados.

Com o passar dos meses e dos dias, comecei a ficar conhecido e os pacientes começaram a chegar ao mosteiro de toda a redondeza, em busca da minha medicina e do meu tratamento. A maioria foi curada com a misericórdia de Deus e com o bom medicar; assim me tornei famoso nos vilarejos vizinhos e nas cidades. Seus médicos às vezes me consultavam; refiro-me aos iniciantes. O abade, quando vinha me visitar, dizia-me, brincando:

— Abençoado Hipa, chegou ao mosteiro um monge médico e acabou se tornando um médico monge.

Várias vezes disseme isso, mesclando o gracejo com seu sorriso sereno. Depois de me sentir próximo dele, falei que era poeta também; ele riu e me disse algo assim: *seja um bom médico, depois pode ser o que quiser!* Parece ter sentido meu embaraço pela sua resposta e, querendo atenuar a situação, insistiu para que eu lesse para ele algo da minha poesia. Fiquei surpreso quando me disse que gostava de literatura e que lia os discursos de Cícero, dos quais já havia decorado longas partes.

— Cícero era pagão, padre! — falei sem pensar.

— Sim, mas era muito eloquente e tinha dom divino. São Clemente, um dos primeiros reverendíssimos padres, gostava de ler seus trabalhos.

— Mas, padre, ele se censurava por isso. Conta-se que num sonho ouviu uma voz lhe dizendo: “Clemente, você é ciceroniano, não cristão!”

— Hipa, esses são conflitos da alma e sua contínua inquietação, que vêm à tona e depois se acalmam. Mas chega disso agora, não vai ler para mim alguns de seus poemas?

— Amanhã, honorável padre, lerei algo para o senhor.

— Então até amanhã, com a vontade de Deus.

O abade fala geralmente em grego, mas domina a língua siríaca muito bem e a usa às vezes. A maioria do povo da região conhece ambas as línguas, mas o abade domina as duas e costuma usar formas simples para se comunicar com os fiéis do povo, embora seus sermões e suas expressões sejam eloquentes e elegantemente escritos. Normalmente expressa no olhar e com os movimentos das mãos o que nenhuma língua consegue expressar. Comunica-se com seus monges, que o reverenciam, com o olhar e o gesto. Entrei em sua cela várias vezes depois que me instalei aqui e não vi nenhum livro; enquanto conversávamos, vi que evocava ditos e passagens da memória, sem olhar nem pesquisar. Não estou me referindo aos evangelhos e aos livros dos apóstolos, que são naturalmente memorizados por ele. O curioso é que ele se lembra de muitas páginas dos registros dos primeiros padres e recita de cor as decisões tomadas pelos concílios eclesiásticos, além de decorar os discursos de Cícero! De fato, é um homem abençoado e curioso. Quando leu tudo isso? Por que não lê mais agora? Estava mesmo entre os monges que se refugiaram na construção durante um mês inteiro, há cinquenta anos? Por que não? — se ele está agora beirando os 70 e isso ocorreu há cinquenta anos, quando ele estaria com 20 anos. Amanhã vou perguntar a ele, depois de ler alguns dos meus

poemas. Foi isso o que decidi naquele dia, mas a vida nos reservava outra coisa. Na manhã seguinte, enquanto estava sentado sozinho na sala dos livros, arrumando meus escritos poéticos e escolhendo o que leria, ouvi ruído de passos vindo da porta. O barulho no cascalho indicava que eram quatro ou cinco; pensei que fossem monges chegando para escutar meus poemas junto com o abade, mas não era o abade.

Senti uma alegria inesperada. A porta se abriu e entrou animado o bom padre, o puro espírito jesuíta, o louvado sacerdote Nestório.

— Bom dia, Hipa, vim especialmente para vê-lo!

— Bem-vindo, louvado padre. Que ocasião abençoada pela Virgem!

Atrás dele entrou um grupo de pessoas que caminhavam ativas em seus magistrais mantos eclesiásticos; pelas roupas, pareciam ser todos antioquinos. O abade entrou com eles seguido por três monges, os mais velhos do monastério. Sentamos todos nas 12 cadeiras ao redor da mesa. Foi uma reunião abençoada e fiquei contente quando o abade disse:

— O louvado Nestório está a caminho de Aleppo para renovar sua diocese e me perguntou de você logo que entrou pela porta do mosteiro. Não sossegou até vê-lo.

— É uma imensa honraria da parte dele e da sua, louvado padre.

Ao meio-dia, dois monges entraram carregando pratos. Era a primeira vez que alguém além de mim comia naquela ampla sala desde que eu a havia transformado numa biblioteca. A conversa nos levou a navegar em muitos mares e fomos acompanhados pelos padres e monges, até que eles foram dispensados por Nestório para descansarem da viagem e se prepararem para a jornada do dia seguinte. Quando ficamos a sós, ele, o abade e eu, Nestório me contou que havia ficado feliz em saber da fama que alcancei na medicina e acrescentou:

— Alguns na Antioquia falam de você com afeição e comentam sua habilidade, apesar de ter passado aqui apenas um ano. Os irmãos de lá me pediram para oferecer-lhe, se quiser, uma transferência. Prometi a eles: “Vou oferecer de novo, embora ele tenha declinado quando estivemos na casa do Senhor em Jerusalém.”

— Sou grato ao reverendo, louvado bispo, mas estou confortável aqui.

— Que seja, mas por que não planta suas sementes e ervas medicinais, já que se decidiu por instalar-se? Será que o bom abade não lhe permitiu?

— Não, pai, nunca. Não falei com ele sobre isso ainda.

Nestório dirigiu ao abade um olhar cheio de afeto, calou-se por um instante e depois disse, ajeitando o capuz na cabeça, que devíamos começar o cultivo da terra sem demora, pois plantar as ervas medicinais traz benefício para os pacientes fiéis. Depois lembrou o abade do velho poço desativado que ficava no centro do pátio, entre a biblioteca e as dependências do mosteiro, apontando para a necessidade de aproveitar sua água para irrigar o plantio no verão. Nestório olhou para mim dizendo:

— Este abençoado mosteiro é elevado, e em torno da colina onde fica há pedaços de terra em platôs, adequados para o cultivo — disse Nestório, olhando para mim. — Você poderia plantar na parte inferior as plantas de clima quente, e na superior, as de clima frio.

— Pois então, abençoado Nestório, é conhecedor também na matéria de agricultura — disse o abade, sorrindo.

— Apenas um conhecimento elementar, louvado padre, mas estou pensando em algo maior; por exemplo, construirmos neste mosteiro um sanatório e uma basílica.

O abade gostou da ideia e a abençoou, mas eu lamentei, pois tinha receio de tumultos e ainda me sentia estranho entre as pessoas. Aqui me livrei da perturbação do mundo. Se fosse para realizar o desejo de Nestório, ajudá-lo-ia

para agradá-lo, mas depois partiria para qualquer outro mosteiro próximo, para ficar tranquilo, longe das pessoas. Era isso o que pensava naquele momento. Depois houve o que houve.

Ao entardecer, os serventes do mosteiro trouxeram uma mesa grande na qual havia pedaços de queijo, ovo grelhado, pão salgado e doce, uma jarra de leite e algumas frutas. Não eram dias de jejum. O abade pegou uma única ameixa, comeu-a devagar, como era seu costume, e depois se despediu de nós, dizendo:

— Comam vocês que ainda são jovens e continuem sua conversa abençoada. Ficarei feliz de vê-lo, abençoado Nestório, de manhã cedo antes de partir. Hipa sabe onde fica a hospedaria e o levará para lá quando desejar. Deixo-os na companhia do Senhor.

Comemos pouco e tomamos um copo de leite, depois saímos da sala dos livros até o pátio amplo da igreja. Era outono e a noite estava extremamente calma, o ar levemente frio e o céu com rara luminosidade. Disse a Nestório que aqui me sentia próximo do céu, que não me sentia desterrado e que não tinha mais dúvidas, e acrescentei:

— Desde que cheguei aqui, sinto que o mundo se tornou seguro.

Ele sorriu e virou a mão no ar, resignado. Disse com tristeza que o mundo continuava perturbado, mas que eu me afastei dele, e acrescentou:

— Os extremos do país sofrem as investidas dos bárbaros e das tribos do norte; os curdos ao leste não sossegam, nem os godos na Gália. Quanto às grandes cidades cristãs, estão carregadas de intrigas, desafetos e pensamentos pessimistas.

Contou-me ainda muitas outras coisas que estavam acontecendo no mundo de onde me retirei, entre elas que a saúde do bispo Teodoro havia piorado, que os 77 anos estavam pesando nas suas costas e que ele se sentiria sozinho após sua morte. Contou-me que o imperador Teodósio II havia lhe escrito sobre a

questão do posto no bispado de Constantinopla e que partiria logo para lá, onde seria ordenado bispo da capital. Não estava entusiasmado! Disse que tinha muitas coisas para terminar no bispado de Antioquia e nas dioceses das redondezas, que tinha de finalizar alguns trabalhos iniciados e que não sabia o que aconteceria com eles após sua transferência para Constantinopla. Fiquei preocupado e quis espairecê-lo, por isso falei, gracejando:

— Padre, ser o bispo da capital do império aos 47 anos é uma coisa muito boa e importante, não desanime.

— Pare com isso, Hipa. Meu coração não fica tranquilo em Constantinopla. Não me sinto confortável perto dos atuais mandatários, tratando-se de quem são.

— Deus cuidará do senhor e o protegerá, pai.

Nestório virou o rosto para o outro lado, elogiando o ar sereno da noite e seu frio agradável e fresco, e disse que me havia trazido de Antioquia livros e ervas medicinais. Disse a ele que era eternamente grato por seu interesse pelo mosteiro. Passamos a primeira parte da noite falando de muitos assuntos; até quase tomei coragem para tocar no assunto da construção misteriosa localizada no extremo leste do mosteiro. Quem sabe ele me diria algo? Mas no momento que apontei para a construção para introduzir a pergunta, ele bocejou, e assim só me restou conduzi-lo até seu aposento para descansar. Acompanhei-o até a porta da hospedaria e subi para dormir nessa minha cela. Sentia-me sociável e tomado por uma alegria divina, manchada apenas pela pena que sentia por ter perdido a chance de perguntar sobre a construção misteriosa.

Bem cedo de manhã, estava esperando por Nestório na porta da hospedaria, acompanhado por dois ou três monges. Saiu radiante como sempre, rezamos todos juntos na igreja, depois eu o acompanhei à mesa do desjejum. Em seguida desci com ele até o pé da colina. Ele e seus companheiros partiram para

Aleppo; subi ao mosteiro, parei na entrada e observei a pequena comitiva sumindo entre colinas onduladas sobre as planícies.



Chegou então o ano 428 de Cristo, no qual muitas coisas aconteceram. O bispo Teodoro transferiu-se para o reino superior, e Nestório mudou-se na primavera para Constantinopla, onde foi ordenado bispo da capital do império. Minha vida se estabilizou no mosteiro e mais pacientes vinham em busca de tratamento. Os dias desse ano e do seguinte passaram por mim tranquilos e pacatos, e foi assim até que o ano 430 chegasse, trazendo os eventos que abalaram tudo o que havia se estabilizado na minha vida — especialmente os ocorridos no fim do ano, no início do inverno. Naquela época os conflitos entre os grandes se intensificaram e Martha apareceu em minha vida, como um sol abrasador no céu.

O DÉCIMO QUARTO PERGAMINHO

Os sóis interiores

Antes de soprarem as tempestades recentes e de sermos atacados pelas calamidades, meus dias no mosteiro eram divididos entre dormir na minha cela ou na sala dos livros, rezar de manhã com os monges e atender os pacientes após o almoço, e ao entardecer, ler e escrever poemas até ser vencido pelo sono. Dormia pouco e meus sonhos eram serenos. Muitas vezes, ouvia poemas nos sonhos e acordava para escrevê-los, por isso comecei a deixar meus pergaminhos e meu tinteiro perto do travesseiro. Naquele tempo já havia mergulhado nos segredos da língua siríaca e me apaixonado por sua literatura escrita, principalmente pela história do sábio Ahikar, que eu já havia estudado pelas mãos de um senhor de Akhmim chamado Wissa. Ele nos ensinava as línguas antigas, entre elas a aramaica, ou siríaca, como Nestório gostava de denominá-la. Aqui tive a chance de ver outras cópias da história de Ahikar, que revelaram variantes, e havia me decidido a comparar e cotejar todas as cópias até chegar a uma versão precisa e editada dessa história repleta de lições.* Mas o tempo mais agradável desses dias, que me parecem agora tão distantes, era quando me sentava ao nascer do sol nas pedras espalhadas perto da muralha do mosteiro. A muralha estava em ruínas no canto noroeste, voltada para as planícies que se estendiam até o longínquo litoral e até a Antioquia. Naqueles

dias eu desejava que minha vista se aguçasse de modo que me permitisse ver, daquele lugar alto perto da muralha, as cidades distantes: Antioquia, Constantinopla e Mopsuéstia! Teria sido um milagre que não contaria a ninguém, quero dizer, se Deus tivesse me dado essa graça. Deus não gosta de revelar seus milagres pelas mãos dos santos, com raras exceções. Mas eu nem santo era, era um médico e poeta que vestia o hábito dos monges e que tinha o coração repleto de amor pelo universo, e que esperava passar seus últimos anos sem pecado, e assim se elevar com a leveza do espírito imaculado para os céus, onde as luzes da glória divina cintilam. Esses eram os limites da minha vida naquele tempo, isto é, há apenas um ano.

O abade já estava muito próximo de mim; aliás, eu já era naquele tempo, de todos os ocupantes do mosteiro, o mais próximo dele, quem mais se sentava e conversava com ele, principalmente após a partida dos monges Risonho e Fariseu. Muitas vezes o abade me chamava para ir a seus amplos aposentos de três janelas ou vinha de manhã para conversar comigo na biblioteca, onde ficava até antes do almoço. Esta era sua única refeição, mas fazia questão de estar no refeitório também no desjejum e no jantar para ler os salmos aos monges e lhes dirigir algumas palavras. Perguntava-me sobre meus pacientes e minhas composições poéticas e ficava contente quando lia para ele algo novo. Chegou a decorar alguns dos meus poemas, e olhava carinhosamente para mim enquanto os recitava para ele; seu olhar tinha a mesma benevolência de que me lembrava nos olhos de meu pai nos velhos tempos. A paternidade é um espírito divino que caminha no universo, trazendo a piedade celestial para os pequenos através de seus pais.

Eu nunca serei pai, nunca terei uma esposa nem filhos; não darei filhos a este mundo para que sofram como eu sofri. Não suporto presenciar o sofrimento de uma criança. Quando ouço o choro de uma criança trazida pela mãe para que eu a trate, corro para recebê-las na porta da biblioteca, pego-a e

corro para dentro, onde guardo entre os medicamentos muitas receitas para as suas dores, principalmente para os lactentes que chegam sofrendo de gases na barriga, do descuido das mães e do leite ruim de algumas. Receita para a mãe alimentos para melhorar o leite, afrouxo o cueiro do corpo da criança e aplico um unguento aromático que eu mesmo manipulei e experimentei várias vezes, até confirmar seus benefícios. Muitas crianças urinavam em minha direção quando eu desamarrava o cueiro. Eu ria e me alegrava com a felicidade das mães, que traziam seus filhos chorando de dor, mas saíam de lá com os pequenos dormindo sobre seus ombros. Não há nada mais nobre no mundo do que aliviar o sofrimento de um ser que não consegue expressar a dor. Jesus Cristo não veio para salvar o homem perdido, que desconhece seus muitos pecados? Jesus suportou a dor para afastar o pecado de nós. Este foi um dos versos pelo qual iniciava um dos meus poemas composto em siríaco, de que o abade gostou e guardou de cor. Devo mencioná-lo aqui? Por que não? Meu poema diz:

*Suportando a dor afastou o pecado de nós
Com Seu sacrifício nos deu a redenção
Desceu com amor, ascendeu com amor
E com o amor mostrou o caminho
Guiou as pessoas para a paz e entregou a alegria aos fiéis
Ardeu na terra para nos trazer o frescor dos céus
Entregou Seu espírito na cruz
Para pagar por nossa expiação e para que atinjamos a salvação.*

O poema é longo e um dos que Martha cantaria mais tarde, impregnando as letras com sua alma e afastando o sofrimento de quem a ouvia. Minhas lágrimas jorraram várias vezes quando cantou olhando para mim num encontro que tivemos. Mas não falarei disso agora, pois estava contando dos

dias de serenidade durante os quais minha alma se aquietou no colo desse mosteiro e os sóis do meu interior luziram no horizonte da piedade, até o ponto de esquecer o sofrimento dos dias passados e a minha intrínseca incerteza. Estava como se vivesse nas nuvens e podia sentir o farfalhar das asas dos anjos que enchiam os céus. Naquela época compreendi, pela primeira vez, o mistério do monasticismo, a bênção da reclusão e a serenidade obtida pelo afastamento da agitação do mundo. Tive certeza de que a vida mundana não tem valor, e que, ao deixá-la para trás, teria trocado os objetos do corpo vaidoso pelo horizonte do espírito valioso.

Não havia naquele tempo o que conturbasse minha serenidade, a não ser aqueles sonhos que me surpreendiam de vez em quando, para me lembrar do meu pesado legado e do que escondia dentro de mim. Algumas noites acordava tremendo, chorando quando via minha mãe olhando zombeteiramente para meu pai, um homem humilde até nos meus sonhos. Neles, nunca me falou nada, nunca. Apenas me olhava com tristeza profunda enquanto remava seu barco ou retirava suas redes vazias do mar. Minha mãe era quem falava muito nos sonhos e dava risos assustadores, fazendo-me acordar amedrontado; mas apesar de eu não ter essas visões frequentemente, eu as tinha duas ou três vezes na mesma noite.

Certa vez sonhei com Hipátia em seu vestido de seda branco de bordas douradas. Irradiava brilho e amor. No sonho, eu era jovem, tinha menos de 20 anos, e ela continuava com a mesma idade de quando a conheci. Lia um livro de alquimia para mim, embora ela nunca tivesse trabalhado com tal ciência. Eu devorava tudo o que ela lia conforme seu dedo passava sobre as linhas. Seu dedo era ágil, e sua unha alva passava delicadamente sobre as palavras. De vez em quando, olhava para mim sorrindo, enquanto lia, e quando desejei que me abraçasse, ela me abraçou; mas quando a apertei contra o peito, percebi que era Otávia coberta de sangue. Despertei aterrorizado.

Várias vezes tive uma visão estranha: o mar salgado, em cujas águas giravam redemoinhos gigantes, dos quais minha mãe tentava se desvencilhar enquanto eu a observava amedrontado, parado nu na praia. Ela me chamava com o nome que Otávia havia escolhido para mim e que ninguém mais conhecia: “Theodorus Poseidonius!” Depois seu chamado se transformava em pedidos de socorro, que logo se tornavam gritos desesperados a ecoar pelo mundo. Acordava então cansado, ficando insone o resto da noite.

No ano passado conversei duas vezes com o abade a respeito da construção misteriosa. Na primeira vez, calou-se e não me deu resposta nenhuma, mas na segunda vez, estávamos sentados juntos de manhã e, enquanto o sol aparecia por trás da construção, disse-lhe algo que dava para entender que não iria perguntar outra vez, já que não queria me contar. A manhã estava calma e era verão. O abade ficou pensativo por alguns segundos, depois me contou que no passado remoto o mosteiro tinha sido um templo para o deus da fertilidade e das pastagens e para a deusa dos campos. As pessoas antigamente acreditavam que ambos os deuses haviam se encontrado sobre essa colina e ali tinham feito amor. Durante anos, os adoradores vinham de todos os lugares para edificar o templo, erguendo suas colinas, até que se tornou um dos maiores templos da Antiguidade.

Já na época do rei Salomão, filho do profeta Davi, os judeus quiseram transformar o templo numa casa de Deus, e por isso enviaram secretamente uma tropa de soldados para derrubá-lo; mas não conseguiram, devido à sua grandeza e à quantidade de sacerdotes que nele habitavam. Conta-se que a tropa foi aniquilada inteiramente em circunstâncias misteriosas, o que provocou a ira do rei Salomão, que enviou uma companhia de seus soldados particulares para derrubar a edificação; mas não conseguiram, devido aos talismãs terríveis que eram enterrados sobre ele, e graças ao monitoramento

feito pelos antigos sacerdotes, ninguém conseguiu decifrar seus símbolos nem desfazer sua magia.

Assim o templo ficou de pé até os tempos de Cristo, mas acabou decaindo com o passar dos anos. Quando sua gente o abandonou, foi ocupado por Azazel e seus descendentes, demônios e diabos, onde viveram com seus seguidores, os humanos que na época os adoravam! Depois que Azazel fracassou em tentar Cristo, como está escrito no evangelho, e depois que a palavra do Senhor venceu, ocorreu um grande terremoto que derrubou o templo e só sobraram dele essas pedras espalhadas e essas colunas quebradas. Depois, aconteceu que um grupo dos primeiros padres, que estavam pregando por esses lados, foi morto pelos romanos e alguns deles foram enterrados pelos discípulos no lado leste do templo. O local então passou a ser um ponto de visitação após a nossa religião ser difundida por esses lados. Foi erguida então essa construção sobre os túmulos dos padres mártires, por receio de que seus restos fossem exumados pelos pagãos, que odiavam os seguidores de Cristo e que desejavam ver a volta de seu templo original. O povo da cruz levantou essa construção para envolver o descanso dos padres. O muro do lado do pátio foi constituído de três paredes adjacentes, impossível de ser aberto devido à dureza de suas pedras e à espessura das três paredes. Quanto aos outros três lados, são uma fortaleza por si, por sua elevação e pela posição voltada para o desfiladeiro. Com o tempo, a construção passou a ser um refúgio e uma fortaleza para os monges. O abade calou-se por um momento, depois disse:

— Eu tinha 15 anos e estava aqui quando fomos cercados pelos ladrões. Ficamos cinco dias inteiros dentro da construção, não um mês, como contam. A maioria quase morreu de fome e de sede! Quando os ladrões não conseguiram fender nem derrubar a parede, partiram desapontados, sem que soubessem que não havia nada dentro da construção que merecesse ser roubado. — O abade calou-se novamente por alguns instantes e acrescentou:

— E não é verdade a história da existência dos pregos que foram usados na crucificação de Cristo e que brilham de noite. É tudo que posso lhe contar, Hipa, portanto não me pergunte outra vez.

O abade terminou sua história, mas eu ainda estava confuso e com os pensamentos embaralhados. Não entendi muita coisa do que dizia, falava comigo como se estivesse recitando um texto decorado, nem mesmo seu rosto demonstrava qualquer expressão enquanto falava. Hesitei por um instante e soltei a pergunta:

— Mas, padre, eu escutei vozes baixinhas vindo de dentro da construção ao colocar o ouvido bem próximo à parede. Isso aconteceu várias vezes comigo!

— Hipa, são vozes que vêm de dentro de si, não de dentro do prédio. Talvez haja lá dentro ratazanas ou cobras e insetos, pois não é aberto há longos anos.

— Mas o senhor, padre, vai abri-lo se morrer um monge.

— Não, não o usamos mais para enterrar ninguém e não vamos abri-lo nunca.

Nota:

* Trata-se de uma história aramaica (síriaca antiga) que narra a vida do sábio Ahiqar, ministro do rei Senaqueribe, as traições e lealdades com as quais se deparou na vida, além de seus conselhos ao sobrinho. É notadamente parecida com o que sabemos hoje da história de Luqman, o sábio, e seus conselhos para o filho.

O DÉCIMO QUINTO PERGAMINHO

O Fariseu Hipóstase

Nesse mosteiro e nas redondezas, os monges se distinguem de seus irmãos no Egito e em Alexandria. Ambos têm pelo Senhor amor e reverência e demonstram incursão na deificação. Mas o modo dos monges egípcios é mais severo e mais adepto a vários tipos penosos de adoração. Não é de se estranhar, pois fomos nós — os egípcios — que inventamos o monastério e o demos a todas as regiões do mundo habitadas pelos fiéis.

Os monges daqui ficavam admirados com meu ascetismo e empenho espiritual; surpreendiam-se com minha paciência na demorada pesquisa nos livros e com a dedicação contínua à escrita. Estranhavam e continuam estranhando meu jeito de dormir sentado na maioria das noites e minha permanência na biblioteca sozinho na maioria dos dias, até que, alguns meses depois da minha chegada, começaram a me chamar de Hipa, o Estranho. Pouco a pouco a surpresa, a admiração e o estranhamento foram se desfazendo conforme foram se acostumando a mim e se aproximando. Mesmo assim, continuavam a me chamar de “o estranho” e, às vezes, de “o médico”. Aqui são ainda menos interessados nas notícias de Alexandria do que seus irmãos em Jerusalém, e por isso me incomodavam menos; a verdade é que não me incomodavam nunca, mas, no início, ficaram ansiosos em saber qual era minha

relação com o bispo Nestório. Quando lhes contei do nosso encontro em Jerusalém, sossegaram; quando notaram minhas habilidades na medicina e nos tratamentos, aproximaram-se; e quando me observaram por meses sem acharem na minha conduta nada que os perturbasse, tranquilizaram-se. Começaram a me visitar na biblioteca, faziam-me companhia e conversavam comigo no pátio superior após as longas missas.

No início, eu falava e convivia pouco, e eles respeitavam meu silêncio e retiro. Um dia após o outro, passei a ser como um deles e até comecei a gostar de conversar com eles, alegrando-me com seus sorrisos afetuosos que enchem o coração. Dois deles eram muito amigos. O primeiro é aquele que chamei de Risonho, ou pelo nome todo: “Risonho Sóbrio”, porque combinava os dois adjetivos que raramente são encontrados numa pessoa só. Partiu recentemente para Antioquia, onde se estabeleceu num lugar próximo e dirige um mosteiro chamado de *Yuberpius*,* após passar dois anos aqui conosco, durante os quais derramou alegria nos corações dos que o rodeavam e encheu suas almas de amor e serenidade. Os traços de seu rosto, especialmente seu lábio superior puxado para cima e que mostrava sua gengiva, davam a impressão de que estava sempre sorrindo. De fato ele sorria muito, como se Deus o tivesse abençoado, dissipando nele toda e qualquer preocupação. Tinha o olhar doce, ria pelos mais simples motivos e, quando o fazia, colocava a mão na boca, como fazem as virgens. Contudo sua lágrima também estava sempre próxima, fácil de cair. Uma vez me viu assistindo uma pobre criança que tinha uma inflamação no pescoço, daquele tipo que chamamos de “fogo persa”; as lágrimas do monge jorraram e ele saiu por não aguentar o choro do pequeno. Depois disso, passou a sair da biblioteca logo que chegasse algum paciente. Não pude conter minhas lágrimas quando dele me despedi na entrada do mosteiro, devido a sua partida repentina. Nunca mais o vi, apesar da vontade que tenho de vê-lo e da falta que me faz a conversa dele.

O outro monge é agora o mais caro a mim. Passou aqui vinte anos de sua vida. É o mais parecido com o abade, porém vinte anos mais novo, mais gordo e mais barbudo. De baixa estatura e grande barriga, ao andar apressado parece uma bola rolando. As mãos e os pés são pequenos como os de uma criança e tem também o sorriso de menino; mas o que lhe confere a aparência de adulto são a calvície, a barba preta e as ressaltadas olheiras escuras, resultado das longas vigílias ou da má digestão. Os olhos são grandes, cheios de esperteza e paixão, e tem no coração uma bondade imperceptível ao estranho, mas bem conhecida dos próximos.

No início via-o na igreja; com o tempo nos tornamos como irmãos, principalmente depois que me ajudou numa missão importante quando da formação da biblioteca, que antes era uma construção abandonada. Olhava para os livros como quem era apaixonado pelos textos, mas raramente o via lendo. Os monges aqui o chamam por um apelido estranho: “Fariseu Hipóstase”! Comecei a chamá-lo pelo mesmo nome, com o qual nunca se irritava nem se alegrava.

Certo dia, já bem próximos, estávamos sentados na entrada do mosteiro e ele me contou que era de origem árabe e que conhecia ambas as línguas faladas pelos árabes do norte e os do Iêmen. Naquela época eu não sabia que a língua árabe se dividia em duas, a do norte e a do sul. Contou-me que era órfão do pai, que havia sido um mercador abastado e morreu jovem; moravam numa grande casa no centro da cidade de Aleppo. Quando seu tio se casou com a mãe para preservarem a herança do pai, ele os deixou e se juntou à diocese de lá como criado, depois como diácono. Tornou-se monge aos 25 anos, enclausurou-se durante três anos, depois veio para cá a fim de se instalar no mosteiro.

Depois que o conheci melhor, contou-me muitos segredos — entre eles que, na juventude, desobedeceu a Deus com as mulheres várias vezes, achando-

se no direito de desfrutar de aventuras eróticas. Mas depois lamentou os pecados, arrependendo-se deles e confessando ao abade tudo que havia feito. Assim conheceu o segredo de beber da compaixão de Deus através da confissão. Largou a volúpia que tanto o havia perturbado como o tinha avivado. No entanto passou a detestar as mulheres desde que entrou para a igreja, a ponto de não suportar nada feminino, mesmo sendo um animal irracional! Disse-lhe certa vez, quando exagerou na difamação da feminilidade:

— Calma, Fariseu; não se esqueça de que a Terra é feminina e que o Senhor veio da Virgem.

— Não, Hipa, não. A feminilidade e as mulheres são o motivo de toda desgraça. A terra, a água, a brisa e a vegetação não são fêmeas nem machos, são presentes dados por Deus a Adão — que foi seduzido por sua mulher, Eva, e aconteceu o que aconteceu. A virgem Maria é a única exceção, o Senhor a fez imaculada para que nosso Senhor Jesus Cristo emanasse dela e nos ensinasse que as coisas mais sublimes podem provir das coisas mais simples, como as pérolas se formam dentro de conchas. Do contrário, o que seria da Virgem se não fosse o fato de ter dado à luz o Cristo?

Estranhei a expressão “para que emanasse dela”, mas não quis discutir com ele; Fariseu não havia estudado teologia no Egito para saber que a emanação é um termo filosófico inadequado para se referir à encarnação, nem que Jesus tomou do corpo da mãe sua humanidade e portanto era metade humano, conforme diziam lá.

Naquele dia, calou-se por um instante e olhou para longe, depois disse de repente como se tivesse descoberto algo importante:

— Olhe para este mosteiro e para todos os mosteiros e as igrejas. Por que são pacíficos? Porque estão livres das mulheres e de todas as desgraças e traições causadas por elas.

— Mas todas as mulheres são traidoras?

— Sim, definitivamente. O único homem que podia garantir que sua mulher não o traía era nosso pai Adão, porque não existia nenhum outro homem com quem ela pudesse traí-lo, nem no leito, nem na imaginação; e, ainda assim, ela o traiu com o maldito Azazel, juntando-se a ele contra Adão.

Fariseu gostava de ser prolixo. Balançava a cabeça quando falava, levantava os braços no ar e desenhava as palavras com as mãos e dedos, como se falasse com alguém que o escutava com os olhos. Não gostava de ser interrompido e não olhava no rosto de quem estava conversando com ele. Assim, ao se prolongar no seu discurso, parecia falar a outras pessoas. Quis provocá-lo, brincando, por isso lhe disse:

— E o que me diz dos conventos das mulheres?

Parecia uma cachoeira explodindo:

— Ah, essa foi uma heresia inventada sem embasamento! A clausura é pureza, serenidade e abandono da vida mundana, e seu sinal mais importante é desistir das mulheres. Como as mulheres podem conseguir isso? Não vê as palavras do apóstolo Mateus, em seu evangelho, citando Jesus Cristo? Quem pode receber celibato, receba-o! Ou como diz o apóstolo Paulo em sua primeira epístola aos Coríntios: “Bom seria que o homem não tocasse em mulher.”

— Mas o apóstolo Paulo diz no fim da mesma epístola: “*O que a dá em casamento faz bem.*”

— Mas em seguida diz: “*O que não a dá em casamento faz melhor.*”

Naquele tempo, Fariseu era muito arguidor, mas não o é mais agora. Ele sabe de cor todos os livros canônicos, os quatro evangelhos e as epístolas dos padres. Não suporta heresias nem os livros proibidos e desconfia dos livros não canônicos que ultimamente passamos a chamar de apócrifos. Ele me repreende sempre por guardar na minha cela cópias dos evangelhos proibidos, mas nunca comentou com ninguém esse segredo, que revelei a ele um ano depois do meu estabelecimento aqui. A filosofia o irrita muito, embora seja dado a filosofar, o

que é próximo por natureza da teologia. É interessado nas decisões tomadas nos concelhos locais e no grande concílio que se deu há cem anos em Niceia, com as presenças dos bispos que elaboraram o famoso Cânone do Credo. É apaixonado pelas interpretações a esse cânone e pelos comentários a essas interpretações. Naturalmente se ocupa com a interpretação e explicação dos evangelhos, e tem um grande interesse, aliás, paixão, por tudo que se relaciona com a hipóstase, da qual não para de falar, defender e apoiar. Daí seu apelido, Fariseu, e para os próximos, Fariseu Hipóstase.**

Os monges gostavam de provocá-lo perguntando sobre a natureza, a essência e a entidade de Jesus Cristo, e a respeito de outros termos sinônimos da complicada palavra “hipóstase”, especialmente nas regiões onde se fala grego, siríaco e árabe, entre outras línguas de menor importância. Fariseu conhecia todos os termos equivalentes dessa palavra em todas essas línguas e, logo que nos conhecemos, perguntou-me qual era o termo equivalente para os egípcios e alexandrinos. Disse-lhe que significava “pessoa” ou “identidade intrínseca”, e que raramente usamos o termo na nossa fala. Respondeu: “Fazem bem!” Quando aceitava a provocação dos monges, isto é, quase sempre, iniciava com as três hipóstases santas — o Pai, o Filho e o Espírito Santo — e explicava nos mínimos detalhes todos os ditos, seitas e heresias, afirmando vitoriosa a unidade de Deus e de Cristo, o Pai e o Filho, numa única hipóstase ou numa única natureza. Várias vezes, os monges o largavam ainda falando, mas ele não se abalava; só parava quando o último saía ou quando começava a hora da oração, que o obrigava a interromper sua interminável explicação na porta da igreja. Dizia sempre que iria compor uma epístola sobre as três hipóstases. Há poucos meses, o abade o proibiu terminantemente de abordar esses assuntos e repreendeu os monges por incentivá-lo a discuti-los, mas o apelido Fariseu Hipóstase pegou, mesmo depois da proibição.

Um dia, num encontro agradável, perguntei ao abade por que havia proibido os monges de tocar no assunto da hipóstase. Ele respondeu de forma decisiva que essa discussão doentia era capaz de se transformar num ponto de discórdia e provocar oportunidades para o surgimento de heresias, mesmo se a discussão fosse travada com calma, para fins teológicos ou para a simples conversa. “O monasticismo é muito maior do que tudo isso”, disse ele com o espírito pesado. Concordei com ele, como todos fizeram, e não voltamos a discutir o assunto.

Há quatro meses, Fariseu foi chamado às pressas a Antioquia, onde ficou um mês; senti muita falta dele. Voltou, como partiu, de repente, mas seu jeito havia mudado um pouco: o sorriso que costumava enfeitar seu rosto tinha desaparecido. Quando lhe perguntei o que acontecera naquele mês antioquino, ele permaneceu calado.



No final do ano 429 do Cristo, algumas nuvens de tempestade se formaram, pois de Constantinopla chegavam notícias nada tranquilizadoras e, para mim, incompreensíveis. Entre elas, que Nestório havia reunido um concelho local, durante o qual destituiu vários bispos de seus títulos eclesiásticos e os expulsou, porque não concordavam com sua opinião de que a Virgem Maria era a mãe de Jesus, ou *Cristotokos*! Todos os sacerdotes acreditavam, como também a maioria das pessoas, que a Virgem é *Teotokos*, quer dizer, a mãe de Deus. Chegaram notícias também de que o bispo Nestório destruiu uma igreja ariana em Constantinopla e conseguiu um mandado do imperador para perseguir os seguidores de Ário, e que declarou guerra aos seguidores da Igreja dos Puros,** condenando-os por heresia e por desvio da senda correta do credo.

Eu não compreendia o que acontecia na capital do império e não me dei ao trabalho de verificar a veracidade dessas notícias confusas. Evidentemente, não acusei de nada o bispo Nestório em meu íntimo; tampouco o fizeram os outros monges daqui, pelo menos não na minha frente, pois sabiam do meu respeito por ele. Gosto dele e o prezo de fato e até agora continuo fiel aos sentimentos que tenho por ele, apesar das vicissitudes da vida.

Em meio a esses dias nublados, vi Martha pela primeira vez e não pensei então que eu arderia em seu fogo.



Na última semana do mencionado ano de 429, passou por nós uma caravana de monges. Naquela noite, estávamos comemorando o Natal, aquecendo-nos com a alegria da data do frio intenso daquele inverno, que fazia cair as pontas dos dedos. A chuva caía forte e sem parar, o que não era comum; isso obrigou o desvio da caravana, formada por um padre, três monges e dois criados. Estavam indo de Antioquia às terras dos curdos, localizadas para além do deserto oriental. Disseram que iam pregar por lá numa cidade chamada Pars, onde pretendiam edificar uma grande igreja, com a esperança de um dia se tornar um bispado. Por causa da chuva incessante e da interrupção das estradas, os viajantes passaram duas noites conosco; depois, na manhã do terceiro dia, partiram, continuando sua viagem. Despedi-me deles após, junto com alguns monges, tê-los acompanhado até o pé da colina. Na volta, pensei no deserto oriental, o qual era preciso atravessar para se chegar ao país dos curdos. Disseram que era muito árido e com areia salgada; que nos dias de verão e calor intenso as moscas e os insetos grudam nos rostos para sugar a umidade dos corpos, e que os ataques das moscas grudentas já haviam causado a morte de algumas pessoas.

Naquele dia quis passar pela cela do abade para me certificar da veracidade das histórias a respeito desse deserto, mas sua porta estava fechada. Diante da porta encontrei duas mulheres que esperavam; o vento do inverno balançava as pontas de suas vestimentas. Quando me aproximei, uma delas olhou para mim com olhos lânguidos, o que me perturbou, e por isso me desviei imediatamente para minha cela; congelava por fora devido ao vento frio e pegava fogo por dentro por causa daquele olhar, que tinha vindo até mim de trás de seu diáfano lenço de seda; não pude ver seu rosto então. Da janela do andar de cima, vi o padre da igreja indo em direção a elas. Não me preocupei na época em saber mais, fechei a porta de minha cela e lá permaneci, aquecendo-me na segurança do Senhor.

Naquela época, todas as paredes da biblioteca passaram a ser armários de madeira. Por causa da quantidade de chuva, eu ficava com medo que a água se infiltrasse nas prateleiras de madeira na qual estavam alocados os livros, pergaminhos e papiros. Apesar de a biblioteca ter um teto firme, meu medo era a água chegar pelas rachaduras das paredes, pois não há nada pior para os livros que a água! Ela mofa os pergaminhos e os rolos de papiro, colando as páginas para sempre, e a tinta se dilui com a umidade, apagando totalmente as linhas. Conversei com o abade sobre o assunto, que se apressou e chamou o carpinteiro do vilarejo para nos ajudar a cobrir as prateleiras com tábuas de madeira; isso deixou os livros a salvo, como que colocados em armários. Mas por causa disso perdi o prazer que tinha antes de ficar observando as fileiras dos livros, por isso comecei, logo que entrava na biblioteca, a abrir as tábuas, tornando a fechá-las apenas quando deixava o aposento.

Após semanas de noites longas e de doenças trazidas pelo inverno, o frio arrefeceu e o céu se abriu. Certa noite em que a abóbada celestial estava limpa, sem nuvens e salpicada de estrelas, enquanto nos preparávamos para ir à igreja grande e rezar a última missa do dia após termos nos reunido no refeitório,

jantado e conversado, o abade me pediu com um gesto delicado de mão para esperar. Após a saída de todos os monges, aproximou-se de mim com feição alegre e orgulhosa e me sussurrou com aquela voz calma, afinada pelos anos e pelas dificuldades e enfraquecida de tantos esforços e preces:

— O bispo Nestório o chamou para um assunto importante, vai se encontrar com você amanhã no início da noite.

Amanhã, no início da noite! Eu tinha então de partir com o primeiro raio de sol, pois a viagem a Antioquia podia levar o dia inteiro e podia ser ainda mais complicada pelo efeito das chuvas, que tinham caído sem parar durante semanas. Estava ansioso para encontrar com Nestório e conversar com ele. Por vezes, havia pensado em ir a Antioquia. Mas lá estava ele se lembrando de mim, pedindo para me ver com urgência. O que teria acontecido? O que o fez chamar-me às pressas? Talvez não pretendesse ficar muito tempo em Antioquia, ou fossem poucos os dias que passaria lá com seus irmãos antes da longa viagem a Constantinopla para celebrar por lá os festejos da Ressurreição; por isso queria me ver antes de partir. Ou talvez me quisesse por outro motivo? Que fosse! Pois, qualquer que fosse a intenção de Nestório, só poderia ser algo bom, pois não vem dele nada além da bondade. Será que queria que o acompanhasse até seu bispado, ou talvez pedir-me-ia de novo para ficar em Antioquia? Ou quem sabe quisesse ampliar esse mosteiro e construir um sanatório, como havia mencionado antes para nós.

— O que você tem, meu filho, por que está tão pensativo?

A pergunta do abade me tirou do labirinto das probabilidades, que havia me levado para longe. Atentei-me e dei ouvidos a seus conselhos:

— Saia bem cedo; pegue comida suficiente para você para um dia e ração para o burro. Não deixe sua cabeça descoberta no caminho, pois o vento é frio. Não pare nos vilarejos para que não seja surpreendido pela noite no caminho. Vou lhe dar uma carta para levar ao bispo Nestório, entregue-a apenas em sua

mão e cuide para que ninguém a leia antes dele. Se ele lhe propuser algo, aceite, pois ele é um homem abençoado pelos céus. Fique sempre à porta dele e esteja entre suas mãos, como o morto entre as mãos do lavador. Seu encontro com ele o lavará com a luz e a graça, portanto alegre-se! Obedeça às instruções dele e esteja onde ele quiser, e se entregue à vontade do Senhor.

Nota:

* As fontes históricas indicam que Nestório teria iniciado sua vida monástica nesse mosteiro. É curioso o fato de o monge Hipa não mencionar isso aqui.

** “Fariseu” é um adjetivo dado a quem é radical na religião. É derivado do nome dado a um grupo de judeus (fariseus), devotos à Torá e que contestaram Cristo. Posteriormente a palavra passou na época cristã a designar o “dogmático”. Atualmente, continua usada em modo geral neste sentido.

*** Trata-se dos seguidores do bispo romano Novaciano, que, ao lado dos seguidores de Donato na África do Norte e de Melécio no Egito, desde o final do séc. IV d.C. não admitiam que os arrependidos, depois do término da época da perseguição, fossem aceitos pela Igreja. Foram conhecidos então pelo nome de Igreja dos Puros.

O DÉCIMO SEXTO PERGAMINHO

O salto do passado

Após a missa, não consegui dormir. Passei a noite em pequenos cochilos, fui acometido pela insônia sem saber por quê. Meia hora antes do nascer do sol, juntei-me aos monges na pequena capela para rezar a primeira oração, esperando os primeiros raios de luz. Quando o horizonte começou a tender mais para o azul do que para o preto, preparei-me para sair rumo a Antioquia. O pátio do mosteiro estava quieto, mas havia o vento. O burro amarrado a um tronco perto do estábulo parecia me esperar, como se soubesse que teríamos um longo caminho pela frente. Imagino que o animal tenha sentido isso quando me viu chegando com o embornal de ração. Montei no burro e saí pelos portões do mosteiro, com o primeiro raio enviado pelo sol para encher o mundo de alegria.

No portão, vi um dos soldados da guarnição romana, agasalhado com uma cobertura pesada de lã de camelo. Deitado no chão junto à muralha em ruína, dormia profundamente, emitindo roncos incomparáveis. Pensei: aí está o guarda do mosteiro dormindo sob a vigília do guarda do universo, que nunca dorme! Por que os padres, bispos e monges não aprendem com ele, deixando as coisas na mão de Deus, e não param de brigar entre si? Hoje perguntarei ao bispo Nestório, quando surgir a oportunidade, sobre a veracidade das notícias que têm sido trocadas entre os monges com relação a sua ira contra os que ele considera heréticos e perguntarei também sobre o que havia comentado no discurso dirigindo-se ao imperador, na ocasião de sua ordenação como bispo: “Ajude-me na minha guerra contra a infidelidade, e ajudar-lhe-ei na sua guerra contra os persas. Dê-me a terra livre da heresia, darei-lhe as chaves do céu e sua graça duradoura!” Se essa fala estranha era verdade, então ele não era mais a

pessoa que conheci; passou a buscar o mundo, não o céu, e isso eu não queria para ele.

O guarda não percebeu minha saída; nem mesmo seu cão, deitado tranquilamente ao seu lado, se importou quando passei. Levantou a cabeça, me viu, bateu o rabo duas vezes no chão e voltou a se deitar como estava. Na descida da colina do mosteiro que dava nas planícies espalhadas até o horizonte, inclinei-me para trás para preservar meu equilíbrio sobre a montaria. Minha cabeça estava descoberta apesar dos alertas do abade; as brisas que ainda restavam da noite infiltraram-se no meu cabelo, e seu frescor me encheu de alegria. Os passos da mula indicavam que estava contente como eu, porque gostava de descer a colina. Todos os seres gostam da descida e se contentam com ela, exceto o ser humano, que é enganado pela ilusão e guiado pelos sonhos, e por isso busca a ascensão e se alegra com ela. Talvez isso seja inerente e natural no homem, que é uma extensão do Deus superior; por isso se alegra com a ascensão, que o levaria ao original superior, onde está o Pai que está nos céus... o Pai ocultado atrás das cortinas celestiais.

Com a luz já se espalhando sobre o chão, eu e o burro seguíamos pela terra plana; o mosteiro ficou para trás e o mundo se estendia diante de nós a oeste. Depois de cerca de uma hora, cheguei à estrada que levava a Antioquia. Era tão longa que parecia nunca terminar. Os romanos pavimentaram essa estrada com pedras há séculos; por que não pavimentaram as ruas no Vale do Nilo? Os romanos nunca se interessaram pelo Egito, a não ser na medida em que assaltavam seu trigo e o vinho de suas uvas! Ou talvez fossem as cheias anuais do Nilo que impediam a pavimentação de suas ruas, pois eram capazes de arrancar as pedras, exceto as dos templos e altares, tão fincadas na terra e tão enormes que a cheia do Nilo não conseguia atingi-los. Contudo, sua grandeza e firmeza não tinham impedido a gente de nossa religião de atacá-los. Eu vi os cristãos na cidade de Esna danificando as imagens desenhadas no grande

templo; raspavam as paredes, esforçando-se para apagar as ilustrações, e nas colunas altas e no centro do teto alto jogavam argila para ocultar os desenhos. Quando não conseguiam alcançar as imagens, devido à grande altura do teto, tiveram uma ideia extraordinária: traziam junco verde, gramíneas e panos velhos e ateavam fogo nelas no centro do grande templo e das salas grandes. Isso acabava ocasionando uma densa fumaça negra, capaz de ocultar as imagens com uma camada de fuligem cor de carvão. Fizeram isso durante longos anos, até que cobriram de preto os tetos do grande templo; assim, com as imagens camufladas, fizeram do templo um grande mosteiro, abarcando cinco igrejas.

O caminho para Antioquia era longo. Quando o sol ficou forte sobre nós e os passos do burro ficaram ritmados, tive cochilos repletos de visões. Gosto desses momentos entre a atenção do despertar e o assalto do sono. Acho que Deus decidiu criar o mundo num momento desses. Deus não dorme, apenas cansa e descansa. Seu descanso é como o sono para nós, seus filhos humanos. O sono é uma bênção embebida de sonhos e visões. Será que Deus sonha? Talvez este universo por inteiro, com tudo que abarca, seja um dos sonhos de Deus.

Quando o sol se elevou e o chão ficou regular sob os cascos do burro, meus cochilos rápidos aumentaram, e também os meus sonhos. Naquele dia tive muitas visões: as rochas ovais brancas deixando seu lugar e boiando sobre a água do Nilo, que a corrente levava para o grande mar; os morros a leste do vale na minha terra natal, suas pedras áridas cobertas de vegetação, grama e árvores, transformando sua feiura em beleza; muitos rostos risonhos; Otávia dormindo em seu vestido de seda diáfano; gaivotas voando sobre o mar; as muralhas de Jerusalém brancas, alvas. A cada cochilo, era uma visão diferente.

O sol já estava perpendicular ao solo, e o burro, cansado. Descansamos sob algumas árvores piedosas nas margens de um pequeno vilarejo próximo à estrada; Sarmada era o nome. Prefери descansar um pouco afastado das casas e

de seus habitantes. De longe, as casas me pareceram quietas sob o sol do meio-dia. O burro parecia feliz ruminando sua ração enriquecida com milho, já eu não estava feliz com os poucos pedaços que arrancava do meu pão. Naquele momento, contrariando meu hábito, tive vontade de comer ovo cozido! Mas era época de jejum e não havia como atender o desejo. Pensei: será que meus desejos vão continuar a me torturar por toda a minha vida? Por que meu desejo por coisas não me abandona, mesmo depois de todas as rezas, as missas, os retiros e as muitas formas de austeridade? Não estava na hora de me elevar das condições infantis e parar de ter a ilusão do prazer com as coisas insignificantes? Tenho que me agarrar à determinação e à decisão, ou tornar-me-ei esse burro, tendo prazer na ração... Será que o burro sabe que o universo tem Deus?

Cochilei e, quando despertei, a sombra das árvores estava inclinada um pouco para o leste. Montei no burro e passei na frente do vilarejo sem olhar para suas casas espalhadas, nem uma única olhadela que fosse. Naquele tempo, Sarmada não me importava. Como podia saber então que aquelas casas pobres um dia abrigaram Martha, que abalaria minhas estruturas? Só fui saber disso por ela, semanas depois da minha indiferente travessia pelo vilarejo.

Cheguei a Antioquia antes do pôr do sol. A cidade tem um portão enorme e é agitada, como todas as cidades grandes. Não tive dificuldade em chegar a sua igreja matriz, em cuja hospedaria anexa morava o bispo Nestório, conforme havia me informado o abade na noite anterior. Um jovem de rosto risonho se ofereceu para me levar do portão da cidade à porta da hospedaria. Antioquia é maior que Jerusalém e menor que Alexandria. Seus habitantes, pelo que demonstram suas feições, são gente boa. Seus rostos são mais radiantes e amáveis que os dos alexandrinos e menos tristes e secos do que os dos egípcios. Quando me aproximei da grande igreja, vi muitos religiosos em suas vestes eclesiásticas bordadas; andavam ativos ao redor da igreja como enxame de

abelhas em torno da colmeia. A igreja é bela e de paredes altas, como todos os redutos da religião.

No pequeno jardim na entrada da hospedaria, disse ao guarda que vinha atendendo um chamado do bispo Nestório. Cumprimentou-me então e me fez entrar imediatamente, após derramar sobre mim expressões de boas-vindas. Contou-me, enquanto pegava o cabresto do meu burro, que o bispo estava assistindo às preces na grande igreja e acrescentou:

— Se quiser acompanhá-los, eu o levo até lá. Recomendo que o faça, pois nesta oração abençoada estão três grandes bispos! Não perca esta rara oportunidade, meu bom monge.

As preces e as orações da noite se prolongaram até a hora da missa da alvorada; a igreja estava cheia. A missa foi majestosa. Centenas de monges, padres e fiéis estavam presentes, além de incontáveis velas e tochas acesas com as chamas dançantes e luzes ondulantes, fazendo anjos flutuarem no céu da igreja. Fiquei admirado com as súplicas e melodias do coro de jovens diáconos, repetindo a expressão: *Abençoado seja, homem, pela graça divina...* A espiritualidade do lugar lavou minha alma com luz, desfazendo o cansaço da viagem, e inflamou meu desejo pelos céus. Aproximei-me do altar para a sagrada comunhão, e quando o padre colocou a hóstia em minha boca e em seguida tomei um gole do vinho diluído em água, senti por um instante que eram mesmo o Corpo e o Sangue de Cristo que adentravam meu interior e meu corpo por inteiro. A comunhão é um ritual admirável, se nossa fé se completar por seu simbolismo. Enquanto dava a volta em torno do altar, senti a vertigem agradável que embala as almas durante a missa e avistei Nestório em seu uniforme de patriarca. Minha alma se iluminou e foi envolvida por uma alegria que às vezes nos vem de fora do universo.

A missa durou duas horas, até que o sol nascesse e sua luz entrasse pelas janelas da igreja. Saí com centenas de outros, todos cheios de graça; apressei-

me até o pátio da hospedaria para receber o louvado Nestório. Depois de alguns minutos, ele chegou, na companhia de alguns padres e ladeado por dois bispos, os quais pouco depois fiquei sabendo que eram João, o bispo de Antioquia, e o poeta Rábula, bispo da cidade de Edessa. Quando Nestório me viu, veio em minha direção para me dar boas-vindas e percebi nas expressões dos que nos rodeavam olhares de respeito por mim. Ninguém me conhecia, mas sabiam que, se Nestório demonstrava interesse por algum monge, sem dúvida este devia ser significativo. Eu sou insignificante, mas o Senhor escreve certo por linhas tortas.

Na porta da hospedaria, Nestório cochichou que me deixaria para descansar e que me veria depois da prece da hora sexta. Um jovem criado me acompanhou até um quarto no andar superior, para que eu descansasse um pouco. O quarto era quadrado, arrumado e limpo. No canto direito, havia uma pequena cama, embaixo de uma grande janela em formato de cruz; na parede oposta, havia uma grande cruz de madeira e um ícone de cores vivas da Virgem Maria carregando seu filho ao peito. Sentei na beira da cama e fixei os olhos na imagem da Virgem, que tinha feições diferentes das conhecidas por nós no Egito; mas seu espírito era o mesmo em todas as imagens e o véu cobria sua cabeça da mesma maneira em todos os ícones.

A Virgem... demorei-me olhando para ela naquele dia, até que tive a impressão de que na realidade era ela quem olhava para mim. Que paz é essa que verte, ó Imaculada, em nossos espíritos? E que luz emana de seu rosto sereno e de seus doces olhos? Quem me dera ter vivido no seu tempo e ser banhado com seu encontro, ó Mãe da Luz. Sente minha presença? Posso descansar minha cabeça em seu peito imaculado e sagrado?

Levantei e coleí meu rosto na imagem da Virgem, fechei os olhos e senti as lágrimas quentes caindo sobre minha barba. Fiquei um instante pendurado no ícone e tive a impressão de que ela me carregava para um distante céu. Senti

duas lágrimas caindo dos olhos da Virgem e molhando meu rosto; caí em pranto. Abracei o ícone, grudei-me nele, e dele raiou frescor, paz e tranquilidade. Meu peito e minha cabeça se encheram de luz superior...

— Hipa.

— O que é, Azazel? O que quer agora?

— Fale de Antioquia, do encontro com Nestório e do que mais aconteceu.

Voltei para a cama e me joguei nela como se tivesse voltado de uma excursão em céus distantes. Diferente do que eu esperava, caí num longo sono que se estendeu até o meio-dia. Não dormi sentado naquele dia, como era o habitual. Acordei contente, com o coração cheio de afeto. Decidi que quando voltasse ao mosteiro comporia um cântico para a Virgem Maria, cujo começo seria: “Ó abarcadora de compaixão, manancial de luz...” Desci a escada, iluminada pela claridade que chegava de muitas janelas na parede, de formas incomuns. Havia muitos padres, diáconos e criados andando pelo longo corredor que ligava os quartos e as salas. Perguntei pelo monge Fariseu, mas ninguém soube me informar. Perguntei então onde estaria o bispo Nestório; levaram-me à ampla sala que ficava na entrada da hospedaria. As janelas altas davam para um pequeno jardim e ao longo dos quatro lados havia divãs cobertos com antigas almofadas de lã colorida.

Nestório estava sentado no canto direito do quarto, segurando um livro volumoso. Ao seu redor havia cinco homens de idade, entre eles os dois bispos que o acompanhavam durante a missa. Quando me avistou, colocou o livro de lado e se levantou para me receber; apressei-me e beijei-lhe a mão. Ele beijou minha cabeça e me abençoou, fez-me sentar entre eles e ao lado dele, e tivemos esta conversa, de que ainda lembro palavra por palavra:

— Reverendo, eu estava saudosos para vê-lo.

— Devia ter enviado essas suas saudades, nem que fosse numa carta para Constantinopla!

— Peço desculpas, padre, pois não estou acostumado a escrever cartas.

— Mas está acostumado a escrever belos poemas. Sabia, Rábula, que Hipa é poeta não menos talentoso que você? E, como você, escreve em siríaco e em grego, embora seja de origem egípcia, sendo o copta sua língua primeira.

O bispo Rábula sorriu sombriamente, por pura cortesia, e disse que julgaria a qualidade de meus poemas somente após ouvi-los.

— Somente os poemas do poeta demonstram sua poeticidade; não lhe adianta o testemunho dos amigos, mesmo sendo da excelência do bispo Nestório! — acrescentou.

Todos riram com sobriedade do simpático chiste, que não me fez rir. O bispo Nestório pegou o livro que estava em sua mão quando cheguei, querendo passá-lo para o bispo Rábula; peguei o livro de sua mão e passei para Rábula, que o pousou com cuidado no joelho:

— Hipa, esta é a abençoada tradução dos Evangelhos que o bispo Rábula verteu do grego para o siríaco. Já teve oportunidade de vê-la? — perguntou Nestório.

— Não, padre, mas já fiquei sabendo sobre ela; sem dúvida é um trabalho grandioso.

O bispo Rábula tocou a capa do seu livro com sinais de empáfia no semblante.

— É um esforço humilde, com o qual quis desviar a gente da nossa comunidade do Diatessarão e de seu autor apóstata* — disse, balançando a cabeça com orgulho.

Adoraria ter dado uma olhada na tradução, mas mudei de ideia quando percebi a arrogância do bispo Rábula. Alguns minutos depois, os dois padres se retiraram, permanecendo os dois bispos e um homem antioquino vestido com roupa de padre. Eu conhecia os bispos por serem famosos, e Nestório me apresentou o padre.

— Este é Anastácio, o padre da nossa igreja. É de origem antioquina, mas me acompanha atualmente em Constantinopla. É um irmão de mente inteligente e de coração cheio de fé.

Assenti com a cabeça amigavelmente para o padre, que retribuiu o gesto com frieza. Havia dureza em seu semblante e um ar de vigilância nas feições, para o qual inicialmente não vi motivo, até que tivemos o diálogo cujas palavras revelaram o que ocultava seu coração. Quando o louvado Nestório começou a falar, os sorrisos se dissiparam, o que indicava que nossa conversa estava prestes a tratar de algo grave.

— Hipa, eu o chamei para consultá-lo numa questão.

— Perdão, padre, mas quem sou eu para aconselhar o louvado e reverendíssimo bispo Nestório?

— É uma questão relativa a Alexandria.

Meu coração palpitou e eu estremeci. Alexandria, de novo! A questão era de fato grave e séria, capaz de apagar os sorrisos que há pouco ornamentavam os rostos. Nestório estendeu a mão em minha direção com um papiro, contendo escrita em duas colunas paralelas, uma em copta e a outra em grego. No alto do papiro, um título nas duas línguas que fez meu coração parar: *As epístolas do papa Cirilo, arcebispo de Alexandria, da Pentápole Ocidental, do Egito e da Abissínia, sucessor de São Marcos e pastor de sua missão; seguidas pelos 12 anátemas escritos pelo papa Cirilo contra o apóstata Nestório.*

Quando li o título, sem ainda ter lido a epístola, um calafrio percorreu meu corpo, como se nas minhs veias corressem areias quentes em vez de sangue. Em um instante de lucidez repentina entendi que, definitivamente, o horror estava à porta. Eis o passado pulando de seu esconderijo sobre nós, prestes a fincar as garras do ódio na carne de nossas costas nuas.

**Diatessarão* é um resumo em siríaco dos quatro evangelhos, compilado por um pensador grego chamado Tatiano. O livro foi muito difundido e popular, mas não agradou aos homens da Igreja, porque Tatiano era pagão.

O DÉCIMO SÉTIMO PERGAMINHO

Portadora de Deus

Passei os olhos sobre o pergaminho e franzi o cenho ao tomar ciência do conteúdo. Nestório me pediu que lesse as três epístolas de Cirilo e verificasse se havia alguma diferença entre a tradução copta e o texto grego original. Encostou-se na parede e eu inclinei a cabeça um pouco para a frente. Li as primeiras linhas da primeira epístola com vagar e em voz alta, que foi se alterando conforme o receio que sentia ao seguir adiante; o texto era tão belicoso quanto adagas desembainhadas. Eu conhecia a primeira epístola e também a segunda, pois havia visto uma cópia delas em grego no mosteiro. Pertenciam ao monge Fariseu; devolvi-as no dia seguinte à leitura, sem nenhum comentário da minha parte e sem me importar com o sorriso irônico que se desenhava em seus lábios quando as pegou de volta. Na época eu achava que a questão pararia ali. As duas primeiras epístolas são indagações raivosas e acusadoras escritas por Cirilo a respeito dos relatos de que Nestório rejeitava as crenças de todos os cristãos, sejam do clero ou do povo, principalmente na de que a Virgem Maria é a mãe de Deus.

Li a primeira epístola rapidamente e verifiquei sua tradução copta; era equivalente ao original grego. Disse isso aos três bispos e Rábula assentiu. Os bispos Nestório e João não se mexeram. O padre Anastácio contraiu os lábios, sinais de irritação e incômodo evidentes em seu rosto. A tradução copta da segunda epístola era mais pungente e mais ferina do que o original grego, que por sua vez era mais ferino que o texto da primeira epístola. Li para eles as duas epístolas nas duas línguas e indiquei as ligeiras diferenças que havia na tradução copta; refiro-me às palavras mais pungentes.

A terceira epístola, seguida pelos 12 anátemas, era a mais contundente e ameaçadora em ambas as línguas. A epístola começava assim: *Cirilo e o Concílio de Alexandria, no Egito, enviam ao muito louvado e companheiro no serviço, Nestório, com a saudação do Senhor...* Quando li isso e lhes expliquei que não havia diferença entre os dois textos no preâmbulo, o bispo João de Antioquia comentou ironicamente que Cirilo sempre começava cortês.

— É um artifício, reverendo — retrucou Nestório. — Ele começa dirigindo-se a mim com atributos respeitosos para provocar a ira das pessoas. Depois ele os incita a me desprezar, daí me amaldiçoam como herege e o louvam por sua polidez.

O bispo Rábula fez um sinal com o dedo para que eu continuasse a leitura. O gesto foi indelicado, demonstrando um desprezo para o qual não via propósito. Olhei para ele, fazendo-o entender que seu gesto não era decoroso, mas ele não estava olhando em minha direção. Estava cabisbaixo, pensativo.

Segui a leitura da epístola, cujo conteúdo logo se tornou incendiário em ambas as línguas. Continha parágrafos violentos contra o bispo Nestório, que começavam com palavras dirigidas a ele: “Cópias de suas interpretações se espalharam entre as pessoas; que castigo teremos, caso silenciemos diante delas! Não podemos deixar de lembrar o que Jesus disse: ‘Não julgueis que vim trazer paz à Terra; não vim trazer-lhe paz, mas espada; porque vim separar o homem de seu pai, e a filha de sua mãe.’”

Os parágrafos inflamados contra Nestório se sucederam, entre eles: “Não será bastante para o reverendo acatar conosco o Código do Credo que foi fixado no Espírito Santo, no grande e santo Concílio de Niceia. Você não o entendeu e interpretou corretamente, mas sim de uma maneira perversa; ainda que confesse a forma das palavras com sua voz, mais do que isso, cabe a você confessar por escrito e sob juramento que seus ensinamentos são repugnantes e impuros.”

Nesse ponto da epístola, minha voz baixou até se transformar em silêncio, pois fiquei encabulado a ponto de gaguejar e as letras se perderem de mim. Calei-me por um instante e eles também se calaram. Nestório fez sinal com a mão para que eu continuasse, e foi o que fiz, lendo a epístola de fogo: “Afirmamos com toda a certeza que o Verbo se uniu ao Corpo hipostaticamente, e por isso adoramos a um único Filho, o Senhor Jesus Cristo; não separamos o humano do divino. Cristo é Um, filho e Deus; é Deus e Senhor de todos, e não um servo para si nem senhor de si.”

As palavras da epístola e seu significado me cansaram e a verificação do original grego com a tradução copta exauriu minha alma, a ponto de quase lhes pedir licença para descansar um pouco ou até para, quem sabe, ser liberado da missão inteira! Mas logo percebi que o papiro já estava quase no fim, chegando aos 12 anátemas. O primeiro dizia: “Quem não admitir que Cristo (Emanuel) é Deus verdadeiro e que a Virgem Maria é a mãe de Deus (pois ela carregou na carne a Palavra de Deus encarnada), que seja anátema.”

Nesse ponto, o bispo João de Antioquia me perguntou qual era a tradução copta da palavra grega “anátema”, que significa “maldição”; disse-lhe que o termo copta se traduz como “excomunhão”, e que não havia uma grande diferença entre as duas palavras, pois ambas significam nas duas línguas a pena infligida aos apóstatas, aos infiéis e aos hereges.

Voltei à leitura dos 12 anátemas, ou excomunhões, de Cirilo, cujo conteúdo era conciso e crítico, sem nenhuma abertura para interpretações ou atenuações de seu efeito cáustico. Todas davam a entender que toda e qualquer pessoa que contrariasse suas afirmações, no que diz respeito aos retos dogmas ortodoxos, “que seja anátema, que seja anátema”. Assim seguiram os 12 parágrafos finais da epístola de Cirilo, descrevendo aquelas excomunhões, cujas primeiras faíscas foram iniciadas na Igreja de Alexandria e logo deflagraram um incêndio, chegando a se espalhar no mundo inteiro.



Quando terminei a leitura, um pesado silêncio pairou na reunião. Eu tinha dificuldade de respirar, como se uma montanha pesasse sobre meu peito. Os três bispos e o padre Anastácio estavam visivelmente aflitos. Nestório abriu a mão direita num gesto de perplexidade, e contraía os lábios em zombaria e assombro perante as palavras, que definitivamente não eram ouvidas por ele pela primeira vez. O bispo Rábula nos retirou do silêncio, dirigindo-se a Nestório:

— Acha que é verdade que Cirilo escreveu para o imperador sobre este assunto?

— Sim, Rábula. Inicialmente escreveu duas cartas, uma para Pulquéria, irmã mais velha do imperador, e a outra para a imperatriz Eudóxia, pois conhecia sua influência. Depois escreveu uma longa carta para o imperador, contendo no verso as assinaturas de dezenas de padres e bispos. Os homens do palácio me informaram disso, mas o imperador ainda não respondeu a ele e não creio que responderá.

O bispo Rábula inclinou a cabeça, preocupado e extremamente irritado. De repente, o padre Anastácio se levantou e de sua boca as palavras saíram feito línguas de fogo:

— Que respondamos imediatamente a esta agressão, e que enfrentemos todos os falsos que dizem ser a Virgem a mãe de Deus (Teotokos), pois a Virgem é uma mulher como as outras, uma mera mulher entre as outras, e é impossível Deus nascer de uma mulher.

A voz aguda do padre Anastácio era irritada e raivosa, quase que lhe arrancava a garganta do pescoço rígido; suas veias saltadas de tanto ódio pareciam prestes a arrebentar. Parecia que ia continuar a gritar, mas parou quando um jovem diácono bateu à porta e entrou trazendo para nós uma

bebida quente, que tomamos calados. Não me recordo agora que bebida era. O diácono cochichou algo no ouvido do bispo João de Antioquia e saiu; imediatamente, o silêncio voltou a pesar sobre nós.

O bispo Rábula cortou as cordas do silêncio ao tossir e dizer em seguida:

— Não acha, Nestório, que devemos chegar a um acordo com os alexandrinos?

— Não, Rábula. Jamais chegarei a um acordo nesta questão; que Cirilo pare com a ilusão doentia de que é o protetor da fé sobre a Terra.

O bispo João interferiu, tentando com delicadeza acalmar Nestório, mas foi em vão. Ele se dirigia a Nestório com a forma grega de seu nome, *Nestorius*, e lhe falava com afeto e respeito. O bispo João me parecia fiel em seu amor ao louvado Nestório e se esforçava para acalmá-lo com expressões como estas:

— Não se aborreça, meu irmão Nestorius, ou Satanás pode se infiltrar na sua cabeça, perturbando-lhe a paz de espírito.

Mas Nestório não se acalmava, e respondia algo assim:

— Se não nos zangarmos por nossa crença, respeitável pai, Satanás vai se infiltrar no coração e na alma da religião.

Nunca tinha visto Nestório tão irado. Senti-me tremendamente constrangido naquela hora, devido às palavras dos bispos diante de mim a respeito daquela questão. Quis me desculpar e me retirar, mas Nestório me surpreendeu perguntando-me sobre minha opinião a respeito do que tinha acabado de ler. Respondi:

— Como é do conhecimento do reverendo, estou afastado do que acontece nas grandes igrejas. Não conheço as particularidades desse assunto, embora tenha ouvido algo por alto. Contudo fiquei apreensivo quando há meses nos chegou a carta do senhor em que proíbe tanto o povo como o clero de usar o termo *Teotokos*. Fiquei mais preocupado ainda quando soube das

correspondências amigáveis entre os bispos de Alexandria e de Roma, e do acordo deles em repudiar os ditos do reverendo.

O bispo Rábula balançou a cabeça, impressionado com meu consultório, como se estivesse convencido. Depois, pela primeira vez me dirigiu a palavra, dizendo algo no sentido de que a aproximação entre Alexandria e Roma era momentânea e que seu único propósito era enfraquecer o bispado de Constantinopla por meio da pessoa do bispo Nestório. Quanto à carta de Nestório proibindo o uso do termo *Teotokos*, foi enviada apenas às igrejas orientais, e ele achava difícil que tivesse chegado às igrejas e aos mosteiros do Egito, ou que tivesse sido traduzida para o copta. Rábula acrescentou que achava que o que podia ter chegado a Cirilo e o irritado eram as notícias sobre o discurso que o louvado Nestório proferiu na ocasião de sua ordenação como bispo, quando disse: “Jesus é humano, e sua encarnação é uma associação entre o Verbo Eterno e Cristo homem; Maria é a mãe do homem Jesus, e não é correto chamá-la de mãe de Deus. Portanto, não se deve considerá-la *teotokos*!”

Fiquei impressionado com a capacidade do bispo Rábula de relembrar a expressão literal de Nestório, e com sua coragem em repeti-la com tal força diante de seu autor, estando todos no meio daquele ciclone. Queria conversar com Rábula, dialogar sobre os ditos de Nestório — que todos sabíamos ser, na verdade, as opiniões do falecido bispo Teodoro de Mopsuéstia —, mas preferi ficar calado, restringindo-me a balançar a cabeça. E como não o interrompi, o bispo Rábula prosseguiu com sua fala, ainda olhando em minha direção, porém sem me ver.

— O bispo João de Antioquia escreveu uma longa resposta às três epístolas de Cirilo e discutiu com ele a questão detalhadamente, como o havia feito antes o louvado bispo Nestório, mas não chegaram a nenhum acordo. Agora, Nestório quer responder aos anátemas do bispo de Alexandria com contra-

anátemas, e eu vejo que isso provocará mais conflito e abrirá muitas frentes de animosidade, atizando o fogo das diferenças e do cisma entre as grandes igrejas.

Rábula falava com eloquência; havia em suas palavras rigor e força persuasiva. Não era de se estranhar, pois era um famoso poeta da Igreja. Foi ele, com seus poemas conhecidos, que suplantou todas as ideias repetidas nos poemas de Ibn-Daisan (Bardesanes), que era descrito como um apóstata. Os poemas de Rábula tornaram-se mais conhecidos e mais decorados do que os de Bardesanes, principalmente depois que ele passou a ser responsável pelo bispado de Edessa; desde então começou a gozar de uma importância entre as gentes de lá, tornando-se o líder cristão nas regiões orientais. Hoje, seus poemas e cânticos são cantados na maioria das missas e celebrações. Apesar disso, senti algo que me incomodava no bispo Rábula.

Fiquei sentado quieto por educação, pensando numa forma de fugir daquela reunião, na qual nunca imaginei que iria me envolver e à qual pouco prestava atenção. Minha mente vagou até que vi o louvado Nestório olhar em minha direção, seu rosto vermelho de cólera.

— Você acha, Hipa, que os monges nos mosteiros egípcios, que são muitos, em Wadi El Natrun e nos desertos do Egito, concordam com as palavras de Cirilo?

— Concordarão com ele em qualquer coisa, pois são o exército da Igreja de São Marcos e soldados fiéis do papa de Alexandria — respondi.

— Papa, é? Então que seja.

João de Antioquia olhou para Nestório com carinho paternal e estava prestes a dizer algo quando Rábula se levantou com esforço, desculpando-se; disse que queria passar na casa do regente romano de Antioquia, depois voltar para assistir à missa. Perguntou ao bispo João se queria acompanhá-lo. João hesitou por alguns instantes, mas foi Nestório quem decidiu a questão, dizendo:

— Vão juntos com a segurança e a proteção de Deus, pois quero ficar a sós um pouco com o monge Hipa.

Saíram juntos, deixando-nos no canto da sala. Nestório disse algo no ouvido do padre Anastácio, que se levantou imediatamente, deixando-nos a sós. Após um instante de silêncio, falei com afeto:

— Estou preocupado com o senhor, padre, e não o aconselho a desafiar a Igreja de Alexandria.

— Hipa, não estou desafiando ninguém, mas Cirilo quer declarar sua tutela a todas as Igrejas do mundo.

Nestório voltou a repetir tudo que eu já conhecia com relação à sua crença: que não se deve chamar a Virgem Maria de *Teotokos*, que era uma mulher santa, mas não a mãe de Deus. Que não podemos crer que Deus foi uma criança e que saiu do ventre de sua mãe por parto, que urinava na cama e que por isso precisava de cueiro, que tinha fome e por isso pedia o seio da mãe.

— Cabe crer que Deus mamava no seio da Virgem, ou que foi crescendo dia após dia, tendo dois meses, três meses e depois quatro meses? Como está escrito, Deus é perfeito, louvado seja; como então teve que encarnar numa criança? A Virgem Maria é uma humana que deu à luz de seu ventre imaculado um milagre divino, fazendo com que seu filho fosse depois uma revelação de Deus e um Salvador para o homem. Era como uma claraboia, através da qual as luzes de Deus apareceram para nós, ou como um anel no qual aparece o sinete divino. O fato de o sol aparecer de uma claraboia não faz dela um sol, da mesma forma que a inscrição num anel de sinete não faz dele uma inscrição. Hipa, essa gente ficou totalmente louca, fazendo com que Deus fosse Um de Três!

Fiquei calado em respeito à cólera de Nestório e senti pena dele. Depois de um tempo, ele se acalmou e baixou o tom, enquanto me dizia algo que pode ser resumido assim: a transfiguração temporária de Deus Altíssimo em Jesus

Cristo foi uma dádiva de Deus, e não devemos desperdiçá-la com tal expansão, nos deixando levar por nossos mitos particulares a respeito da divindade de Cristo desde que esteve no ventre de sua mãe, ou desde sua infância. Não é verdadeira a crença de que a Virgem Maria pariu Deus! Deus permanece em sua perfeição eterna, sem início e sem fim, pois é Uno; não nasce nem morre, transfigura-se às vezes e se oculta outras, conforme sua vontade.

O louvado Nestório olhou nos meus olhos com tristeza e disse:

— Será que há algo estranho no que digo, ou a estranheza estaria nas palavras de Cirilo e seus seguidores? Hipa, o perigo está além e é mais grave do que o termo Teotokos, que os ignorantes e o povo se divertem em repetir. A questão está na verdade da fé e na capacidade de esta religião dialogar com o coração e com a mente do homem em todo tempo e todo lugar. Os pagãos nos desdenham pelo exagero na superstição. Depois deles virão outros, de nossa própria gente, que desdenharão de nós e zombarão dessas ilusões; e ao tentar acabar com elas, acabarão com toda a religião. Hipa, o evangelho e o milagre divino são raros mistérios — se sua ocorrência for muito frequente, perderão o sentido, e nós perderemos nossa fé e contrariaremos a razão!

Eu conhecia de cor sua opinião, mas deixei Nestório se prolongar na sua fala por cortesia e por respeito à sua nobre ira. Quando terminou e já estava totalmente calmo, perguntei-lhe caridosamente:

— E por que não deixamos o cristão comum e os ignorantes com suas crenças misturadas com ilusões, que lhes confortam por serem adequadas à sua compreensão, e explicamos para os teólogos, os clérigos e os padres das igrejas, pois esses são capazes de compreender essas delicadas questões teológicas? Depois deixemos o povo aprender por eles, uma geração após a outra, sem que os choquemos.

— E por que deveríamos apelar para essa manobra?

— Somos obrigados, reverendo; somos obrigados para que evitemos as presas e garras do leão de São Marcos!

Nestório sorriu para minha insinuação jocosa, pois notou, com sua inteligência, que eu me referia à crença comum em Alexandria de que São Marcos, o apóstolo de Alexandria, teria tomado o leão como emblema; ou melhor, foram os alexandrinos que atribuíram a si mesmos o símbolo do leão, representando São Marcos em seus livros e nas paredes de suas casas, escrevendo seu evangelho do lado de um leão, que olhava o que ele escrevia. O sorriso passageiro devolveu ao rosto de Nestório um pouco da serenidade que eu conhecia de outros tempos e de que havia sentido falta desde o início de nosso inesperado encontro antioquino.

Quis perguntar a ele sobre a veracidade das notícias que nos chegaram ao longo de todo o ano anterior, falando de sua opressão contra os adversários, da demolição das igrejas dos arianos, da expulsão destes de Constantinopla, entre outras coisas. Contudo, pressenti que não era o momento ainda, e aguardei.

Após uma calmaria que se prolongou por alguns minutos, Nestório ajeitou-se no assento, ajustou o capuz na cabeça e olhou para mim um tanto preocupado. Seu sorriso não conseguiu disfarçar o que se passava dentro dele. Parecia perturbado enquanto me contava que tinha respondido com violência à primeira carta de Cirilo, e que estava agora preparando a resposta à última carta; pensava também em me enviar a Alexandria para argumentar com ele sobre o assunto.

— Perdão, meu louvado padre, mas o senhor acha que o bispo Cirilo daria ouvidos a mim, ou ao menos respeitaria minha visita?

— Por que não? Você é monge desde a mais tenra idade e é conhecedor das crenças, fala o grego fluentemente e estudou em Alexandria.

— E dela fugi num dia memorável.

— Você acha que ele soube disso na época? Certamente sua euforia pelo assassinato de Hipátia o distraiu de notar sua ausência. Por acaso, Hipa, você teve com ele algum encontro privado quando esteve em Alexandria, a “cidade magnífica”?

Nestório pronunciou o famoso epíteto de Alexandria com sarcasmo, que não disfarçava sua raiva por ser a cidade chamada de “magnífica”, fazendo com que sua Igreja se considerasse superior à cidade da sé papal, Roma, e à cidade da capital do império, Constantinopla. Como ele aguardava uma resposta minha, e como eu amava Nestório como se fosse meu pai e não queria que ele tivesse o mesmo destino miserável do verdadeiro, contei a ele tudo que sempre fiz questão de guardar; foi pelo bem dele que narrei minha história.

— Encontrei o bispo Cirilo uma única vez, quando já estava em Alexandria fazia dois anos repletos de tédio, durante os quais tinha me entregado à vontade de Deus e tentado esquecer o sonho de me destacar na medicina. Passava meus dias lá entre as preces junto com os monges, assistia às missas quase todo dia e dormia na maioria delas. Frequentava também as aulas de teologia, para reaprender o que as crianças das escolas religiosas estudavam no Alto Egito. Naquela época estudava a medicina que era praticada pelos boticários, herbalistas e camponeses na minha terra natal. Insisti nesse curso, destituído de vontade e de espírito, até perceber que os sonhos que tinham me trazido para Alexandria haviam se tornado, quando ali cheguei, pesadelos alojados em minha alma, dos quais não havia escapatória. Até que chegou o grande dia em que o chefe dos padres da Igreja de São Marcos me disse que eu teria uma audiência com o papa Cirilo na manhã do dia seguinte, após a missa. Naquele tempo eu tinha mais ou menos 25 anos. Naturalmente passei aquela noite vagando nos desertos da preocupação e da insônia. No dia seguinte fui ter com o bispo Cirilo, após duas horas de espera na sua porta. Logo que me viu, perguntou-me a idade; respondi e contei-lhe que minha vinda a

Alexandria originalmente tinha sido para me aprofundar no estudo da medicina. Ele respondeu então com uma pergunta que no início não compreendi:

— Quem é o mais professo dos homens na medicina?

— Dizem, Vossa Santidade, que era um antigo egípcio chamado Imhotep, ou talvez fosse o famoso grego Hipócrates. Ou quem sabe, padre, o senhor se refere aos que vieram depois dos médicos alexandrinos, como Herófilos, ou àqueles que estudaram em Alexandria como Galeno?

— Errado! Todas as suas respostas estão erradas, pois todos que citou eram pagãos e nenhum deles conseguiu curar a lepra nem levantar um homem morto, com um simples toque de sua mão!

— Perdão, Vossa Beatitude, eu não tinha compreendido sua pergunta.

— Nosso Senhor Jesus Cristo, monge, é o polímata da medicina. Aprenda com ele e com a vida dos santos e mártires, e receba as bênçãos da mão de devotos e fiéis.

A fala de Cirilo comigo foi dura. Não desviava uma palavra daquilo que ele acreditava fosse verdade e certo; por isso naquele momento preferi ficar quieto, e ele falou algo neste sentido: como já estava quase terminando a fase de estudo na cidade, ele iria me enviar no início do verão para um dos mosteiros da árida Wadi Annatrun, localizada no meio do deserto ao sul de Alexandria; assim — conforme suas palavras —, cairiam sobre mim as bênçãos daquela terra pura, que abriga os restos dos santos que deram suas vidas a Jesus, abandonando-as por causa Dele. E sem olhar para mim, acrescentou:

— Talvez o envie a um de nossos mosteiros no Alto Egito ou na Abissínia, pois os filhos do Senhor lá estão precisando de nosso apoio.

Cirilo calou-se por um instante como se pensasse em algo; depois olhou para um de seus padres e disse:

— Ou talvez seja melhor mandá-lo para Akhmim, pois o povo lá luta nos caminhos de Deus. Nos últimos anos, muitos dali fugiram e, dos que permaneceram, muitos estão estudando ciências sem benefício.

Não soube o que responder a ele, mas depois fui tomado pela coragem e pela tolice. Baixei a voz e perguntei com educação:

— E quais são, Vossa Santidade, as ciências que não trazem benefícios, para que eu me distancie dela?

— Monge, são os disparates dos hereges e as superstições dos que trabalham na astronomia, matemática e magia. Pois saiba disso e fique longe, para que esteja próximo das sendas de Deus e dos caminhos da salvação. Se história é o que busca, fique com a Torá e o Livro dos Reis; se quiser a eloquência, fique com o Livro dos Profetas; se quiser a poesia, fique com os salmos. Se quiser o céu, a lei e a ética, fique com a lei do glorioso Senhor. Vá, monge, para que possa alcançar a oração; quem sabe consegue ganhar um olhar de proteção de nosso Cristo Vivo.



Nestório me ouviu com atenção e preocupação, e notei que ele entendeu o que eu pretendia com essa história, mais do que se fosse claramente dito. Após um momento de silêncio, olhou para mim e, tendo recuperado o afeto paternal que sempre vi nele, disse:

— Vou poupá-lo da missão de ir ter com esse homem. Vou responder eu mesmo às suas baboseiras e enfrentar seus anátemas com contra-anátemas, que verterei quentes numa epístola semelhante à dele. Deixe-nos agora cuidar disso e me conte de você e de sua vida no mosteiro.

Lembrei-me então da carta do abade, retirei-a rapidamente das dobras da minha veste e a entreguei a ele; abriu-a com cuidado, leu-a e depois disse,

sorrindo e preocupado:

— O monge Simão quer aumentar a igreja e levantar uma muralha para o mosteiro. Diga a ele, Hipa, que hoje mesmo conversarei com o bispo João sobre o assunto e ele atenderá seu pedido, com a ajuda de Deus.

Nestório pediu um tinteiro e uma pena, retirou do bolso um pequeno pergaminho no qual escreveu uma carta ao abade, selou-a com seu selo e me entregou. Pedi permissão para voltar ao mosteiro na manhã do dia seguinte e ele me disse que sairia ao mar de madrugada para Constantinopla. Levantou-se e me abraçou, despedindo-se, depois voltou a se sentar, sozinho. À porta, pensei em algo que não tinha revelado. Voltei até ele para perguntar:

— Padre, se a rivalidade entre o senhor e o bispo Cirilo se agravar, os outros bispos ficarão ao seu lado?

— Os bispos, Hipa, são muitos no Oriente e no Ocidente e seus anseios são vários. Vá com a proteção de Deus e não se preocupe, pois Deus é quem nos apoia e nos ajuda.

Quis ser mais claro e pedir-lhe mais informação, por isso disse que me referia aos bispos João e Rábula.

— João de Antioquia é um homem fiel, e temos longos anos de amizade. Quanto a Rábula, não sei o que pretende... mas não se preocupe, Hipa; não se preocupe, meu filho, pois este mundo, tudo o que nele existe e todos que nele vivem não merecem a preocupação dos fiéis.

O DÉCIMO OITAVO PERGAMINHO

À beira de Sarmada

Na volta de Antioquia, pretendia passar no mosteiro de Euprópio para visitar o monge Risonho, pois sentia saudade dele. Por alguma razão oculta, desisti da ideia e resolvi voltar imediatamente para o mosteiro. Enquanto saía pelo portão leste, notei algo estranho: o burro, que eu sempre achei fosse um animal estúpido, seguiu comigo depressa, como se soubesse o caminho de volta! Caminhou sem nenhuma orientação da minha parte. O ruído de seu casco insinuava sua alegria e seu contentamento por voltar para sua terra e seu lugar no estábulo do mosteiro. O burro estava com saudade de suas raízes e feliz por voltar, enquanto a ideia de eu voltar para minha terra me amedrontava, mesmo se fosse por uma breve missão.

Na verdade, o que me aterrorizava era especificamente voltar a Alexandria, pois o regresso de alguém como eu seria cheio de perigos. Quem parte de Alexandria contrariado, ou contrariando alguém, não deve voltar. As experiências da vida demonstravam e confirmavam isso. Orígenes voltou para lá após ter saído descontente; o bispo de então, Demétrio, o cuidador de videiras, o fez provar do cálice da amargura. Isso aconteceu há duzentos anos. Naquele tempo o bispo da cidade não tinha tanto poder como agora, e as fachadas de suas casas e as paredes de suas igrejas não tinham ainda sido

pintadas com as imagens de Marcos, o evangelista, ao lado de seu leão sentado. Orígenes não era tão miserável quanto eu! E mesmo assim sofreu nas mãos deles. Oitenta anos depois, os alexandrinos atraíram o bispo Ário para Constantinopla de seu exílio no país dos godos, também conhecido como Espanha, lá no fim do mundo, onde havia se estabelecido após ter sido excomungado, deposto e difamado. Não o deixaram morrer em paz. Quando o enganaram, dizendo-lhe que teria um encontro com Alexandre na corte de Constantino, dando-lhe a esperança de um acordo e a resolução do conflito teológico que havia provocado a ira de Alexandria, encontrou seu destino trágico morrendo envenenado. O bispo de Alexandria naquela época não era tão poderoso como hoje, nem Ário era um coitado como eu!

Nos monótonos passos do burro sobre os pedregulhos, todos esses pensamentos balançavam na minha cabeça. Nem o paraíso verde que rodeava Antioquia conseguiu me fazer esquecer os redemoinhos de Alexandria. Grande violência envolve a história da cidade, que eu sempre tinha sonhado em conhecer, e, quando consegui, não vi a hora de fugir, mas nela fiquei preso até chegar o dia da minha fuga fatídica. Queria ter podido atender ao pedido de Nestório e o ajudado no que o aguardava, mas como poderia voltar a Alexandria? Acaso Cirilo esperava por um monge como eu para argumentar com ele e explicar-lhe as propostas teológicas de Nestório? Ele nunca me receberia e certamente me mataria; e mesmo se eu escapasse dele, poderia escapar dos “Amantes do Sofrimento”, sabendo que ia em nome de Nestório, considerado por eles um herege? O povo de Alexandria não tem piedade e não teme nenhum castigo por seus atos. Mataram Hipátia na frente de todo mundo e não foram castigados. Antes, mataram o bispo de sua cidade, Jorge da Capadócia, esquartejando-o na grande avenida. O imperador Juliano, que renunciou ao cristianismo, se acovardou e não os castigou, restringiu-se a dizer

num escandaloso decreto imperial que os perdoaria por honra ao deus adorado de Alexandria, Serápis.

Como eu poderia voltar à Alexandria depois de tudo que nela vi e de tudo que dela soube? Nem sei o que deviam ter falado de mim, quando souberam da minha fuga no dia fatídico. Será que nenhum peregrino voltando de Jerusalém contou a eles sobre mim? Será que o nome eclesiástico que adotei, Hipa, poderia me esconder da vista da Igreja de São Marcos e das garras do leão? Será que falhei com Nestório, não aceitando seu pedido? Ou será que foi Deus quem revelou algo a ele, fazendo-o desistir de sua ideia que me jogaria no forno de Alexandria? Teria ele notado meu medo quando lhe contei a história do meu encontro com o bispo Cirilo e por isso me liberou da missão de horror, originalmente inviável?

Acordei do rodeio das indagações na minha cabeça com algo estranho que o burro fez. Havíamos já atravessado metade do caminho e estávamos no meio do dia; ele desviou para baixo das árvores sob as quais descansamos na mesma hora dois dias antes e começou a abanar as orelhas, como que me lembrando de seu almoço. É impossível que o burro seja estúpido; é paciente por natureza, e a paciência pode parecer às vezes estupidez, e outras, covardia. Parece que passei a minha inteira sendo um burro.

Apeei e tirei a sela dura de suas costas; ele suspirou aliviado. Amarrei-lhe as duas patas dianteiras com a corda que estava amarrada numa delas e pendurei-lhe no pescoço o embornal de ração. Ele foi mastigando devagar, satisfeito. Eu não tinha vontade de comer nem de dormir, nem mesmo de pensar. Encostei-me ao pé de uma arvorezinha e fechei os olhos, tendo uma sensação estranha de alívio pela proximidade do meu regresso ao mosteiro.

Após um instante de calma vespertina, passou por mim um rapaz, quase chegando aos 20 anos. Vinha de longe da rua pavimentada e segurava na mão o cabresto de uma cabra, seguida por três filhotes. Veio em minha direção do

outro lado da rua e perguntou-me educadamente se eu estava precisando de algo. Agradei e em seguida lhe perguntei se ele podia achar, para mim e meu burro, alguma água para beber. Ele disse, solícito, que havia um poço próximo. Amarrou sua cabra embaixo das árvores e voou em direção às casas; voltou em seguida trazendo entre as mãos um pote grande de argila, dentro do qual a limpa água doce balançava. Tomei alguns goles até que me satisfiz, depois o jovem pegou o pote de minha mão e o colocou na frente do burro; retirou-lhe o embornal da boca e o bicho começou a beber. O jovem voltou e se sentou à minha frente à sombra das árvores. Pareceu tímido; quis puxar uma conversa e, como forma de expressar minha gratidão, perguntei-lhe de que vilarejo era.

— Deste mesmo, padre, Sarmada.

Olhei na direção do vilarejo dormindo em paz sob o sol de Deus, que brilha sobre os bons e os ruins. O lugar era pequeno, de casas modestas, cujo número não ultrapassava os cem. Ao redor havia poucos pomares e muitas áreas com oliveiras. Não avistei ninguém perto das casas! Será que àquela hora da tarde estariam todos dormindo? Mas estamos no inverno e os dias são curtos! O jovem estava sentado em silêncio; perguntei-lhe se trabalhava no pastoreio, como me pareceu.

— Não, padre, eu trabalho no moinho de azeitona que fica na extremidade oeste do vilarejo. Esta é a cabra da minha tia, levei-a ontem para dormir na casa de um vizinho nosso que tem um bode forte. Agora estou levando-a de volta, depois de ter passado uma noite com o bode.

— Entendi, meu filho, entendi.

Não gostei do olhar do jovem quando mencionou o bode, descrito como forte. Meu burro estava ainda tomando água, refrescando-se. Os cabritinhos estavam se esfregando na barriga da mãe. O jovem permaneceu sentado. O sol batia na sua face esquerda, e do seu lado direito lhe caía a sombra das árvores. Ele se sentou de pernas cruzadas depois de ter puxado a túnica; seus joelhos

ficaram desnudos e deu para notar a brancura de suas pernas sem pelo, diferentes da condição dos homens. Olhei bem suas feições, e elas me pareceram mais femininas, especialmente porque não tinha barba. O cabelo era um pouco aloirado, e os olhos, um tanto verdes. O rosto e o pescoço eram marcados pelo sol e as mãos eram macias, incomuns entre homens pobres como ele.

O jovem me perturbou! Retirei do meu alforje uma versão em grego dos salmos e comecei a passar os olhos nela; ele se mexeu como quem quisesse dizer algo. Ignorei-o e segui lendo baixinho; aquietou-se. Quando parei de balbuciar, o jovem, ainda sentado, rastejou em minha direção e disse algo que significava que queria confessar para mim. Disse a ele que a confissão se faz na igreja e deve se recebida por padres, não por monges como eu.

— Mas o padre do nosso vilarejo me conhece, padre, e eu tenho vergonha de confessar para ele.

— Supere sua vergonha, meu filho, para que sua fé seja reta e para que seu arrependimento e sua admissão do pecado cometido sejam autenticados.

O jovem abaixou a cabeça. No rosto tinha uma mescla de timidez, confusão e lamento. Olhei para ele novamente, examinando suas feições, e tive uma sensação estranha! Ele tinha o semblante calmo e inocente, o rosto comprido e branco e um pouco magro. Os ralos pelos que tinha no queixo o deixavam mais próximo do imberbe do que do homem, e a doçura do seu olhar o fazia mais semelhante às mulheres. O jeito respeitoso tocou as cordas de compaixão no meu coração e me fez perguntar o que teria feito esse coitado, estranho menino. Era um garoto que devia exagerar seus pecados, e não cri que estes fossem maiores do que as pequenas e insignificantes coisas cometidas pelas pessoas, mas que lhes causam sofrimento até que encontrem alguém em cujas mãos jogarem seus fardos. A confissão qualificada para o perdão os conforta, o que confirma a piedade de Deus.

Pensei: não passa de uma criança e não faz mal se eu tiver pena dele, pois está precisando de alguém que o ouça e o oriente para a fé verdadeira. Disse-lhe:

— Escute, meu filho, você pode ir a Antioquia para confessar numa de suas muitas igrejas.

— É longe, padre, e o sacerdote de lá pode me reconhecer. Mas não creio que vá encontrar com o senhor novamente, por isso escute a minha confissão.

— Mas, meu filho...

— Eu suplico, meu bom pai, por favor.

— Diga o que tem.

Abaixei a cabeça após guardar meus salmos e puxei o capuz até a testa, preparando-me para receber a confissão pela primeira e última vez na minha vida. Das coisas que ouvi do jovem, não posso registrar todas, embora tivesse a intenção de escrever tudo que aconteceu! Mas o que ele contou foi extremamente obsceno e esquisito, não passava na cabeça de ninguém. Uma das obscenidades que me contou foi que, quando chegou à puberdade, acostumou-se a fornicar com as cabras; ficava à espreita para ficar a sós com uma cabra no cio e abraçava-a entre suas coxas, esvaziando nela seu desejo. Quando me disse isso, não quis lhe demonstrar meu aborrecimento, então fiquei quieto olhando para a terra sobre a qual estava sentado, tentando organizar as palavras com as quais responderia a ele, enfeitando-as com versículos do evangelho. Mas ele não me deu tempo, confessou em seguida que sua mãe, viúva de 40 anos, o viu certa noite cometendo seu ato asqueroso e ficou muito preocupada, repreendeu-o com força, lavando o que tinha entre as pernas com água, depois se sentou e chorou por longo tempo, lamentando sua pobreza que a impedia de casá-lo.

— Meu filho, todos os pobres se casam.

— A pobreza deles não é igual a nossa.

Senti uma tristeza me sufocando e não quis ouvir mais nada do menino, mas ele insistiu e as lágrimas lhe escorreram pelas faces; começou a soluçar. Quando se acalmou um pouco, contou-me que sua mãe cometeu com ele o pecado dos pecados! Em uma noite enluarada de verão, ela dormia perto dele em seu casebre sem teto, seus corpos se tocaram e a coisa entre eles aconteceu.

Minha irritação pelo que o jovem contava havia chegado ao extremo e eu não conseguia mais ouvir. O jovem detalhava o acontecido entre ele e sua mãe, e eu fiquei muito perturbado. Contou-me também que nas primeiras noites cometeram o pecado duas ou três vezes. Notei que já estava desvelado da timidez e parecia gostar do que contava. Interrompi-o:

— Basta, meu filho, basta. Você deve afastar-se dela imediatamente, procurar uma boa esposa para você e se penitenciar, orando com frequência e assistindo às missas.

— Mas ela não abrirá mão de mim, padre!

Fiquei chocado com a indecência do jovem e com o sorriso de satisfação no rosto, que tornou seu semblante mais estranho ainda. Seus olhos me pareceram tremendamente frios! Teriam sido uma mera ilusão as marcas de remorso que tinha visto há pouco? Ou teria ele ficado aliviado por causa da confissão e não sentia mais a gravidade do ato horrendo que cometia? Olhei para o distante céu, vi uma nuvem pesada passar por nós e lembrei que o caminho para o mosteiro ainda era longe, a sombra já estava inclinada para o leste e talvez chovesse. Quis levantar para seguir no caminho da volta, e quando juntei as pontas da minha túnica para levantar, ele me parou, dizendo:

— Não vai ouvir o resto da minha confissão, padre?

Quando disse “padre”, a palavra teve no meu ouvido um efeito estranho. Sua voz não mais estava envolvida pela timidez do sofrimento como antes da confissão, e eu não podia mais ficar na sua presença. Arrependime por tê-lo ouvido desde o início. Disse-lhe que já era tarde e que tinha de seguir meu

caminho. Ele disse algo sobre não ter terminado ainda e que tinha algo mais grave para confessar.

— Não, meu filho, não há nada mais grave do que o que ouvi de você.

— Sim, há, meu bom monge.

— Não posso ouvir mais.

Levantei com pressa e coloquei o embornal de ração embaixo da sela do burro; antes, enfiei os salmos no bolso da minha túnica. O jovem me deixou desamarrar a corda da pata do animal sem me oferecer ajuda, sendo que antes havia me seguido como minha sombra. Não esperava que me dissesse palavras de despedida, mas disse, enquanto seguia meus passos até quase se grudar em mim, que passou a gostar do que fazia! Sua voz assumia um tom de presunção obscena. Ignorei-o. Acrescentou que também fazia aquilo com sua irmã nos dias que ela pernoitava com eles, quando o marido viajava com as caravanas. Ignorei-o. Ele disse que ela também gostava disso, mas agora estava grávida dele. Sem olhar para ele, montei meu burro e virei em direção à rua. Enquanto me afastava, o jovem gritou com grande raiva e ódio contido:

— Por que foge de mim, monge! Pare e escute sobre os prazeres e as delícias das quais se privou, pois tenho ainda muito, muito disso para lhe contar.

Com o calcanhar, cutuquei a barriga do burro, que seguiu na direção leste com todo ânimo que dispunha. O burro correu como se fugisse, ou talvez tivesse percebido, como eu, que aquele rapaz não era rapaz, mas Satanás, que tomou uma forma humana apenas para caçar de mim.

O DÉCIMO NONO PERGAMINHO

A senhora

Antes do pôr do sol, cheguei ao mosteiro. Minha roupa estava colada no corpo de tanto suor, apesar do vento frio. Minha cabeça vibrava com as preocupações e girava com os pensamentos. Quando já estava no meio da colina, subindo para o mosteiro, avistei o abade sentado na grande pedra quadrada. Lia uma bíblia que tinha na mão, o que era raro, uma vez que sabia de cor os quatro evangelhos e os livros do Antigo Testamento. Quando me viu, fechou seu livro e ficou de pé. Seu olhar entregou a apreensão que escondia. Alcancei-o, apeei e beijei-lhe a mão como sempre. Certifiquei-me, por seus dedos trêmulos, de que estava preocupado. No caminho até sua cela, perguntou-me sobre minha viagem e sobre meu encontro com o bispo Nestório. Em seu cômodo, perguntou-me com quem me encontrei em Antioquia e ofereceu-me um prato com algumas frutas secas.

Comecei dizendo a ele que passei a carta ao bispo Nestório e que ele prometeu atender ao pedido que continha. Entreguei-lhe a resposta à carta, abriu-a, deu uma olhada rápida, dobrou-a e guardou-a sob seu travesseiro. Estranhei o fato de ele não ter dado muita importância. Contei-lhe que tive uma reunião única em Antioquia com os três bispos e o padre da igreja da cidade. Não se surpreendeu com isso, como que já soubesse. Assim, não tive saída e tive que lhe contar da missão que Nestório tinha para mim e como depois desistiu de me dar a tarefa, como se tivesse tido um lampejo. Depois que terminei, o abade ficou calado por um instante, e então disse:

— Meu filho, sua ida a Alexandria não adiantaria nada.

Suas palavras me confortaram e retiraram o peso do sentimento de culpa que pousava sobre meu coração, por ter deixado de atender a Nestório naquele

tempo de crise. E como estava abalado com o que aconteceu comigo no caminho, contei ao abade sobre o que ocorreu com Satanás, que me apareceu em corpo de rapaz à beira de Sarmada. Sorriu com cansaço, balançou a cabeça e disse:

— Vá, Hipa, vá descansar, aquele rapaz não era ninguém mais do que um dos que se divertem zombando dos monges.

Levantei para sair de sua cela sem saber o motivo da preocupação evidente do abade. Sem que eu lhe perguntasse, antes de sair, ele disse como se falasse consigo mesmo: “Azazel tem truques e disfarces mais sutis e mais traiçoeiros... Que o Senhor nos inclua a todos em sua misericórdia abrangente.”



Os dias e os meses foram seguindo monótonos, até que chegou o verão, alongando as horas de seus dias pesados e noites rápidas que passavam por nossa vida como passam as nuvens, espalhadas ou acumuladas. As nuvens. Sempre observava, e continuo, o horizonte no entardecer e no poente. As nuvens no céu me pareciam uma escrita divina, mensagens celestiais numa língua inarticulável, ilegível a não ser para quem conhecesse seus fundamentos compostos de formas, não de letras. Esse pensamento era um dos meus segredos, mas um dia declarei-o ao abade, que disse, após um momento pensativo: talvez sejam reflexos da palavra divina escondida em nosso âmago.

Uma das coisas estranhas que aconteceram no fim do verão passado, isto é, do ano 430 de Cristo, foi a invasão do mosteiro pelos pombos. Em uma certa manhã, uma revoada de pombos silvestres aterrissou. Estávamos acostumados a vê-los em unidades ou em poucos casais, mas naquele dia voaram em dezenas sobre a colina do mosteiro e voaram em círculos no céu. Os monges se alegraram com isso, exceto Fariseu. Viram neles um milagre, um sinal de que o

mosteiro ficaria repleto da graça do céu. Os pombos silvestres são diferentes dos domésticos, criados e comidos nas casas egípcias. Os silvestres são menores, têm a carne mais dura e a cor cinzenta, diferente dos domésticos, que podem ser brancos, marrons e de cores mescladas, o que facilita distinguir entre eles. Mas esses pombos silvestres são todos iguais! Todos parecem ser cópias do mesmo, tendo as penas cinza claras com uma linha mais escura nas pontas e um brilho mais intenso, especialmente na cabeça e no pescoço.

O estranho nesses pombos era que não se assustavam com o movimento das pessoas; mesmo quando estas se aproximavam bastante, eles voavam, mas pousavam novamente em lugar muito próximo. Fariseu apenas cuidava de afugentá-los, expulsando-os para o mais longe que podia. Os outros monges estranhavam sua atitude, sem compreender o que havia por trás dela.

No dia seguinte à chegada dos pombos, os monges competiam tentando explicar o motivo de sua chegada e de sua permanência no mosteiro. Alguns disseram que teriam vindo de longe para gozar da colina verdejante, outros diziam que os pombos sentiam a espiritualidade do lugar e o convívio pacífico com sua gente. Outros ainda diziam que eles obedeciam a uma ordem divina para morar aqui, e que com sua chegada o mosteiro seria coroado com a tranquilidade e com o espírito de paz. De fato, os pombos sugerem tranquilidade e paz. Eu ficava contente olhando para eles de manhã e à tarde. Passava longo tempo admirando seu comportamento e o fato de eles terem ficado durante três noites aninhados nas fendas das paredes e nos locais onde as pedras haviam caído, sem que houvesse ninhos onde se refugiarem para criar sua ninhada, como era o hábito dos pombos, fossem silvestres ou domésticos, ou ainda das aves em geral.

No terceiro dia após a chegada dos pombos, sentei-me junto à muralha voltada para as planícies do norte — havíamos terminado as orações matinais e eu não tive vontade de ir à biblioteca — e passei um bom tempo assistindo a

um grupo de pombos que voava entre as colunas e muros, por vezes pousando no chão e recolhendo com o bico qualquer coisa que julgassem própria para comer. Eu estava imóvel, e os pombos logo se acostumaram com minha presença e se aproximavam, tal como os pássaros se acostumaram com a flauta do rei Davi e pousaram ao redor dele. Depois de um tempo, pude diferenciar os machos das fêmeas, e notei que todos demonstravam benevolência uns aos outros e não reivindicavam para si esta ou aquela como única parceira. Todos os pombos se gostam. O macho arrepiava as penas e passava por uma fêmea balançando a cabeça: se ela ficasse parada, ele a montava; do contrário, batia asas até outra, na esperança de que aquela o aceitasse. Enquanto isso, a primeira fêmea esperava pelos arrulhos de outro macho e, se este a agradasse, ela demonstraria sua disposição aproximando-se dele e deixando-se ficar, o que equivale a uma permissão para que ele a monte. Os pombos copulam com frequência e durante todo o dia nunca cessam de flertar e se unir, especialmente à tarde e pouco antes do pôr do sol. Eu estava feliz, sentado junto à muralha com os pombos ao meu redor, quando Fariseu surgiu ao longe com seu andar rebolado de costume. Sentou-se perto de mim e começou a catar pedras para jogar nos pombos, afastando-os de nós. Perguntei o que ele estava fazendo e ele respondeu, irritado, que os pombos cobriam o mosteiro de excrementos e os constantes arrulhos dos machos perturbavam o sono das pessoas na alvorada. Olhei para ele com ceticismo, sem saber ao certo se falava a verdade, e ele acrescentou, como se anunciasse um segredo, que os pombos incitavam as paixões e induziam o povo a cometer pecados, logo não se devia olhar para eles caso se quisesse permanecer devoto. As ideias de Fariseu são tão estranhas quanto ele mesmo.

No quarto dia, os pombos partiram como chegaram: de repente. Os monges ficaram tristes por sua súbita partida e eu também, após ter me acostumado a eles nos três últimos dias. Passei a noite na biblioteca e, nos

cochilos do início da noite, tive sonhos com pombas. Na última metade da noite, acendi minha lamparina, pretendendo folhear os livros, mas minha cabeça vagava por horizontes distantes onde pulavam indagações sem resposta: aonde foram os pombos depois que saíram daqui? Eram de fato um sinal ou boa-nova do céu, ou uma simples coincidência? Voltarão de vez em quando, ou foi um evento único? Por que as pessoas não aprendem com os pombos a viver em paz? São aves simples e puras de espírito. Jesus Cristo disse: “Sejam simples como as pombas.” As pombas são pacíficas porque não têm garras; as pessoas deviam renunciar às armas e aos instrumentos de guerra que têm em mãos. As pombas não comem mais do que precisam nem armazenam alimento, logo as pessoas deviam parar de estocar alimentos em excesso e acumular riquezas! As pombas vivem a vida do amor perfeito: seus machos não diferenciam entre fêmea bonita e fêmea feia, como fazem as pessoas. Tão logo um deles aprende a voar, não mais reconhece pai ou mãe, e entra com os outros numa sociedade perfeita que desconhece o egoísmo e o individualismo. Por que as pessoas não vivem assim, e não se reproduzem em grupos pacíficos, como era o homem nos primórdios? Todos morariam juntos, viveriam em paz e morreriam sem barulho, como morrem todas as outras criaturas. O homem escolheria entre as mulheres e a mulher escolheria entre os homens quem lhe conviesse e com quem conviveria durante um tempo, depois ela o largaria, ou ele a largaria, se sentisse vontade e ficaria com outra pessoa, se quisesse. Assim todos tratariam os pequenos como sendo a prole do grupo, e então as mulheres seriam como as pombas, não exigiriam dos homens nada além do galanteio e dos breves encontros, pois as mulheres...

— Hipa, isso que está escrevendo não combina com seu status monástico.

— Deixe-me, Azazel. Você me convidou a escrever, portanto deixe-me escrever o que eu quiser.

— Mas está indo por caminhos distantes, ainda há muito para contar e seu tempo já está apertado.

— Tem razão, seu maldito!



Em um dia quente de outono do ano 430 de Cristo, estava eu observando as nuvens como de costume, tentando decodificá-las ou esclarecer os significados guardados dentro de mim conforme via as suas formas. Era de tardinha quando ouvi vozes vindas da entrada do mosteiro. Levantei de onde estava sentado, no muro em ruína que dava para o amplo horizonte ao norte, e atravessei o pátio para verificar a razão do barulho, vindo pela entrada das planícies estendidas onde ficava o casebre há anos abandonado. Havia dois homens, duas mulas e duas mulheres; uma delas era velha e a outra usava roupas coloridas. Não consegui ver bem seu rosto.

Depois que descarregaram os pertences, os dois homens foram embora junto com as mulas, enquanto as duas mulheres ficaram, esforçando-se para colocar as coisas dentro do casebre. *Morariam nele?*, perguntei a mim mesmo, e me ocupei com a pergunta em vez de tentar encontrar a resposta, até que o padre da igreja passou por mim saindo do mosteiro. Ele vivia no pé da colina numa daquelas casas espalhadas ao redor; talvez soubesse de algo. Quando tentei saber dele, contou-me que as duas mulheres vieram para morar no casebre depois de o abade ter lhes dado permissão, com pena delas.

— A velha está doente e acho que vai procurá-lo para se medicar — acrescentou o padre.

Na mesa do jantar, o abade estava em seu lugar habitual recitando para nós os salmos. Comeu apenas um pedaço de pão seco e agradeceu ao Senhor. Fez um sinal para mim e, quando me aproximei dele, inclinou-se, e me disse,

cochichando, que receberíamos no sábado, da Síria, uma pequena harpa; ele reuniria para mim um grupo de diáconos e uma moça de voz doce para que eu lhes ensinasse alguns hinos, para serem cantados na missa aos domingos como faziam nas grandes igrejas. Acrescentou: você pode musicar para eles alguns salmos ou alguns de seus poemas curtos, ou ainda alguns versos do bispo Rábula, pois as pessoas apreciam ouvir música durante as missas.

Assenti, concordando e aprovando a ideia, pois eu tinha uma inclinação natural à música e aos cânticos. Quase disse a ele que havia acertado decidindo pelo assunto, mas antes perguntei:

— Honorável padre, São João Crisóstomo não havia proibido o uso dos instrumentos musicais na Igreja?

— Isso foi há quarenta anos ou mais, meu filho, e ele não os proibiu, apenas disse que o Senhor os despreza, preferindo ser louvado pelas bocas dos humanos. Nossos irmãos em Edessa e Nusaybin discutiram o assunto em vários encontros e chegaram à conclusão de que era permitido usar a música nas igrejas.

— Sim, senhor, mas e quanto a uma moça cantar na igreja?

— Ela entrará pela porta lateral e cantará de pé, fora do altar, atrás dos diáconos.

Sempre acreditei que a música era uma arte celestial sacra, que poderia ser usada tanto na purificação do espírito como no estímulo do desejo. Quando era pequeno, ficava admirado pelas imagens de musicistas desenhadas nas paredes do templo na minha terra natal. Dizia a mim mesmo: se eles não tivessem dedicado a música ao culto, não as teriam retratado nas paredes dos templos. Mas nunca conversei com ninguém de nossa religião sobre isso. Eis os dias mudando e jogando em nossas mãos as dádivas do Senhor sem esforço, para que contentemo-nos com as melodias. Pedi licença ao abade para me retirar e ir até a biblioteca, depois de lhe dizer:

— Esta noite cuidarei de compor um cântico que mescle os salmos de Davi e refinadas ideias monásticas.

— Que assim seja, na proteção do Senhor. Mas espere, meu filho, o cântico deve ser em siríaco, que é a língua da maioria aqui.

— Certamente, abençoado padre, certamente.

Atravessei o pátio entre o refeitório e a biblioteca com passos animados e alegres. O luar outonal cobria o chão se refletindo nas pedrinhas brancas, que pareciam joias salpicando a areia do pátio; as brisas noturnas avivam o espírito espetacular que voava comigo nos céus da graça. Meu coração batia do mesmo jeito que fazia quando meu pai puxava sua rede das águas do Nilo, quando a mulher do meu tio nos chamava para jantar e quando saí de Nag-Hammadi para Akhmim. O que é, na realidade, nossa vida, senão esses raros bons momentos?

Quando entrei na biblioteca, tive uma ideia. Dispensarei a harpa, ou deixarei seu papel no cântico restrito; assim comporei uma melodia que as crianças e a moça de voz melodiosa possam reproduzir com a boca, evitando o quanto for possível as objeções dos opositores aos instrumentos musicais. Alternarei entre meus versos, que serão interpretados pela moça, e os salmos, repetidos pelos meninos. Minha composição seguirá a quinta escala prosódica da poesia siríaca, com os pentâmetros e hexâmetros que me são favoritos. Naquela noite disse a mim mesmo: encherei o ambiente da igreja do mosteiro e de todas as igrejas circundantes com os cânticos espirituais que tremulam no reino dos céus.

Após ter sentado à grande mesa e acendido meu lampião, corri os olhos sobre as prateleiras de livros ao meu redor, cheio de ânimo. Levantei e me dirigi até as da direita; peguei a tradução siríaca dos salmos e quando abri, meus olhos caíram no 15º salmo. Escrevi então no verso do papiro a primeira linha e acrescentei uma de minha composição. Ficou assim:

*Ó Deus, tem misericórdia de mim, pois me refugiei
em Ti
Tem compaixão de minha fraqueza, pois só tenho a Ti
Abençoa os fiéis, para que só se refugiem em Ti
Enche seus corações com a exaltação, ofertada apenas por Ti
Ó Deus, tem misericórdia de mim, pois me refugiei
em Ti
Caminho na senda trilhada indicada por Ti
Com as histórias dos santos e mártires, me ilumino
E volto ao pó de onde vim
Para que possa viver a vida imortal
Ó Deus, tem misericórdia de mim, pois me refugiei
em Ti...*



Passei a noite inteira compondo e medindo as palavras, movido por um entusiasmo sem igual. Antes da alvorada fui inspirado por outros versos: palavras ágeis, delicadas, significativas, que jamais haviam passado pela minha cabeça. Decidi compor melodias para as sete preces e para os dias de celebração, formando assim um livro de orações diárias (Axhim), compondo para os monges lindos cânticos de significado profundo, a serem repetidos por eles nas contínuas preces nas celas. Pensei: vou expressar nesse cântico especial os mistérios mais guardados e as palavras mais suaves. Compô-lo-ei em três movimentos: o primeiro, calmo, com poucas palavras; o segundo, repetitivo e repleto de louvores; e o terceiro, alegre e rápido, e sobre suas notas os pequenos anjos dançarão... Vou dividir meu tempo entre a medicina e a poesia; com a primeira, trato os corpos, com a segunda, as almas. As palavras são capazes de ter um efeito sobre o homem que mesmo os medicamentos mais fortes não

têm, pois as palavras são imortais e não desaparecem com a morte de quem as diz.

Não voltei à minha cela naquela noite; fiquei na biblioteca, cheio de júbilo. No dia seguinte, perdi as orações matinais na igreja e não tive fome para o desjejum. Permaneci na biblioteca até meio-dia. Fariseu veio saber de mim; disse-lhe para ficar despreocupado e contei o que estava fazendo, mas ele não se alegrou como eu. Perguntei-lhe o motivo e ele disse que não gostava do canto, principalmente se feito por uma moça. Tive pena dele e quase lhe disse: pelo contrário, você gosta de cantar, gosta dos pombos e gosta das mulheres, mas tem medo de tudo isso e não aguenta seu amor; por isso o recusa, para descansar.

Não quis aborrecer Fariseu com o que eu achava de suas atitudes, especialmente porque reclamou da insônia de que sofria. Senti seu pulso: estava irregular. Perguntei a ele como estava sua evacuação, ele disse que sofria de prisão de ventre. Dei-lhe uma única dose pequena de escamônia moída misturada com anis, para soltar o intestino, e ervas soníferas e sedativas que lhe trouxessem o sono, as quais deveriam ser tomadas durante uma semana após a oração da meia-noite. Julguei que fosse o tratamento mais adequado para ele.

Saí com ele até a igreja grande, rezei com os monges a hora sexta e fui informado depois pelo abade que os meninos cantores e a moça iriam, no dia seguinte, à biblioteca — ele também começava a chamá-la de biblioteca.

No dia seguinte, à tardinha, a algazarra dos pequenos perturbou a calma que reinava. Vieram com Diácono, que bateu levemente à minha porta. Quando abri, vi na sua companhia seis meninos e duas meninas; as idades variavam entre 6 e 9 anos. Naquele dia vieram acompanhados de seus pais e encheram o lugar. Alguns corriam, outros olhavam para mim: rostos iluminados, olhares inocentes, cujo espanto ainda não havia sido tirado pela vida. Pedi a Diácono e aos pais que fossem até o pátio da igreja e fiquei com as

crianças. Uma das mães ficou; disse-lhe com educação, sem olhar para ela, que teria de esperar seu filho ou sua filha na entrada ou na porta da igreja. Ela disse que não era mãe de nenhum deles, nem de ninguém, e acrescentou brevemente:

— Sou a cantora.

Fiquei perturbado, ou talvez encantado, mas não quis demonstrar nenhum desses sentimentos. Chamei então as crianças:

— Venham para dentro e fiquem numa fila do mais alto ao mais baixo. — E depois disse a ela, sem olhar em sua direção: — Você, minha filha, fique do lado oposto a eles.

As crianças se enfileiraram com uma pequena ajuda minha e pedi que cantassem, separadamente, a primeira linha do 15º salmo. Suas vozes variavam na limpidez, mas no conjunto eram aceitáveis. Por natureza, as vozes das crianças são boas e puras. Depois que terminei com elas, olhei para aquela que se dizia cantora. Tinha seus 20 anos, ou foi o que me pareceu, pois não olhei bem em seu rosto; não tenho o costume de olhar nos rostos das mulheres, nem me interessavam suas feições. Foi seu vestido que chamou minha atenção, pois não se tratava de uma veste habitual daquela região; mas, de qualquer forma, era recatado e respeitoso.

Dirigi-lhe a palavra sem olhá-la e pedi que interpretasse de certo modo as duas primeiras linhas do cântico que compus. Li as duas linhas para ela com a melodia que imaginei; ela me perguntou se podia cantá-las com outra melodia eclesiástica que já conhecia, e eu aceitei. No momento em que ergui os olhos para ela, afastou o lenço que lhe cobria a cabeça e o rosto e deu dois passos para trás. Fechou os olhos numa delicadeza sem igual, levantou o rosto para o céu e, após um instante de silêncio e veneração, cantou. Que voz maravilhosa, que nos chegava pura do interior das nuvens! Perfumada com a fragrância das roseiras e o aroma das campinas verdes! Cantou: *Tem misericórdia da minha*

fraqueza como se chorasse, depois quando disse: *pois só tenho a Ti!* Estremeci por dentro com o tremor de seus lábios enquanto prolongava as sílabas, fazendo-as alcançar as alturas. Seu canto triste era de rara doçura.

As crianças que estavam conosco se calaram completamente quando ouviram seu canto; foram enlevadas, como se partissem nas asas das notas para um lugar longe. Eu me sentia só no canto mais distante do imenso universo. Ao lembrar agora daquele momento, sinto sua voz encantadora me tirando de mim e me levando para além de todas as coisas, sua voz ecoando entre as longínquas montanhas, fazendo meu coração se desmanchar entre as costelas. Meu Deus!

Quando terminou seu canto, um silêncio profundo reinou. Queria ter lhe pedido para cantar novamente, queria que ela continuasse a cantar até que findasse o mundo e o dia do juízo chegasse, mas o momento não era adequado. Enquanto devolia o lenço à posição anterior, olhou para mim e sorriu. Ela sabia que sua voz era maravilhosa, sabia que a melodia que tinha cantado era mais bonita do que a sugerida por mim. Sabia que seu canto havia me enlevado, me extasiado e me tinha feito outras coisas, também. Quanto a mim, naquele momento, eu nada sabia. Meus olhos se renderam ao seu rosto, mas logo percebi que não devia e que não era correto. Tinha um rosto pequeno, em formato de pera, cujos traços apareciam por trás do lenço de seda negra transparente que caía de um aro na cabeça parecido com uma coroa, porém mais delicado; nas pontas de suas muitas dobras, havia pequenas contas coloridas. O vestido de veludo preto caía suavemente pelos ombros, alargava-se no peito e estreitava-se abaixo da cintura, denunciando um corpo perfeito. Naquele momento, iludi-me dizendo a mim mesmo que aquilo não tinha nada a ver com seu corpo, se era perfeito ou não; o importante era sua voz doce, que combinava com os cânticos, e que sabia cantar. Talvez tivesse sido criada perto

de alguma igreja ou mosteiro, e por isso estivesse acostumada a cantar desde pequena.

As crianças voltaram ao alvoroço quando o abade lhe trouxe alguns doces, distribuindo-os entre elas e a moça cantora. Não quis prolongar o treino no primeiro dia, por isso os dispensei rogando que fossem abençoados. Disse-lhes que cantavam muito bem e que nos encontraríamos novamente na tarde do dia seguinte, pois era um domingo e o mosteiro estaria cheio de visitantes. Saíram aos pulos, a moça atrás deles andando com visível recato. Quando passou por mim, perguntei-lhe sem olhar em sua direção, por respeito:

— Não me dirá seu nome, boníssima virgem?

— Não sou virgem, padre, e meu nome é Martha; um nome antigo que significa “senhora”.

O VIGÉSIMO PERGAMINHO

A aflição vizinha

Na noite do dia em que conheci Martha, a insônia tomou conta de mim. Fiquei acordado até a alvorada. No início, não pensava muito no fato de a moça não ser virgem! Sua voz maviosa e sua ressonância dentro de mim é que me ocupavam. Passei a noite reformulando algumas palavras para que combinassem com as escalas de sua voz e me dedicando a compor cânticos especiais adequados à sua quentura e doçura. Muitos pensamentos, desejos e aflições me fustigaram no meio da noite: viria muita gente para as missas para ouvir Martha? Ficaria a igreja do mosteiro lotada de fiéis? Poderia a fama dela talvez alcançar Antioquia ou Constantinopla? Será que ela era casada? Que homem poderia suportar estar perto de tamanha beleza? O que eu tinha com isso? Eu tinha mais com que me preocupar e ocupar meu tempo em saber: como estaria o louvado Nestório. O que estaria acontecendo em seus dias? Será que o bispo Cirilo o teria deixado em paz ou estaria armando algo para derrubá-lo? Pensei: amanhã escreverei uma carta e a enviarei pelo primeiro viajante a Constantinopla. Perguntarei ao abade se ele deseja algo de Nestório, para eu mencionar na carta; o bispo há de se alegrar com uma epístola minha, pois sabe que não tenho o costume de escrever. Vou compor um belo cântico, dedicar a ele e anotá-lo no verso da carta; ficará feliz, e um dia virá para visitar

o mosteiro, e eu farei Martha cantá-lo para ele com sua voz angelical. Martha... que idade teria essa moça? E por que foi tão incisiva em dizer que não era virgem?

No sábado a harpa que o abade esperava não chegou; ele ficou aborrecido. Disse a ele para ficar tranquilo, porque talvez não fôssemos precisar dela: bastava-nos as vozes do coral e da cantora. Tranquilizou-se. Conteí que dedicaria o período entre as orações da hora terça e da hora sexta para atender aos pacientes, e entre a hora sexta e a hora nona a treinar o coral, reservando as noites para as orações e a leitura. O abade rezou para que todo o meu tempo fosse abençoado e retrucou:

— Meu filho, se já tiver terminado o jejum da quaresma, cuide um pouco de sua saúde; noto que seu rosto esta noite está extremamente pálido e magro.

Terminamos a oração do crepúsculo, que aqui chamam de “Oração de Rimch”, e voltei alegre para a biblioteca, sem sentir a palidez notada pelo abade. Achei que ele se referia a minha distração e preocupação. Em todo caso, tomei meu pulso com a outra mão e encontrei-o regular. Fechei a porta atrás de mim, tirei a roupa e comecei a premir os locais aparentes do fluxo sanguíneo sob a pele; tudo estava correndo bem. Olhei para meu rosto refletido na chapa de prata que envolvia o evangelho e vi os vestígios do tempo. Envelheci de repente: o branco dos olhos estava amarelado, a barba, desarrumada, grisalha feito a barba dos eremitas que habitam as grutas e cavernas. Por que esse desleixo com minha aparência, que chega a dar pena? Esqueci que sou médico e que tenho de cuidar da minha aparência, do contrário os pacientes não poderão confiar em mim. O médico deve cuidar de si, foi isso que o virtuoso Hipócrates tinha recomendado há centenas de anos e o conselho tem sido seguido por todos os médicos desde então. Mas não faz mal, há remédio para toda doença e solução para cada problema; quero dizer, para a maioria das doenças e para a maior parte dos problemas. Saí com ânimo da biblioteca e

atravessei o pátio como se voasse até minha cela. Retirei do baú um traje presenteado a mim há um ano por um padre antioquino, de cuja cólica eu havia tratado com um medicamento simples e da qual se curou rapidamente. Por que dobrei o traje e o guardei? Tive sorte de que as traças não o tivessem devorado. Amanhã vou vesti-lo, pensei. No fundo do baú havia uma tesoura — estava enferrujada, mas podia ainda dar conta de arrumar a minha barba. Busquei embaixo da mesa alguns medicamentos, incluindo ervas para deixar de molho por uma hora e depois colocar nos olhos como compressas para retirar o amarelo; outras eram adicionadas ao azeite e aplicadas no rosto, para atrair o sangue até elas. Havia ainda as aromáticas que, com sua água, depois de deixadas de molho, são usadas no banho para que a pele fique mais perfumada e mais suave. Pensei: amanhã de manhã serei outro homem, merecedor de ser chamado de médico monge.

Fiz o que tinha de fazer, depois dormi profundamente na minha cela — onde não dormia havia semanas, pois nos meses de verão costumava passar as noites na biblioteca, onde era mais fresco (ou, melhor dizendo, por preguiça de ir para aquela cela abafada). Antes da alvorada acordei ativo, enchi o balde do jarro grande que ficava perto do refeitório, aqueci-o um pouquinho no forno da cozinha e subi até minha cela. Fechei a porta e comecei a esfregar minha pele com bucha grossa de palmeira, para retirar o que nela se prendeu das ervas, e esfreguei meus pés com uma pedra-pomes durante o banho. Finalmente, vesti o elegante traje eclesiástico que estava esquecido no baú.

Quando o abade me viu na porta da igreja na manhã de domingo, seu rosto se iluminou e disse a quem o acompanhava:

— O monge Hipa encontrou o elixir da vida. Na noite passada estava a dois passos da morte, mas aí está ele, voltando esta manhã um jovem de 20 anos!

— Esta é, meu senhor, a aparência adequada para médicos e poetas. Suas palavras ontem chamaram minha atenção para o estado calamitoso no qual me

encontrava — respondi, encabulado com seu amigável gracejo.

Enquanto entrava pela porta da igreja, rodeado pelos monges para a oração da manhã, o abade disse:

— Que Deus o abençoe, Hipa; e que traga, por meio de você, o benefício para seus irmãos e pacientes.

Quando Diácono me viu saindo da igreja grande, sorriu com a astúcia dos meninos; mas não entendi o significado de seu sorriso, nem me importei com ele. Naquele dia tinha mais com o que me preocupar do que com o significado de seu sorriso. Mais tarde, três monges me ajudaram a organizar a biblioteca. Colocamos os livros que estavam espalhados em seus lugares nas prateleiras e trouxemos para dentro um banco comprido para que sentassem os meninos do coral; o banco foi colocado à direita de quem entra pela porta e, na frente dele, posicionamos duas cadeiras: uma para a cantora e outra para mim. Afastamos a mesa grande para o canto oposto à porta e no outro canto colocamos uma mesinha, na qual escreveria quando quisesse ou dormiria sentado, como era o hábito. O lugar ficou mais amplo, limpo e agradável.

No início da tarde, um criado do mosteiro bateu à minha porta e me informou que duas mulheres vinham em busca de tratamento. Fechei meu livro de música e levantei para recebê-las à porta. Era uma feliz surpresa: lá estava Martha com seu vestido característico, acompanhada por uma mulher idosa, beirando os 60 anos. Disfarcei minha surpresa e alegria e as convidei para entrar. O servo ficou parado por um instante na porta, depois se retirou. Martha começou a conversa:

— Padre, minha tia sofre de tosse noturna há meses, e nenhuma receita conhecida ajudou.

— Não se preocupe, senhora. Em que horários as crises de tosse lhe acometem?

— Ao longo da noite e no início da manhã, sinto meu peito rasgar-se de tanta tosse.

Tomei o pulso da senhora; estava irregular, e notei que era muito magra. Pedi licença para colocar meu ouvido contra suas costas e ouvir sua respiração. Aproximou-se, apoiada no braço de Martha, até que ficou diante de mim e se virou. Virei meu rosto e coleí meu ouvido. Martha observava, sorrindo. O ruído que ouvi indicava que o peito da velha estava cheio de catarro e umidades. O tratamento era fácil: tomar uma infusão de sementes antifleumáticas para expulsar o catarro, cobrir-se bem durante o sono e beber chá de camomila da maneira conhecida. Aconselhei a idosa:

— Senhora, não se sente na frente do forno durante duas semanas, para que a fumaça não provoque os fluidos em seu tórax — disse a ela.

— Não consertamos o forno ainda, padre. Mudamos para perto de vocês faz dois dias apenas; encontramos o forno da cabana danificado.

— Então, são vocês os nossos novos vizinhos? Posso ver seu casebre desta minha janela. Vivem lá sozinhas?

— Sim, padre — responderam as duas mulheres numa voz só. A voz de Martha era mais alta e mais doce. Quando afastou o lenço de seda do rosto, lancei para ela um olhar esquivo; vi na face um sorriso luminoso, tímido como o sol límpido nos dias frios do inverno, ou como as suaves brisas das noites quentes de verão. O sorriso dela era...

Levantei-me atrapalhado, peguei embaixo da mesa algumas sementes e voltei para depositá-las na mão da senhora. Mas Martha estendeu a mão primeiro, e não tive escolha. Evitei tocar-lhe a pele, mas quando ela fechou a palma sobre as sementes, toquei sem querer, ou por querer, as costas de sua mão direita. Senti um calafrio percorrer meu braço e continuei a senti-lo nos dias seguintes. Perguntei a elas se dispunham de camomila; Martha respondeu que sim e, dirigindo-se à tia, disse:

— Vou levá-la para casa e voltar para as aulas de canto.

A idosa se apoiou no braço de Martha e as duas saíram, acompanhadas por meus olhos. Estava sentado na cadeira de frente para o banco dos meninos, e não me mexi. À porta, Martha se virou para mim enquanto baixava o lenço, escondendo de mim seu sorriso cândido e seus olhos cor de anis.

Martha não demorou muito. Quando voltou, encontrou-me sentado na pedra quadrada arremessada pelo antigo terremoto na frente da biblioteca. Seu jeito de andar enquanto chegava sugeria um estranho contentamento. Sentou à minha frente numa pedra próxima e me perguntou com sua voz límpida:

— Os meninos ainda não vieram?

— Mandeí Diácono buscá-los, para poupar suas mães da subida da colina. Chegarão daqui a pouco.

Tentei distrair-me dela olhando para os pergaminhos que estavam em minhas mãos, mas falhei. Retirei de meu bolso um pequeno evangelho e estava prestes a começar a ler, quando me surpreendeu:

— Padre, hoje há alguma coisa no senhor diferente de anteontem.

— Sim, este traje é novo.

— Só o traje?

Ignorei sua observação, fiquei feliz, mas não demonstrei minha felicidade e comecei a pensar como seria minha situação com essa nova vizinha, que pelo jeito não se contentava com a condição de vizinha. Desde que a vi e ouvi cantar, ela havia atravessado as barreiras do meu isolamento e retiro no mosteiro. Fiquei ansioso. Pedi licença para entrar e pegar algumas folhas. Pensei em fechar a porta atrás de mim para que não me seguisse. Senti seu sorriso nas minhas costas, mas não olhei para trás. Fiquei parado dentro da biblioteca atrás da porta fechada, e ela, sentada no pátio descoberto. Quando escutei o alarde das crianças chegando de longe, abri a porta e convidei a todos para entrar, e a Diácono também. Assim começou a primeira aula de canto,

que foi seguida por muitas; não me lembro por quantas, mas me lembro perfeitamente o que aconteceu nelas, e contarei muita coisa a respeito.

O VIGÉSIMO PRIMEIRO PERGAMINHO

A caravana

A harpa chegou ao mosteiro depois de duas semanas de ensaio sem ela. O grupo já estava acostumado a efetuar os cantos sem música, por isso usei-a muito pouco. Os ensaios duraram semanas, durante os quais o canto dos meninos melhorava cada vez mais. O canto de Martha já era muito bom desde o primeiro dia, por isso ela às vezes cantava outros versos que não eram minhas composições e que não seriam apresentados com os meninos na igreja. Ela chegava um pouco antes das crianças, depois se juntava a elas para o treino habitual. Os últimos dias de ensaio foram na grande igreja, entre as orações da hora sexta e da hora nona. O abade nos acompanhou nos primeiros dias do ensaio na igreja e, quando Martha cantou, ele apoiou a cabeça no cajado; quando ela se entregou plenamente ao canto, ele ficou com os olhos marejados. A cabeça do abade permaneceu baixa até que saímos todos. Quando me encontrou no refeitório durante o jantar, bateu duas vezes no meu ombro, grato, mas sem dizer nada.

No segundo dia dos últimos ensaios na igreja, Martha chegou à biblioteca cedo como sempre, antes das crianças. Bateu à porta e entrou com passos vagarosos, numa timidez fingida. Descobriu a face, e seu sorriso se iluminou enquanto me dizia que a tosse noturna da tia havia começado a diminuir, tal como o ruído no peito. Contou-me que a tia pretendia tecer para mim um colete de lã preto, para vesti-lo nas noites de inverno que se aproximavam. Ambas eram hábeis no tear e ganhavam a vida com isso, foi o que ela me disse. Naquele dia perguntei:

— Por que foi tão incisiva em dizer que não era virgem, no dia em que a conheci?

— Porque não sou virgem!

— O abade sabe disso?

— Como vou saber se ele sabe ou não?

Senti que Martha estava se esquivando, por isso me calei. Ela percebeu meu incômodo, por isso baixou o tom e explicou que o padre da igreja, um parente distante de sua mãe, sabia que ela um dia tinha sido casada, mas que a apresentou ao abade quando vieram morar aqui dizendo: “Esta menina e sua tia são gente de Cristo. São duas coitadas, e a senhora está doente. Se permitir a elas que morem no casebre em ruínas, seu favor será enorme, pois elas não têm família nem protetor.”

Ela acrescentou:

— Foi o que o padre disse naquele dia — acrescentou —, e assim me tornei “menina” para o abade. contei que cantava os hinos na igreja e os qiqiun, as canções dos oleiros, desde a mais tenra idade, por isso me tornei “cantora” para ele, e foi dessa forma que ele me apresentou ao senhor, meu bom e afetuoso padre.

Martha pronunciou a palavra “afetuoso” com tamanha amabilidade e suavidade que não pude me controlar, e, num descuido, levantei o rosto e olhei no fundo de seus olhos. Vi a pureza da mescla de verde e de mel em suas pupilas. Vi seus cílios grossos e longos cuja beleza emoldurava os olhos redondos. Vi suas sobrancelhas fartas que Deus fez perfeitas e cuja negrura brilhante dava destaque à brancura do rosto alvo. Seu cabelo, pelas mechas libertadas do lenço, era como suas sobrancelhas, negro e brilhante. Martha era uma das maravilhas da beleza divina no universo. Em seu rosto havia infância e rebeldia, e a imagem da Virgem Maria, exceto pelo olhar, que era muito audacioso e desconcertante para alguém como eu.

Naquele dia, levantei os olhos até seu enfeite de cabeça, com suas muitas pregas de seda dobrada com cuidado, e após admirá-lo longamente perguntei a

ela sobre o tempo necessário para arrumá-lo daquele jeito.

— Padre, não precisa de nenhum tempo — respondeu. — É feito uma vez só, e tudo que precisa depois é pô-lo na cabeça para prender o lenço de seda que cai dele. — E, num gesto inesperado, retirou o adorno e deixou jorrar a cachoeira de seu cabelo cheio e macio. O cabelo estava aprisionado sob o véu, ansiando pela liberdade, e quando emoldurou seu rosto, passou a ser um exemplo da maravilha divina na criação dos seres humanos. Que beleza era aquela ocultada sob o véu! Que olhar aquele que notei em seus olhos! Fui pungido por seu olhar e estonteado por seu encanto, a ponto de quase desmaiar do esplendor da beleza.

— Cubra seu cabelo, minha filha, que Deus a proteja — falei rapidamente.

Com vagar intencional, Martha enrolou seu cabelo ao redor da cabeça, o mesmo que há pouco se abria sobre o universo. Levantou-o numa das mãos e, com a outra, fechou sobre ele a coroa de seda com pregas e muitas pequenas contas coloridas nas pontas. Não tirou os olhos de mim. Desviei o olhar para as prateleiras, peguei um livro e comecei a folheá-lo, sem que eu lesse nada nem enxergasse uma linha sequer. Martha nos retirou do silêncio, dizendo:

— Este traje é damasceno. Era da minha mãe, fiquei com ele depois que ela morreu.

— Então você é de família árabe?

— Contaram-me que antigamente minha família era das mais abastadas de Palmira, de onde fugiram quando Aureliano a destruiu, que Deus o amaldiçoe.

— Minha filha, não habitue sua língua a soltar maldições, pois Palmira já foi destruída há muito tempo.

— Sim, padre, há muito tempo. Minha gente então se espalhou pela terra; minha família se estabeleceu primeiro na cidade de Aleppo e posteriormente migrou para Damasco depois que empobreceu. Minha mãe se casou com um homem damasceno e assim me trouxe a este mundo.

— Então você sabe árabe e siríaco?

— E canto em ambas as línguas.

Ouvimos o alarde das crianças. Martha baixou o véu damasceno e sentou-se ereta. Passamos para a igreja e, quando o canto começou, minha mente vagou nos labirintos da alma.

No dia seguinte Martha veio com sua tia, que se curvou para beijar-me a mão demonstrando sua gratidão pela cura. O Senhor é quem cura. A idosa sentou-se conosco até a chegada das crianças. Naquele dia não conversamos sobre nada. Todos se foram e o dia passou sem que eu tivesse visto o rosto de Martha, exceto o que aparecia por trás do seu transparente véu de seda.

O dia seguinte foi memorável. Saímos da igreja após a oração da hora terça, ouvindo um grande alvoroço e vozes misturadas do lado da entrada do mosteiro. Corremos até lá, seguidos pelo abade, o padre e todos os monges. Avistamos na encosta da colina uma grande caravana com as montarias paradas. Eram mais de cinquenta camelos e um tanto igual de mulas, alguns burros e muitos mercadores de idades variadas. Três deles, corpulentos, subiram em nossa direção apoiando um homem ainda maior do que eles, mas quase incapaz de caminhar. Dois soldados da provisão os acompanhavam, sorrindo com estupidez. O homem apoiado tinha uns 50 anos; seu traje curdo estava manchado de sangue. Por sua fraqueza e pelo seu peso, os dois ajudantes o carregaram com muito esforço. Dois deles o levantavam por baixo dos braços e o terceiro, que era baixinho, o apoiava pelas costas. Os outros mercadores observavam do sopé da colina com muito interesse. Quando se aproximaram, notei um filete de sangue caindo pela boca do homem e vi Martha e sua tia paradas diante de seu casebre, olhando abismadas para o alvoroço que de repente nos envolveu.

O abade deu dois passos em direção a eles; contaram-lhe que o dono da caravana precisava de socorro urgente pelos médicos do mosteiro. Como se no

mosteiro houvesse outros médicos além de mim! Disseram que o homem estava agonizando e que certamente morreria se não fosse socorrido imediatamente de alguma forma. O abade lhes abriu o caminho e eles entraram com o homem para o pátio, fazendo-o sentar num eirado próximo do curral das cabras, de frente para a entrada. O abade me levou pela mão e aproximou-se deles; perguntei-lhes o que tinha acontecido, e eles responderam:

— O coitado bebeu do poço do demônio!

O abade dispensou os monges para seus afazeres; os dois soldados sentaram-se na entrada. Chamei de lado um dos mercadores para averiguar o que de fato havia acontecido. Os outros dois nos seguiram. Soube deles que sua caravana estava indo a Antioquia vindo do país dos curdos, localizado além do deserto oriental entre os limites da Pérsia e do império romano, e que o chefe da caravana havia bebido três noites antes de um poço abandonado no deserto, a que os viajantes dão o nome de poço do demônio. O homem queria provar que no poço não havia demônios, por isso tomou de sua água à noite; no dia seguinte começou a vomitar sangue, passou dois dias sem comer e quase morreu. O povo do vilarejo aconselhou-os a trazê-lo ao mosteiro, pois morreria antes de sua chegada a Antioquia. Por isso vieram em busca de um medicamento, um talismã ou qualquer coisa capaz de salvá-lo. O homem baixo acrescentou:

— Ele será um cristão virtuoso se conseguirem salvá-lo. Ele e sua gente serão grandes catecúmenos, que logo entrarão na sua religião.

Deus me inspirou com a causa do que sofria o homem e também com o tratamento que o salvaria. Levei os três ajudantes até onde estava o homem caído e disse a eles baixinho que o tratamento era difícil, que ele teria de suportar o que eu iria fazer, e para que ele tivesse paciência. O homem estava entregue, com a respiração difícil e o olhar perdido — como se estivesse mesmo habitado pelo demônio, como eles fantasiavam. O chefe da caravana

não parava de repetir com voz rouca: “Faça com a ajuda do Senhor o que achar melhor... faça com a ajuda do Senhor o que achar melhor...”

O abade estava perto de mim, observando apreensivo o que estava acontecendo. Martha estava com a tia perto da entrada, olhando-nos com cuidado, e os dois soldados iam logo atrás delas, cochichando entre si. Trouxe uma corda do curral e pedi aos ajudantes que amarrassem as mãos e os pés do patrão ao eirado. Chamei Martha e lhe pedi, sussurrando, que trouxesse um pote de água parada e que diluísse nela muito sal, e também um pote de água doce e fria perfumada com essência de hortelã. Martha correu para atender ao meu pedido e eu fui até a cozinha do mosteiro pegar restos de pão velho e de comida estragada.

Em meio ao espanto de todos, abaixei e disse ao homem que comesse tudo que lhe pusesse na boca e que se esforçasse para engolir tudo, do contrário não sararia nunca. Ele assentiu. Comecei a lhe enfiar na boca a comida estragada depois de molhá-la com água. O pobre engolia com dificuldade enorme. Quando parava, eu gritava, abrindo-lhe a boca e enfiando mais comida nela. Ele engolia aflito, ofegante. Quando sua barriga ficou cheia, gritei para que ele suportasse o que iria fazer. Peguei palha do chão do curral misturada com esterco das cabras e comecei a enfiar na sua boca. Ele se desvencilhava, virando sua cabeça da direita para a esquerda e tentando se livrar das amarras. Todos ao meu lado estavam horrorizados. Martha carregava o pote tremendo; tirei-o das mãos dela. Prendi a coxa do homem com meu joelho e com uma mão enfiava a palha, e com a outra a água salgada. O homem continuava a resistir e eu gritava: “Este é seu único remédio, tenha paciência!”

Quando percebi que sua força começava a esvair e que sua barriga já estava cheia, fiquei de pé, forcei-o a abrir os lábios e verti mais água salgada, até que o homem quase desfalecesse e sua força acabasse totalmente. Então pedi a seus ajudantes que o desamarrassem. Afastei-me dele um pouco até o lado onde

Martha estava parada, observando tudo com seus belos olhos espantados. O abade estava sentado numa pedra grande apoiando o rosto em seu cajado, carregado de apreensão.

Quando o homem se libertou, lançou-se em minha direção enfurecido como um touro, com os braços levantados no ar; parecia querer apertar meu pescoço. Não me mexi. Parou um instante na minha frente, ofegante, as mãos paradas no ar; o suor jorrava pela testa. Parecia um gigante que havia escapado dos livros das antigas lendas. De repente aconteceu o que eu esperava, e pelo que havia feito. O homem deu uma volta e correu até o muro do curral, caiu de joelhos e começou a vomitar de forma violenta. Alcancei-o e chacoalhei seus ombros por trás, incentivando-o a vomitar mais. Ele obedecia, enquanto o espanto e o assombro envolviam a todos.

Quando o homem terminou de vomitar, lavei seu rosto com o restante da água salgada e lhe dei para beber da água doce perfumada com hortelã. Recuperou-se rapidamente e ficou exultante. Levantou-se, rindo; aproximou-se de mim, pegou minha mão e começou a beijá-la, dizendo: “O demônio saiu de mim!” Seus companheiros se alegraram e começaram a celebrar, tal como o restante dos homens da caravana, que já estavam aglomerados na entrada do mosteiro.

— Padre, o senhor permite? — disse ao abade, que se retirou comigo. Levei-o com o chefe da caravana e seus auxiliares até onde o homem tinha vomitado. Martha nos seguiu. Apontei para o vômito para que olhassem, enquanto lhes explicava do que realmente o homem sofria.

— Estes vermes pequenos que estão vendo são sanguessugas que vivem nas águas paradas. Quando o homem tomou água do poço desativado à noite, engoliu estes vermes sem perceber. Os vermes que alcançaram seu intestino foram aniquilados pelas forças do aparelho digestivo, mas os que ficaram vivos em suas entranhas e seu estômago começaram a lhe sugar o sangue, que fluía

no estômago, e este o expulsava através do vômito. — E acrescentei: — Agora vocês sabem quem é o demônio que estava no poço!

Todos riram, feito crianças com a volta do pai de viagem. Aconselhei-os que dessem para o homem leite de cabra e não o alimentassem com muita comida úmida, até que estivesse plenamente recuperado no terceiro dia. Um dos criados do mosteiro trouxe para ele um jarro cheio de leite e o homem bebeu-o todo com prazer. Depois, inesperadamente, perguntou-me. “Posso dormir aqui um pouco?”

O abade o levou a um dos cômodos próximos à pequena igreja e deixou que ele se deitasse ali. A multidão se dispersou em direção à caravana, que tinha ficado atrás do mosteiro, mas antes disso muitos deles se aproximaram, cumprimentaram-me e beijaram minha mão. Um pouco antes do poente, eu estava na biblioteca quando chegou o abade, acompanhado pelo homem que estava doente, agora vestido num traje luxuoso, pelos dois outros que o ajudaram e mais quatro monges. O abade disse que ele queria me recompensar pelo tratamento que o curou. Disselhe que não cobrava pela medicina, e que era Deus quem curava.

O chefe da caravana chegou mais perto de mim, sentou-se na cadeira próxima e falou:

— Ó abençoado monge, Deus o fez instrumento de minha cura e por isso lhe darei o que me pedir com muito prazer. Tenho dinheiro, posses e roupas; não hesite em pedir.

— Obrigado, bom homem, mas eu não peço nada a ninguém, nem cobro recompensa pelo tratamento médico.

Disse isso e abaixei a cabeça para que desse fim à conversa. O homem se levantou e beijou-me na cabeça, pedindo que aceitasse o que iria me enviar a título de presente.

— Não mande nada — insisti —, não preciso de nada. Mas pergunte ao abade se ele precisa de algo para este lugar; e pode, se quiser, dar à moça que me ajudou um traje adequado para cantar na igreja nos domingos.

O VIGÉSIMO SEGUNDO PERGAMINHO

A latência da tormenta

A caravana partiu na alvorada e, ao meio-dia, Martha abriu a porta da biblioteca, sem bater. Estava entretido lendo o livro de Galeno sobre a pulsação. Olhei em direção à porta e a vi parada na soleira alta. Estava rodeada pela luz que vinha de fora; parecia uma virgem que desceu à Terra envolvida pela luz divina para nos dar a paz e encher de compaixão o universo, após este ter ficado repleto de desigualdade e injustiça. Os raios de sol a emolduravam, cercando-a de todos os lados e delineando seus contornos; parecia envolta em luz. Não esquecerei aquele momento, por mais que viva. Senti minha mão retirar da cabeça o capuz cheio de cruzes para receber a luz que de repente explodiu na porta. Naquele momento tive a certeza de que Martha era a mais bela mulher criada por Deus.

Seu vestido apertava-lhe o peito e a cintura gentilmente, depois caía em muitas pregas, como um círculo cujo centro eram seus pequenos pés, calçando um sapato da mesma cor do vestido. Na cabeça usava um lenço de seda brilhante de cor viva ocultando o cabelo, mas nada no rosto. De cada lado do lenço caíam tranças, cujas pontas tocavam o peito. O vestido era de veludo púrpura, franzido nos ombros, depois caindo e se abrindo, mas as longas mangas eram justas novamente nos braços até chegarem perto das mãos, onde

se abriam de novo num bordado dourado — o mesmo que emoldurava as mangas, a barra do vestido e o lenço da cabeça. Martha me deixou admirá-la por um instante, inclinando delicadamente a cabeça para o lado direito e pousando as mãos na cintura. De passos altivos e sorrindo, foi se aproximando mais perto de mim, levantando o tecido da saia com as pontas dos dedos na altura das coxas, suspendendo-o um pouco. A cauda do vestido de bordas douradas dançava com seus passos ágeis, que a traziam em minha direção.

— Vejo que gosta de descrições, mas isso basta. Continue a narrar o que aconteceu, pois seu jeito de descrever Martha está me provocando.

— Deixe-me, Azazel...

Quando naquele dia Martha se aproximou de mim, levantei o rosto até o peitilho do vestido e minha vista se perdeu em tanto botões, dispostos em duas linhas desde o umbigo até o pescoço, cruzando o volume dos seios em seu caminho. Quando se aproximou mais, minha cabeça girou enquanto escalava o pescoço em direção a seu queixo delicado, mas não pude levantar mais meus olhos para me afundar no fundo dos dela. Creio que ela notou minha agonia naquele momento, mas intensificou-a com um sorriso cândido. Levantei meu olhar até as duas covinhas no centro das faces e, quando finalmente olhei em seus olhos, imergi num profundo mar de mel.

— O que acha, padre? Este é um dos três vestidos que o chefe da caravana me presenteou na noite de ontem.

— É belo, Martha, muito belo, minha filha.

— É um pouco apertado no peito, mas com o tempo tomará o formato do corpo.

— Sim, sim, venha, vamos sentar à porta.

— Padre, ainda é cedo para a chegada das crianças. Vamos sentar aqui.

— Não, Martha, não é certo, nosso lugar é lá.

Não era adequado nos sentarmos no canto mais afastado da biblioteca, onde a luz que chegava da janela só iluminava a mesinha à qual eu lia. Sentar-se perto da porta era mais apropriado e afastava as suspeitas. Além disso, a luz lá era melhor, assim conseguiria ver melhor o vestido. Martha veio atrás de mim e sentou-se diante de mim em sua cadeira. Pôs as mãos sob as coxas e começou a balançar os pés para a frente e para trás. O vestido também balançava com seu movimento, o que me deixava zozinho. Ela olhava diretamente nos meus olhos, enquanto eu tentava evitar olhar em sua direção. Sem que lhe pedisse, cantou uma canção que eu desconhecia; então olhei para ela, incapaz de resistir por mais tempo.

Quando cantava Martha ficava mais linda. Quando se deixava absorver pelo canto, levantava seu delicado queixo, fechava os olhos e parecia conversar com o céu. Naquele dia, seu canto rastejou sobre minha pele feito torpor e depois invadiu minhas entranhas, como o efeito de uma droga. Sua voz me carregou para um distante horizonte sem fim, depois começou a me balançar, enchendo-me de tristeza sobre tristeza, até que perdi a noção de quem eu era. Quando parou de cantar, eu já estava acabado.

— Não vai colocar o capuz na cabeça, padre?

Sua pergunta me encabulou e me fez prestar atenção ao fato de que minha cabeça estava descoberta. Na verdade, eu só conseguia sentir a presença opressora da mulher que me arrebatava, puxando-me até ela. Levantei perturbado e busquei o capuz, mas não tive pudores de olhar em sua direção enquanto voltava. Ela também me olhava com um sorriso ambíguo, o que deixava seu rosto mais encantador. Eu tinha que dizer algo, mas as palavras haviam escapado de mim. Dizia, sim, a mim mesmo que sua beleza era opressora para quem a conhecesse; opressora porque insuportável e inatingível.

— Por que olha assim para mim, padre, sem dizer nada?

— Nada, Martha, nada. Estou pensando. Conte-me, quantos anos você tem? E quando se casou? Onde está seu marido e sua família? Por que veio morar aqui com sua tia?

— São muitas perguntas, padre. Tenho 20 anos, mas às outras perguntas respondo nos próximos dias, uma por dia.

— Não faz mal, Martha. Fale quando quiser, e conforme desejar. — Mas será que os dias seriam para nós conforme eu desejava? Acostumei-me a vê-la nas semanas que se passaram, e logo os ensaios terminarão. Que motivo terei para vê-la depois? Os monges não são receptivos à presença das mulheres nos mosteiros, mas eu me rendi à presença dela no meu coração. Contentar-me-ia em vê-la apenas nas manhãs dos domingos, cantando na igreja com o coral? Não, encontrarei outra desculpa. Plantarei a terra ao redor de seu casebre com plantas medicinais e lhe darei a tarefa de cuidar delas; passarei diariamente para verificar as plantas, desse modo a verei sem levantar suspeitas. Isso poderia durar anos e anos! Talvez chegue o dia em que dirão que Martha irá se casar com um camponês e ela partirá para morar na casa dele. Neste dia você largará para trás sua tia velha e minhas antigas inquietações.

— Voltou a ficar quieto e a pensar! — disse Martha.

— Sim, Martha, estou pensando em você.

— Eu sei, Hipa, e eu o sinto.

A forma com que pronunciou o “p” do meu nome me assustou, pois nunca pensei que teria a audácia de me chamar simplesmente pelo nome. Naquele momento eu olhava para seu lábio e dizia a mim mesmo: será que esta criança está pretendendo me seduzir? Ou está apenas brincando comigo? Talvez tenha se apaixonado por mim depois que me conheceu e verificou minha habilidade, curando sua tia e administrando o tratamento maravilhoso para o chefe da caravana na noite anterior, em meio ao espanto de todos.

Na hora eu notei o espanto em seus olhos e senti seu orgulho por mim. Mas será que o fato de ela ter se certificado da minha habilidade médica faria com que se apaixonasse por mim? Eu, que ando de traje eclesiástico e moro num mosteiro? Além do mais, ela é uma criança de 20 anos, que não sabe o que é o amor. O que é o amor? Você também não sabe o que é, pobre monge. Pois o que aconteceu com Otávia há vinte anos não era amor, mas pecado. Não, era puro amor de parte dela e pecado da minha. Meus poucos dias com ela foram maravilhosos, mas na época eu não dei valor e a coisa terminou de tal forma que eu a perdi e perdi a mim mesmo daquele jeito trágico. Por temer seu amor, dela fugi e acabei herdando, após sua morte na minha frente, a ferida que nunca há de sarar. Perderei Martha também, esta que se senta na minha frente e balança os pés feito uma criança brincando? Será que vou desperdiçar minha alma por uma ideia passageira e ambígua? Não, não. Isso é incabível; você deve se controlar, suportar o que o está atormentando. Saiba que o amor é uma tormenta latente num canto bem fundo do coração, que anseia por varrer todos os obstáculos que ficam em seu caminho. Você é um monge respeitado e um médico conhecido; não dê ao amor a oportunidade de arrastá-lo, ou ele o jogará no deserto do desprezo. Mas, por outro lado, você é também poeta e seus sentimentos o estão empurrando na direção desta bela criança sentada diante de você, se divertindo em fazê-lo sofrer. E então você tem 40 anos e ela é como uma filha, e amanhã pode descobrir que ela se jogou no colo de outro homem, e você poderá voltar à sua carranca eterna e aos seus dias sem vida.

Que outro homem seria esse que mereceria Martha e saberia seu valor? Ninguém além de mim compreende o quão profundo é o encanto que lhe habita os olhos, quão magnífico é o mistério escondido em seu interior. Outro homem além de mim a transformaria em alguém como ele, camponesa entre as dezenas que lotam os vilarejos. Espere! Ela já se casou antes, que homem era aquele com quem se casou? Será que se entregou a ele nas longas noites de

inverno? Teria ele desfrutado das delícias de seu corpo delicado? Ficou satisfeita com ele? Socorra-me, meu Deus, por piedade!

— Quer que eu vá embora e volte quando os meninos chegarem?

— Não, pode ficar um pouco, logo estarão aqui.

— Mas você está calado e não olha mais para mim.

— Martha, você...

Queria confessar tudo que sentia por ela e o tanto que sofria. Ela parecia preparada para escutar algo importante: cruzou os braços sobre o peito e parou de balançar as pernas. Ela era bela também quando se importava e escutava, seus olhos se abriam, aumentando sua beleza. Mas eu não disse nada naquele momento. Estava prestes a confessar, após ter olhado longamente dentro de seus olhos, quando ouvimos o alvoroço dos meninos perto da entrada do mosteiro.

Levantei imediatamente e busquei os papéis. Entreguei a Martha sua cópia para que iniciássemos o canto e acabássemos logo com esse horizonte sonhador que havia se formado entre nós. Os meninos repetiam o salmo e Martha cantava os versos, aniquilando meus sentidos e me lançando para fora do universo. Eu despertava com a repetição do salmo pelos meninos e depois voltava, com o canto dela, a navegar fora do mundo.

Na hora de saírem, Martha diminuiu o passo e perguntou-me se estava jejuando naqueles dias; disse-lhe que não estávamos em dias de jejum. Sussurrou: *então vou lhe trazer algo*. Desapareceu rapidamente, mas logo voltou trazendo um prato de doces pelos quais a região de Aleppo era famosa. Um dos monges estava comigo quando ela voltou. Colocou o prato na mesa e se retirou sem dizer nada. O monge continuou sua queixa das contrações que sentia no intestino toda vez que comia algo que não fosse cozido.

De noite, levei os doces para o refeitório, que foram elogiados pelos monges que os comeram. Quando agradei a Martha na manhã seguinte, contou-me

que aquele doce fino era presente do chefe da caravana. Parece que o homem foi muito generoso, pois o abade tinha me contado na noite anterior quando sentamos à mesa do jantar que o homem havia lhe dado uma quantia de dinheiro, para construir um muro para a igreja e colocar um portão de madeira na forma de uma grande cruz.

Não contei a Martha que não comi dos doces nem disse a ela nada mais, pois naquele dia chegou atrasada, depois que os meninos já haviam se enfileirado em seus lugares. Desculpou-se, dizendo que ela e a tia estavam ocupadas na construção de um novo forno. Naquele dia, seu canto estava perturbado. Vestia o traje damasceno com o qual a vi pela primeira vez. Martha partiu junto com os meninos logo que terminamos o ensaio, e eu terminei meu dia numa tristeza sem igual.

Naquele dia, olhei várias vezes na direção do casebre, da janela da biblioteca; via muito movimento. Martha, em sua roupa de casa, indo e vindo; a tia em sua roupa preta desbotada, ora sentada na frente do tear, ora de pé. Três meninos cantavam enquanto reformavam as paredes do curral na frente do casebre. O carpinteiro batia pregos na porta. Parecia haver muitos consertos a fazer, além do forno. Antes do poente, uma fumaça densa saiu do novo forno, depois o movimento parou. Naquela noite, pensei em dormir na cela para não ser incomodado pela fumaça que vinha da cabana, depois preferi fechar a janela e ficar na biblioteca, por ser mais perto dela. Fechei a porta, acendi a lamparina e voltei para a leitura vagarosa que fazia da minha única cópia do livro de Galeno sobre a pulsação, com a esperança de encontrar soluções para o texto afetado, repleto de erros dos copistas. Perdi, naquela noite, a hora do jantar e não assisti às orações do início da noite junto com os monges. Após as orações, recebi a visita de dois monges do mosteiro. Um deles era um ancião elegante, o outro era mais novo e mais corpulento. Estavam acompanhados por

um monge visitante, que passou no mosteiro no caminho de Roma para Jerusalém.

O monge visitante não falou nada durante todo o tempo. Não olhei para ele e quase não me lembro de suas feições. Lembro-me apenas de sua cabeça baixa e seu silêncio. Conforme me contaram os dois monges, ele estava levando uma carta do papa de Roma ao bispo de Jerusalém, relativa a um grande encontro. Estranhei o que ouvi e não entendi o mistério da viagem daquele monge sozinho, passando por uma rota terrestre e não a marítima, como era de costume. E por que evitava as grandes cidades e não passou por Antioquia? Não quis incomodá-lo com minhas perguntas, principalmente quando percebi o apreço que ele tinha pelo silêncio. Contudo a coisa ficou clara posteriormente e compreendi que estavam organizando, pelas nossas costas, a reunião do concílio ecumênico que deixou Éfeso em polvorosa.

Os dois monges permaneceram um tempo, durante o qual preparei para o visitante um remédio para uma queimação que sentia no abdômen. Naquela noite, falamos sobre as grandes igrejas de Roma, os numerosos mosteiros espalhados sobre suas sete colinas, o início da construção do muro que iria circundar o mosteiro, entre outras coisas. Perto de meia-noite se retiraram. À porta, o monge mais novo sorriu e me disse que a menina que morava no casebre há pouco tempo cantou, há dois dias, na festa feita pelos mercadores celebrando a cura de seu chefe. Com um gesto de mão um tanto quanto insinuante, inadequado para um monge, acrescentou que o chefe da caravana e a moça pareceram muito afinados durante a celebração, e que, depois da festa, ela o acompanhou até sua tenda.

Incêndios incontroláveis se alastraram dentro de mim.

O VIGÉSIMO TERCEIRO PERGAMINHO

O sopro da tormenta

Não preguei o olho naquela noite e, com o nascer do sol, o fogo que queimava no meu coração se alastrou e atingiu todo o meu corpo. Fiquei como que acometido por uma febre ininterrupta. Não conseguia me afastar da janela que dava para o casebre, até que vi Martha sair preguiçosamente para estender um lençol sobre o varal atrás do forno, que haviam acendido ontem e ainda estava soltando fumaça. Vesti-me rapidamente e corri até ela. Foi a tia quem me viu primeiro e veio em minha direção, receptiva e alegre. Perguntei sobre a sobrinha; chamou-a e me pediu licença para ir aquecer o forno, pois era preciso que ficasse com o fogo aceso por três dias seguidos. Assenti e fiquei parado no mesmo lugar, perto do casebre.

Martha chegou em seus trajes caseiros, andando devagar, como quem deliberadamente faz hora; estava descalça e levava sobre a cabeça um lenço de pontas puídas que um dia tinha sido azul. Apesar das roupas pobres, estava exageradamente linda à luz da manhã. Quando parou diante de mim, a confusão do ciúme travou minha língua e não consegui falar. Foi ela quem falou primeiro.

— O que há, padre, está viajando hoje para algum lugar?

— Não, mas quero saber uma coisa de você. É verdade que acompanhou o chefe da caravana até sua tenda na noite que passaram aqui, e que cantou para eles?

— E por que pergunta?

— Porque eu... — Não continuei; não tinha como continuar minha fala. Senti uma inflamação na garganta, dificuldade na respiração e minha alma

doía. Dei a volta para retornar ao mosteiro e a deixei atrás de mim, sem olhar para ela sequer uma única vez.

Subi imediatamente para minha cela, fechei a porta e encolhi-me no canto afastado, a cabeça entre os joelhos e os braços em volta das pernas. E dentro de mim martelavam vozes me torturando, fazendo-me em pedaços e zombando de mim. Após uma hora de ensimesmamento, comecei a me debater como se tivesse anzóis e facas sangrando meu fígado. Tive pena de mim mesmo e me desprezei: era isso que queria e buscava, bom monge e poeta? Tornar-se alvo de chacota entre as pessoas por causa de uma criança de quem nada sabe? Como aceitou para si que fosse um brinquedo na mão de uma mulher namoradeira, apenas porque a acha bonita? Enquanto se perguntava se era uma criança virgem, o dono da caravana, que você curou, soube que era uma mulher indecente que acompanha os viajantes a suas tendas de noite... Que desgraça trouxe para mim mesmo? Quis lhe presentear com um traje novo por intermédio do dono da caravana, mas foi ele quem achou os meios até ela e lhe deu muito: três vestidos, doces finos... e talvez houvesse muito mais que ela não mencionou para você. Foi você quem a entregou a ele, então não culpe ninguém a não ser a si mesmo, e ao orgulho por suas habilidades médicas! Meu Deus! Eu sei que está me castigando por meu pecado, tenha piedade de mim. Confesso tudo que meu coração cometeu de desejos e tudo que contrariei dos mandamentos e das leis estabelecidas, esquecendo-me do que foi escrito no Evangelho de Mateus: “Quem olhar para uma mulher e desejar possuí-la já traiu no seu coração. Se seu olho direito faz com que você peque, arranque-o e jogue-o fora, pois é melhor perder uma parte do corpo do que o corpo inteiro ser atirado no inferno.”

Meu Deus, eu sei que pequei; socorre-me com um perdão Teu, ó piedoso. Não me joga em Teu inferno desde já. O fogo arde dentro de mim e está me queimando; transforma-me em cinza ou em poeira espalhada nas ruas. Tem

piedade de mim, pois não aguento mais esse sofrimento permanente. Sou, meu Deus, um desventurado, derrotado, fraco. Estou deprimido, e o Senhor é compassivo. Jesus, o Salvador, disse no primeiro sermão: “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus; bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra; bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados.” E eu, meu Deus, não busco o reino dos céus nem a herança da Terra, nem mesmo o consolo. Tudo que peço é que se apague essa chama que perpassa minhas costelas e que acabem as dores que me jogaram nesse canto, descartado, humilhado...

— Padre, está aí dentro?

Era a voz de Diácono, misturando-se a suas batidas frenéticas na porta. Retirou-me de onde eu estava mergulhado. Será que foi um sinal dos céus, para que saísse daquela situação lamentável em que havia me colocado?

— Padre, está dormindo? — chamou o Diácono de novo, e suas batidas continuaram; levantei do canto escuro cambaleando e fui me guiando pela parede até chegar à porta e abrir o trinco. A luz vindo de trás de Diácono me incomodou e também sua voz:

— Padre, aí está o senhor! Faz uma hora que estou batendo à sua porta, não sabia que tinha sono pesado assim.

— O que deseja, meu filho?

— Eles o estão chamando na biblioteca.

Diácono saiu da minha frente e eu quase caí no chão. Parecia que estava me segurando apenas por causa dele, ou talvez que me apoiasse em sua presença repentina, incômoda. Querem-me na biblioteca! Quem me quer agora? Não quero ver ninguém e não quero que ninguém me queira!

De passos pesados, desci a escada, como se estivesse descendo o assustador Monte Qusqam em direção ao deserto que se estende a oeste. O pátio do mosteiro estava vazio; o sol da tarde ofuscava meus olhos enlutados. Caminhei

até a biblioteca com os passos de um viajante lutando contra o sono e a cabeça exausta de tanto indagar sobre quem estaria me esperando na biblioteca. Com grande esforço, cheguei à porta entreaberta e a abri lentamente.

— Martha!

— Sim, padre, estou esperando faz muito tempo.

— O que quer agora?

— Sente-se, padre, por favor.

Sentei-me sem olhar para ela. Minhas lágrimas estavam prestes a jorrar, mas lutei contra elas e as guardei. Martha permaneceu calada. Quando o silêncio se prolongou, olhei para ela e vi em seus olhos lágrimas prontas para cair. Estava olhando para seu joelho esquerdo e o lenço de seda preto transparente, na mesma cor do vestido largo, caía pelos lados de sua face. O preto realçava a brancura de seu rosto e seus inocentes traços infantis. Após um segundo observando-a, senti que era tão imaculada que não podia ter cometido aquele ato obsceno que pensei que ela tivesse cometido; se fosse obscena, o Senhor teria lhe tirado a aparência angelical, dando-lhe a expressão das prostitutas. Se fosse uma mulher imoral, não teria se preocupado em vir atrás de mim e se sentar na minha frente, num silêncio e numa inocência que exalavam o perfume da pureza, nem conseguiria ter esta presença mariana cativante para a alma.

Martha levantou o rosto para mim e disse, com seus belos e melancólicos olhos, penetrando bem fundo nos meus:

— Por favor, Hipa, não seja injusto comigo. A injustiça é cruel, e eu já sofri muita crueldade na vida.

— Martha, você foi à tenda daquele homem na noite em que cantou para ele?

— Vou lhe contar tudo.

Com palavras cheias de sinceridade, Martha me disse, antes de derramar suas lágrimas, que naquele dia, antes do poente, o dono da caravana lhe enviou por um de seus homens três vestidos, um saco de trigo e outro de frutas secas. Disse que eram presentes do dono da caravana para os “moradores deste casebre vizinho do abençoado mosteiro”; foi isso o que ele disse. Depois do pôr do sol, o mesmo homem voltou para lhe dizer que ficaram sabendo pelos vizinhos que ela sabia cantar as canções dos oleiros e ceramistas, as chamadas *Quqeyun*, e disse que iriam fazer um banquete para os monges e seus vizinhos, como demonstração de alegria pela cura de seu patrão. Martha calou-se um pouco, depois acrescentou:

— O homem me disse que, se eu fosse para cantar, o dono da caravana ia me pagar; por isso fui lá, na companhia da minha tia, e cantei. As *Quqeyun*, Hipa, como você sabe, são canções populares e não há nada nelas que cause vergonha. Muitos monges e diáconos estavam presentes, além da maioria dos habitantes das casas que rodeiam o mosteiro. Eu esperava vê-lo lá; fiquei a noite inteira procurando-o com os olhos, mas você não foi. Quando terminamos, o chefe da caravana nos levou, eu e minha tia, até perto de sua tenda, onde entrou e voltou com um vestido para ela e dinheiro para mim. Pegamos o que ele nos deu e voltamos ao nosso casebre, de onde não saímos até o dia seguinte.

Martha disse tudo isso com a mesma honestidade que a coroava. Quando terminou, abaixou a cabeça, havia lágrimas em seus olhos. Eu tinha que dizer algo para confortá-la:

— Disseram-me que o acompanhou, pensei que...

— Não pense mal de mim, Hipa.

— Ah, agora já está me chamando pelo nome.

— Perdoe-me, mas estava confusa, e feliz porque foi injusto comigo com suas suposições rebeldes.

— Feliz, Martha?

— Sim, porque essas suposições me confirmaram que você me ama como eu o amo. — Imediatamente ela se levantou e fugiu para seu casabre, deixando-me numa situação conhecida apenas por Deus Piedoso, ocultado atrás de seus distantes céus.

O VIGÉSIMO QUARTO PERGAMINHO

O horizonte da paixão

O amor deixa o espírito em condições dramáticas e pavorosas, para as quais não tenho energia nem paciência. Como pode um ser humano aguentar a flutuação do coração entre os vales ardentes do inferno e os jardins perfumados do paraíso? Que coração é aquele que não se derrete quando atingido ora pelas brisas aromáticas da paixão, ora pelos ventos arrebatadores do desejo; ora o aroma das flores, ora a exalação do fogo, ora a insônia da noite, ora a preocupação do dia? Que faço com esse amor agora, cujas tempestades já me sopram para onde eu não esperava? Devo celebrar o amor de Martha ou temê-lo? Dirão que a seduzi; não, dirão que ela me seduziu! Não me salvarei desse amor cujo gatilho foi disparado por Martha com uma única palavra, transformando-o em paixão, e eu não tenho experiência nenhuma em frequentar as terras da paixão.

Naquele dia Deus teve pena de mim, pois ninguém chegou para atrapalhar meu retiro, exceto Diácono, que passou de tarde para me avisar que estava indo pegar os meninos. Disse a ele que eu lhes tinha dado um dia de descanso. Certamente avisou Martha, porque ela não veio na hora habitual. No fim da tarde, a saudade apertou, e depois da oração da hora nona disse ao abade sobre a necessidade de iniciarmos o projeto do plantio da encosta da colina com

ervas medicinais, uma vez que agora era a época certa para isso. Ele abençoou a ideia e chamou dois serventes da igreja para me ajudarem no preparo da terra; Diácono e um menino foram junto. Quando Martha me viu indo em direção a seu casebre, seu rosto ficou radiante com a luz do amor. De longe, ela disse “bem-vindo, padre!”, mas, quando ficamos a sós, sussurrou: “Estava ansiosa para vê-lo, Hipa.”

Diácono ficou de pé perto de um local aplainado, bem acima do casebre, e disse algo no sentido de que a terra ali servia para o plantio. Eu o fiz entender que precisávamos de cinco locais como aquele, um abaixo do outro, como os Jardins de Babel. Ele riu tolamente e disse:

— Que jardins de Babel são esses? Devem ser muito longe daqui.

Na manhã do dia seguinte, o dono da fazenda grande, o primeiro paciente que eu tratei aqui, enviou dois de seus plantadores profissionais, que entendiam de terra, e mais três trabalhadores. Em três dias conseguiram preparar a terra ao redor do casebre, transformando-a em cinco plataformas grandes, como eu queria. No meio de cada uma delas abriram um canal para a água, que corria ao longo de cada plataforma e caía na inferior. Buscaríamos água dos reservatórios de pedra que havia na ponta do mosteiro, onde a água da chuva se acumula todo o inverno, ficando parada até o inverno seguinte. De qualquer forma, o que eu pretendia plantar não precisava de muita rega.

Na tarde do terceiro dia, plantaram nas bordas das cinco plataformas mudas de árvores, para que suas raízes pudessem segurar a terra e evitar desabamentos na época das chuvas. Quando terminaram, perto do crepúsculo, a vista já estava bonita, e Martha, contente. Aproximou-se de mim depois que os trabalhadores e plantadores partiram e disse, quase me tocando com seu ombro:

— No meio desse plantio, nosso casebre vai parecer um palácio do paraíso.
— Eu não tinha com o que responder, mas ela ainda tinha o que dizer para

mim. Olhou em meus olhos com sua mirada verde-mel e disse uma única frase que derrubou minha razão: *Eu o amo muito, Hipa*. Depois correu para sua tia.

Escalei a colina até a entrada do mosteiro quase voando com meu amor, ou melhor, carregado nas asas dos anjos. Atravessei apressado o pátio, evitando encontrar-me com alguém, pois não queria ouvir qualquer palavra de nenhum ser humano após o que acabara de ouvir dela. Subi até minha cela, a frase “eu o amo muito” ainda vibrando dentre de mim. Fechei os olhos no eco dessas palavras, para aprisioná-las em meu ser. Um torpor me levou ao sono e, naquela noite, tive sonhos emoldurados pela alegria; Martha estava em todos eles. De manhã, eu era outra pessoa, diferente daquela que conheci ao longo dos anos que se passaram da minha vida.



Dois dias haviam se passado sem ensaio do coral. Na manhã de quarta-feira, o abade me perguntou sobre a data prevista para que o grupo comesse a cantar na igreja; sem hesitação, respondi:

— No próximo domingo, padre, estaremos prontos. — Seu rosto se iluminou com um sorriso satisfeito.

Naquele dia, Diácono passou na casa de Martha quando desceu para juntar os meninos. Ela chegou um pouco antes deles, e não vi embaraço nenhum em ela esperar por eles comigo no canto afastado da biblioteca, pois eu já estava sentado ali quando ela chegou. Veio num vestido de veludo preto, enfeitado nas mangas com fita vermelha brilhante que ia do pescoço até as mãos. A mesma fita dava volta nas bordas do vestido todo, cobrindo a parte mais alta do peito; com seu brilho, enfeitava ao redor do pescoço. Parecia uma daquelas princesas que eu via em meus sonhos quando era pequeno, ou com os anjos que flutuam na minha imaginação quando esta se encontra serena.

Antes de se sentar, disse-me que no caminho encontrou com o abade e lhe perguntou se o vestido era próprio para cantar na igreja, e que ele o aprovou.

— Portanto, agora você não pode criticar meu vestido, mesmo que destaque meu colo e me deixe bonita.

— Com ou sem este vestido, você é a mulher mais bonita que caminha sobre a Terra.

— Belas palavras! De onde tira palavras tão encantadoras? Mas, espere, por que não me contou que foi você quem ordenou ao dono da caravana que me presentasse com esses vestidos? O abade me disse ontem tudo o que vocês conversaram.

— Não ordenei nada, apenas pedi a ele que lhe desse um vestido, e ele lhe deu três!

— Ele foi generoso porque queria mostrar sua gratidão por você, meu amor.

— O que disse, Martha?

— Mostrar sua gratidão.

— Não me refiro a isso.

— Ah, se refere a “meu amor”. Meu amor, meu amor.

Nossos olhos se encontraram num afetuoso abraço, durante o qual perdi a noção de onde estava; acho que era a mesma coisa para ela. Não sentimos o tempo passar na hora em que nossos olhares apaixonados se amalgamaram; permanecemos quietos nessa situação até sermos arrancados do horizonte da paixão pela algazarra dos meninos chegando com Diácono. Imediatamente, levantamos para o ensaio, que naquele dia foi realizado na biblioteca, e não na igreja.

O ensaio correu bem e nossos olhos se encontravam sem que os meninos percebessem, nem Diácono, sentado à mesa balançando sua cabeça no ritmo das notas. No entanto, notei na voz de Martha naquele dia uma oscilação quando tinha que sustentar a voz nas notas altas. Depois que os meninos foram

embora, perguntei sobre o motivo da perturbação em seu coração e na voz, querendo brincar com ela, mas ela respondeu, séria, que seu peito doía e que de noite tossia fortemente. Suas palavras me preocuparam. Levantei imediatamente e trouxe-lhe algumas sementes que podiam acalmar a tosse e suavizar a respiração, quando notei que a fumaça do forno era o motivo do incômodo em seu peito. Quando voltei com as sementes para lhe entregar, ela estendeu as mãos e fechou-as sobre a minha. Era a primeira vez que nos tocávamos. Senti que minha alma ia se esvaír com seu toque. Estava de pé diante dela, sentada no lugar onde sua tia se sentou no dia em que as conheci.

— Não vai escutar meu peito, Hipa?

Entendi seu recado. Ela queria que eu colocasse meu ouvido nas costas dela, como havia feito com sua tia. Hesitei um pouco, então me sentei perto dela e ela ficou de pé; depois virou de costas e deu dois passos para trás, até que meus joelhos quase tocassem a parte de trás dos seus. Naquele momento não pensei que um monge ou paciente poderia entrar pela porta aberta, ou mesmo o abade, que vinha sempre me visitar. Não pensei em nada além dela. Fui encorajado pelo fato de não ter ouvido passos sobre o cascalho espalhado no pátio do mosteiro.

Tudo estava quieto e meu desejo era incontrollável. Coloquei o ouvido nas suas costas para auscultar sua palpitação, tentar saber por que seu peito estava congestionado. Não havia nada com ele; escutei apenas as batidas regulares e fortes do seu coração. Senti que elas me chamavam. Demorei com meu ouvido nas suas costas, apreciando a maciez do veludo colado no seu corpo e no meu rosto. Sem perceber, coloquei as mãos na sua cintura e a puxei delicadamente para mim; ela se inclinou até que seu traseiro tocassem meu peito. Então pôs suas mãos sobre as minhas e puxou-as para a frente até que se encontrassem sobre seu umbigo. Apertou minhas mãos e eu apertei seu ventre. Levei minhas mãos cobertas pelas dela até que as palmas tocassem seus seios. Ela pressionou suas

mãos contra as minhas, e eu pressionei o que havia abaixo delas. Naquele momento, meus rios aprisionados jorraram como uma cachoeira vinda de tempos remotos, para regar uma terra esturricada pela seca durante vinte anos. Martha tremeu o mesmo tremor que eu tinha observado há vinte anos atrás na adega de vinho; mas a tremura dela era melhor, mais satisfatória e mais receptiva.

Virou o rosto para mim, ainda envolta pelos meus braços. Deu-me um beijo tenro no rosto e escapou rapidamente pela porta. Permaneci sentado em meio a meu espanto e, após muito tempo, deitei sobre o divã grande e dormi um sono profundo, mais agradável que de costume.

O VIGÉSIMO QUINTO PERGAMINHO

A nostalgia

Despertei no dia seguinte agarrado a uma das almofadas ásperas do divã. Levantei como quem ressuscitava após séculos. Fechei os olhos e me imaginei abraçando Martha; senti o mesmo êxtase do dia anterior! Com a luz do sol preguiçoso, chegou o plantador especializado em semeio. Estava acompanhado de três trabalhadores que entendiam de agricultura. Acompanhei-os até os jardins suspensos que rodeavam o casebre de Martha e a avistei duas vezes durante o plantio e o preparo da terra. Quando terminamos, à tarde, mandei Diácono buscar os meninos e passei por Martha para convidá-la para o último ensaio, pois estávamos a dois dias de iniciar os cantos durante a missa, dois dias apenas!

Sem demora, Martha me seguiu e se sentou em seu lugar costumeiro na biblioteca, meu rosto para ela e seu rosto para a porta. Senti-a próxima de mim; só o que nos separava era a distância de dois braços — se eu estendesse o meu, e ela o dela, nossas mãos poderiam se encontrar, se entrelaçar, e derramar-se-ia em nós uma única luz que nos envolveria até que desaparecêssemos de todos os mundos. Naquela hora, meu coração falhou e minha mente se esvaneceu; não fosse pela apreensão que restava, teria apressado a morte, libertando meu espírito da prisão do corpo para que flutuasse em mundos eternos, sem que voltasse para este corpo mortal e seus desejos torturantes.

Martha olhou para mim e o sol perfeito de seu rosto brilhou. Afastou da cabeça o lenço preto transparente, fazendo o cabelo cair dos dois lados do rosto, deixando-a mais bela ainda. Olhava-a em silêncio, contente, até que me surpreendeu com sua pergunta:

— Hipa, você não tem saudade de sua terra natal?

— Por que pergunta?

Não se virou muito em minha direção, a não ser por um movimento só do ombro direito, o suficiente para que meus olhos tristes caíssem sobre seu pescoço altivo que subia em direção a suas faces majestosas. Deve ser descendente distante de uma família real antiga, que tinha perdido seu poder em decorrência das vicissitudes da vida, mas cujos traços continuavam a ser herdados pelos netos. Um sorriso angelical pousou em seus lábios enquanto dizia:

— Vai responder minha pergunta com outra?

— Não é uma única pergunta, Martha, tenho várias para você.

— Então, pergunte-me, meu senhor, e eu as responderei.

Não consegui evitar o sorriso, o que aumentou o dela. O cintilar do espírito intensificou-se em seu olhar. Voltou-se inteira para mim, e meu olhar se fixou em seus seios. Não conseguia mover os olhos do local onde gostaria de deitar minha cabeça. Ela não se incomodou com meu olhar tão intenso ao local proibido. Quem sabe não quisesse liberar para mim a proibição, para acalmar as tristezas que tiranizavam meu espírito havia anos, dando fim ao tempo de privação. Ah, se eu tivesse inclinado minha cabeça até seu peito naquele dia! Eu devia ter ajoelhado na sua frente e colocado minha cabeça entre seus seios; ela me abraçaria e eu me perderia nela e morreria.

— Não vai me perguntar?

Sua pergunta me despertou. Olhei para seu peito ocultado, dei a volta pelo pescoço e segui até as faces, seu pequeno nariz, qual botão de rosa, e depois até o mar de mel silvestre diluído em seus olhos. À deriva, agarrei-me às palavras:

— Martha, conte-me de sua família.

— Essa é uma longa história! — disse ela, seu sorriso se transformando em quase riso. Inclinou os ombros um pouco para trás, tornando-se ainda mais desejável, e foi me contando histórias e histórias. Muitos eventos sem conexão:

da sua avó, que não parava de falar sobre a cidade de Palmira, destruída quando ainda era criança; do pai, que era ferreiro na cidade de Damasco e que foi famoso por forjar finas espadas, moldadas em ferro damasceno conhecido por sua qualidade. Por um motivo que não quis contar ou talvez desconhecesse, seu pai partiu para Aleppo, onde não foi aceito por sua gente, e permaneceu lá por anos, buscando entrar na religião, esforçando-se para pertencer à paróquia para servi-la. Rejeitavam-no porque sua esposa, a mãe dela, era uma mulher pagã praticante. Foi vista uma vez acendendo velas às escondidas nas ruínas do templo abandonado, localizado à margem do caminho que levava a Aleppo. Era preciso que seu pai ficasse sob a vigilância dos diáconos e padres durante cinco anos, para que o bispo aprovasse sua entrada no aprisco do Senhor. O pai não teve paciência, levou sua família e foi para aquele pequeno vilarejo que dormia à beira da rota que ligava Aleppo a Antioquia: Sarmada. E foi lá onde ela nasceu, 19 ou vinte anos antes.

— Então, seu pai viveu como pagão?

— Não nos constava que tivesse tido nenhuma religião até sua morte, que foi cedo, no início de seus 40 anos; mas, de qualquer forma, ele quis sempre ser cristão.

— Morreu cristão?

— Foi assassinado.

Duas lágrimas caíram e meu coração quis ampará-la. Quase me levantei para abraçá-la, como aconteceu na minha imaginação, ou para colocar minhas mãos ao redor de seu rosto, como fazia com as pombas brancas do meu tio. E não era Martha uma pomba branca que descendeu para este mundo vinda de trás das nuvens? Por que não a abracei naquele dia? Estava sofrendo, chorando por seu pai, chorando por si mesma, chorando pelo desmoronamento do mundo.



No dia seguinte, perguntei a ela sobre o marido. Derramou muitas lágrimas enquanto me contava que tinha 9 anos quando seu pai foi morto depois de uma briga com um bando de salteadores de estrada, para quem ele fazia espadas. Dois meses após a morte de seu pai, sua mãe lhe informou que iria casá-la. O que ela entendia da palavra “casamento” era que um homem iria morar com elas, nada mais. O marido já passava dos 50 anos e era um vigarista que comercializava espadas e armas de guerra. Coletava-as dos fabricantes nas cidades grandes, levando-as para terras distantes no oriente, onde as vendia a um grupo de guerreiros chamados Shankara — ou pelo menos foi o que ela disse.

— Você quer dizer Chabankara?

— Não sei ao certo, eu era muito pequena.

— É uma comunidade curda que habita as fronteiras do território persa. O nome deriva da palavra “pastores”, que na língua curda se diz *chabankara*.

— Como sabe de todas essas coisas?

— Sei porque tratei um deles e porque sou um homem de idade, vinte anos mais velho que você.

— Não, meu querido, você é meu pequeno bebê amado.

Levantou-se, beijou-me e se afastou. Quase a abracei, mas ela voltou rapidamente a seu lugar olhando com cautela para a porta. Ajeitei-me na cadeira e lhe pedi para me contar o que houve com o tal marido quarenta anos mais velho que ela. Disse que não era marido no sentido conhecido, e que ela ficou com ele dois anos sem saber o significado do casamento, até que chegou a tarde daquele dia quente de verão; estava brincando com as crianças vizinhas atrás da casa, quando uma das vizinhas a chamou e a levou pela mão até seu marido. A mãe dela não estava em casa. Ele estava sentado no chão de costas

para a parede, vestido apenas com uma pequena túnica um pouco puxada sobre as pernas que, segundo o que ela disse, enojada, eram cobertas de pelo grosso.

Sua voz tinha um tom amargurado enquanto continuou:

— A vizinha velha parou comigo na porta do quarto, alegre por uma razão que eu desconhecia. Depois catou um recipiente de cobre velho com o qual pegou água do jarro próximo à porta, verteu um pouco sobre sua mão e passou no meu rosto, desfez minhas tranças e molhou meu cabelo. Ele sorria para a vizinha, que me puxou pela mão em direção a ele até que conseguiu me lançar em seu colo. Eu estava como um passarinho que caiu na coxa de um gigante. Quando a velha saiu, ele me puxou contra si; senti que minhas costelas iam se quebrar. Depois começou a apalpar todo o meu corpo com suas mãos grossas. Naquela época meu corpo não tinha o que apalpar, mas ele começou a apertar meu braço com seus dedos, depois passou com eles sobre meu peito que quase não tinha seios ainda. Estava rendida, assustada e aflita pela ausência de minha mãe em casa. Arrancou toda a minha roupa, deitou-me sobre suas coxas nuas sem retirar sua túnica e começou a correr a palma sobre minha barriga e pernas. Senti algo estranho que desconhecia, fechei os olhos e me rendi a ele. De repente, enfiou seu dedo em mim e o sangue explodiu. Gritei e corri para a porta, mas ele foi atrás e me pegou pelo cabelo com a mão ainda manchada de sangue. Fiquei gritando entre suas mãos até que me jogou com força no canto do quarto, onde me encolhi com a cabeça entre meus joelhos. Nessa posição eu dormi, ou talvez tenha ficado inconsciente, despertando apenas com a chegada da minha mãe, que me pegou no colo.

— Basta, Martha, basta...

— Não, contarei tudo para você, para que saiba o quão injusta a vida foi comigo.

A história de Martha abalou minha estrutura, especialmente depois que soube dela que o marido, apesar de seu corpo enorme, não coabitava com outras mulheres, e que ele se divertia com ela quando voltava de suas viagens sempre que tinha oportunidade. Quando ela estava com 15 anos, a mãe morreu e o marido a proibiu de sair de casa. Ele se ausentava por semanas em suas viagens e, quando voltava, encontrava seu brinquedo à espera.

Suas lágrimas molharam o peito do vestido, mas insistiu em me contar mais, talvez para se livrar do que lhe apertava o coração, ou porque queria que eu soubesse de seu sofrimento, ou quem sabe queria dividir com outra pessoa o que sua aparência angelical escondia. Depois de enxugar o rosto, contou:

— Seus lábios grossos se abriam num sorriso idiota sempre que eu corria com o recipiente de água para lavar seus pés, cujas plantas eram emolduradas por um casco grosso. Era o conselho da minha mãe, e foi assim que acabei fazendo aquilo toda vez que ele entrava na casa, fingindo fadiga e jogando-se sobre a plataforma de barro na frente da casa de dois quartos. Após semanas, quando já havia se acostumado comigo esfregando seus pés, ordenou-me que prolongasse mais o tempo de esfregação, até que ele dormisse! Ele dormia sentado e começava a roncar. Depois de mais algumas semanas desse jeito, me mandou fechar a porta da casa e voltar até onde eu estava sentada, e passou a bolinar meus seios com seus dedos do pé direito, até cair no sono. Após semanas dessa brincadeira repugnante com meus seios, certo dia, ordenou-me que tirasse toda a minha roupa e sentasse a seus pés. Enquanto brincava com seu pé nas dobras do meu corpo, eu tinha que lhe esfregar o outro pé. Na tarde de um dia de calor intenso, eu estava enxugando-lhe os pés quando ele enfiou o dedo do pé direito na minha boca e me ordenou que o chupasse! Recusei, mas ele me empurrou irritado com a planta do pé. Seu empurrão violento me derrubou de costas e fiquei estendida no chão. Gargalhou com prazer do meu grito baixo e da minha nudez exposta sob seus pés. Levantou-se e ficou de pé;

parecia-me naquele momento uma rocha prestes a desabar sobre mim de uma montanha alta. Desejei que ele tirasse suas roupas, se jogasse sobre mim e me tomasse à força, para que eu morresse embaixo dele e enfim descansasse. Mas ele não fez isso; apenas pôs seu pé esquerdo na parte baixa do meu ventre e começou a esfregar e rir. Ainda posso sentir seu calcanhar me esmagando.

— Acalme-se, Martha, e agradeça a Deus que a livrou desse homem doente.

Calou-se por um segundo, enquanto olhava para o joelho esquerdo, e visitou antigas recordações dolorosas. Eu olhava carinhosamente para suas faces e seus longos cílios. Quando duas novas carreiras de lágrimas se formaram e suas bochechas tingiram-se com um leve avermelhar, seu rosto adquiriu uma feição imaculada, que arrebatava a razão e apertava o coração com sua serenidade. Desejei abraçá-la, mas hesitei e me rendi à hesitação. Ah, se eu tivesse levantado naquele dia e enxugado seu rosto delicado com minhas mãos, a apertado contra meu peito, passado minha mão sobre seu cabelo de olhos fechados e respirado a perfumada brisa que vinha de dentro dela. Ela teria inclinado sua cabeça para meu peito e eu a teria envolvido com meus braços até fazê-la se fundir em mim; inertes, tornar-nos-íamos uma estátua de mármore branco, um sinal miraculoso para as pessoas.

Por que não a abracei naquele dia? Fiquei parado até que ela continuou, suas palavras praticamente um sussurro:

— Eu estava me debatendo no chão embaixo dele, gritando, e, quando levantou o pé, escapei em direção à porta. Abri-a e corri pelas ruas da cidade, assustada e nua. Meus gritos enchiam as ruas e as pessoas olhavam para mim. Uma mulher me puxou para dentro de sua casa e cobriu minha nudez com uma túnica velha. À noitinha, as pessoas se juntaram e ele chegou bêbado em casa, cambaleando com sua barriga enorme. E então repudiou-me, dizendo que não lhe dei filhos! Expulsou-me de nossa casa. Não tinha mais para onde ir. Fui até essa minha tia em sua casa velha em Aleppo, e lá passei os últimos três anos,

onde aprendi a cantar. Quando ficou difícil ganhar a vida e os assédios aumentaram, deixamos a casa em ruína e vim morar com ela aqui, perto de você.

— Enxugue suas lágrimas, Martha, e vá até sua casa antes da vinda dos meninos, pois já estão quase chegando.

— Você virá me ver depois que terminar com eles?

— Sim, irei depois do crepúsculo para vê-la perto do casebre, e depois irei de novo de manhã após o nascer do sol. Não passará um único dia depois de hoje sem que eu a veja.

Não sei de onde me veio tanta coragem para dizer a última frase, mas ela ficou contente, e eu me alegrei com seu sorriso e olhar sonhador. Levantou-se, arrumou seu lenço sobre a cabeça rapidamente e saiu apressada. Na porta, olhou para mim; fiquei paralisado.

— Estarei esperando. Não demore, Hipa.

Pronunciou meu nome como se fosse o anjo que viria me acordar da morte no dia do juízo, para que eu me desperte do sono e me derreta na luz divina. Na porta, apertou o lenço da cabeça, deixando que a seda transparente caísse sobre o rosto, jogando a ponta direita sobre o ombro. Voltou dois passos em minha direção, repreendendo em sussurros:

— Quando eu perguntei, você não me respondeu nada; mas quando você perguntou, contei-lhe tudo!

— Hoje lhe contarei tudo que queira saber.

Quando desapareceu, levantei imediatamente para espiá-la da rachadura irregular que havia na parede, depois da abertura entre as prateleiras de madeira, e da minha única janela. Vi-a chegando até a entrada do mosteiro, virando à direita para descer a colina. Pouco a pouco foi sumindo da minha vista: os pés... a cintura... a cabeça. Quando desapareceu completamente, perdi a noção e vaguei em desejos impossíveis. Quando dei por mim, minha cabeça

apoiada na parede, falei com minha alma, convencendo-a a desistir do que ansiava, tentando arrancar do meu coração as raízes do desejo. Desejei morrer de súbito, livrando-me de vez da minha confusão.

O sol mergulhava quando escutei o barulho das crianças chegando. Preparei-me para recebê-las e não demorei no ensaio. Quando terminamos, disselhes que era o último dia de ensaio e que íamos nos encontrar na igreja nas manhãs de domingo, a começar dali a dois dias. Saí com elas até o alto da colina e pedi a Diácono que voltasse a me encontrar, depois de levá-las, na plantação perto do casebre.

Martha estava me esperando na porta em belas roupas de casa. Suas roupas não eram diferentes das túnicas usadas pelas mulheres naquela região, mas achei-a belíssima. Recebeu-me na porta do casebre e me convidou para entrar; sua tia reforçou o convite. Ofereceu-nos uma bebida fria, que agora não me recordo o que era, mas lembro que tinha um gosto agradável e que eu bebericava enquanto meus olhos tragavam do mar de mel que jorrava da eternidade pelos olhos estonteantes de Martha, sentada na minha frente no chão. A abertura de sua túnica evidenciava seus seios firmes. Não pude evitar olhá-los até que ela percebeu e fechou a abertura com as mãos, olhando-me com afeto e mordendo com os dentes superiores o lábio inferior.

Meus olhos correram pelo casebre. Era um único cômodo, com paredes de madeira fragilmente construídas. Anexado a este cômodo havia outro pequeno e sem porta; imaginei que fosse para as necessidades. Na frente da porta havia uma área de terra aplanada e, ao lado, o forno recentemente construído, do qual ainda saía alguma fumaça. Ao lado deste, um pequeno cômodo de tijolo velho, também sem porta. Martha olhava para mim, sorridente e satisfeita. Sua tia retirou um pequeno caldeirão do forno, cujo fogo estava se apagando; dele vinha o cheiro apetitoso de comida.

— Vou até os soldados para levar a comida.

Quando a tia disse isso, Martha se levantou imediatamente e pegou no canto do casebre um cesto de folhas de palmeira, no qual posicionou o caldeirão do cozido cheiroso auxiliada por um pano velho. A tia levou a comida, pedindo licença. Sem que eu perguntasse, Martha respondeu ao que passava pela minha cabeça: os membros da guarnição romana, que sua tia chamava de soldados, combinaram com ela no dia anterior que lhes fizesse uma refeição quente a cada dois dias, que eles viriam pegar ou que a tia levaria a eles antes do anoitecer. Mandavam a carne, os legumes e o preço pelo serviço de manhã, para que pudessem comer de noite; segundo o que Martha contou, não gostavam da comida que ia para eles diariamente da cozinha do mosteiro.

Quando a tia desceu com o cesto, eu estava sentado na beira da instável cama baixa e ouvi a história da comida, que não me interessava. Perguntou-me se estava com fome, balancei a cabeça indicando que não; meus olhos estavam fixos nela. Martha entendeu meu desejo por ela e por isso veio até mim, sorrindo. Aproximou-se sem dizer nada, até que seu peito quase tocasse meu rosto. Quando envolveu minha cabeça com as mãos para levá-la até o peito, fiquei extasiado. Apertei-a fortemente, ainda sentado, e ela suspirou no meu ouvido. Suspendi a túnica de suas pernas com as mãos, e ela a deixou deslizar pelos ombros. Martha ficou de pé diante de mim, totalmente nua, e espalhou seu cabelo com os dedos. Meu coração foi assaltado pelo poder da beleza. Tirei meu hábito, e aconteceu entre nós o que acontece entre um homem e uma mulher quando removem o manto do pudor.



Sentamo-nos um do lado do outro, sem falar. Pouco depois, sua tia chegou chamando-a de fora do casebre, como se para nos avisar de sua chegada. Martha não se estremeceu tanto como eu. Vesti minha roupa rapidamente e

me aproximei da porta, ofegante. Martha me seguiu após colocar sua túnica e me abraçou por trás com enorme afeto. Saímos juntos pela porta. Sua tia estava posicionando um banco de pernas baixas diante do tear.

— Estavam todos lá? — perguntou Martha.

— Estavam, e me perguntaram de você.

Quando a tia se sentou na frente do tear, saímos da frente do casebre e fomos nos sentar à beira da terra plantada, de onde podíamos ver o horizonte que se estendia diante de nós a oeste sem sermos vistos por ninguém. A noite já estava caindo e Martha cantarolava uma canção de amor. As brisas do crepúsculo eram gentis naquele momento. Sentados nas pedras espalhadas ao pé da colina, Martha aproximou-se de mim e me perguntou sobre minha terra natal; contei-lhe algumas coisas do que me aconteceu lá. Após um instante de silêncio, perguntou-me da casa onde morava. Respondi que devia estar de pé ainda no mesmo lugar, sobre uma pequena elevação que dava para o Nilo; provavelmente fechada e arruinada, pois as casas desabam após o abandono de seus moradores. Martha me lançou um olhar meigo, amoroso.

— É longe até o Egito? — perguntou, pondo a mão em meu ombro. — Quanto tempo leva até lá?

— Se formos pelo mar, depois navegarmos no Nilo, chega-se em um mês.

— Hipa! Vamos então reconstruir a casa e viver lá o resto de nossos dias juntos. Levaremos minha tia conosco e ela cuidará dos nossos filhos, assim eu terei tempo de cuidar de você!

— Como isso seria possível?

— Vamos nos casar. Você pode se tornar padre de uma igreja por lá, se quiser. De qualquer forma, você é um médico habilidoso e pode ganhar a vida com seu ofício. Viveremos juntos dias agradáveis e teremos filhos e uma casa bonita.

Martha estava desculpada, pois não sabia de nada. Não sabia que eu não poderia mais viver entre as gentes da minha terra natal! As crianças que no passado zombaram de mim, pelo que minha mãe fez, hoje seriam adultos, e zombariam de mim pelos olhares. Ela não sabia que eu não podia voltar a Nag-Hammadi, pois meu tio cego já deveria ter morrido e talvez sua esposa núbia também. Não tinha lugar para mim lá e eles não precisavam da minha medicina!

— Esta é uma questão que precisa de muita reflexão, Martha.

— Não pense sozinho, deixe-nos pensar juntos na nossa vida futura. Serei fiel a você a vida inteira e mãe de seus filhos, e serei...

Ouvimos a voz de Diácono conversando com a tia enquanto vinha em nossa direção apressando o passo; o fio da conversa se rompeu. Martha se levantou de onde estava perto de mim e se sentou no chão. Quando Diácono apareceu, levantamos ambos. Passamos pelas mudas de árvore enquanto subíamos até o mosteiro. Foi ali que Martha nos deixou, voltando a seu casebre, sem que eu tivesse a chance de olhar para ela. Diácono estava com fome, por isso fui com ele até o refeitório. Ajudamos os serventes da cozinha a pôr a mesa, em meio a agradecimentos balbuciados por eles. Também eu estava com fome. Diácono comeu rapidamente, depois se levantou dizendo que ia para seu quarto para dormir. Eu, naturalmente, tinha que esperar a chegada dos outros. Os monges começavam a chegar, como tartarugas que mal conheciam seu caminho. Depois de um tempo chegou o abade acompanhado por três monges. Parecia visivelmente perturbado, o que não lhe era habitual, e gritou:

— Que sua noite seja abençoada, filhos de Jesus, aproximem-se para iniciarmos as orações.

O abade leu as preces da noite, às quais não prestei atenção, envolvido que estava com o que tinha me acontecido. Atentei, porém, quando todos disseram

em uníssono: *Amém*. Naquele momento, indaguei a mim mesmo: será que repetimos em todas as nossas preces o nome do antigo deus egípcio, Amon, trocando o “o” pelo “e”? E ainda me perguntei: por que a origem das coisas sempre remonta ao Egito, não somente as origens do credo? E ainda: por que não volto a minha terra para viver lá, já que não sirvo mais para a vida monástica?

Senti uma repentina nostalgia do Nilo, que se estende na terra como o braço de Deus, com o Delta, como a palma e os dedos. Lembrei-me do barco a vela que me carregou sobre sua superfície, do descanso das aldeias e dos vilarejos às suas margens, da inclinação dos ramos das árvores sobre sua água, das verdes áreas estendidas até onde a vista alcançava, do assobiar feliz dos pássaros pela alvorada e no crepúsculo... Ah, distante Egito! Uma lágrima quase me escapou do olho e a nostalgia quase me arrancou do meio deles. Após o jantar cheio dos murmúrios dos monges, todos se prepararam para se retirar a suas celas. Na saída, o abade fez um sinal para que eu me aproximasse dele; os outros entenderam que ele queria ficar a sós comigo. Apressaram seus passos em direção à igreja, deixando uma distância considerável entre eles e nós.

— Parecia distraído esta noite, Hipa.

— Estou preocupado, padre. Sinto uma nostalgia que me arrasta.

— Isso, meu filho, é aflição da alma, que se revolta, depois se acalma.

— Não aguento mais, padre, esta permanente atribulação. Minha vida não se assenta em nenhum lugar e não sossega.

— Está preocupado com o que acontece em Constantinopla?

— E o que está acontecendo em Constantinopla, padre? Algo ruim aconteceu ao bispo Nestório?

— Não, meu filho, ainda não; e com a vontade do Senhor as coisas vão se acalmar e nada de mal lhe acontecerá, com a vontade do Senhor!

— Padre, aumentou minha aflição. O que está acontecendo?

— O imperador aceitou o pedido de Cirilo para reunir todos os chefes das igrejas do mundo num concílio, para discutirem a crença do bispo Nestório. O concílio vai se reunir logo, na cidade de Éfeso.

O abade baixou a cabeça e começou a murmurar uma prece, apoiando seu rosto na ponta do cajado. Vi-o coberto de preocupação, sem vontade de falar mais nada. Perdido, dei dois passos, afastando-me dele, mas logo atentei para algo. Voltei, para lhe dizer com palavras conturbadas e mente ausente:

— Padre, iniciamos o canto durante a missa de domingo, depois de amanhã, ou devemos...

— Não, Hipa, devemos adiar essa questão. A hora não é mais adequada para isso — disse o abade, sem levantar a cabeça nem olhar para mim. Saí, deixando-o para iniciar uma errância desoladora.

O VIGÉSIMO SEXTO PERGAMINHO

Ocorrência do proibido

Não vi Martha todo o dia de sábado. Estava ocupado com o servente da cozinha em quem efetuei uma cirurgia debaixo do braço de manhã, para retirada de um grande abscesso. Durante os dias anteriores estava tratando-o com a conhecida pomada preta, e já estava pronto para ser aberto. Eu julgava que seria um procedimento simples, sem demora, mas encontrei o homem fraco e o pus já estava se formando em seu peito. Sangrou muito e quase morreu em minhas mãos, não fosse a compaixão do Senhor. Fiquei o dia inteiro cuidando de sua ferida, até que consegui tirar todo o pus e apliquei curativos com anti-inflamatórios. Quando desci de minha cela, após me banhar, o sol já havia se posto e não era mais apropriado passar no casebre de Martha depois do poente.

Durante a salmodia, estava absorvido pela paixão, pela expectativa e pelo desequilíbrio interno. Quando saímos da igreja, o monge Fariseu caminhava ao meu lado, com passos pesados. No meio do pátio, perguntei-lhe se queria vir comigo até a biblioteca, e ele aceitou, sem entusiasmo. Enquanto abria a porta, perguntei-lhe se sabia de mais notícias sobre o concílio ecumênico esperado. Respondeu brevemente que o bispo Cirilo já se encontrava em Éfeso acompanhado pelo famoso arquimandrita de Akhmim, Chenuda, liderando

uma numerosa comitiva egípcia composta de padres e monges alexandrinos, além de muitos fiéis; estavam aguardando a chegada do bispo de Roma e do imperador para que o concílio fosse instalado. Hesitante, acrescentou que muitos bispos já haviam chegado de todas as partes do mundo, mas que o bispo João de Antioquia havia ido a Aleppo dois dias antes, onde aguardava a escolta romana para acompanhá-lo até lá, devido à insegurança naqueles dias das rotas que levavam a Éfeso.

— As rotas, ou seria a própria Éfeso que não era segura?

Eu disse isso enquanto lhe entregava um copo de suco de alfarroba adoçado com açúcar cristal; pegou-o de minha mão sem levantar o rosto para mim. Depois de instantes, disse:

— Não sei, Hipa, não sei. Não me obrigue a dizer o que não gostaria de dizer.

Fugindo do habitual nessa época do ano, o vento da noite estava frio. Perguntei a Fariseu se gostaria que eu queimasse alguma madeira ou ramos secos na lareira — refiro-me à bacia de cobre ao redor da qual nos juntávamos nos dias do inverno, para nos aquecermos com o calor que vinha de dentro dela. Aceitou com um gesto de cabeça. Quando as labaredas subiram e a madeira começou a chispar, eu estava totalmente absorvido com o que havia me dito o abade na noite anterior depois do jantar e com o que Martha me dissera no sopé da colina, antes do pôr do sol. Fariseu interrompeu o silêncio profundo após soltar um suspiro:

— O concílio será tempestuoso, e vão depor o bispo Nestório.

Sua frase me incomodou e desmanchou a imagem de Martha, que via entre as chamas dançantes. Prefери manter-me calado para que lhe desse a oportunidade de continuar falando, do jeito que ele gostava quando encontrava um bom ouvinte. Eu queria que ele falasse para que suas palavras me retirassem da distração em que eu me encontrava. O silêncio funcionou

com ele. Falou como eu esperava e foi desenhando no ar suas palavras, como sempre fazia quando estava envolvido no discurso. Era como se conversasse com outras pessoas, além de mim. Ele nem olhava na minha direção, apenas disse com amargura:

— Vocês não acreditaram em mim quando lhes disse que nossa discórdia a respeito da natureza de Cristo era a essência do nosso credo, e que tal essência é por si delicada e problemática, anunciando o cisma e a separação. Os monges daqui não davam importância, o abade me proibiu de falar disso, e os bispos em Antioquia me repreenderam e me ameaçaram com a excomunhão e expulsão se insistisse em escrever a epístola que pretendia. Só permitiram minha volta para cá após lhes ter entregado um juramento sagrado garantindo que não entraria novamente no tema da hipóstase, apesar de ser a causa de divergência entre todos. Os egípcios insistem que Deus se materializou completamente em Cristo, desde o dia que se formou na barriga da mãe. De acordo com isso, não há separação entre a divindade e a humanidade em Cristo, pois é um Deus perfeito e completo. A humanidade não estaria independente da divindade. As palavras do bispo Cirilo em sua última epístola foram decisivas: o corpo de Cristo não se transformou em natureza divina e Deus não se transformou na natureza do corpo, mesmo quando Jesus ainda estava em cueiros.

Fariseu olhou em minha direção, como se notasse minha presença naquele momento. Olhou para mim como se visse outra pessoa ocultada dentro de mim. Ele tinha esse olhar estranho que deixava encabulado quem não o conhecia. Levantou a sobrancelha, e seus grandes olhos ficaram maiores ainda; retirou o capuz da cabeça, deixando à vista sua calvície brilhosa, passou a palma na testa e disse:

— Veja, Hipa, a força das palavras do bispo Cirilo quando diz: “A palavra de Deus uniu-se hipostaticamente ao corpo, pois é o Deus de todos e Senhor

da totalidade, e não é servo de si nem senhor de si. Ele, como nós, nasceu sob a lei, embora ao mesmo tempo falasse a lei e legislasse como Deus. É uma única hipóstase, uma única pessoa, uma única natureza, homem e Deus, filho e pai, e como a Santa Virgem pariu corporalmente Deus unido ao corpo conforme a hipóstase, então ela é a mãe de Deus.” O bispo Cirilo é muito eloquente, Hipa, sabe o que diz e não voltará atrás. Tampouco o bispo Nestório abandonará sua crença de que Deus tomou Jesus como sua manifestação, e por ser Deus invisível, prostramo-nos perante Cristo, o visível, cientes de que ele é duas pessoas — conforme o pensamento de Nestório, temos o Cristo que toma, ou o Logos de Deus, e o Cristo tomado, que é chamado pelo nome que adotou.

Em um movimento involuntário, Fariseu estendeu a mão perto das chamas para se aquecer, esfregou com o dedo o centro de sua palma e acrescentou:

— O bispo Nestório acredita no que ouviu do bispo Teodoro, o intérprete, e de outros, afirmando que Deus manifestou-se no Cristo homem! Como os dois grupos podem chegar a um acordo, se cada um caminha em direções opostas? E quanto mais se apegam a suas crenças, mais profunda e mais abismal ficará a discordância! Mesmo se concordassem com relação à natureza de Cristo, vão divergir em torno da hipóstase do Espírito Santo, intrigante e misteriosa. Nenhum deles admitirá nada diferente do que concebeu anteriormente, e, assim, só sobrar o confronto, seguido pelo ódio e depois pela guerra. A guerra, Hipa, é um espírito que corre nas pessoas, se retém nelas e as incita, e não sossega até explodi-las, lançando entre elas o conflito. E assim elas fracassam, enfraquecem suas almas e são dilaceradas. A guerra... Era isso que Jesus Cristo pretendia quando disse que veio para lançar a espada na Terra?

Fariseu fixou o olhar nas chamas do fogo; parecia um mago vidente prevendo o invisível nas labaredas. Após calar-se por um instante, lágrimas finas se juntaram sobre seus cílios, encobriram sua vista e se desfizeram em duas linhas correndo pelas bochechas infladas, refugiando-se rapidamente em sua

barba. Achei que havia terminado sua fala, mas não! Enxugou o rosto com a manga de seu hábito.

— A religião é uma dívida monstruosa, ninguém consegue pagar — disse com a voz agora trêmula, diferente da habitual. — Nossa religião nos condena. Condena quem a adotou mais do que quem a renegou. Condena também os renegadores! Todos são condenados, todos estão perdidos, ficando o Pai celestial uma hipóstase separada e ocultada atrás de todas essas doutrinas. Ele não se revela para nós em sua totalidade, porque somos incapazes de compreender sua revelação completa; ele está além do termo “hipóstase”, do termo “natureza” e da nossa compreensão. Ele é distante de nós, e nós somos distantes uns dos outros, porque todos somos comprometidos por nossas ilusões. A própria hipóstase é uma ilusão misteriosa que inventamos. Nela cremos e por causa dela brigamos, e continuaremos a brigar sempre por causa dela. Talvez haja um dia em que cada ser humano possa ter sua crença pessoal diferente da do outro, e assim a religião será apagada de seus alicerces e a lei findará. Esse dia... será... vou para minha cela!*

Fariseu me deixou de repente, como se eu nunca tivesse estado com ele, nem se preocupou em fechar a porta da biblioteca atrás de si. O ruído de seus pés sobre o cascalho foi diminuindo conforme se afastava no meio da noite. O silêncio tomou conta do lugar; senti-me extremamente sozinho e solitário. Fechei a porta, retirei o capuz da cabeça e, perto das brasas quentes, deitei-me no chão de costas e abri os braços. Dormi como se desmaiasse.



O coro dos pássaros me acordou de madrugada, mas fiquei deitado no chão. Parecia como quem volta de uma longa viagem e está prestes a sair em outra ainda mais longa. Fiz força para levantar, mas não consegui. Fui acometido por

cochilos intermitentes e sem sonhos, até que alguém bateu à porta. A princípio pensei que fosse um dos criados do mosteiro, mas depois que abri a porta vi que era um dos guardas da guarnição romana:

— A velha quer vê-lo perto da entrada!

Que velha é esta que me chama a esta hora da manhã? Saí, preocupado, e vi na penumbra da alvorada a tia de Martha, sentada na grande pedra quadrada perto da entrada. Tinha nos ombros um velho corte de lã. Quando me aproximei dela, levantou-se e veio me beijar a mão. O guarda nos deixou e desceu a colina, como se estivesse indo para o posto da guarnição. Sentei na pedra quadrada e a velha se sentou diante de mim, no chão. O vento estava frio; meus ombros tremiam.

— O que a traz tão cedo, senhora?

— Preciso de sua ajuda numa questão importante.

Sua “questão importante” soou estranha. A velha queria que eu convencesse Martha a voltar a Aleppo para cantar lá, pois aqui a vida ficou difícil — segundo suas palavras — e precisavam do dinheiro que ela poderia ganhar com o canto. A velha me surpreendeu quando acrescentou:

— Já que Martha não vai cantar na igreja, que vá cantar então em Aleppo.

Como a velha tinha ficado sabendo que adiamos o canto? O abade havia me contado isso tarde da noite, como chegou a notícia até ela com tanta rapidez? Certamente receberam visita de alguém do mosteiro; ou talvez o abade tivesse contado para o padre que era parente delas, e este havia lhes contado. Não fiquei pensando em quem teria contado, pois o mais importante para mim naquele momento era Martha ir a Aleppo, cantar nas noites para a escória dos mercadores árabes e curdos, e o que se pedia de mim era que empurrasse meu único passarinho para a gaiola dos gatos selvagens!

— Mas Martha disse que vocês estavam trabalhando com o tear e cozinham para a guarnição.

— Isso tudo, meu senhor, não é lucrativo, pois ninguém compra o que tecemos e os soldados são avarentos.

Impressionou-me quando disse “meu senhor” em vez de “padre”, e já não falava comigo por trás do véu da deferência, como fazia antigamente. Teria Martha lhe dito o que aconteceu entre nós? E por que só agora a velha começou a reclamar das dificuldades da vida e do pouco ganho? Como teve a coragem de vir me ver antes que o sol nascesse para me pedir algo como aquilo?

— Vá para casa, senhora. Falarei com Martha sobre o assunto à tarde.

Quis ganhar um pouco de tempo para pensar e não demonstrar para a velha minha perturbação. Fui imediatamente para a grande igreja, juntar-me aos monges na preparação para as preces de domingo. Antes de entrar, olhei para trás; a velha ainda estava sentada no mesmo lugar perto da entrada em ruína, e vi o guarda que bateu à minha porta subir a colina de novo. Parei um instante para olhar de longe: vi o guarda chegar até a velha e se sentar na pedra, no mesmo lugar onde estivera sentado havia pouco.

Por entre as pedras do muro do mosteiro, vi-os conversando. Devido à distância, não consegui ouvir o que diziam, mas o jeito do guarda se sentar chamava a atenção: estava envolvido, como se retomasse uma conversa que tinha sido interrompida. Inclinou-se apoiando os cotovelos nos joelhos e gesticulava com as mãos, o que indicava a importância do que dizia. A velha assentia com a cabeça como quem concordasse. Quase voltei para esclarecer a questão, mas ouvi passos no cascalho vindo em minha direção.

— Bom dia, Hipa.

O rosto já inchado de Fariseu estava mais inchado ainda; seus olhos estavam vermelhos, o que sugeria que não tinha dormido na véspera. Admoestei-o com palavras delicadas por sua partida repentina na noite anterior, e ele se desculpou pela própria inquietação. Perguntei-lhe se sofria de algum mal do

corpo, e ele respondeu se queixando: *pelo contrário, sofro de todos os tipos dos males do espírito!* Caminhamos com passos pesados e entramos na igreja pela porta interna. O lugar estava sombrio, e sombrios estavam também os rostos dos monges.

Após as orações e a saída dos fiéis, desci até o casebre de Martha e a chamei. Ela foi encontrar comigo no pé do terreno plantado, onde era mais calmo e mais adequado para sentarmos juntos, considerando que não podíamos ser vistos. Olhei demoradamente para seu rosto, tentando descobrir o que escondiam suas feições inocentes, mas não vi nada. Perguntei-lhe do guarda que havia conversado com sua tia de manhã e supliquei para que fosse sincera e me contasse a verdade sobre o que estava acontecendo.

— Ele quer se casar comigo.

— Como?

— Como se casam as pessoas, Hipa. Ele disse que chegou há dois meses e ficará aqui anos, e não seria mal se casasse. Quer morar conosco no casebre ou alugar para nós uma casa na aldeia.

— Mas...

— Eu não o quero, Hipa, quero você; e se você não me quiser, voltarei a Aleppo, porque por mais difícil que seja a vida lá, é mais fácil do que aqui.

— Quem contou a sua tia que o canto na igreja foi adiado?

— Foi o guarda romano que me pediu em casamento. É de origem grega, tem 30 anos e se chama...

— Não quero saber.

Estava sentindo um aperto forte em meu peito. Martha olhava para os campos ao longe, com a mente distante. Após um instante de silêncio, levantou-se de súbito para se sentar perto de mim. Quando colocou sua palma da mão no meu ombro, olhei ao redor, com medo de que alguém nos visse. Não havia ninguém, exceto uma pomba montanhosa ciscando na terra. De

dentro de mim, uma voz sussurrava para que eu pusesse minha mão em sua coxa e me perdesse com ela no êxtase da paixão, permanecendo ao lado dela o resto da vida. Era a mesma voz que semanas depois descobri ser a voz de Azazel, que me implorava num chamamento vindo bem do fundo de mim: *não abandone Martha como abandonou Otávia, há vinte anos...*

— Não era a minha voz, Hipa; era a voz de sua alma.

— Azazel, não me confunda! Deixe-me terminar a escrita; meu tempo já está curto, e minha paciência também. Partirei em alguns dias.

— Está bem, vou ficar quieto e me calar completamente... mas não era minha voz.



Já se passaram dois meses desde meu último encontro com Martha, no sopé do terreno plantado com sementes. Era de tardinha. Naquele momento não atendi o chamado que vinha de dentro de mim, pedindo-me para colocar minha mão sobre ela e beber do mel da paixão. Mas eu pensava nas consequências daquilo; apegar-me-ia mais ainda a ela, e ela a mim, quando eu deveria ter deixado para trás as manifestações mundanas, que dirá uma relação com uma mulher! Martha, porém, não era como as outras, era mais próxima da infância, do angelical; como posso largá-la no colo desse guarda romano de origem grega, de quem desconhecia o nome. Como poderia ele compreendê-la como eu a compreendi, e como ela poderia amá-lo como me amou? Enterneceria por ele um dia e cantaria na cama suas canções sussurrantes? Martha não é como todas as mulheres, mas se for cantar nos bordéis de Aleppo, em meio aos bêbados e à escória dos mercadores árabes e curdos, não seria nada diferente de uma mulher abjeta, arremessada de um colo para outro. Martha passou anos cantando lá e não me contou nada do que tinha acontecido a ela durante

aqueles dias, e eu não perguntei. Será que a tia está me ludibriando com toda essa história para me empurrar a fugir com ela e nos casarmos? E como posso me casar, após ter passado a vida inteira como monge? Entregaria os vinte anos que passei no monastério como meu dote a uma moça de 20 anos; dali a dez anos eu seria um velho de 50, e ela, uma linda mulher de 30, desejando os homens e aspirando pelos olhares cobiçosos; mãos podiam se estender até ela. Passaria com ela o resto dos meus anos protegendo-a e restringindo-a? Terminaria como um guarda para uma mulher, após uma vida tão repleta de mudança de condições que não sabia mais um qualificativo para mim: médico ou monge? Pregador ou perdido? Cristão ou pagão?

Martha estava sentada ao meu lado naquele dia, mas todos esses pensamentos me fizeram esquecer que estava ao seu lado. Como meu silêncio se prolongou, seus dedos tocaram minhas costas, tirando-me das minhas ideias vacilantes.

— Hipa, leve-me com você para sua terra natal, casaremos e ficaremos lá juntos por toda nossa vida — pediu ela, num tom extremamente doce.

— É verdade o que sua tia disse sobre seu desejo de cantar em Aleppo?

— Ela quer isso, mas eu quero apenas você. Vamos embora daqui então.

— Como, Martha, como? A maioria das pessoas na minha terra é cristã.

— O que eles têm conosco? Somos cristãos também.

— Nosso casamento é proibido no cristianismo.

— Proibido!

— Sim, Martha, proibido, pois no Evangelho de Mateus está escrito: quem se casar com uma mulher divorciada comete adultério.

— Adultério! E o que foi aquilo que fizemos ontem no casebre? Não estávamos cometendo adultério?

Martha se desvencilhou de meu lado como o espírito se retira de um corpo magro, aniquilado pelos achaques crônicos. Não olhei para ela enquanto se

afastava de mim, indo para seu casebre. Não me movi do lugar até o momento da chegada de Diácono, que me chamou para ir à cela do abade. Disse que queria conversar comigo sobre um assunto urgente. Minhas pernas estavam adormecidas e quase caí quando levantei, mas me apoiei no braço de Diácono. Subimos para o mosteiro pela passagem acima do casebre, para evitar o encontro com a tia velha de Martha. Estava exausto. Quando entrei na cela do abade, o suor corria pela minha testa e escorria por baixo das dobras de minha vestimenta como gotas de chuva.

Nota:

Na borda do pergaminho, há um longo comentário escrito em árabe com letra fina; é parte dele este trecho:

Parece que este monge Fariseu era de fato iluminado, pois já se passaram mil anos de guerra entre as igrejas, e tal guerra foi o único motivo que me levou a sair da minha terra oriental. É sabido que rios de sangue jorraram em Alexandria depois que seu bispo Cirilo morreu. O povo da cruz persistiu em destruir a cidade, matando os não cristãos, judeus e pagãos. Além disso, os cristãos se rebelaram contra seu novo bispo, Protério: dilaceraram-no, arrancaram-lhe membro a membro e lançaram seus restos ao fogo. Desentenderam-se também com o bispo de Alexandria, Timóteo. Houve muita matança nesta magnífica cidade. Hoje está praticamente esquecida, após sua queda nas mãos dos muçulmanos.

O VIGÉSIMO SÉTIMO PERGAMINHO

A marreta

Quando entrei pela porta entreaberta da cela do abade, encontrei-o absorto numa reza profunda. Contou-me, ao terminar, que rezava por Nestório, e acrescentou que convidaria todo o povo do mosteiro e todos os fiéis que moravam na vizinhança para um jejum de uma semana, durante o qual missas e orações se sucederiam, a começar por aquela noite, para evocar a compaixão divina pelo povo da religião e para afastar a perturbação das grandes igrejas. Fiquei surpreso em ouvir isso, mas então me contou que chegou até ele a notícia de que o bispo Cirilo, o bispo de Jerusalém e um grupo de bispos e padres decidiriam no dia seguinte o concílio ecumênico, presidido por Cirilo, e que Nestório não pretendia estar presente.

Após um momento de silêncio, durante o qual minha cabeça girou e minha respiração falhou, o abade disse que João, o bispo de Antioquia e defensor de Nestório em sua crise, mandou informar os bispos reunidos em Éfeso que demoraria alguns dias para chegar, devido à periculosidade da viagem.

— A viagem é de fato perigosa esses dias, pois o mar está revolto e a rota por terra não é segura — acrescentou. — Os salteadores das estradas estão ativos e a instabilidade paira por toda parte.

O suor que caía da minha testa aumentou; senti calafrios e tontura. Não pedi mais detalhes ao abade, no entanto assegurou-me de que todos estavam apreensivos pelo que poderia acontecer em Éfeso, e que ele mesmo estava apavorado. Suas palavras me deixaram tão chocado que não pude responder nada; senti, porém, que a tormenta já estava próxima. Vivi dois anos em Alexandria e aprendi, naquela época remota, como sopram os horrores das tormentas. Não perguntei ao abade como lhe chegavam as notícias, mas

perguntei se eram confiáveis. Ele assentiu, lamentando. Disse depois que queria mandar uma carta por mim para o bispo da diocese de Aleppo, relacionada ao que acontecia em Éfeso.

Quando o abade pronunciou a palavra Aleppo, fui arrancado da sua frente pelos pensamentos errantes. Minha cabeça girou sob as indagações: por que de repente Aleppo começava a me cercar por todos os lados, a espreitar minha alma, assaltando-me, derrubando a mim e a tudo que me rodeia. Aleppo dos bordéis que chamam Martha, que a seduz e que me seduz; Aleppo da diocese que ferve nos fogos revoltos de Éfeso. Por que o abade me escolheu como mensageiro? E por que escreve para Aleppo agora? Seria uma carta para o bispo João de Antioquia? O que estava acontecendo ao meu redor?

O abade me trouxe de volta à sua presença. Levantou e disse que naquela noite escreveria a carta, e que eu podia levá-la na madrugada do dia seguinte, após a missa. Pedi licença a ele para que fosse à minha cela e disse que me encontraria com ele em uma hora, na igreja. Quando saí para o pátio, os monges estavam ocupados, preparando algo que eu não soube dizer o que era. Não falei com ninguém no caminho; minhas pernas mal conseguiam subir a escada. Fechei a porta da cela, mas não acendi a lamparina. Fiquei um tempo na escuridão, depois deitei de costas, porém sem estender os braços. Fechei os olhos, vi Martha sorrindo, cobri meu rosto com os braços, vi Otávia morrendo, depois Nestório caminhando calado, rodeado por soldados; depois o vi sozinho sobre o Monte Qusqam.

Levantei do meu repouso, apavorado sem saber por quê. Perguntei a mim mesmo: devo ir à igreja agora para buscar um pouco de segurança? As rezas noturnas já devem ter começado. Ficar em grupo dissipa o medo; nada é mais assustador do que a solidão. Ou vou ao casebre de Martha, reparo o que havia se rompido entre nós e deito-me no chão, ao pé de sua cama? Martha dorme naquela cama, ou se deita no chão, como eu? Não sei muito a seu respeito. Não

a vi por dentro; aliás, nunca vi nada por dentro. Estou sempre contornando as aparências das coisas, sem mergulhar nelas. Na verdade temo mergulhar em mim e descobrir a verdade da minha alma confusa. Tudo em mim é confuso: meu batismo, minha fé, meus poemas, meu conhecimento médico, meu amor por Martha. Sou confusão em cima de confusão! A confusão é a antítese da fé, da mesma forma que Satanás é antítese de Deus.



Minha noite foi terrível. No coração negro da escuridão, revirava-me sobre as chamas dos pensamentos estranhos, impetuosos. Desejei ir ao casebre de Martha e me meter em seu colo; ou subir a colina sobre a qual o abade fazia seus sermões para o povo, abrir os braços ao vento, juntar minhas forças e voar até Nestório, que devia estar rezando sozinho e ficaria feliz em me ver. Desejei voltar a ser criança numa época remota, tendo uma mãe diferente e um pai semelhante ao que tive, uma grande família que se orgulhasse de mim toda vez que eu compusesse um novo poema; desejei ter duas mulheres que me amassem, uma igual a Otávia e outra igual a Martha. Desejei ser como o macho das pombas silvestres, simples e puro, desfrutar o momento com quem estivesse por perto, depois voar.

As ideias afoitas foram me puxando em direção à cavidade escura que temos dentro das almas, largando-me no fundo de um abismo sem volta. Senti o frio afundando nos meus ossos; puxei o pano grosso que estava estendido na mesa, coloquei-o nos ombros e saí da cela a caminho da igreja. Passei por ela, mas não entrei. Continuei com passos pesados até a entrada do mosteiro. As estrelas no céu indicavam a proximidade da alvorada. A penumbra envolvia a tudo e a mim. Não havia ninguém da guarnição romana na entrada, nem sequer o cão

deles estava lá. Olhei em direção ao casebre de Martha e fui acometido novamente por desejos impossíveis e temores descomunais.



Demorei-me sentado na entrada do mosteiro, e os pensamentos me desafiaram. Tentei lutar contra eles, até que me rendi e deixei-os me invadirem. Naveguei em mares longínquos, além deste mundo. Mergulhei em épocas remotas, que desconheciam a desventura humana; tempos anteriores aos que constam no Gênesis, anteriores à criação. Quem existia antes da existência do homem sobre a Terra? Deus? Os anjos? Satanás? O que faziam todos antes de existirmos e antes de começarem a se ocupar conosco?

O primeiro fio de luz apareceu. Naquele momento e pela primeira vez senti que não estava sozinho. Senti que havia alguém me vendo, de onde eu não podia vê-lo. Não me refiro a Deus, mas a alguém mais próximo de onde eu estava, escondido num local bem perto. Olhei ao redor e apurei a audição; quem sabe encontraria alguém que me confirmasse a sensação ou a negasse. Disse a mim mesmo que tudo era ilusão de quem passou uma longa noite insone — podia ser uma raposa ou um coelho selvagem que estivesse por perto, ou mesmo um ladrão que já sabia que os guardas do mosteiro passam a maior parte do tempo dormindo.

Peguei uma pedra do chão e joguei-a para o lado direito. Joguei outras pedras para todos os lados, mas nada se moveu. Só ouvi o som das pedras caindo sobre o cascalho. Então eram as armadilhas das dúvidas, a ansiedade da insônia e o medo do desconhecido escondido. Levantei e tive a sensação de que estava sendo seguido pela mesma coisa. Parei no meio do pátio vazio, e ela também parou. Continuei meu andar perturbado e ela andou atrás de mim. Um calafrio se espalhou dentro de mim.

A porta interna da igreja estava fechada. Continuei andando até que a construção misteriosa ficou bem diante de mim, e à direita, as celas dos monges. Apressei o passo nessa direção e subi a escada até minha cela, tranquei a porta atrás de mim e permaneci na escuridão. Disse a mim mesmo: o sol logo nascerá, não há necessidade de acender a lamparina, é melhor descansar um pouco, pois meu dia será longo. Entre cochilos e vigílias, senti que quem esteve comigo ainda estava, mas com uma diferença: eu não temia mais a sensação, como antes. Eu tinha certeza de que havia trancado a porta, de que estava sozinho no quarto, e também de que alguém estava próximo de mim.

— Hipa.

Despertei para o chamado distante e um medo repentino arrepiou o pelo dos meus braços. Fui tomado por calafrios, cujo centro era minha cabeça. A voz que me chamou era audível, mas de onde vinha? Não vinha de um lado só, mas de todos os lados.

— Hipa, não está me vendo?

Olhei ao redor e nada vi. Olhei dentro de mim e, por entre os véus do medo e da ansiedade, vi um rosto pálido. Seria o jovem que encontrei na beira de Sarmada? Seria o homem bem-vestido e ardiloso que encontrei no caminho de volta de Monte Qusqam a Assiut? O olhar era o do menino, o sorriso sarcástico era do homem. Eu estava certo, então, quando fugi deles. O abade não acreditou em mim quando lhe contei que havia encontrado Satanás à luz do dia. Satanás! Que seja, o que poderá fazer comigo?

Minha última pergunta para mim mesmo atenuou um pouco do meu medo, mas puxou atrás dela uma porção de outras indagações: Satanás, maldito, o que pretende? Quer me desviar da minha fé em Cristo? Não entendeu que não creio mais como antigamente? Vai me tentar com mulheres sedutoras? Não sabe o que aconteceu no passado com Otávia e o que acontece agora com Martha? Ou está querendo me conduzir à heresia? E o que é a

verdadeira fé, da qual as heresias são o oposto? Não existiriam heresias se não existisse ortodoxia verdadeira, e o que é a ortodoxia? Seria o que eles decidem em Alexandria, ou o que acreditam em Antioquia? É a fé dos primeiros padres, os pios santos? Ou seriam as crenças pagãs, cujos praticantes perseguiram os primeiros padres, os quais com o tempo tornaram-se pios santos?

As perguntas sem resposta se debatiam dentro de mim: seria o credo de Cirilo o verdadeiro, ou o do pobre Nestório, que logo vai se juntar a seus antecessores excomungados — Paulo de Samósata; Ário, o exilado; o bispo Teodoro de Mopsuéstia. Todos os hereges aqui eram reverenciados lá! Todos os patriarcas são contestados, exceto por seus seguidores. Satanás brinca com todos, será que agora está querendo brincar comigo? Não está satisfeito em sua brincadeira com aqueles que estão se preparando para a guerra em Éfeso? Nem com os incêndios que provoca em todas as igrejas? Ele nunca está satisfeito, nem desiste de uma única coisa, do contrário, por que me chama agora? E por que o eterno assédio a mim, e sua provocação direta na fronteira de Sarmada?

Na escuridão, sua imagem ficou mais definida. Olhei bem em suas feições que se revelaram para mim, e encontrei-as mudadas. Não eram mais do homem bem-vestido, de rosto manchado por vitiligo, nem do jovem com quem me encontrei. Tinha o rosto mais delicado e menor, parecia mais com o rosto de Martha do que com qualquer outro. Encarei-o; era Martha sem tirar nem pôr, com seu riso doce e a bela cabeça inclinada para a direita quando falava. Chamei-a baixinho e o rosto nublou-se e se dissipou, como se desmancham os fios de fumaça. Suas feições desapareceram e a imagem de Martha suavizou-se. Fiquei confuso. Após longo devaneio na cegueira, adormeci profundamente, totalmente inconsciente do que acontecia ao meu redor.



No meio da manhã, o abade enviou à minha cela um monge, para esclarecer o motivo da minha ausência. Disse-lhe que estava indisposto por ter me exposto ao frio da madrugada. À tardinha, Diácono veio me ver. Minha boca estava seca e minha cabeça tinha. Perguntei-lhe sobre as notícias do concílio ecumênico e sua resposta abreviada deixou-me ainda mais indisposto:

— Começaram hoje; o imperador ainda não chegou. O pombo-correio trouxe as notícias.

Fechei a porta atrás dele e deitei-me de costas, depois me encolhi no chão e virei para o lado da parede, com os braços envolvendo a cabeça. O sono me tentou e voltou a sensação de que ela estava comigo na cela, a mesma entidade invisível. Minha cabeça vagou e vi Martha de novo, agora como fios de fumaça se formando dentro da minha cabeça. Falei com ela, mas não respondeu. Quando me aproximei, afastou-se. Olhei fixamente em seu rosto e ele tornou-se um rosto parecido com o da minha mãe. Chegou tão perto que senti sua respiração. Não era o cheiro da minha mãe, nem o perfume do óleo aromático com o qual Martha se untava. Toda coisa tem um cheiro, até mesmo as pedras, mas aquilo que vi não tinha. Era um rosto cujos traços se modificavam lentamente, tomando cada vez uma nova forma.

No fim da tarde, levantei do meu repouso, sentindo-me como se tivesse ressuscitado no dia do juízo final. Saí da cela tremendo e encontrei o mosteiro totalmente quieto. O sol já estava quase se pondo e a construção misteriosa se cobria com um leve vermelho. Enquanto descia a escada, a grande igreja nas proximidades me parecia longe. Achei cansativo descer; voltei à minha cela e dormi novamente.

No meio da noite, os pensamentos desenfreados voltaram a me invadir: por que não vou embora agora e levo Martha para bem longe daqui? Ou por que não deixo tudo para trás e parto para Éfeso? Os monges e os bispos alexandrinos não me reconhecerão. Ficarei ao lado de Nestório em sua crise. A

situação pode mudar para seu lado quando o imperador e os outros bispos que o apoiam chegarem. Ele pode ser protegido pelo imperador, afinal, é o bispo da sua capital; depois, dissolvida a crise, voltarei com ele a Constantinopla.

— Hipa, essa crise não acabará antes de acabar com Nestório.

— Quem é você?

— Não me conhece mesmo?

O fantasma começou a falar. As palavras empalideceram sua imagem e retiraram dela os traços que se transformavam em diversos rostos. Não soube o que responder, mas não estava mais com medo de sua presença ao meu redor.

— Não estou ao seu redor, Hipa, estou dentro de você.

Pensei que a insanidade havia me arrebatado do meu mundo instável e que começava a alucinar. Pensei: talvez eu esteja dormindo, e isto não é nada mais do que um sonho. Sim, um sonho passageiro do qual acordarei, que se transformará numa lembrança e que logo esquecerei. Tudo estava me perturbando, e a perturbação provoca medos; certamente estou alucinando um pouco devido a minha perturbação.

— Hipa, você está perturbado pelo que se passa dentro de você, porque sabe o que vai acontecer em Éfeso e sabe que perderá Martha, como perdeu antes tudo o que tinha: o sonho de se destacar na medicina, a esperança de desvendar o mistério da fé, a paixão por Otávia, a admiração por Hipátia, o refúgio tranquilo no não saber e a crença nas lendas.

A voz agora era um sussurro claramente articulado, e o rosto foi se tornando mais evidente e reconhecível. Parecia-se comigo. A voz era minha. Este é outro eu, aprisionado dentro de mim. Não faria mal se eu conversasse um pouco comigo, confessando o que não se deve dizer: meu desejo por Martha, meu medo por ela, meu medo dela; meu vagar nos desertos da alma, meu receio nada otimista pelo golpe esperado do bispo Cirilo em Éfeso. Será horrível. Cirilo é o líder da Igreja de Alexandria, a Igreja de São Marcos. A palavra

Marcos, entre seus muitos significados, quer dizer “marreta”, que na nossa terra chamamos de *almirzabba*, ou barra de ferro.

Ah, a marreta cairá inevitavelmente na cabeça de Nestório e as paredes deste mosteiro vão balançar, tal como as de todos os mosteiros e igrejas seguidores do bispado de Antioquia. A glória será apenas para Alexandria; até mesmo a antiga Roma minguará e morrerá como todas as outras cidades antigas. Tenho de escapar deste mundo cheio de mortos.

— Deixe os mortos aproveitarem sua morte, pegue Martha e volte à sua terra natal.

— Cale-se, volte de onde veio, existência misteriosa e imaginária!

— Devolva-me você, foi você quem me criou.

— Eu não criei ninguém, estou sonhando agora.

— Então seu sonho será longo, Hipa!

— Você me chama pelo nome como sou conhecido, qual é o seu?

— Azazel.

O VIGÉSIMO OITAVO PERGAMINHO

A presença

Minha mente vagou; vi árvores cobrindo o mundo e me vi caminhando por entre florestas fechadas. Acordei e encontrei Diácono sentado perto de mim; meu manto, quando o apalpei, estava molhado de água morna na frente. A mente vagou de novo, e Azazel voltou com um rosto alvo que no meio da noite parecia luminoso. Então acordei de vez. A porta da minha cela estava aberta, e a luz do dia me chegou por entre os hábitos dos monges parados na porta. Diziam coisas que não compreendi. O teto da cela parecia muito alto e distante de mim.

Ouvi os sinos dobrarem sem interrupção, pareciam retumbar em meus ossos. Então os sinos pararam de repente, e Azazel chegou sorrindo. Sentou-se quieto na minha frente, depois rastejou para se aproximar mais. Toquei seu rosto com meus dedos: era úmido, pegajoso. Fiquei apavorado. Depois de um tempo ele estendeu a mão fria até minha testa. Senti um frio entrando na minha cabeça e acalmando meu pavor. Dormi no meu sonho e sonhei que estava sonhando.

— Hipa.

— O que quer, Azazel?

— Quero que se fortaleça e que se recupere do que lhe acometeu.

Recuperar-se é pobreza e privação. Adormecer é melhor, iluminado por esses numerosos sóis e luas que enchem o céu brilhante e vermelho dentro de mim. Vi-me vagando pelo mosteiro, sozinho. Entrei na construção misteriosa pela abertura de cima, circulei por seus ambientes até que cheguei a uma sala. Não havia pregos enferrujados luzindo na escuridão, e nada encontrei lá além de penumbra empilhada sobre penumbra. Sentei-me na escada circular e convoquei Azazel para me fazer companhia; ele veio e se sentou perto de mim. Saímos juntos da construção misteriosa que não era mais misteriosa; encontramos a colina do mosteiro totalmente vazia, não havia ninguém, nem uma pedra ou uma edificação. Apenas cascalho, ciprestes e grama azul cobrindo o lugar. Azazel sussurrou que aquela era a colina do mosteiro no passado longínquo, antes que os humanos existissem e antes que Deus criasse o homem. Perguntou-me então:

— Deus criou o homem, ou foi ao contrário?

— O que quer dizer?

— Hipa, o homem de cada época cria para si um deus conforme seu capricho; o deus dele é sempre suas visões, sonhos impossíveis e desejos.

— Pare com essa conversa. Você sabe seu lugar com relação a Deus, portanto não O mencione.

— Eu sou mencionado, Hipa, toda vez que Ele é mencionado!

Minha mente vagou, então deixei Azazel falar o que quisesse e saí de lá. Quando voltei, ele estava falando sozinho; encontrei-o falando numa língua estranha algo com o sentido de que Deus está velado em nós mesmos, e que o homem é incapaz de imergir o bastante para compreendê-lo. Nos tempos antigos, quando alguns pensaram ter formado uma imagem do deus perfeito, perceberam que o mal é intrínseco ao mundo e que sempre estaria presente. Criaram-me para justificá-lo. Foi isso o que ele disse.

Não discutia mais nada que Azazel dizia; eu não era capaz de discutir com ele, em todo caso. Várias vezes senti que tremia, senti fome. Ele colocava na minha boca uma colher de sopa sem cheiro nem gosto. Eu engolia a sopa, minha boca rachava e eu sentia dor na garganta, depois dormia. Algumas vezes, vi que era Diácono, não Azazel, quem me dava a sopa e a água. A água tinha um sabor melhor.



Há muitos ditos e opiniões sobre a origem de Azazel. Alguns estão registrados nos livros antigos e outros são copiados das religiões do Oriente. Nem todas acreditam na sua existência, e os egípcios antigos, os sábios, não o conheciam. Contam que tinha nascido da imaginação das pessoas na época da antiga Suméria, ou no tempo dos persas, que adoravam a luz e a escuridão; e deles os babilônicos o teriam conhecido. Sua menção mais conhecida foi no Velho Testamento, escrito pelos rabinos após o regresso dos judeus do cativeiro babilônico.

Mas na religião de Cristo, todas as correntes o confirmam, e não admitem duvidar de sua existência. Ele surge sempre como inimigo de Deus e de Cristo, mas não se conhece sua posição em relação ao Espírito Santo. Os antigos contam que foi ele quem criou o pavão. Uma inscrição antiga conta que Azazel só fazia ou incitava coisas feias, daí quis provar que era capaz da beleza, por isso criou essa ave. Um dia contei isso a Azazel, que sorriu e contraiu o ombro direito com ar de surpresa.

Escutei ruído de pássaros enchendo o céu. A porta da cela estava aberta, e Azazel, sentado à porta, calado. Desejei ouvir minha voz vindo dele e perguntei-lhe qual de seus nomes ele mais gostava. Respondeu:

— Todos me soam iguais: Iblis, Satanás, Arimã, Azazel, Belzebu, Beelzaboul...

Disse-lhe que Beelzaboul em hebraico significava “senhor dos dejetos”, e Belzebu, “senhor das moscas”; como então não se importava com as diferenças que havia entre os significados de seus nomes, considerando-os iguais? Respondeu:

— Todos são iguais, pois as diferenças estão nas formas, mas o significado é o mesmo.

Despertei e vi Diácono torcendo entre meus lábios um pano branco embebido em água fria e depois abrindo-o sobre minha testa. Toquei meu rosto, estava coberto de suor, que encharcava meu travesseiro. Perguntei a Azazel qual era o significado de todos seus nomes. *A antítese*, respondeu ele.

Azazel é a antítese do Deus adorado. Foi isso que ele disse sussurrando em outra língua, diferente da anterior que eu havia desconhecido. Mas entendi a frase e senti fascínio pelo conceito. Ele então é o oposto de Deus, que conhecemos e definimos como o bem absoluto. E como todas as coisas têm opostos, atribuímos ao mal absoluto uma entidade oposta ao que supomos em primeiro lugar, e demos a ele o nome de Azazel e outros nomes mais.

— Mas, você, Azazel, é a causa do mal no mundo — sussurrei.

— Hipa, seja racional. Eu sou a justificativa para os males, logo são eles que me causam.

— Não foi você quem semeou a discórdia entre os bispos? Confesse!

— Eu faço, mas não confesso, e isso é o que eles querem de mim.

— E, você, o que quer?

— Eu, Hipa, sou você. Eu sou eles. Você me vê presente onde quiser, ou onde eles quiserem. Estou sempre presente para aliviar o fardo, afastar o peso e absolver todo condenado. Sou o querer, o querente e o quisto. Sou o servo dos sujeitos e o estimulador dos sujeitadores a perseguirem os fios de suas ilusões.

Fiquei zozzo e minha vista girou. O lugar era como se fosse minha cela e esse rosto fixado em mim é igual ao do abade. Esses salmos que ouço são numa voz igual à dele. O ar estava abafado e a umidade sufocava.

Deixei-me cair num desmaio para descansar um segundo, e um calafrio sacudiu meu interior. Vi o Mar de Alexandria e me vi girando profundamente na água, até que um turbilhão sem fim me arrastou.



Fiquei um tempo preso dentro do turbilhão que me pegou, estudando a consistência da água ao meu redor.



— Ele acordou e está pedindo comida.

Ouvi a voz de Diácono por trás da porta da cela aberta. Não atentei ao significado de sua frase, até que entrou alegre, dizendo:

— A comida vai chegar, padre; graças a Deus por sua recuperação. É um milagre dos céus. Todos diziam que morreria, mas eu sabia que ia se curar da febre.

— Que febre, Diácono? Não estou entendendo.

— Não se desgaste, padre, descanse. A comida já vai chegar.

Estava faminto e desejava sair para a claridade, mas não pude me levantar. Estava totalmente sem força. Quase não consegui dizer o que queria, pedindo a Diácono que me ajudasse para poder me sentar. Carregou-me e encostei as costas na parede. Quase cochilei quando ouvi passos chegando.

Fariseu foi o primeiro a entrar na cela, seus olhos brilhando de alegria. Depois entrou um monge carregando um copo de sopa. Tomei alguns goles,

que me causaram dor no estômago por um instante; depois a fome superou a dor e tomei toda a sopa. O monge e Diácono saíram, Fariseu ficou à porta. Sorri para ele com tudo que tinha de força e ele se aproximou, com lágrimas nos olhos.

— Leve-me até a biblioteca — falei.

— Agora não, Hipa. O sol está quente, iremos no fim da tarde.

Não aguentaria o sol do meio-dia? Eu, cuja cabeça descoberta já havia sido tanto fustigada pelas lanças quentes do sol? Quis conversar com Fariseu, mas crises de sonolência me balançavam e me lançavam à inconsciência. Mal o senti colocar uma coberta sobre mim e sair, fechando a porta da cela. Quando despertei de novo, não tinha noção do tempo; estava com sede e com fome de novo. Não havia ninguém na cela a quem pedir água. Juntei minhas forças e me apoiei nas paredes até que consegui levantar, e caminhei cambaleando até o jarro coberto por uma tampa redonda de madeira, perto da porta. Levantei a tampa, enchi o copo de cobre e comecei a beber água como nunca antes. A água é a origem da vida. Meu corpo estava seco feito uma terra rachada por uma longa seca.

Apoiei a cabeça na parede e tentei juntar forças, mas me sentia muito fraco. Sentei no chão por um segundo, depois consegui me levantar de novo e, quando abri a porta, a luz irritou meus olhos; cobri-os com minha manga para que pudesse aguentar. Caminhei guiando-me pelo muro da passagem que ligava as celas dos monges e respirei bem fundo. De repente, lembrei-me de Martha e estremeci.

Vi os monges saindo da igreja depois da reza da hora nona, todos em hábitos de dia santo. Viram-me e alegraram-se, a maioria veio em minha direção. Encontrei com eles nos primeiros degraus, depois que descí com cuidado exagerado, as pernas trêmulas. No caminho para a biblioteca, soube deles que fui acometido por febre durante vinte dias completos. Perguntei a

mim mesmo: que febre é essa que dura tanto tempo sendo as crises quase seguidas, uma emendando na outra? Teria sido a febre diária, cujas crises ocorrem à noite? Ou era a febre terçã, cujas crises desaparecem para voltar no dia seguinte? Seja como for, trata-se de uma das febres agudas, não crônicas, do contrário não teria me feito sofrer tanto. Vinte dias? Mas as febres agudas matam o paciente em muito menos tempo, como me salvei? Que tratamento administraram? Onde está Diácono, para lhe perguntar sobre Martha? O que aconteceu em Éfeso? Que visões eram aquelas que tive durante a febre? Conversava de fato com Azazel ou eram alucinações da mente febril?

Chegamos à biblioteca após um grande esforço. Um dos monges se adiantou e abriu a porta. O pó cobria tudo. Os lugares envelhecem quando sua gente se ausenta. Um deles se apressou com um pano e sacudiu a poeira de onde sentaríamos. Os monges se juntaram ao meu redor; eram perto de dez. Pedi notícias sobre o concílio ecumênico e suas respostas vieram misturadas: o bispo Cirilo teve a iniciativa, abriu e instalou a reunião antes da chegada do imperador, em meio às saudações dos monges egípcios e de toda a gente. Cirilo presidiu a assembleia e obteve assinaturas de um grupo de bispos e padres, apoiando a decisão de destituir e excomungar o bispo Nestório. Os dois bispos, João de Antioquia e Nestório, fizeram outra reunião na mesma cidade alguns dias depois e juntaram assinaturas de um grupo de bispos e padres, apoiando a destituição e excomunhão do bispo Cirilo. Quando o imperador chegou de Constantinopla junto com o papa de Roma, os dois ficaram aborrecidos e decidiram, com um grupo de bispos e padres, destituir ambos os grandes bispos e excomungar os dois. Nestório e Cirilo foram excomungados, desclassificados do posto de bispo e banidos da Igreja.

Que insanidade total é esta? Olhei para Fariseu, que durante toda a conversa permaneceu calado. Quando demorei o olhar, balançou a cabeça e esticou o lábio, sem nada dizer. O abade entrou e todos os monges se levantaram por

respeito. Fez um gesto de que queria ficar comigo a sós. Retiraram-se então, ainda felizes por minha salvação da febre e confusos pelo que acabaram de me contar.

O abade estava prestes a falar quando um monge entrou, carregando uma tábua quadrada de madeira, um copo antigo de cobre cheio de sopa e pequenos pedaços de frango e um pequeno prato de frutas frescas. O abade esperou até que o monge se retirasse, depois me passou a sopa. Peguei o copo com as mãos; pediu-me para tomar a sopa, e foi o que fiz. Passou-me o prato de frutas e insistiu para que eu as comesse, peguei uma e afastei o prato. Ficamos calados por uns instantes, durante os quais o abade estava absorto em preces e salmodias em voz baixa, das quais não consegui entender palavra. Depois que terminou seus murmúrios calmos, perguntei-lhe:

— O que foi isso que aconteceu em Éfeso, padre?

— Foi a turbulência e a ganância do mundo que seduziram os corações.

— E como a questão terminará?

— Hoje está acontecendo oficialmente a reunião presidida pelo imperador e pelo papa de Roma, apesar de ser o dia da Ressurreição.

— Que seja abençoado este dia, padre, mas acha que esta tristeza será dissipada?

— Não creio, Hipa, pois Satanás está vociferando em Éfeso.

Quando o abade mencionou Satanás, Azazel, abalei-me. Tive tanta dó da tristeza que lhe cobriu o rosto, e um calafrio correu por mim. O abade percebeu, por isso se levantou e me aconselhou a permanecer de repouso até que transcorressem em paz os dias de convalescença da febre. Disse-me para ir até minha cela e descansar. Pedi licença para repousar na biblioteca, pois estava farto da cela e descansaria melhor entre os livros. Ele assentiu e preparou-se para sair, e eu me preparei para deitar no divã perto da porta. Antes de sair, ele disse:

— Deve fazer a prece de *sotoro* após a prece de *rimch*, pois ela expulsa o maldito Azazel e põe por terra as forças dos demônios, seus auxiliares.*

Nota:

* As preces siríacas (e coptas também) são sete, durante um dia e uma noite. A prece de *rimch* é efetuada ao anoitecer; a palavra *sotoro*, em siríaco, significa “proteção” ou “protetor”.

O VIGÉSIMO NONO PERGAMINHO

A perda

Após ter me preparado para dormir, escutei a voz de Diácono vindo baixinha de trás da porta: *está dormindo, senhor?* Pedi-lhe para entrar; trazia um pedaço de tecido preto e entregou-o para mim. Era um colete ornamentado nas pontas com cruzeiros da mesma linha, de cor cinza. Imediatamente entendi e Diácono confirmou, esclarecendo: Martha e a tia haviam partido havia uma semana. A velha deixou o presente com Diácono, e Martha deixou uma mensagem de apenas duas palavras: *é necessário!*

Martha necessitava ir a Aleppo! Que necessidade é essa que a fez partir enquanto a febre me consumia? Não podia esperar mais alguns dias? Certamente, tinha perdido a esperança na minha cura e teve certeza de que eu morreria. Deixou-me para minha morte e partiu em busca de uma vida. É isso que as mulheres fazem; todas, como afirmava Fariseu, são traidoras, sem moral. Ele as conhece melhor do que eu. Certifiquei-me agora de que me deixei levar por ilusões construídas por mim e cometi com Martha pecados imperdoáveis. Ela me arrancou do meu mundo, depois me abandonou quando pensou que eu estava morrendo. Quem me dera tivesse morrido e descansado!

— Levaram com elas todas as suas coisas; não acho, padre, que voltarão a viver aqui.

— Sim, Diácono, isso ficou claro.

— Acha, padre, que devo pedir ao abade permissão para morar no casebre?

— Diácono, você é novo para morar sozinho, é melhor permanecer na casa do padre. Agora, me deixe dormir.

— Chame-me se precisar de algo, estarei por perto.

Deixou-me após eu ter pedido a Deus que o abençoasse e, intimamente, que o levasse de mim para eu descansar. Minha cabeça tinia; não consegui dormir, exceto por alguns cochilos rápidos. E estes me causavam dor. A dor do sono é um sinal ruim, como sabem os médicos. Hipócrates dizia: *quando o sono é parte dos males crônicos, causa dor, e isso é um dos sinais da morte*. Que seja! Morrer ou viver tornaram-se para mim iguais, e talvez a morte fosse preferível! Mas sarei da febre, fosse crônica ou aguda, e as dores do sono que sinto são dores da alma, não vestígios da febre.

Levantei do divã e me entreguei à oração. Rezei a prece do *sotoro* antes da hora indicada e repeti-a até a noite se aquietar. Tive certeza que não foi eficaz, pois senti a presença de Azazel perto de mim mais do que nunca. Então, ele não era sonho nem fantasma que passava enquanto estive com a mente confusa devido às crises da doença. Ele está agora bem próximo; sinto-o olhando para mim sem dizer nada. Será que me lancei na cova da insanidade?

De madrugada, atentei para o caminhar apressado sobre os pedregulhos de alguém vindo em direção da biblioteca. Esse é o jeito de Fariseu andar, pensei, certamente está vindo para saber de mim. Terminei a reza e abri a porta. Ele entrou carregando um pano cheio de frutas; sentamos um de frente para o outro à mesa.

— Como se sente agora, Hipa?

— Melhor, e acho que vou melhorar. O que tem, irmão? Parece preocupado.

— As notícias chegaram agora do concílio ecumênico presidido pelo imperador. Ele devolveu a Cirilo o posto de bispo e confirmou a destituição e a excomunhão de Nestório.

— O que está dizendo? Como aconteceu?

— Os bispos abandonaram Nestório, exceto João de Antioquia. O imperador e o papa de Roma não queriam provocar a fúria de Alexandria,

pelos motivos que conhecemos. Quando o bispo Rábula e seus seguidores viram que a balança estava pendendo para Cirilo, voltaram-se contra Nestório, condenando-o. O concílio elaborou um novo código de credo, no qual constam acréscimos ao código ditado há cem anos em Niceia.

Minha vista nublou, fechei os olhos e segurei a cabeça com os braços apoiados na mesa. No meio das nuvens de meu desespero, atentei para um detalhe importante. O concílio de Niceia não foi há cem anos, mas há 106! O que aconteceu exatamente há cem anos foi a instituição da aterrorizante comissão pelo imperador Constantino, constituída por bispos fanáticos, para agradá-los. Isso foi no ano 331 de Cristo. A comissão vasculhava as bibliotecas à procura dos livros de filósofos e heréticos, além dos evangelhos que não fossem os quatro aceitos, livros religiosos contrários aos que eram estabelecidos pelos bispos, e as epístolas gnósticas. Reuniam tudo isso nas praças das cidades e vilarejos e queimavam publicamente, ameaçando com a desgraça os que escondessem as publicações proibidas. Levantei a cabeça e perguntei a Fariseu:

— O que vão fazer com o reverendo Nestório?

— Não é mais reverendo; vão exilá-lo em um lugar distante ligado a Alexandria, talvez para Pentápole, ou Akhmim. Não sei ao certo. O concílio condenou também o bispo Teodoro de Mopsuéstia e renegou suas opiniões.

Meu coração se apertou pelo que ouvi e meu peito ficou pequeno para tantas notícias. Levantei para abrir a janela que dava para o pátio do mosteiro, mas senti tontura, desequilibrei-me e quase caí no chão. Fariseu me alcançou, ajudou-me a sentar novamente e abriu a janela. Sentamos calados por instantes, até que ele começou a se mexer, e por seu olhar percebi que queria me contar outra coisa. Eu não podia escutar mais. Lágrimas quentes se desprenderam de mim, apesar de meus esforços em retê-las; enxuguei-as rapidamente.

Fariseu abriu seu pano e aproximou o conteúdo de mim, dizendo que eram frutas frescas recém-chegadas de Aleppo e que ele as trouxe para me alimentar. Abalou-me a menção de Aleppo; olhei em seus olhos e vi um quê de pena. Convidou-me para comer, recusei e afastei o pano com as costas da mão. Perguntei-lhe se alguém havia voltado de Aleppo. Disse que não e que as frutas de verão foram enviadas por um mercador catecúmeno, como presente para o mosteiro. Suplicou para que eu comesse delas. Peguei de sua mão um damasco, mas o coloquei de lado. Ele então olhou ao redor da biblioteca e disse que estava muito abafado. Perguntou-me se queria sair com ele para que sentássemos na entrada; aceitei, apoiei-me em seu braço e saímos rastejando nossos pés como mulheres enlutadas.

Quando saímos, encontrei Diácono dormindo no chão perto de minha cela. Acordei-o e lhe disse para ir para casa, assegurando-o de que não iria precisar dele. Saiu feito um relâmpago. Seguimos para o portão. A lua não brilhava, pois estava minguante. Sentamos na escuridão da anteauroa, na pedra sobre a qual estava sentado quando a tia de Martha veio de madrugada para me contar sobre a ida delas para Aleppo. A mesma pedra na qual, logo depois de mim, sentou-se o soldado romano que a pediu em casamento! Será que ela se despediu dele antes de ir embora? O que o levou, aliás, a pedi-la em casamento? Teria conseguido algo dela nos vinte dias em que estive com febre?

Olhava para o casebre coberto pela escuridão. Fariseu, sentado no chão, desenhava formas cruzadas na terra com um graveto seco. Bateu uma brisa fria; fechei os olhos e enchi o peito, depois suspirei feito um ferido. Com o graveto, Fariseu apontou para o casebre e disse que as duas mulheres haviam partido. Não respondi. Ele disse que seu coração não se sentia tranquilo com relação àquela mulher que se chamava Martha. Meu coração bateu forte. O céu se tingiu com o vermelho da aurora; senti o vento esfriar. Pedi-lhe que voltássemos para a biblioteca para que eu pudesse dormir um pouco, e ele se

levantou comigo. Não me apoiei em seu braço no caminho de volta e antes de ele me deixar na porta, perguntei-lhe se estava me escondendo algo. Disse:

— É você quem tenta esconder do que sofre, apesar de todos nós sabermos do que se trata!

— O quer dizer?

— Nada, Hipa, mas você chamava muito o nome dessa mulher Martha durante as crises de febre. A partida dela foi uma bênção do Senhor para você e para nós. Nenhum de nós, como sabe, deseja para você qualquer coisa de ruim, e essa mulher não era nada boa.

Fechei a porta atrás de mim e me joguei no divã. Não sei como consegui dormir, mas despertei assustado de madrugada, levantei imediatamente, fui até a mesa e comi tudo o que havia de frutas no pano. Comia como se tivesse uma fome canina. Minhas lágrimas jorravam; inclinei a cabeça sobre as mãos, postas sobre a mesa, e depois rompi em lágrimas convulsivamente. Após um tempo, uma única ideia afastou todas as outras: tudo acabou. Nestório foi derrotado, Martha sumiu, Azazel desapareceu e toda a gente do mosteiro sabe a verdade a respeito do que estou passando. Toda a minha vida acabou. Só tenho a morte como saída.

— Há uma longa vida diante de você, Hipa, não pense na morte agora.

— Azazel, onde esteve?

Fez-me entender que estava e continuará sempre por perto e que o mundo real estava dentro de mim, não nos eventos que explodem e depois acalmam, que acabam para recomeçar ou para que outros comecem. Estranhei que ele não estivesse escondido, quando apareceu para mim, eu não estava deprimido. Com a cabeça apoiada, de olhos fechados, mirando fixamente o vazio, perguntei-lhe:

— Tomo algum veneno para me livrar deste sofrimento, cessando minha respiração?

— Enlouqueceu? A morte não tem sentido. Todos os sentidos estão na vida. Eu estou sempre vivo — só morrerei com sua morte e com a morte de quem acredita em mim e daqueles que descobrem minha existência neles. Você não tem direito de me matar com sua morte prematura!

— Como posso viver depois de tudo que aconteceu e do que você sabe?

— Viva, Hipa, para escrever; assim ficará vivo até morrer na data certa, e eu permanecerei vivo em seus escritos. Escreva, Hipa, pois quem escreve não morre nunca.

Azazel ama a vida por ela ser seu pasto, e por isso detesta os que abdicam às alegrias e aos prazeres; não suporta os ascetas e os eremitas, a quem ele chama de idiotas! Levantei e fechei a janela que abria para o pátio; a luz da manhã já estava nascendo. Quis continuar minha conversa com Azazel. Apoiei minha testa na parede e perguntei:

— Era você quem me encontrou perto de Sarmada e quando desci do Monte Qusqam no Egito?

— O que está dizendo? Eu não tenho existência separada de você. Eu sou você, Hipa, e só existo em você.

— Azazel, você não se encarna nas pessoas em si?

— A encarnação é uma lenda.

Escutei passos, abri a janela novamente. Era um grupo de monges vindo para me visitar, acompanhados por dois serventes carregando uma mesa grande com o desjejum. Disseram-me que o abade os seguiria e que todos juntos tomaríamos o desjejum aqui. Era uma grande bondade deles.

Após recitar alguns salmos, o abade disse a todos, mas como se falasse especificamente comigo:

— Filhos do Senhor, oremos a Deus nesta manhã abençoada, louvando-O e agradecendo-Lhe sua graça, pedindo-Lhe compaixão. Saibam que Deus está presente sempre em seus corações, mesmo sendo o Céu seu reino. Pude

perceber que muitos de vocês foram afetados pelo que aconteceu em Éfeso, o que abalou sua fé e perturbou seus corações. O que aconteceu foi triste para nós, que o Senhor nos envolva a todos com seu perdão; no entanto, nosso caminho, de nós, os monges, não tem nada a ver com as questões teológicas e as discussões que acontecem entre os líderes das igrejas. Estes ora se revoltam, ora se acalmam, aconteça entre eles o que for; mas entre nós há o caminho que escolhemos com a ajuda do Senhor, para que sejamos unidos por uma coisa só, o amor a Ele, a mensagem de Cristo e a reverência à Virgem Santa, fosse ela a mãe de Deus ou a mãe de Cristo. Nós, ao nos despedirmos da agitação da vida, conhecemos a Virgem com nossos corações, não pelo que dizem os teólogos nem o que ditam suas seitas. Aqui vamos nos comprometer com o Código do Credo elaborado em Éfeso, aproximando as pessoas dele no aprisco do Senhor, para não deixarmos o povo para Satanás, que se divertirá com eles caso se desentendam. Depois disso, temos um único caminho para Deus, ilimitado por um código escrito e por palavras particulares. O monastério é um mistério acima das palavras, maior do que as línguas, e escapa aos termos. O monasticismo, a vida monástica e comunitária, continuará a ser um farol que orienta os fiéis e uma senda para os que se sacrificam, leais a seu amor pelo Senhor, que se aprofundam na sua fé por Jesus Cristo e na reverência à Senhora Virgem.

Senti-me melhor com as palavras do abade. Acompanhei os monges, comendo pequenos pedaços, mas estava sentindo naquele momento a presença de Azazel, sentado no canto distante da biblioteca, sorrindo com malícia e ironia. Os monges se despediram de mim e o abade me lembrou da necessidade do repouso, perguntando-me se precisava de algo da cozinha do mosteiro; agradei-lhe.

À tarde, a nostalgia voltou de novo e minha alma se perturbou. Estava sozinho na biblioteca e por isso convoquei Azazel, para me ocupar com suas

opiniões estranhas a respeito do que padeço. Quando lhe perguntei sobre sua opinião a respeito do que havia dito o abade naquela manhã, respondeu, sorrindo e tentando me irritar mais:

— O que poderia o abade dizer, além do que disse? Do contrário ele teria que procurar outro lugar fora deste mosteiro para chefiar! — Achei que estava recriminando o louvado pai e o repreendi, ordenando que se comportasse. Sumiu.

À noite, sentei à mesa querendo escrever um novo cântico. A poesia me chamava insistentemente. Fiz as orações da noite sozinho, peguei os pergaminhos e escrevi este poema:

*Deus, luze com um fio de Tua eterna luz
Para iluminar meu escuro coração
Para dissipar minha solidão
Pai que estás no Céu, jorra sobre a Terra*

mensagens de consolo

*Pois estamos todos entristecidos
e nossas tristezas são doloridas
Jesus, Salvador, és nosso ponto de partida*

e nosso fim

*E Tu és nossa permanência depois que o universo
encontrar seu fim.*

Escrevi esses versos após duras tentativas; parecia que arrancava as palavras de dentro do meu coração, o que me sangrava. Eu ainda estava fraco e prestes a me aventurar nas terras longínquas do sono, quando a voz de Azazel me surpreendeu vindo das mais distantes e mais escuras moradas do meu vazio, derretendo meu coração entre as costelas, fazendo-me sentir que o céu havia se fechado sobre a Terra e que eu estava aprisionado entre os dois. Dizia a voz:

— Hipa, quando vai escrever a verdadeira escrita, parar com a tergiversação e com o cantar da dor que sente? Não seja como um morto que fala aos mortos para agradar aos mortos! Diga a verdade que está em seu coração. Por exemplo: “Martha, venha iluminar-me com um instante de seu amor e ilumine meu escuro coração, dissipando minha solidão...”

— Cale-se, maldito! Não cantarei a não ser a Cristo Vivo. A poesia é como um colar de pérolas, e Jesus Cristo já dissera: não jogue pérolas aos porcos!

— Martha agora passou a ser para você como os porcos! Acorde, Hipa, e fique atento, pois a saudade dela o está destruindo e partindo seu coração. Vá até ela, pegue-a e parta, deixe esta terra, seja feliz com ela e deixe-a se divertir. Depois verta sobre mim as maldições porque o seduzi; assim, nós três prosperaremos, realizados.

Disse a mim mesmo: não darei ouvidos às tentativas de Azazel de abalar minha fé; ele, por natureza, é um cínico e um destruturador. Lavarei meu coração com a água da certeza e me armarei com minha fé contra suas tentações, sua heresia e seu apego aos prazeres fugazes. Por maior que fosse meu apego a Martha, isso é temporário, como tudo na vida. Não trocarei o permanente pelo efêmero e o caro pelo barato. Viverei minha vida em Cristo Vivo.

— Mas ele está vivo? Os romanos não o mataram?

— Morreu durante dias, depois teve Sua gloriosa ressurreição!

— Aliás, como pode ter morrido? Como pode, Hipa, acreditar que Pilatos, o governador romano, que é um homem, pudesse ser capaz de matar Cristo, que é um deus?

— Foi a única maneira de salvar o homem.

— Não, foi a única maneira de salvar o cristianismo do judaísmo!

Não quis mais ficar escutando Azazel, mas ele continuou sussurrando ideias estranhas no meu ouvido durante o sono. Dizia muitas coisas, entre elas que os judeus desprezaram a ideia de divindade que a humanidade tinha se esforçado tanto para elaborar. As antigas civilizações enalteciam o Deus, mas em sua Torá os judeus O fizeram preocupado com os humanos, e depois foi necessário devolvê-Lo aos céus novamente. Assim, chegou o cristianismo para confirmar a presença de Deus com o homem sobre a Terra, na pessoa de Cristo, e depois elevá-Lo, com o auxílio das antigas lendas egípcias, a Seu lugar celestial original depois que Deus se sacrificou, como alegam, para salvar a humanidade do pecado de seu pai Adão. Foram apagados os pecados depois do Cristo? Teria sido difícil para Deus perdoar a humanidade apenas por ordem sua, sem sofrimento imaginário, sem crucificação humilhante, sem morte inglória e sem gloriosa ressurreição?



Azazel desapareceu dentro de mim e se calou. Senti um alívio repentino, e depois a sensação de estar cercado pelo vazio. Depois de um tempo deitei a cabeça sobre o vazio e me entreguei ao sono.

O TRIGÉSIMO PERGAMINHO

Código do Credo

Glorificamos a Ti, ó Mãe da verdadeira luz, e vos bendizemos, ó Virgem Santa, Mãe de Deus, Teotokos, por ter parido o Salvador do mundo, que veio e nos salvou. Glória a Ti, ó Cristo, nosso Senhor e nosso Rei, o orgulho dos apóstolos, a coroa dos mártires, a alegria dos justos, a estabilidade das igrejas, o perdão dos pecados. Pregamos a Santíssima Trindade, um único Deus, a quem adoramos e glorificamos. Senhor, tem piedade. Senhor, abençoa. Amém.

Esta é a introdução ao Código do Credo que nos chegou de Éfeso, acompanhada de instruções rigorosas para que seja divulgado e adotado por todo o povo, sendo recitado em todas as igrejas com a merecida glorificação, isto é, a glorificação da versão, isto é, a versão do código, isto é, o Código do Credo, isto é, o credo em Deus, a divindade que nossa religião devolveu novamente ao Céu.

Passei dois dias na biblioteca dialogando com Azazel, até que consegui convencê-lo de algumas coisas e ele conseguiu me convencer de outras, sobre as quais ainda me encontrava hesitante. Entre as coisas das quais me convenceu e que aprovei foi que eu deveria ficar quarenta dias aqui na minha cela, durante os quais registraria tudo que testemunhei na minha vida, desde minha fuga do

vilarejo do meu pai até minha partida daqui, que será amanhã, para fazermos o que combinamos.

Os quarenta dias já se passaram e hoje o registro foi concluído. Nele, nada mencionei além daquilo de que me lembrei e vi no fundo da minha alma. Este é o último pergaminho, que não está coberto de escrita. Deixarei este espaço em branco; quem sabe alguém depois de mim possa vir a preenchê-lo. Agora vou dormir um pouco para acordar na madrugada, quando colocarei os pergaminhos neste baú, enterrará-lo-ei sob a grande pedra na entrada do mosteiro, e com ele enterrarei o medo que herdei e todas as minhas antigas ilusões. Depois partirei, com o nascer do sol, livre...

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Azazel

Facebook do autor

<https://www.facebook.com/youssef.ziedan>

Good reads do autor

http://www.goodreads.com/author/show/3318236.Youssef_Ziedan

Site do autor

<http://www.ziedan.com/English/cv.asp>

Wikipédia sobre Azazel

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Azazel>

Sumário

CAPA

ROSTO

CRÉDITOS

DEDICATÓRIA

EPÍGRAFE

INTRODUÇÃO

O PRIMEIRO PERGAMINHO

O SEGUNDO PERGAMINHO

O TERCEIRO PERGAMINHO

O QUARTO PERGAMINHO

O QUINTO PERGAMINHO

O SEXTO PERGAMINHO

O SÉTIMO PERGAMINHO

O OITAVO PERGAMINHO

O NONO PERGAMINHO

O DÉCIMO PERGAMINHO

O DÉCIMO PRIMEIRO PERGAMINHO

O DÉCIMO SEGUNDO PERGAMINHO

O DÉCIMO TERCEIRO PERGAMINHO

O DÉCIMO QUARTO PERGAMINHO

O DÉCIMO QUINTO PERGAMINHO

O DÉCIMO SEXTO PERGAMINHO

O DÉCIMO SÉTIMO PERGAMINHO

O DÉCIMO OITAVO PERGAMINHO

O DÉCIMO NONO PERGAMINHO
O VIGÉSIMO PERGAMINHO
O VIGÉSIMO PRIMEIRO PERGAMINHO
O VIGÉSIMO SEGUNDO PERGAMINHO
O VIGÉSIMO TERCEIRO PERGAMINHO
O VIGÉSIMO QUARTO PERGAMINHO
O VIGÉSIMO QUINTO PERGAMINHO
O VIGÉSIMO SEXTO PERGAMINHO
O VIGÉSIMO SÉTIMO PERGAMINHO
O VIGÉSIMO OITAVO PERGAMINHO
O VIGÉSIMO NONO PERGAMINHO
O TRIGÉSIMO PERGAMINHO
COLOFON
SAIBA MAIS